

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

Mirela Ribeiro Meira

**METAMORFOSES PEDAGÓGICAS DO SENSÍVEL
E SUAS POSSIBILIDADES EM
“OFICINAS DE CRIAÇÃO COLETIVA”**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. **Malvina do Amaral Dorneles**

Porto Alegre, 2007

Dados internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

R484 Ribeiro, Mirela Meira.

Metamorfoses Pedagógicas do Sensível e suas possibilidades
em Oficinas de criação coletiva/ Mirela Meira Ribeiro.- 2007.
179 f. : Il. Color. ; 30 cm

Tese (Doutorado em Educação)-Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2007.

Bibliografia: f.[164]-179

1.Arte-Educação - Saúde mental. 2. Pedagogia do Sensível.
3.Oficinas de Criação Coletiva.

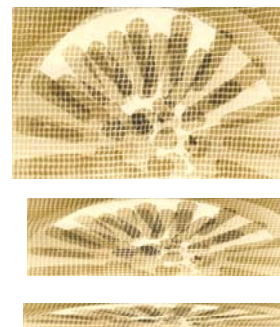
CDD 370



Oficina de Criação Coletiva em São Miguel d'Oeste, SC.2005

liberdade

é uma palavra
que o **sonho** humano alimenta
não há ninguém que explique
e ninguém que não **entenda**
cecília meirelles



Dedico essa Tese a Carlos Théo Lahorgue (em memória póstuma)
que me ensinou que nas mãos levamos sementes, e que

“Mesmo as palavras,
aquelas que se apertam na garganta,
que dilaceram o estômago
que se tornam reféns em estranhas mãos,
que contaminam o fígado e esguicham sangue,
se inventadas, (re) veladas em alegria,
celebram como buquês de flores,
e vivas inauguram amores...
Tranqüilidade, paz, virtude,
justiça, felicidade, estrelas vivas...”

Agradeço e celebro com

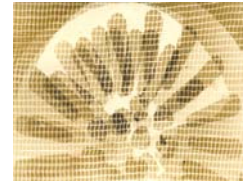
... minha orientadora, Malvina Dorneles, amiga, e seu respeito por meus tempos,
...meus pais, Pedro e Marly, cuja generosidade me trouxe
a graça e a dádiva, imensos demais para as palavras
...minha irmã Bela e seu regaço de curas
... meu irmão Ale, nosso perdão e amor ainda a tempo,
... os filhos de seus filhos, Maira, Pedro, Cacá, Sissa,
... os amigos do lado de cá e do lado “de lá”,
...os participantes das Oficinas,
...e igualmente a “los muertos de mi felicidad”.

Agradeço, celebro e amo

... meu companheiro Nelson, cuja doçura, sabedoria e paciência infinitas
me ensinaram que “lo que puede el sentimiento, no lo ha podido el saber”...

...as lições aprendidas, desde o útero, com meus filhos, Pablo e Gabriel,
Cuja serenidade, apoio, retidão, dignidade e amor
ainda me surpreendem
e me fazer dizer “sim” à vida.

SUMÁRIO



ALQUIMIAS META-FORMÓTICAS.....	09
METAMORFOSES.....	18
META-FORMOSOS DOS TRASTES.....	35
A Oficina no Hospital Geral de Bagé e suas Metasesmorfos.....	39
A Oficina nos Cursos de Especialização em Saúde Mental Coletiva.....	51
METAMORFOSES DA DESORDEM	
A Oficina em Eventos: Uma Pedagogia Orgiástica:.....	59
METAMORFOSES DO CUIDADO	
A Oficina no Hospital Psiquiátrico São Pedro.....	77
A Oficina e o Ser-aí Poético do Hospício.....	96
A Oficina e a Atenção em Saúde Mental Coletiva na Rede Pública.....	107
METAMORFOSES DO SENSÍVEL	
A Oficina na Arte-Educação.....	119
A Oficina na Arteterapia.....	134
METAMORFOSES PEDAGÓGICAS	
O Sensível-em-Pedagogia	148
POST SCRIPTUM.....	160
REFERÊNCIAS.....	164

RESUMO

A tese problematiza experiências pedagógicas-existenciais que se singularizam na interface das áreas de Arte-Educação, Saúde Mental Coletiva, Arteterapia e Arte/Educação que se possibilitam em "Oficinas de Criação Coletiva". Destaca as metamorfoses e as articulações entre diversos âmbitos de saberes, reflexões e práticas que se constituem sob o eixo ético-estético, opção que agrega potencialidades de interação referidas ao Cuidado, à Criação Coletiva e ao "Estar-juntos". Desenvolve questões acerca do "Sensível em Pedagogia" a partir de análises de diversas fontes como a memória, relatos de participantes, trabalho realizado em eventos, cursos de especialização, congressos, jornadas e no Serviço Integral de Saúde Mental Coletiva da cidade de Bagé, Rio Grande do Sul, Brasil. Na tese, tais questões foram enriquecidas e aprofundadas a partir de nexos e conexões como: "Complexidade Sistêmica" de Edgar Morin, "Contorno Antropológico" de Georges Balandier, "Sociologia do Cotidiano" de Michel Maffesoli, "Amor e Convivência" de Humberto Maturana, "Cuidado", de Martin Heidegger e "Emoção como Base do Racional" de Antonio Damásio. Configurados segundo um pensamento ético-estético, os âmbitos político e pedagógico foram interrogantes que perpassaram as buscas fabulatórias e epistemológicas que, complexamente, geram paradoxos em processos de metamorfose. "Metamorfose", portanto, é a metáfora para aquilo que toca a vida e caracteriza o que se pode chamar de "Sensível em Pedagogia", no sentido de dar valor e sentido a argumentos, obras, fatos, manifestações instantâneas e fragmentos, estados de ser intra, inter e transpessoais, para auscultar-lhes a intensidade, as reverberações misteriosas, e resguardar o respeito que se faz necessário para tratar tudo aquilo que nasce e se nutre de vida como ela se expõe, em seu maravilhamento, mas igualmente em sua imprescritibilidade.

Palavras chave: Arte-Educação- Saúde Mental Coletiva - Pedagogia do Sensível- Oficinas de Criação Coletiva

ABSTRACT

This work encompasses existential pedagogic experiences which are unique when observed through the interface described by the intersection of Art-Education, Mental Health and Art Therapy, often realized in "Collective Creation Workshops". Thinking and praxis oriented by the ethics-esthetics axis when exercised through the optics of multidisciplinary fields promotes the articulation and metamorphose of knowledge. Under this paradigm, Collective Creation, the perception of the other and the sense of "staying-together" are potentially aggregated by collaborative interactions. The notion of "Sensibility" under pedagogical terms was explored and analyzed taking into account several source of information like memory, activity narration, and tasks execution, most of them realized at "Collective Mental Health Integral Service", Bagé, Rio Grande do Sul, Brasil. Questions were enriched in detail by the interrelations of nexus and connections definitions mainly developed in the following works: "System Complexity" from Edgar Morin; "Anthropologic Boundaries" from Georges Balandier; "Daily Sociology" from Michel Maffesoli; "Love and Relationship" from Humberto Maturana, "Care" from Martin Heidegger and "Emotion as Rational Foundation" from Antonio Damásio. Under the ethic-esthetic axis of thinking, the process of metamorphic knowledge generation reveals paradoxes often given by politics and pedagogy interrelation when epistemology is the object of speaking. Metamorphose it is then the means by which "Sensibility" in term of pedagogy can be defined and it is concerned to give sense to arguments, works and facts, instantaneous manifestation, states of being intra, inter and trans-personal and at the same time amplifies intensity, mysterious reverberations and a way to keep the necessary respect to handle all things that emerges and nourish from live, how it is exposed, in his splendor and equally in his inscrutability.

Word Keys: Art-Education – Colective Mental Health – Sensibility in Terms of Pedagogy- Colective Creation Workshops

RESUMEN

La tesis problematiza experiencias pedagógico-existenciales que se singularizan en la interfase de las áreas de Arte-Educación, Salud Mental Colectiva, Arte-terapia y Arte-Educación que se posibilitan en "Talleres de Creación Colectiva". Destaca las metamorfosis y las articulaciones entre diversos ámbitos del saber, reflexiones y prácticas que se constituyen bajo el eje ético-estético, opción que agrega potencialidades de interacción referidas al Cuidado, a la Creación Colectiva y al "Estar-juntos". Desarrolla cuestiones acerca de lo "sensible en Pedagogía" a partir de análisis de diversas fuentes como la memoria, relatos de participantes, trabajo realizado en eventos, cursos de especialización, congresos, jornadas y en el Servicio Integral de salud Mental Colectiva de la ciudad de Bagé, Rio Grande do Sul, Brasil. En la tesis, tales cuestiones fueron enriquecidas y profundizadas a partir de nexos y conexiones como: "Complejidad Sistémica" de Edgar Morin, "Contorno Antropológico" de Georges Balandier, "Sociología de lo Cotidiano" de Michel Maffesoli, "Amor y Convivencia" de Humberto Maturana, "Cuidado", de Martin Heidegger y "Emoción como Base de lo Racional" de Antonio Damásio. Configurados según un pensamiento ético-estético, los ámbitos político y pedagógico fueron interrogantes que sobrepasaron las búsquedas fabulatorias y epistemológicas que, complejamente, generan paradojas en procesos de metamorfosis. "Metamorfosis", por lo tanto, es la metáfora para aquello que toca la vida y caracteriza lo que se puede llamar de "Sensible en Pedagogía", en el sentido de dar valor y sentido a argumentos, obras, hechos, manifestaciones instantáneas y fragmentos, estados de ser intra, inter y transpersonales, para auscultarles la intensidad, las reverberaciones misteriosas, y resguardar el respeto que se hace necesario para tratar todo aquello que nace y se nutre de vida como ella se expone, en su deslumbramiento, mas igualmente en su inescrutabilidad.

Palabras clave: Arte-Educación – Salud Mental Colectiva – Pedagogía de lo Sensible – Talleres de Creación Colectiva



ALQUIMIAS META-FORMÓTICAS



**“Escrever é um processo químico;
O escritor deve ser um alquimista.
Naturalmente, pode explodir no ar”.**
Guimarães Rosa

“A escrita não perdoa”, adverte Michel Serres (2004:17). Como a montanha para o alpinista, precisa de guias, recursos, citações-garantia, notas-refúgio. Que ajudam, não substituem a verdadeira escrita, que exige a totalidade do corpo, este inventor a implorar a intervenção de outro corpo para crer que existe. Como o meu, que precisa, para crer, registrar o experimentado em silenciosos ou ruidosos percursos do habitado, em muitos espaços, com muitas pessoas. Tantas!

É desse habitado que desejo recriar memórias viscerais porque, nas entranhas do experimentado na emoção, o representado transfigura-se em sentimento, substrato do racional. Elas ruminam meus caminhos andados, as pessoas que me compõem, os cheiros, ruídos, imagens, os não menos numerosos flashes, as tantas relações de ser-estar-conviver, as alegrias dos abraços, das partidas e chegadas, do rever-se: “Quanto tempo? Pois é, quanto tempo?”...

Meu vivido atravessado de sensibilidades e afetos é narrado para percorrer itinerários de inúmeras jornadas, congressos, oficinas, aulas, conversas, cursos. Para refletir sobre arcaísmos que insistem em assombrar o racional de todos nós, especialmente no terreno da Educação, como amor, cuidado, solidariedade, afetos, consciência, conhecimento sensível, imaginação, complexidade, mistério.

Essas inelutabilidades perpassam e impregnam esta tese, acompanhando as dimensões da vida, filosoficamente definida por Abbagnano (2003:1000) como “características de certos fenômenos de se produzirem ou regenerarem por si mesmos”. Ainda a “união da alma com o corpo” ou a “ocupação, emprego, profissão, alimentação, subsistência, sustento, passado”. Que não prescinde de “vitalidade, condições de bem-estar, vigor, energia, sustentáculo, apoio principal, fundamento, essência, pândega rasgada”. Pode ser “vagabundagem”, relativa à

“vida sensual, carnal, atividade do indivíduo quando no uso e gozo de seus direitos civis e políticos”. E relação, onde “o ser vivo em trato ou relação com os objetos exteriores” vive uma “existência (...) desde o momento em que sai do invólucro em que se gerou”.

Desejo falar de uma “vida nova”, dos “hábitos e estilos de viver muito diversos dos anteriores da mesma pessoa”, da “vida sensitiva a que se refere às sensações ou à faculdade de sentir”¹. Se isso a compõe enquanto descrição, imagine-se vivê-la e, mais, compartilhada com outros... De qualquer sorte, ela comporta em sua existencialidade, um fluxo de emoções e razão inextricavelmente enlaçados, o que requer indagá-la de forma transdisciplinar, unindo Arte, Filosofia e Ciências nela e, desde ela mesma, mantendo uma atitude de respeito ao espanto que ela nos causa. Escutar outras falas, além das minhas, que trago nas dos poetas, crianças, loucos, sábios, artistas, profetas. Com elas, desenho aprendizagens de sentir a vida em sua riqueza caótica, como ela “é”, em seu eterno “estar”, não como “deveria” ser ou estar.

Tais considerações implicam numa “empiricidade compromissada”, num “pensamento do ventre”, que Maffesoli (2001(a):47) propõe como uma “sociologia acariciante”². Necessária para compor novas teorias para pensar o estar-junto em criação no âmbito pedagógico e educacional. Emocionado, que conjura no agora uma ética de responsabilidade amorosa de convivência. De um lado, cumpre a determinação da continuidade da espécie, da sobrevivência, e de outro, impulsiona à metamorfose in-útil, ao mistério que tem atordoado gerações de humanos: por que fazer arte, rezar, amar, jogar? E ao ensinar isso aos outros, qual a melhor forma de fazê-lo?

Imagino que essa tese não vá responder essas questões, mas as reúne.

Seria, do ponto de vista da racionalidade acadêmica tradicional e secundária, um bom começo se sua “utilidade” em sustentar-se no prazer que causa, acendendo crenças num movimento pedagógico que excursione pelo poético. Aceitando que “é pra isso que a poesia existe, pra dizer o que não se diz, e só assim aumentar o campo dos prováveis do dizer” (Leminski,1991). Escrevendo “como o verde, cumprindo seu ofício, ou seja, ser verde até não mais poder” (id, lb.). Discorrer, ao lado do prosaico, o

¹ <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>.

²Capaz de revisar o mundo subterrâneo sob a crosta superficial da cultura atual, onde o mito, a imagem, o lúdico, os fenômenos, as aparências não têm origem no passado, mas no devir-humano em espiral que converge e diverge para a vida que se leva.

(re) encantamento de “desexplicar, a fim de dizer todas as coisas, ou, pelo menos, nenhuma” (Barros,1991).

Esta tese propõe uma reflexão sobre experiências pedagógico-existenciais que emergem da complexidade da vida para instituir-se na interface das áreas de Arte, Educação e Saúde Mental Coletiva. Problematiza-se ao configurar-se pedagogicamente como “Oficinas de Criação Coletiva”, ofertadas em termos (trans) subjetivos, históricos, de aprendizagem, sentido, sentimento, formação, transformação, criação, cuidado e convivência amorosa.

Ofereço-as não apenas como “objeto de estudo”, mas possibilidades de exercícios de jogos de possíveis cuidados da vida em seus movimentos. Nos quais, se “inventam” outras relações com a sociedade, a normalidade, as pessoas, o trabalho; nos recursos, lógicas, saberes, para ampliar a compreensão linear e racional à qual fomos estigmatizados pela mitologia cristã e pelos “esclarecidos de plantão”, e sua ótica de tantas certezas... Apelo, portanto, às sensibilidades para pensar a vida no coletivo, que só adquire sentido sob reciprocidade, conectividade, gerenciáveis a partir das interações corpo-mente-entorno.

A sistematização da Oficina conforma uma gestão sensível do cuidado, reunida em modos pedagógicos de ressignificação de práticas existenciais, laborais, afetivas, vinculares e criadoras, observadas em espaços onde se exerce o “sensível em pedagogia”, seu corpus epistemológico. Convoca e invoca vivências, experiências, fazeres, saberes e conhecimentos oriundos de vários campos, agregando o intelectual e o sensível na transdisciplina³, observável na interpenetração dos eixos ético-estético, da criação coletiva e da gestão do cuidado. Reúne arte, ciência e poético no pedagógico, para resgatar a beleza do e para o mundo, para compartilhá-lo em emoções e sentimentos, afetos, que por contágio, pode modificar o outro e, concomitante, o social.

Por acreditar que o pedagógico cria repercussões que continuam a viver no outro, tramo as “Oficinas” para além do campo da Educação e de sua dificuldade de “enfrentar” questões “secundárias” como o poético, a imaginação, a criação e a arte e, deixando de fazê-lo, desconsidera o movimento. A complexidade do olhar

³A opção pelo transdisciplinar exprime uma ultrapassagem do mundo asséptico e glacial “desencantado” dando à luz uma forma onde a mão, o espírito e o coração se abrem para o visível e o invisível, e “na vibração da forma, essência e substância”, abandonem a esfera objetiva e intelectual do saber “masculino” em direção à fraternidade e afetividade espiritual, para que a “feminilidade” do mundo torne a desabrochar” (Random,2000:26).

devolvido pelo outro, transfigurado, enriquecido em inúmeras jornadas por aí afora faz-me crer em lugares de conviver, para viver a alteridade, a desrazão, a alegria, a diversidade num espaço⁴ não mais privado, mas no *lucus* de onde nunca deveriam ter saído: o público.

Esta reflexão foi suscitada por indagações de como a desordem pode fecundar a ordem e dela fazer surgir um “movimento”, um “terceiro”, que as inclui, mas transcende e retorna ao fluxo como metamorfose. Esse espaço é o do “sensível-em-pedagogia”, que adquire no transcurso do trabalho outros contornos, como “ético-estético”, “criação coletiva”, “cuidado”, “orgiasmo⁵”. Fecundadores que articulam símbolos, metáforas, hierofanias, conteúdos vitais que sacralizam a lama e o sangue. Na forma de uma “razão sensível”, entrelaçam poético e prosaico. Campo de onde brotam figuras para pensar uma ética de convivência, o estar-junto, ritos e mitos que permitam exconjurar as cotidianas violências, agregar o sombrio, harmonizar vida e morte, ambivalências, paradoxos, dissensos.

O Sensível-em-Pedagogia resguarda tempos, afetos, brilhos nos olhos que nós, professores, encontramos em sala de aula, em platéias de eventos, ou no dia-a-dia. Que nos enredam em contingências, interações e circunstâncias com as quais construímos sinergias, partilhamentos, celebrações, perdão, compaixão, respeito, singularidades. Manifestações do que não é possível nem ético “julgar”, porque ali começa o cultivo da compreensão.

É um sensível em movimento, portanto, que configura estados pedagógicos metamorfofóticos de ir transformando pessoas, trazendo à perspectiva o que nos torna humanos sob uma “solidariedade orgânica, em que se correspondem, num movimento interminável, a relação com o cosmos e a relação com o outro” (Maffesoli,1985:17). Fundada em trocas, amizades, saberes eróticos, risos, festas, emoções, paixões, sem medo de “assumir o bárbaro” (desrazão) que não está mais às nossas portas, mas “ultrapassou nossos muros, está em cada um de nós” (id,1998:16) e que nos permite, finalmente, tirar o túnel do fim da luz.

A idéia de “metamorfose⁶” ora adquire uma forma na sensibilidade, ao compor uma ética e tornar-se “ético-estética”, ora é pensada como “criação”, seja ela ato,

⁴Certeau (1996) diferencia “espaço” de “lugar”, que transcende o físico e inclui o estético e o relacional, sendo praticado com o Outro.

⁵“Estrutura invariante” que importuna a dinâmica social (...) partilha da paixão comum enquanto renovação da circulação e da troca (...), substrato “arcaico” de qualquer ser-conjunto (...), escritura secreta” da vida social (Maffesoli, (2000(a):93-4).

⁶Leminski (1994:11) concebe a fábula e o mito como modos de interpretação, onde o homem lúdico toma o lugar do explicador e as explicações vão acontecendo pelo imprevisto caos dos sentidos criado

fato, idéia, evento, obra, pessoas, interações. A passagem do primeiro movimento para o segundo requer uma poética, uma práxis transformadora que inscreva em atos e fatos dimensões que possibilitem experimentações do cuidado em todas as suas manifestações.

O sensível considera várias fontes de saber, falas, gestos, para celebrar a coexistência entre os humanos em situações que envolvem seus viveres, querereres, desejos. Seu modo de “ser”, sendo seu “aparecer⁷”, transgride regras, acolhe a desordem como complementar às ordenações nascentes da “socialidade”. Esta é animada por uma “centralidade subterrânea”, uma “lógica da união” (Maffesoli, 2000b:83). Impõe a adição de uma “metodologia iniciática” de “preocupação metafórica que evite a petrificação do objeto analisado (...) uma construção em abismo” (idem,1988:19). Que possibilita apreender os fenômenos estéticos da cultura pós-moderna, pensada no presente, nas sinergias da vida. Seu “conhecimento comum”, seu “anódino”, relata o prazer, “mesmo relativo, que existe em viver a situação precária que é a característica do homem”.

Tive o cuidado de não me distanciar da Fenomenologia⁸, das atuações, do fazer e do ser enquanto in(cons)tituintes. Para compreender a (com) vivência, precisei apreendê-la em sua complexidade, na dimensão profunda do que vibra muitas vezes em silêncio, na pausa, no que fica em aberto ou subentendido...

Busquei na “metamorfose” o eco a Dioniso, que encarna a trans-figuração permeável da criação que assoma do estado bruto, informe, larval, e se configura musical, plástica e dramaticamente. Essa criação, coletiva, pulsante, é o “terceiro olho”, o que vê “no fundo das aparências” e, como tal, lembra que, justamente por isso, pode, eventualmente, obnubilar a compreensão “objetiva” do texto⁹. E explodir no ar. Consciente desse risco, esta tese contém dois textos: um, a ser lido

pelo enredo e pelas palavras. Para ele, a sentença imperativa seria: “Narro, logo existo: a metamorfose do caos faz o poema”.

⁷A categoria “formista” adota a terminologia da estética contemporânea. Caracteriza a poética da vida, do ponto de vista epistemológico e fenomenológico, permite sobressair “o jogo das imagens, um estilo que acentua ao mesmo tempo a estética, o cotidiano e o comunicacional” (Maffesoli, 2001(a):82). “Forma é formante e não formal” (idem,1988:27).

⁸A investigação fenomenológica aproxima-se das coisas como elas são ao constitui-las, ontologicamente como um mundo, “mundanidade”. Os entes, “em função de”, colocam em jogo seu próprio ser (Heidegger, 2002 (I): 129). Metáforas, pausas, poemas, falas, adquirem valor cognitivo além de mera sensação ou percepção. Se a razão pura já não é suficiente, é preciso que se faça, à imagem da arte, aplicar um conhecimento social baseado na fusão do sensível e do plástico, desenvolvendo “um saber que seja capaz de integrar o caos” (idem, 2001(a):12).

⁹Fragmentos, banalidades, uma “lógica do doméstico”, essencial à existência; “presenteísmo” que revisita o imanentismo medieval, o *carpe diem* renascentista; acentua que não se deve buscar outra vida atrás da que se deixa de ver e viver; o único real é o fenomenal (Maffesoli,1994:109).

regularmente; outro, nos rodapés, que contam outras histórias, extrapolando sua função meramente explicativa.

Expondo a possibilidade de um fenômeno por seu “sentido¹⁰”, onde a “realidade”, mesmo a da imaginação, se faz mundo.

Por estar na vida e na teoria, precisei farejar, intuir, atentar ao instituinte, ao subterrâneo, e, principalmente, tomar parte no que descrevi. Ver de dentro os fenômenos observáveis, numa “in-tensão” colada à “dis-tensão” do pensável. Encaminhar, caminhar junto, movimentar em vários sentidos referenciais teórico-poéticos e sistematizá-los sem uma linearidade rígida. Ver ao invés do porquê, o “como”, sem pretender esgotar seus mistérios.

A metamorfose supõe “In-venire”, traz à luz o “entusiasmo”, a “iluminação” empenhada em compreender fenômenos, ações e representações humanas pelo que “estão”, aponta uma ética, uma “sensibilidade generosa”, um “saber dionisiaco íntimo de seu objeto” (Maffesoli,2001a). Justifica minha postura intelectual¹¹ da “prevalência da aparência”, considerando o “frívolo”, para constatar algo trivial: “o que é, é” (Id:82). “Essa “forma”¹² permite “a apreensão da imagem e sua pregnância no corpo social, [do] real em função do irreal”. É condição de possibilidade da existência e do conhecimento em sua plenitude, e permite “o reencantamento do mundo” (id,1988:29). A emoção entusiasma a razão a procurar novos pensares em “metanóia” (Maffesoli (2001(a):19), um pensar “ao lado”, distante da “rabujice conceitual”, envolvido num aqui e agora complexo, indiscernível, mas observável na fractalização de suas partes, na “interação humana”. Pensar um mundo em gestação é perguntar-se para onde tende a energia social, mas igualmente contemplar suas aparências e nelas buscar o que as distingue como criação.

¹⁰Fatos, obras são rupturas, tensões, obscuridades, transparências, requisitam “apresentação”, não “representação”, “deixar ser” intelectual, integrar-lhe o estético; desenvolver um saber “que revela e oculta o que descreve [encerra] para os espíritos finos, verdades múltiplas sob os arabescos das metáforas, [permite] a cada um desvelar, compreender por si e para si mesmo o que convém descobrir (...) iniciática” (Maffesoli, 2001(a):21).

¹¹Pensar o sensível para construir “uma razão mais rica, aberta ao paradoxo, na polissemia dos fenômenos sociais na perspectiva de não explicar, mas” “admitir” (Maffesoli, 2004(a):19). Deixar jorrar o emocional, abdicar da libido dominante, enraizar-se no ordinário, amar o mundo que descreve. Saber “encarnado” expresso no “conhecimento vulgar”, tolerante, relativista, que responde ao que o vitalismo da vida força a (re)pensar: a “*coincidentia oppositorum*” de antiga memória, que sublinha que nenhum problema deva ser definitivamente solucionado, mas encontra empiricamente “pequenas verdades provisórias que se aplicam ao cotidiano” sem lhes conceder estatuto universal em qualquer época” (id.,2000(b):82).

¹²Modulação que apreende “a labilidade tanto quanto as correntes quentes do vivido”, cuja dificuldade consistia em ser “formante”, e não, “formal” (Maffesoli, 1988:26-7).

Para (res) guardar sentidos como esse, pesquisei, refleti, estudei, avancei, recuei... Reuni coragem e liberdade de espírito para questionar verdades. Isso trouxe dores e delícias... Numa resistência silenciosa, "teimei" por minhas idéias por vezes com-fusas, espiraladas, focalizando o que permitisse a religação, a pulsão de estar-junto, a desordem.

Busquei autores que mantivessem essa relação com a desordem e o estético, reconhecendo neles aliados poderosos para falar da densidade dos fenômenos humanos de alteridade, sonho, devaneio, imaginário, enfim, de virtuais e factuais interstícios entre ordem, desordem e seus mistérios. Encontrei suportes no Contorno Antropológico de Georges Balandier, na Sociologia do Cotidiano de Michel Maffesoli, na Teoria da Complexidade de Edgar Morin, nas concepções de Amor e Convivência, de Humberto Maturana na abordagem do Cuidado de Martin Heidegger e na proposta da Emoção Fundante do Racional de Antônio Damásio. Escolhidos por exaltar a vida em modos transdisciplinares, na totalidade da existência, na integralidade, por considerarem a anomia, a desordem, a criação coletiva, a festa, a convivência, enfim, a poética da existência. Para encerrar de forma mestra as narrativas, Paulo Leminski me ofertou a "meta-formose" como categoria para pensar os devires da Oficina e Manoel de Barros, a figura dos "trastes", ilumináveis pela poesia. Com eles, aprendi que existem olhares "esgotados", áridos, e que, exatamente por isso, necessitam do poético, do imaginário, de certa loucura, de delírio e de arte. Chuva benfazeja que a ciência também trata quando expõe imagens-metáfora, alegorias, quando fala de coisas que não compreende, e o que também atormentam o poeta:

"O que será que será
Que dá dentro da gente que não devia
Que desacata a gente que é revelia
Que é feito aguardente que não sacia
Que é feito estar doente de uma folia
Que nem dez mandamentos vão conciliar
Nem todos os ungüentos vão aliviar
Nem todos os quebrantos toda alquimia
Que nem todos os santos, será que será,
O que não tem descanso nem nunca terá
O que não tem cansaço nem nunca terá
O que não tem limite"¹³

Essas provocações, talvez meio entusiásticas, (re)afirmaram minhas suspeitas de que a realidade não se deixa recortar. Ao fundirem epistemologia e ontologia,

¹³Chico Buarque de Hollanda, *O Que Será*. Álbum Musical *Meus Caros Amigos*, 1976.

religarem estética, sensibilidade, intuição e razão, não separaram nada nesse nosso mundo, "meio imaginário, meio irreal", nossa única realidade "de carne, sangue, alma, amor, paixão e vida", como sintetiza Morin (2002(c):29).

Minha construção textual tensiona/tenciona caleidoscopicamente, pensares, idéias, exemplos, metáforas, ironias, poemas, letras de música, frases casuais, na tentativa de situar informações e saberes para (não explicar) interrogar a criação, a indeterminação, a inquietação, o exploratório, até o "piegas" para alguns. Dizeres viram "fábulas" narradas por participantes de Oficinas, misturadas aos autores. Registram ocorrências coletivas e histórias da vida de pessoas comuns, que revelaram que a (in)certeza pode ser científica sem se enquadrar num rigor (des)lógico, admitir a emocionalidade. Falam de uma "ética das situações", que alia uma sensibilidade "generosa" a "um espírito de finura, discernimento e respeito pela alma humana" para compreender o "vitalismo social" (Maffesoli,2001(a):12).

Como "alquimista da expressão", reafirmo que todo o escrito pode "explodir no ar" ou, realizar a travessia do não-ser para o ser da poeticidade: "meta-formoses", diz Leminski; "exercícios de criançamento", Manoel de Barros; "orgia", Maffesoli. Narrar mundos inventados, eu diria.

E, "sim, mudamos de mundo a cartografar, o Atlas já não desenha os mesmos mapas" (Serres,1994:199), cheio que está de "incertezas lógicas (Random,2000:112). Em toda a teoria, aspectos indemonstráveis gritam não conhecermos o real em si, mas nossa relação com ele, razão para redobrar o cuidado... A não ser que nos permitamos ser um poeta, um feiticeiro, ou ambos, que sabem que "somente a beleza tem o poder de acordar a beleza que dorme em nossos corpos" (Alves,2000). Desafio não menos "perigoso" do que transfigurar nossas falas em poesia para, embriagadas dela, dizer de estados pedagógicos em movimentos complexos, interativos, retroativos, fluídos...

Corpos assim acordados derramam uma beleza desperta no mundo para seduzir muitos e trazê-los a uma auto-ética amorosa, necessária à compreensão do Outro. E compreendendo-o, compreender a incompreensão, superar as calcificações que nos tornam a ele indiferentes.

Acordar nossa sensibilidade para viver e ver a poesia ergue o véu da beleza oculta do mundo, faz dos objetos familiares como se não o fossem, faz "as caracterizações revestidas dessa luz alisea adquirirem realce no espírito dos que a

contemplam, como brasa dormida que uma influência invisível ou qualquer vento inconstante desperta para o brilho fugaz"¹⁴.

Um corpo sábio necessita do *demens*, da paixão, do amor, da loucura... Assume *sapiens* e *demens* na poesia, aceita paradoxos, aporias, que nem tudo se explica ou quantifica, não separa a teoria do que a vida carrega, não ignora a incerteza e o acaso, pois deles se fortalece para transgredir a abstração naturalista que tem procurado eliminar a singularidade, a beleza, o amor e a sensibilidade do horizonte da reflexão, do pensamento e do conhecimento.

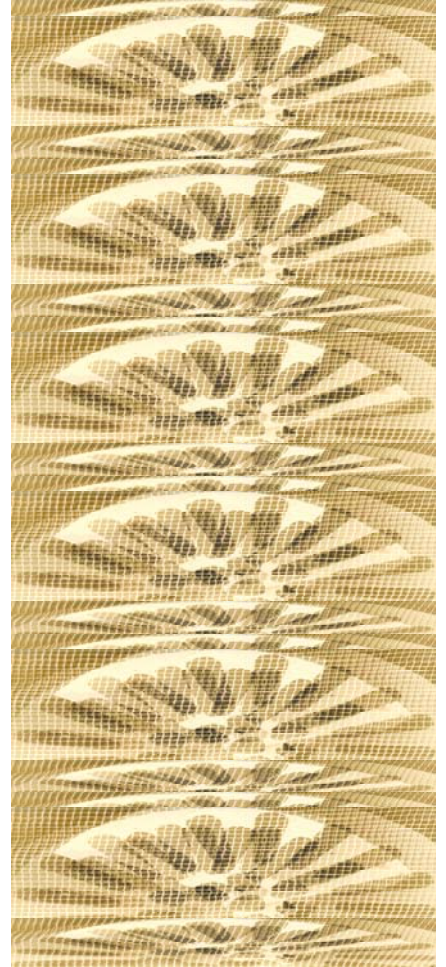
Se pareço excessivamente otimista, é porque, fiel a mim mesma, compartilho com Michel Maffesoli que "é tão freqüente vociferar contra o mundo tal como ele é, que é necessário, por vezes, saber celebrá-lo. Não é coisa fácil apreciar o que existe, exige coragem, saúde também, o que não têm, naturalmente, os miserabilistas difamadores da existência, os indolentes e outros intelectuais especialistas da lamentação" (2000(a):9). Coragem que a poetisa¹⁵ celebra:

"Mulheres gerais e homens singulares eu te ofereço.
Elas iguais, fraternas nas gulas dos mistérios,
e desiguais eles, nesse oco instante.
Que um coletivo poncho cubra teu latino passo
de cão e pássaro e amoroso seja o rumo por nosso trato.
Te entrego mais.
Nesse quase alvorecer desse verso de fragilidade contra aquele
encharcado de heroísmo sou descalça e pouca, e a visceral
timidez de nossa raça incerta, o dialeto múltiplo do poeta só, sua
cor parindo silenciosas pátrias, pontes, portas, me fere e veste, a
mim, mulher, a quem foi dado ser dura na dor e velar douçuras.
Sulina, brasileira no ofício de inverter abismos".

Esse é o desafio que me fez destacar o que na criação coletiva nasce, sob um otimismo que aposta em sentimentos nascidos de diferentes pontos de vista, modos de ser e estar, que almeja pensar e fruir a vida como ela é: uma obra de arte, onde cada coisa é também seu contrário.

¹⁴ T.S. Elliot *aped* Redmond (2000:26).

¹⁵ Elvira Nascimento, poetisa, professora. Bagé, RS. "Latinoamérica". Poema inédito, 1990.



METAMORFOSES

"Metamorfose
Caos
Massa rude e indigesta
Apenas peso inerte
Desconjuntada semente
Da discórdia das coisas
Terra, mar e ar".

Leminski, 1994

Marcos significativos constituem as “Oficinas de Criação Coletiva” objeto desta narrativa, (re)criada num caleidoscópio de sensações que afloram, de alguma dobra dos multi-versa de minha memória. São testemunhos dos (des)afetos de relações pedagógicas vividas em convivência “aprendida”. Senão um “desfio” dos novelos da existência, pelo menos um “desafio”: o de ser parte da louca aventura do “homem”, o predador, em tornar-se “humano”.

E haja história¹, porque “em toda história há um quarto de realidade e pelo menos três quartos de imaginação”, anotei de Bakunin². E “haja hoje para tanto ontem!”, Leminski diria, em alguma agenda³.

Vêm de longa data essas memórias.

Minhas buscas acadêmicas se iniciaram ao ler, aos dez anos de idade mais ou menos, os livros de Lógica e Filosofia de meus pais. Daquela leitura pensava - afinal de contas - porque as pessoas estudavam aquilo? Para mim desvinculado da vida de todo o dia. Mas a curiosidade me fisgava, como as misteriosas imagens dos livros de arte de minha mãe, que folheava e folheava, aflita por tentar desvendar o que gritavam. Esse grito não era do domínio da razão, sabia, porque nele parecia compreender melhor o para quê dos humanos nas expressões, gestos, dobras dos tecidos primorosamente pintados. Se “pareciam” de verdade, deveriam sê-lo...

Diferentemente se comportavam as figuras das obras de arte “modernas”, onde a aflição redobrava: o que “aquilo” dizia? Mais do que me encantava, me instigava... Como me atiçavam a curiosidade os minúsculos pedacinhos de vidro coloridos, embaralhados por espelhos forrados com “fita isolante”, dos caleidoscópios pacenciosamente engenhados por meu pai. Estes também confirmariam minhas inquietações teóricas, ao descobrir com Michel Maffesoli, sociólogo e filósofo francês, que meu pensar era caleidoscópico, vagabundo: a cada movimento, uma forma, cristalizada delicadamente numa Mandala.

Tão simétrica e tão mutante!

¹Não tenciono traçar um panorama com datas, nomes, eventos lineares etc. Desejo expor onde me levou o fio em meus labirintos pessoais até Ariadne me alcançá-lo na “forma” de Oficina de Criação.

²Apud Woodcock, 1983.

³Tenho por hábito guardar coisas como latas, contas, frases, poemas. Estes, copio de paredes, agendas, cadernos antigos, falas, camisetas. Por essa razão, muitos perderam sua referência original, necessária a este tipo de trabalho. Todavia, optei por não provar os leitores de sua riqueza, desde que preservasse seus autores.

Isto, certamente, influenciou minha opção profissional⁴.

Nessa época, vivíamos os anos oitenta como a modernidade nos alcançara, sob um real denso, único, intransformável, sentimento acentuado no país pelo Golpe Militar de 1964 e a ditadura subsequente, que impuseram “ordem e progresso” como razão, moralismo, um ensino de arte descuidado da vida vivida, das relações políticas, da criação, expressão e sentimento.

Como desejava muito descobrir o papel da arte na vida, para além das “obras” a que estava acostumada, realizei um curso de especialização⁵ que, todavia, não aplacou algumas angústias. A orientação do curso, marxista, pregava que a arte, uma produção simbólica igual a qualquer mercadoria, deveria estar a serviço de algo. No caso, a transformação social que, imaginava eu. Se o Belo, e o Sensível eram relativos, arbitrários, culturais e ideológicos, não havia espaço para nada universal, muito menos “sagrado”, nem para o lúdico e a veia libertária da arte. Onde ficaria o espaço para o “primitivo”, como os loucos, se a idéia de “evolução” social estava sempre presente? Só descobriria mais tarde.

A monografia final versaria sobre as Escolinhas de Arte⁶, e estas eram organizações que se faziam e desfaziam em função de suas oficinas. Algo ao teor “anarquista” que me fez esquadrinhar idéias de Proudhon, Bakunin e outros, descobrindo suas crenças na comunidade, na cooperação, na associação, na liberdade de expressão e na organização sem Estado. Teria vindo daí o germe que influenciou a reelaboração contínua de meu modo de pensar as Oficinas?

As atitudes libertárias de “rejeição ao dogma, a deliberada fuga a sistemas teóricos rígidos”, a ênfase “à total liberdade de escolha” (Woodcock, 1983:20) eram fascinantes, bem como a crença nos “recursos suficientes para permitir que o

⁴Minha graduação em Artes Plásticas, sob a polivalência da lei 5692/71 formava professores. Exigia saberes em Música, Artes Plásticas e Teatro, insuficientes para aprofundar Arte, Educação e Cultura. Ao final, nem professores nem artistas, sob o peso de uma formação tecnicista, uma sensação de saber “um pouco de nada” suscitava muitas inquietações nos espaços onde trabalhava. Num deles, podia-se ser sensível, informal frente à vida, experimentar livremente a criação; noutra, uma “disciplina” formal, Educação Artística, trazia incontáveis queixas de professores e alunos que, curiosamente, não pareciam influenciar significativamente a preferência dos alunos pela arte, o que me instalou intrigas: qual o real responsável pelo sucesso ou insucesso das aulas e que tratamento aumentaria seus interesses por ela? Por que mais aulas de Matemática, Português e Ciências do que de Arte, se elas são “chatas, ao passo que as de Arte, divertidas”? “Por que a senhora é diferente dos outros professores, dá pra conversar de tudo, por que a vida na escola é uma, e a vivida, outra? etc. etc. A resposta parecia transcender o técnico, cognitivo ou material e encontrar no sensível e no afetivo pistas para as relações entre desejo, arte, aprendizagem e existência. As queixas pareciam referir-se antes ao privilégio da razão onipotente, ao apartamento do sensível e da vida, ao desafeto.

⁵*Artes Plásticas/Suportes Científicos e Práxis*. PUC/RS. Porto Alegre, 1982.

⁶Criadas por Augusto Rodrigues, em 1948, no Rio de Janeiro, centravam-se na livre-expressão, respeitando a criança em sua criação e influenciando a posterior criação do Movimento de Arte-Educação. Bagé possuía uma delas, denominada “Odessa Macedo”.

homem seja livre”, no “limite das exigências materiais dos anarquistas” (id.ib.:25).

Porém a pergunta “Quem era o Senhor / Quando Adão arava / E Eva fiava?” permaneceria sem resposta.

Qualquer amordaçamento teórico isolado da vida me incomodava. Se qualquer forma de governo do homem sobre o homem, disfarçada do quê fosse, caracterizava opressão, qual a saída, se o Poder, na menção foucaultiana, nos mostrava uma Sociedade Disciplinar, um olho panóptico a nos vigiar e punir? O que faríamos em relação ao “poder”? Essas reflexões não haviam chegado ainda em meu local de trabalho⁸, sob os efeitos da teoria da moda: uma Educação Artística cognitivista⁹, disputando o status de área “socialmente relevante”. Ordem, ordem, e, como tal, limitante. Parti então rumo a outros sóis.

Em minhas vivências, a Arte oscilava entre ensino, expressão e catarse, diferente da vida, embora não identificasse no quê. E aquele “não-sei-o-quê” de manifestação universal, contato com o sagrado. Jogo, criação pura? Se todos podem criar, existe dom, nascemos bons, inteligentes, maus, uma Tábula Rasa? Afinal, arte se ensina? O que a criança faz é arte? Conta mais o processo ou o produto?

Época de paradoxos, desencontros, muitas certezas... Ufa! Girei meu caleidoscópio imaginário buscando novas “com-figura-ções”.

Meu tormento continuava, tentando articular a ambigüidade e o movimento do vivo e da arte em experiências formais de educação, na época muito engessadas. Alguns vidrinhos coloridos de meu brinquedo focalizaram autores como João Francisco Duarte-Júnior, que alertava para o perigo do apartamento razão-emoção, da massificação dos padrões de beleza e da necessidade da expressão criadora, revelando o imperativo de uma “Educação Estética” que permitisse “saborear o mundo”. Sensibilidade e lógica, razão e sentimento, conceito e estesia mesclados “num caldeirão fumegante de novas idéias, percepções, novos olhares sobre o mundo e a vida” (Duarte-Jr.,2001:169). E Fayga Ostrower, (1982;1983) que uniu arte e criação nas condições relacionais do criador com sua obra e contextos vital e cultural, enquanto mediação no processo de reflexão, linguagem universal. O

⁷John Ball, *apud* Woodcock, 1983, p. 34.

⁸ Universidade da Região da Campanha, URCAMP. Bagé, RS, Curso de Educação Artística.

⁹Ana Mae Barbosa (1991) insiste que arte é basicamente cognição, intelecção, conteúdo, competência, mesmo reconhecendo ser “qualidade (...), apreciação estética (...), desenvolvimento integral da inteligência [para] uma educação mais humanizadora [ampliadora da] capacidade de viver”.

artista teria um papel “pedagógico” em sua obra, e o educador precisaria de um “fazer” para apreender o sentido da arte, espiritualidade convertida em formas.

Igualmente Herbert Read (1982), para quem a arte deveria ser a base da educação, presente em todas as disciplinas. Isso não “combinava” com o que vivíamos nos anos noventa¹⁰, assomando como uma utopia indemonstrável, e não acreditávamos nelas. Mas deveríamos crer, como os poetas, “aqueles que lambem as palavras e depois se alucinam” (Manoel de Barros¹¹), que as utopias, afinal de contas, são, sobretudo, obras de arte. E obras de arte são rebeldias, indispensáveis na arte e na vida, já que são “um bem absoluto cuja manifestação, na linguagem, nós homens chamamos poesia, inestimável in-utensílio... Os sistemas tentam domar a megera, que volta a incomodar, e ainda como um radical incômodo de uma coisa in-útil num mundo onde tudo tem que dar lucro e ter um porquê. Pra que por quê?”, perguntava Leminski¹², e respondia:

“Arte que te abriga, arte que te habita, arte que te falta, arte que te imita, arte que te modela, arte que te medita, arte que te mora, arte que te mura, arte que te todo, arte que te parte, arte que te torto, arte que te tura.”

Pronto! Uma conexão importantíssima se formara. A in-utilidade dos trastes influenciaria minhas opiniões de que a criação livre, desinteressada, poderia ser fator de vida, saúde, humanização, consciência, convivência. E mais, possuía um fim em si mesma. Idéia “romântica”... Sedutora.

“Fazemos as coisas úteis para ter acesso a estes dons absolutos e finais. A luta do trabalhador por melhores condições de vida é a luta pelo acesso a estes bens, brilhando além dos horizontes estreitos do útil, do prático e do lucro. Coisas inúteis (ou in-úteis) são a própria finalidade da vida. Vivemos num mundo contra a vida. A verdadeira vida. Que é feita de júbilo, liberdade e fulgor animal. Cem mil anos luz além de que a mística imigrante do trabalho cultiva em nós, flores perversas no jardim do diabo, nome que damos às forças que nos afastam da nossa felicidade, enquanto eu ou enquanto tribo. Poesia? Prá quê? Felizmente, pra nada” (Leminski, 1986:92).

Para meu desespero, isso não era “permitido” num país recém saído de uma ditadura, cuja “esquerda” desejava um mundo amoroso, mas exigia uma “dureza

¹⁰Sob um pensamento clássico, uma visão piramidal de conhecimento, verdades disciplinares, de espaço vazio entre si. Desconhecíamos a complexidade e a transdisciplinaridade um espaço entre, através e além de qualquer disciplina, como o estético. Este ainda não ocupava um lugar relevante no conhecimento da época, nem menos era conhecido como tal. Falava-se em “arte” e “educação”.

¹¹*Agenda da Tribo*, 2001.

¹²Apud Stella, 2004.

racional" da "militância corajosa", para livrar o mundo da "injustiça". Era excluído como "pieguice" tudo o que não se encaixasse nessa ideologia, como as canções de amor e sensibilidade. O "politicamente correto" era falar de revolução, contracultura, proletariado, conscientização, direitos humanos. Afinal, era preciso resistir, protestar, reivindicar, defender mandatos subterrâneos de classes "dominadas"...

Buscávamos uma cultura popular, sabíamos quem era nosso "inimigo", só não sabíamos de seus múltiplos disfarces. Teoricamente, perfeito, mas residia aí um problema: uma educação como "arma" para combater os opressores carregava uma contradição: ao operar no campo bélico, colocava-nos em formas sutis de silenciamento: do sensível. Era "feio" sentir, melhor, só se podia emocionar frente a canções de protesto ou ante as injustiças sofridas pelas minorias. Não que isso não fosse legítimo, mas talvez a "forma" de fazê-lo. Talvez estivéssemos praticando uma ditadura ao revés, contra a razão desde a razão, contra a opressão, desde a opressão.

A arte para mim, longe de ser legítima, era instrumental, o que me desagradava. Oscilava entre ornamento, mercadoria ou instrumento ideológico de "educar o povo" a retomar seus direitos perdidos, suas vozes silenciadas por um superior civilizado, ocidental, branco, racional. Ainda não conhecia as idéias de Rodolfo Kusch (1975), para quem nós, os "mestiços", somos o "fedor da América", a imundície, a barbárie, a desordem, nosso lugar seria junto aos selvagens, não-civilizados, mulheres, insanos, gays.

Faltava "desvendar o arco-íris"¹³, que logo, logo, foi anunciado ser possível. Feito isso, como ficaria eu, que ansiava por ele?

De busca em busca, realizei o "Curso de Administração em Saúde", em Bagé, em 1990/91, onde apreendi a separar o processo estético, na Saúde e na vida, do ensino da arte, embora não vislumbrasse sua inserção em espaços formais. A proposta transdisciplinar recomendava que práticas, saberes, tecnologias, pessoas de várias inserções e instituições se entrecruzassem para cuidar dos "loucos". A proposta era pensar o político como desencadeador de espaços de abertura, consolidação e avanço de consensos. Acessar o poder para socializá-lo.

Vislumbrei uma inserção em que a arte poderia estar no lugar onde eu

¹³Alusão a Richard Dawkins (2000): "Naquela que chamo secção da ilusão, "Ludibriados pela crença no reino das fadas" e "Decompondo o sobrenatural", dirijo-me às pessoas supersticiosas que menos exaltadas do que os poetas na defesa dos arco-íris, se deliciam com o mistério e se sentem defraudadas quando é explicado.

imaginara: na vida. A Saúde Mental Coletiva buscava a integralização de ações para atender às pessoas sem isolá-las do seu contexto, na cultura. Para tanto, era preciso, para contemplar o político, o ético-estético, os saberes empíricos e os processos de criação como práticas sociais válidas! Tudo se encaixava, então, embora faltasse “inventar” modos de agir instituintes e coerentes com as necessidades das pessoas como estas acontecem na vida, considerando também, nossas próprias.

A provocação passou a ser juntar as idéias anarquistas de liberdades individuais, o coletivo dos marxistas, a arte, o fazer ontológico e a ciência na “integralidade”, uma incógnita para mim e o grupo. Era confuso como configurá-la em distintos espaços, como “mexia” nas saúdes das pessoas e como influenciaria o processo de “cura” e sua transformabilidade. Em 1992, o campo da Saúde Mental Coletiva era complexo demais, sem corpo epistemológico próprio.

A Universidade da Região da Campanha, URCAMP, forneceu então suporte, na cedência de professores, alunos e materiais, para uma experiência pioneira no Brasil, pensada como “Oficina de Criação Coletiva”, no Hospital Geral de Bagé¹⁴.

Meu caleidoscópio, agora catavento, girando sem parar, indagava: estaríamos sentindo uma Pedagogia Transdisciplinar que transcendia o técnico e o científico para chegar ao humano, e, finalmente algo ainda impreciso a unir minhas indagações sobre o papel da arte na vida?

A Oficina tinha como proposta ser alternativa ao manicômio, e envolvia a integralidade, a ruptura da ordem, a complexidade, a desrazão. Havia que buscar suportes teóricos que pensassem o movimento, o que posteriormente, no Mestrado, encontrei em Maffesoli, Morin, Balandier e Kusch. O sensível e o estar-junto, ético-estéticos, pareciam ser um eixo agregador, mas confundiam-se na criação coletiva, onde atuavam ordem e desordem. Onde estava a Arte, afinal?

Constituímos, na militância, alternativas para estar juntos, fosse no Movimento Nacional dos Trabalhadores em Saúde Mental¹⁵, reunidos na Luta anti-Manicomial, ou no Fórum Gaúcho de Saúde Mental. No cotidiano ou em eventos, o solo era movediço, incerto. Éramos impelidos, inexoravelmente, a nos tornar responsáveis pela relação com o outro, a lutar pela loucura, pelo delírio, defender a crise e a

¹⁴Experiência relatada em Mirela Meira. *Dissertação de Mestrado*. FAGED,PPGEDU-UFRGS, 2001.

¹⁵Composto dos trabalhadores de Saúde Mental, usuários dos serviços, seus familiares e a comunidade na defesa da transformação da assistência em Saúde Mental cujas propostas eram superar o modelo centrado no Hospital Psiquiátrico, desinstitucionalizar a loucura, instituir o município como o lugar de cuidar de seus loucos .

criação como um direito, não um delito. Vivíamos uma tensão paradoxal, intra, inter e trans-específica: de um lado, nossas próprias inseguranças, carências; de outro, os loucos, suas famílias, as oficinas, a comunidade e sua vitalidade; e ainda o Estado Totalitário, com sua ordem “mortífera e sua razão monovalente”. A “violência do Estado contra a força vital da socialidade [a oposição entre] (...) o instituído e o instituinte (...) poder e potência” (Maffesoli,2001b:19).

Operávamos no campo político de gest(aç)ão de conflitos pela transformação da atenção à saúde mental. Com a aprovação da Lei Estadual de Reforma Psiquiátrica¹⁶, o manicômio deixou de ser o lugar do cuidado dos loucos, possibilitando uma rede de atenção à semelhança das Oficinas. Suas práticas mais tarde foram compreendidas como “pedagógicas”, um “racional trespassado de afeto”, definido em termos de pró e contra, simpatia (ou antipatia), e não, lógica, a entender que a paixão, relevante na vida cotidiana, sustenta o social, está na origem dos conflitos, portanto, de toda a vida política (Maffesoli,1996).

A primeira Oficina, parte de toda uma transformação desencadeada nos últimos vinte anos na Saúde Mental, mudou o panorama desta, encantando famílias, usuários, Sociedade Civil e aterrorizando os donos de Hospitais Psiquiátricos e seus provedores. Sua dimensão operativa era móvel, dinâmica, ocupava a rua, eventos, cursos, palestras etc., operava com diferentes espaços, pessoas, idades, formações, inserções, expectativas e desejos. De um lado, nos atrapalhávamos, pois era preciso estar sempre mudando, o que roubava tempo de sistematização, reflexão e aprofundamento da experiência. De outro, ajudava. Todos queriam saber o que significava “Sou uma experiência que está dando certo!”¹⁷.

As atividades, as responsabilidades e a participação ampliaram-se com eventos de âmbito municipal, estadual, nacional e internacional. Os trabalhadores da Oficina, de formações variadas, eram solicitados a falar em muitos locais, inclusive fora do país, a “ensinar” a criar, sentir e “fazer arte”, propondo como saber a vivência prática em situações de Oficina e como interface articuladora de todos os âmbitos. A prática da Oficina deflagraram discussões que alertaram para a Saúde Mental e seus modos operativos e conceituais, resultando que os eventos na área

¹⁶Lei Estadual nº 9.716, 07.08.1992. Dispõe sobre a reforma psiquiátrica no RS, determina a substituição progressiva dos leitos nos hospitais psiquiátricos por rede de atenção integral em saúde mental, determina regras de proteção aos que padecem de sofrimento psíquico, especialmente quanto às internações psiquiátricas compulsórias.

¹⁷Frase de Rubén Ferro, Psiquiatra e Poeta, Livre Pensador, da *Universidad* nacional de Córdoba, Argentina, consultor e professor dos cursos pelos próximos oito anos, estampada em uma das camisetas do “Movimento”.

passaram a contar com nossa presença quase que obrigatória, comunicando às pessoas que transformações aconteciam desde o afeto.

Vivíamos uma “roda viva”, e a cada evento, lá estávamos nós, com atividades criadoras sacadas “do bolso” para “fazer as pessoas felizes”, na maioria das vezes, anunciadas por nossas presenças, alegres. O Grupo da Saúde Mental¹⁸, como éramos conhecidos, era “o máximo”, porque conseguira algo simples: provar que o afeto, acima do poder sagrado da Medicina, Psiquiatria e Ciência, “curava” não só os loucos, mas seu “entorno”. A arte constituía-se, agora sim, enquanto criação coletiva e, portanto, na vida. As pessoas, encantadas, descobriam que a arte não era só dos artistas. Criar dava um sentido diferente às coisas.

Inventáramos espaços de consenso que precisavam avançar e se consolidar na reflexão das práticas inventadas, capacitando pessoas para atuar e discutir a desinstitucionalização, os serviços, práticas, tecnologias, capacitação, modos de cuidar, produção teórica, pesquisa. Enfim, criar saberes para atender à “novidade” em coerência com sua transmissão. Ela deveria incluir então a criação coletiva, o exercício ético-estético e artístico, lugares para os afetos, vínculos, festas, estar-junto, dado que as capacitações tradicionais discursivas, racionais não o faziam.

A Oficina foi pensada então nos Cursos de Especialização em Saúde Mental Coletiva baseados nos saberes da Reforma Sanitária¹⁹, que peconizara a saúde como o atendimento integral das necessidades das pessoas, o que sugeria sensibilidade, razão, intuição, imaginação, portanto, Arte, Ciência e Filosofia.

Em 1992, em Bagé, RS, na Universidade da Região da Campanha, URCAMP, pessoas da Oficina coordenaram então o Curso de Especialização em Saúde Mental Coletiva, a exemplo de um realizado em Santa Maria, RS, pautando questões teórico-metodológicas e práticas que incluíam Arte, Educação, Cultura, Ciência e Saúde. A arte deveria ser vivida como arte, não como suporte para o racional, integrada no currículo na forma de experiências estéticas, reflexão sensível, jogo, celebração. Exercício de uma solidariedade orgânica prevalecente nas “tribos” mais diversas, o qual compreendi com Maffesoli mais tarde. Era uma nova genealogia, do nós comunitário, estar-junto antropológico, que desembocava na identificação estética enquanto vivido emocional comum que Galeano (1990) expressara como:

¹⁸À época, eu, dois psiquiatras, uma assistente social, dois auxiliares administrativos, um voluntário “fixo”, alguns loucos, familiares e pessoas da comunidade e do serviço.

¹⁹Proposta a partir da 8ª Conferência Nacional de Saúde (1986, Brasília, DF) que propôs o SUS, Sistema Único de Saúde e a saúde como direito de cidadania, recomposição da integralidade, relevância pública e obrigação do Estado.

“A Igreja diz: o corpo é uma culpa. A ciência diz: o corpo é uma máquina.
A publicidade diz: o corpo é um negócio. O corpo diz: eu sou uma festa...”.

A Igreja nos ignorava, a loucura fascinava por sua revelação e o corpo me trazia outras questões: não seria o delírio experimentado na crise uma forma de criação, do cérebro contar sua história de uma maneira “distorcida” para o convencional? O que a diferenciava dos estados de criação experimentados pelos artistas? Como poderiam as oficinas oferecer um melhor suporte para essa crise, e onde o afeto e o amor contribuíam? A que campo pertencia a loucura além da Medicina ou Psicologia? Como teorizar sobre este campo minado?

“Cada um sabe a dor e a delícia” de ser o que é, cantava Caetano. Entre elas, eu transitava, sabendo que questões desse tipo me acompanhariam por muito, muito tempo, até encontrar suportes²⁰ para nossas teorias e práticas.

As mudanças sociais deflagradas pela rediscussão da Saúde Mental demandaram a inclusão das Oficinas de Criação para que as pessoas repensassem seus fazeres a partir da criação coletiva, despertassem suas capacidades criadoras, vivessem suas sensibilidades através das práticas da arte. Por contágio. E funcionou, embora algumas questões ficassem sem o devido aprofundamento.

A Oficina funcionava no Hospital, no Serviço, em eventos, cursos e assessorias a quem desejasse constituir serviços à sua semelhança. O desafio era desconstruir a visão de arte ligada às obras ou produto de indivíduos excepcionais. Mesmo em técnicas criadoras ou atividades isoladas, o existencial não se constituía ainda num “conteúdo”, como se necessitasse de uma “lição de moral”, ensinamento, um fim outro fora da vida vivida que não as experiências em si com potencial pedagógico. Na época, não conseguia vislumbrá-lo, nem ao artístico, fora do educacional e das instituições, embora soubesse que poderiam ser reinventadas²¹.

Juntar meus pedaços e refletir a experiência da Oficina tornou-se possível a partir do Mestrado em Educação, onde minha compreensão de pedagogia se

²⁰Encontrado no “Terceiro Incluído”, desestabilizador de certezas. Presente na força do sentimento coletivo, tribal, nas emoções diversas ou “na carga imaginal que curto-circuita a gestão econômica das coisas, o princípio de realidade e a previsibilidade (Maffesoli, 2001a:30).

²¹Sua compreensão enquanto espaço pedagógico político, ético-estético e coletivo veio com a orientação da Profa. Dra. Malvina do Amaral Dorneles, no Mestrado em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, RS. Aprendi que a ação pedagógica se expressa tanto pelo fazer como pelo que se deixa de fazer. O silêncio, as pausas, o mítico, a transgressão, a indiciam. Ainda me “atormentam” as relações misteriosas do movimento, provedor das relações ordem-desordem. As idéias de Read (1977;1982) e Augusto Rodrigues, com as Escolinhas de Arte, nos anos 70 e 80, já defendiam uma postura transdisciplinar, com ênfase no sensível e criador no cotidiano e na cultura. Suas idéias anarquistas, libertárias, exerceram uma dimensão crucial para mim.

ampliou. Aprendi que esta partira da ordem (institucionalização) em direção à desordem (desinstitucionalização) e retornara numa Instituição Inventada, ou, numa ordem mais complexa. De construção do retorno, em forma de devires, aos que desejavam construir suas vidas diferente da proposta pelas normas disciplinares, fossem loucos, artistas ou normais. Este parecia ser o trabalho da Oficina: incluir a desrazão, a perda do medo de criar, o reconhecimento de si como criador. Só precisáramos de espaço e coragem. Com esta apreensão, a Dissertação de Mestrado pôde relatar o trabalho das Oficinas²².

Novo giro caleidoscópico... Como enfrentar uma Tese, com estas questões?

No Doutorado, o campo da gestão do cuidado necessitava de uma ancoragem que não se encaixava em uma disciplina específica, por localizar-se no humano e suas relações estéticas.

Precisei voar com diferentes autores, como Humberto Maturana, para quem o amor inclui emoções, sentimentos e responsabilidade social, o que me levou, fascinada, às Neurociências, à Psicologia Profunda, Cabala, Alquimia, Antropologia, Geometria Sagrada, Arqueologia, Filosofia da Ciência e outras leituras inusitadas: Astronomia, Astrofísica, Psicologia Transpessoal, Arteterapia, Religião, Biologia, Ocultismo, Genética, Nanotecnologia, Bioética, Ecologia, Cartas de Tarô...

Finalmente, a Física Quântica me ajudou a compreender o universo da Oficina fazendo eco ao que ocorria num universo invisível, elegante, de opostos inseparáveis, onde o sem-sentido habitava coisas sem correspondência em nosso mundo. O muitas vezes micro, onde o sobrenatural é parte do natural e a luz, das trevas, torna possível uma conjunção, sem dualizar²³.

Tantas ciências me atormentavam mais: como juntar tudo em uma Teoria? (Os vidrinhos dançavam, no caleidoscópio, e eu, atônita, não conseguia fazer com que parassem). A sensação exata do que sentia é expressa nesta frase, não sei de onde gravada, por Bertold Brecht²⁴:

“ Dizem que ousar na queda lhe é permitido
desde que entre o céu e a terra flutue” .

Flutuar. De novo, a arte. Mas qual delas?

²²As Possibilidades de uma Instituição Inventada. Ordem e Desordem na “Oficina de Criação Coletiva de Bagé”. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre-RS, FACED-PPGEDU, UFRGS, 2001. A banca indicou passagem direta para o doutorado, para continuar as investigações.

²³Kusch (1978: 08) localiza aí a “grande palavra”, a poética; a “comum” termina na ciência, embora ambas sejam aspectos da única pronunciável, a que chega ao silêncio, pleno da grande palavra, cujo sentido “faz o vivente em sua totalidade, e encerra o “porqueê” indefinido do viver mesmo”.

²⁴ Apud Stella,2004.

O poético. Parecia uma resposta encantadora.

Durante o doutorado, o Estado realizava uma experiência avançada na capacitação de pessoas em Saúde Mental Coletiva. Fui convidada a realizar um seminário sobre as contribuições de Humberto Maturana na “Residência interdisciplinar do Hospital Psiquiátrico São Pedro”, em Porto Alegre.

Simultânea e ironicamente, Damásio (1996:12), neurocientista português, me ajudou a aplacar agonias em relação ao racional ao sustentar que no processo cognitivo a razão “não é tão pura quanto pensamos”, e depende “dos sentimentos e emoções para raciocinar, planejar o futuro, lidar com a incerteza, tomar decisões, formar juízos morais, para o comportamento social e capacidade criadora”.

Pronto! Especulei: se ao educarmos a sensibilidade, educamos a razão...

Isto abalava, consideravelmente, alguns edifícios teóricos!

De qualquer forma, se um conhecimento sensível muda o modo de relatar processos, sentir é conhecer e conhecer é viver... Teríamos que ser muito cuidadosos em como propor experiências que, necessariamente, deveriam estar no campo transdisciplinar, o que, a meu ver, seria possível de “resolver” nos planos do Sagrado e do Poético.

Mas era a Arte o campo que eu desejava trabalhar, além das “Belas” Artes, onde parecia estar.

De questão em questão, desagüei em outras “paragens”, indo para as Ciências Cognitivas, Neurobiologia e Psicologia Evolutiva.

Por mais paradoxal que fosse, um neo-evolucionista, Steven Pinker²⁵ (2002;2004), concordava com Leminski (1992) sobre a in-utilidade da arte, uma “tecnologia do prazer”.

Read (1977:41) acreditava que se pudermos encontrar as leis gerais que regem certos princípios da forma, acharemos a pedra de toque aplicável às obras de arte.

E nossas palavras andavam, experiências continuavam, sabíamos, entretanto, que o poético passara, inexoravelmente, a fazer parte da Saúde Mental Coletiva. E desenvolvemos, como Manoel de Barros (1996)

²⁵Curiosamente Read antecipara, em seus escritos de 1943, posteriormente publicados no Brasil, os fractais e o que Pinker acede quanto à preferência humana por certos feitiços, uma “lógica da forma” da qual emana a emoção da beleza, comparada ao amor, para Maturana a emoção fundadora. Necessitamos de formas para agradar nossos sentidos, e as melhores, dadas instintivamente pelos homens às obras de arte, são análogas às elementares da natureza, como processos de crescimento, cristais, vegetação, conchas, ossos e “carne,” que “possuem formas e proporções definidas e comuns, mesmo equações matemáticas geométricas”.

“...a vocação mais doida: ter amor por seres e coisas desimportantes, mania de dar formato de canto às asperezas de uma pedra, mais importância aos passarinhos do que aos senadores”.

Essa vocação doida foi assumida por um grupo de pessoas no então Projeto “São Pedro Cidadão”, do Hospital Psiquiátrico São Pedro, em Porto Alegre, RS. Esse espaço, pioneiro no país, acabou dando consistência à maioria de minhas inquietações sobre a arte como desrazão, pedagogia, formação. Foram criadas duas disciplinas, das quais participei, que deflagraram a posterior inserção no Curso de Aperfeiçoamento Especializado para Profissionais das áreas da Saúde e Educação, promovido pela *Universitat Rovira Y Virgili, Tarragona*, Espanha e Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, uma área de formação ético-estética. Específica. O que parecia “premiar” meus tantos esforços no sentido de pensar a arte fora de seus redutos tradicionais. Foi criada a disciplina Bases ético-estéticas e Pedagógicas em Saúde Mental, na forma da Oficina.

Harmonizar teoria e prática me permitiu trabalhar a perspectiva de Morin (1998) de auto-ética, na dissolução das éticas tradicionais para dar a luz a uma fé que alimenta e ilumina e que não fala de si sem falar no amor, na compaixão, na fraternidade, no perdão, na redenção.

Mas uma pergunta que ainda me inquietava provavelmente me levou a ousar escrever sobre o que escrevo, quase que me “obrigando” a ser fiel a mim mesma. As perguntas que não calam são: como conciliar as vertentes de arte, criação coletiva e ensino de arte? Como cheguei à conclusão de que era esta a melhor maneira de trabalhar com arte? O que transforma algo numa Oficina?

Aceitando o desafio, enveredei em (re)pensar o que vem antes da palavra, do som, do olhar, da linguagem; em descobrir o que depende ressignificar o sentido de uma ação, das comutações interativas com o outro, permeadas pela técnica e pela máquina; que tipo de recursos e procedimentos é preciso convocar de modo a desacelerar pensamentos e corpos, frustrar atitudes não compatíveis com as necessidades humanas de preservação da vida; em como sensibilizar as pessoas para a convivência amorosa.

Isso me convenceu a buscar um encaminhamento adequado de inventar consignas para facilitar o acesso à dimensão estético-poética, ética, política e afetiva em suas relações ordem-desordem. Um direcionamento transversal que

permitisse escapar de lógicas paralisantes de um lado, e, de outro, proporcionasse a desordem necessária à criação, para que as pessoas pudessem ressignificar-se, ressignificar o outro e o mundo.

Para criar um clima favorável à criação, entendi que antes é preciso aprender a conviver com a confusão, a inexperiência, os preconceitos herdados, os moldes, abandonar rituais de ordem incorporados como “hábitos”, compreender em que momento se deixa de pensar na utilidade para ser iniciado na poeticidade dos estados de ser, ao atuar.

Hoje o perfil da Oficina se configura de forma mutante²⁶. Esta tese demandou concebê-la em áreas específicas de atuação, espaços formais e informais, reavaliando o conceito de “arte” como educação e experiência vital, o que exigiu reavaliar o caos de sentido e o sentido do caos, com seu diferencial de (i)racionalidade no social.

Não sem muita hesitação, concluí que, de um devir paradoxal e aporético chamado “arte”, brotem vários fluxos. Um se estende às experiências na Saúde Mental Coletiva, delineando-se em contornos ético-estéticos, políticos, de cuidado, convivência amorosa e criação coletiva articulando-se numa composição vincular e de garantia da desrazão. Outro, dirige-se à Arte-Educação na forma do sensível enquanto estar-junto, cujos vínculos agora adquirem feição de pertença cósmica, de partilha de conexões muitas vezes desconsideradas em detrimento do tradicionalmente instituído como arte.

Um alargamento da consciência que se faz tanto em caráter externo ao corpo, ao movimento e ao sentido de “forma” convencionais. Essa forma poderá se derramar no ensino de arte, em espaços formais, mesmo enquanto “disciplina”, ou em outras. O foco aglutinador centra-se na sustentação de vínculos que porventura aflorem em cada situação. Essa base é típica da arte, e enquanto experiência “estética” e se estende a toda atividade humana carregada de sentido. No caso dos “artistas”, onde essa atividade compõe um ofício, de transformar a consciência das épocas, requer pesquisa, soluções formais e inserção social aliadas ao fato de

²⁶O trabalho com os loucos foi uma “grande virada”, mas os adultos, adolescentes e crianças na Escolinha de Arte me guiaram como agir com fontes anárquicas de acesso à criação. Igualmente valiosas foram as avaliações da Supervisão de Estágio do Curso de Artes Visuais, na URCAMP, em Bagé, para compreender as resistências dos integrantes da Oficina e os passos futuros a empreender. Os depoimentos das estagiárias manifestavam as dificuldades encontradas para criar condições para a subversão poética na estrutura institucional da escola.

ser ele um “profissional das artes”, o que não exclui sua responsabilidade enquanto arte-educador.

No ensino de arte, na escola, campo amplo, escorregadio, ainda com tanto a discutir, só imagino a possibilidade de uma Educação estética, de qualificação dos sentidos, aprendizagens de linguagens, desenvolvimento de um saber sensível. Não que as outras dimensões o excluam, pelo contrário. O que é preciso reter, no entanto, é que, em todas essas extensões e aplicações, a arte traz em seu bojo a interação entre o formal e o informal, o palpável e o impalpável, o atual e o virtual, o ancestral e o atual. Essa interatividade gera interfaces possíveis entre os diferentes campos de atuação, como mutação, reconfiguração constante de situações.

A Arte é um campo de conhecimento cognitivo, sensível, relacional, praticável enquanto Ciência e Filosofia, assim como tecnologia, tendo afetado, direta ou indiretamente, os demais campos da vida social. Em todos eles o pedagógico está presente por tratar-se sempre de relações humanas onde entram emoções, sentimentos, consciência, transformação, compreensão e saberes.

Para descrever o perfil atual da Oficina, considere que na criação coletiva não podemos pensar em “mudança” como algo que substitui algo, mas que qualifica ou desqualifica o que é próprio a um trabalho de “mutação”. “Metamorfose” aninha a pergunta que tem me inquietado, sobre as formas que o pedagógico tem assumido como estratégia social para consolidar o ideal de “ordem” de uma sociedade, e como revertê-lo. No pedagógico, qual o lugar do estético, suas relação com a desordem, a ética, o amor, a responsabilidade para com a sensibilidade, a vida e a saúde das pessoas?

Estou convencida de que se pode ensinar a sentir e a criar, e se as Oficinas podem ser os lugares onde isso se faz, ela é o diferencial pedagógico que permite mudar a vida das pessoas, ao possibilitar o exercício e a consciência sobre a necessária construção poética do real. Ou melhor, de propor seu retorno.

É inegável que o conhecimento técnico-científico ajuda a preservar, divulgar, aproximarem-se pessoas, culturas, formas de arte mais do que em qualquer outro tempo, mas Barros (1996:53) confirma: “a ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá, mas não pode medir seus encantos”.

Por essa razão, a ordem da tese propõe um abraço para “gestionar a desordem” na forma da “Metamorfose” (Leminski,994:13):

Materesmofo	temaserfomo	termosfameo
tremesfooma	metrofasemo	mortemesafo
amorfotemes	emarometesf	eramosfetam
fetomormesa	mesamorfeto	efatormesom
maefortosem	saotemorfem	termosefoma
faseortomem	motormefase	matermofeso

metaformose

O poema registra o lugar da intersecção, onde “não há ser, tudo é mudança, revérberos, câmbios perpétuos (...) tudo vibra a significar” (Leminski, 1994:10). Reitera a liberdade como “ousadia de criação”, sem qualquer gratuidade, “reinventa a fábula como se ela fosse a ação do tempo sobre uma planta, criando flores, flores das flores” (Bonvicino *apud* Leminski, id.:11).

A transformação “metamorfótica” seja como destino, fado, devir, futuro, presente, presença, é potencial, virtual, necessita de referenciais para compreender como o tempo não altera os mitos, mas os ressignifica. Licita configurar muitas experiências até agora atribuídas ao irracional, ao caos, à desordem. A mutação é mudança de forma e sentido, percebida na “impressão” e na “expressão” cujo processo é “caos”, mobilidade infinita do pensamento a esticar e comprimir a alma para travessia da sombra ao dessassossego.

Sua vivência permite a experiência da descoberta e da invenção, mistura de caos e cosmo em formação. Alia sensações do corpo, gestos, para conhecer o que acontece na vivência, saber o que se passa na relação com o outro, o que muda na passagem de uma coisa para outra, um estado de ser para outro, as interferências de vários agentes, atos e fatos da criação.

A “meta-formose”, para não confundir com a “metamorfose” de Ovídio, diz de “outra forma transformada por uma leitura, uma interpretação” da forma através”, numa linguagem que também muda. Aponta “a transmutação da linguagem onde se denuncia/anuncia a transmutação da forma de pensar do ser humano”, anota Ruiz (*apud* Leminski, 1994:07).

Escolhi narrar as Oficinas através da “fábula”, ou seja, juntar a ficção, na fala dos autores, com a “realidade” estabelecendo marcos de reflexão a partir dos quais passei a “testar” situações antes hipotéticas. Pude configurar um *corpus* cuja “validade” extrapolou a outras situações de Oficinas, constituindo, a partir daí, um conhecimento metafórico, envolvendo a gênese da arte, como mencionado.

A opção veio de Leminski (1994:21) quando diz ser ela a única forma de explicação possível, já que é “o desabrochar da estrutura, arquétipo em flor”. E disparar que “uns são transformados em flores, outros são transformados em pedra, outros ainda, se transformam em estrelas e constelações”. As histórias, sozinhas, “se contam entre si”, diz o poeta. Contar histórias “pode ser a razão de uma vida. Essa vida, talvez um dia, alguém a conte”. Já foi dito que “quem conta um ponto, sempre acrescenta um ponto, um detalhe novo, uma articulação imprevista, uma aproximação com outras fábulas” (...) tal homem, tal fábula”, diz Leminski (1994:24).

Esta tese, ao contar histórias, (re) inventa os seres que as narram²⁷.

²⁷Os seres aqui presentes com suas fábulas pertencem aos cursos e Oficinas que realizei no período de 2002 a 2006, coletados a partir de depoimentos escritos, ao final de cada disciplina, Oficina, aula ou avaliação.



META-FORMOSES DOS “TRASTES”¹

“As coisas jogadas fora por motivo de traste
São alvo da minha estima.
Prediletamente latas
Latas são pessoas léxicas pobres
Porém concretas
Se você jogar na terra uma lata por motivo
De traste: mendigos, cozinheiras
Ou poetas podem pegar.
Por isso eu acho as latas mais suficientes
Por exemplo, do que as idéias
Porque as idéias, sendo objetos concebidos pelo
Espírito, são abstratas.
E se você jogar fora um espírito por motivo de traste,
Ninguém quer pegar
Por isto eu acho as latas suficientes mais suficientes
(do que as idéias)
A gente pega uma lata, enche de areia e sai
Puxando pelas ruas moda um carrinho de areia
As idéias, por ser objeto abstrato concebido pelo
espírito, não dá para encher de areia.
Por isto eu acho a lata mais suficiente.
Idéias são a luz do espírito - a gente sabe.
Há idéias luminosas - a gente sabe.
Mas elas inventaram
A bomba atômica, a bomba atômica, a bomba
atôm.....
.....
Agora, eu queria que os vermes iluminassem
Que os trastes iluminassem”.



¹Termo emprestado de Manoel de Barros, “Teologia do Traste” (2001), que dá nome ao poema.

Um traste. Dois trastes. Três trastes. Assim se inicia sempre uma “Oficina de Criação Coletiva”, no sentido dado pelo poeta, em sentido inverso ao dos Iluministas, que viam na razão a iluminação. Iluminá-los é seu objetivo, fazê-los perceber que são tão fundamentais como o ócio, o amor, a criação e o som da chuva. Para que não esqueçamos que é justa sua condição de “verme” que possibilita a manutenção da vida na terra, a mesma do “húmus”, que faz do “humano” quem ele é.

O “traste”, metáfora para os “guardados” da memória, indica gestos, interações, sons, pessoas que, num dado momento da vida, parecem carecer de utilidade... Abarrotam nossos sótãos, enredados em pensamentos e teias de aranha, encobrendo aparências, jogando-os em “não-lugares²”, em algum nicho psico (e) cológico das profundezas da mente. Esse lugar a ser resgatado para a poesia, nas Oficinas, ressignifica o que serve para o lixo, o desprezível, o resíduo, o descartável, o afeto, as pequenas coisas. Revaloriza o que, por preconceito ou anestesia sensível é rejeitado, de um modo ou de outro, insere os “trastes” que a sociedade deseja vorazmente descartar e que, por ironia, constituem, matricialmente seu dinamismo criador mais íntimo.

Emergir os “sem-préstimo” lembra que o que não serve para “nada”, como a poesia, os “loucos de água e estandarte” (Barros,1991), o estar à toa, a paixão, constituem, *strictu sensu*, a vida como ela “é”. Feita de beleza e feiúra, ordem e desordem, coisas com préstimo e coisas sem, *non-sense*. Podem compor “a canção mais linda do mundo”, segundo seu autor³, que inventaria absurdos triviais:

“Yo tenía un botón sin ojal, un gusano de seda,
 medio par de zapatos de clown y un alma en almoneda,
 una hispano olivetti con caries, un tren con retraso,
 un carné del Atleti, una cara de culo de vaso,
 un colegio de pago, un compás, una mesa camilla,
 una nuez, o bocado de Adán, menos una costilla,
 una bici diabética, un cúmulo, un cirro, un strato,
 un camello del rey Baltasar, una gata sin gato.
 Mi Annie Hall, mi Gioconda, mi Wendy, las damas primero,
 mi Cantinflas, mi Bola de Nieve, mis tres Mosqueteros,
 mi Tintín, mi yo-yo, mi azulete, mi siete de copas,
 el zaguán donde te desnudé sin quitarte la ropa.
 Mi escondite, mi clave de sol, mi reloj de pulsera,
 una lámpara de Alí Babá dentro de una chistera,
 no sabía que la primavera duraba un segundo,
 yo quería escribir la canción más hermosa del mundo.

²Terminologia de Marc Augé, 1994.

³Joaquín Sabina, “La Canción más Hermosa del Mundo”. 2002.

Les presento a mi abuelo bastardo, a mi esposa soltera,
 al padrino que me apadrinó en la legión extranjera,
 a mi hermano gemelo, patrón de la merca ambulante,
 a Simbad el marino que tuvo un sobrino cantante,
 al putón de mi prima Carlota y su perro salchicha,
 a mi chupa de cota de mallas contra la desdicha,
 mariposas que cazan en sueños los niños con granos
 cuando sueñan que abrazan a Venus de Milo sin manos.
 Me libré de los tontos por ciento, del cuento del bisnes,
 dando clases en una academia de cantos de cisne,
 con Simón de Cirene hice un tour por el monte Calvario,
 ¿qué harías tú si Adelita se fuera con un comisario?
 Frente al cabo de poca esperanza arrié mi bandera,
 si me pierdo de vista esperame en la lista de espera,
 heredé una botella de ron de un clochard moribundo,
 olvidé la lección a la vuelta de un coma profundo...
 Nunca pude cantar de un tirón la canción de las babas del mar,
 del relámpago en vena, de las lágrimas para llorar cuando valga la pena,
 de la página encinta en el vientre de un bloc trotamundos,
 de la gota de tinta en el himno de los iracundos.
 Yo quería escribir la canción más hermosa del mundo⁴.

Descartá-los sería eliminar o estranho, o anômico. O lixo, observado com cuidado, é "iluminável", desabrochável. O que é bom para ele serve para a poesia, dando outro sentido ao que se faz, importância ao desimportante. Pessoas e partículas são complicadas, nebulosas, afetuais, desordenadas, o que constitui, justamente, sua condição de "possibilidade" de revalorizar a globalidade cotidiana.

A sedimentação do "desprezível" constitui o substrato "sem o qual não há social" (Maffesoli, 1997:136). Portanto, pensar a "desimportância" é um desafio para

⁴Em tradução livre, mais ou menos isso: Eu tinha um botão sem casa, um "verme" da seda, meio par de sapatos de palhaço e uma alma em leilão. Uma máquina de escrever cariada, um trem atrasado, uma carteirinha do Atlético, uma cara de fundo de copo, um colégio particular, um compasso, uma maca, uma noz. O pomo de Adão menos uma costela, uma bicicleta diabética, três formatos de nuvens, um camelo do Rei Baltasar, uma gata sem gato. Minha Annie Hall, minha Gioconda, minha Wendy, as damas primeiro. Meu Cantinflas, minha Bola de Neve, meus Três Mosqueteiros, meu Tin Tin, meu ioiô meu balde, meu sete de copas. O corredor onde te desnudei sem tirar-te a roupa, meu esconderijo, minha clave de Sol, meu relógio de pulseira, uma lâmpada de Ali Babá dentro de uma cartola. Não sabia que a primavera durava um segundo/ eu queria escrever a canção mais formosa do mundo. Apresento-lhes meu avô bastardo, minha esposa solteira, o padrinho que me apadrinhou na Legião Estrangeira. Meu irmão gêmeo, patrão dos camelôs, Sinbad, o Marujo, que teve um sobrinho cantante, o plutão de minha prima Carlota e seu cachorro Salsicha, minha coleção de cotas de malha contra a desgraça, as borboletas que caçam em sonhos crianças com espinhas quando sonham que abraçam a Vênus de Milo sem braços. Me librei dos "tontos por cento" do conto do "bisnes" dando aulas em um Conservatório de cantos de cisnes, com Simon de Cirene fiz um tour pelo monte Calvário, que faria você se Adelita fosse com um comissário? Frente ao Cabo de pouca esperança arriei minha bandeira, se me perco de vista, me espere na lista espera. Herdei uma garrafa de Rum de um mendigo moribundo, esqueci a lição na volta de um coma profundo. Nunca pude cantar de um tirão a canção das espumas do mar, do relâmpago em veia, das lágrimas para chorar quando valesse a pena, da página grávida no ventre de um bloco viramundo, da gota de tinta no hino dos iracundos. Eu queria escrever a canção mais linda do mundo...

uma Oficina que deseja re-ver o que acontece quando se pensa o valor do corriqueiro tornado mais complexo pelo coletivo, onde se ampliam as possibilidades de ressignificá-lo. Suas criações constituem os movimentos pedagógicos que valorizam aquele “olhar à volta”, para ver as infinitas coisas que nossa civilização rejeita como “inú-teis” (Leminski,1992), improdutivas, ou mesmo descargas históricas de culpas, erros, desejos, expectativas. Se não “servem” para nada, são úteis para escrever o essencial, com leveza.

Pois, “fatos não se explicam com fatos, fatos se explicam com fábulas”, do domínio “noturno” (Leminski (1994:21). Dão sentido à “leveza”, à experiência “diurna” para alcançar a sintonia com o mundo na ótica de sua “aérea” sensação, não de seu peso. De sua “diáfana” e luminosa essência “imaterial”, que permite subtrair o peso, retirá-lo das figuras humanas, dos corpos, objetos, cidades, entes siderais (Ítalo Calvino, 1991). Assim se é fiel ao húmus, à desvitimização, à vitalidade, regeneração, intranqüilidade, à “despesa” (Bataille,1993).

Uma vez subvertida a relação usual com um mundo de “ordem”, do “peso”, a Oficina confronta a desordem que a criação traz, e, na “leveza” de alternativas “adequadas”, torna possível a relação que poetiza o minúsculo, o anódino, o lixo, o vulgar, o sem importância de todo o dia.

Imagens poéticas trabalham o “descabido”, sob distintos critérios, pelo sensível, que fala do recalcado (desordem) que não some, mas sobrevive “entrincheirado”, à espreita. A espera de eclodir, o faz na forma do “excesso” que, mesmo em seus aspectos mais obscuros, é estruturante de nossa natureza”, anota Maffesoli (2004). Nos confronta com antinomias como a morosidade do instituído pesado, e a alegria do instituinte. Mesclados ao assombro, viram “mutação”: nada permanece em seu ser, os seres padecem as dores do parto das mais prováveis alterações. Não há ser, tudo é mudança, ecos, revérberos, câmbios perpétuos. Tudo pode se transmutar em tudo” (Leminski,1994:19).

Contra a ordem mortífera do excesso de razão, há que explorar a fantasia, o “dispêndio, a perda, jogar e se divertir, amar, expor-se ao sol, aproveitar o tempo que passa, a aventura existencial, conceder “um lugar às forças do prazer” (Maffesoli,1985:36-7). O prazer assume intensidades e formas diferenciadas no coletivo, de modo a encontrar desvios no instituído criando metamorfoses. O que não significa realizar uma apologia à desordem, mas retirar dela o vitalismo necessário para preservar o dinamismo da vida e da criação.

A OFICINA NO HOSPITAL GERAL DE BAGÉ E SEUS METASESMORFOS



Mimi e sua filha, Mônica. Bagé, 2000.

“Lá na Oficina do Hospital a gente se reunia, brincava, cantava, a criatividade fluía normalmente, a gente não era obrigada a fazer nada. Se não fizesse, poderia ouvir no máximo “e aí, não quer fazer alguma coisa?” No momento em que vem a criação, no momento em que o impulso criativo aparece, a gente põe em prática, né?” (Mimi)⁵.

Uma série de fatores e processos contribuíram para que se criasse, no Hospital Geral de Bagé, RS⁶, a “Santa Casa de Caridade”, a primeira “Oficina de Criação Coletiva”⁷. Ela não nasceu no vácuo, mas foi possível graças às transformações na Saúde Mental nos últimos vinte anos e a inúmeras pessoas, congressos, debates, etc., em vários âmbitos, que demandaram ações complexas e conquistas, entre elas a passagem de internado à cidadão, a supressão das internações compulsórias dos doentes mentais, a ampliação dos direitos civis aos

⁵Mimi, apud Mirela Meira, 2001. Ela, Paulo Ricardo, Jorge Luiz, Jaime, participantes da Oficina de Bagé, têm sua história relatada em minha Dissertação de Mestrado (nota n.16).

⁶Na segunda metade dos anos oitenta, a cidade estava madura para mudar o modelo de atendimento. Em 1990, o VI Curso de Administração em Saúde Mental Coletiva sugeriu que o projeto de investigação fosse teorizado sobre uma prática. Pensou-se na criação de um espaço de atenção não restrito às pessoas doentes ou espaços formais, setoriais ou institucionais, que atendesse à “Reforma Sanitária”, possuísse caráter público, âmbito municipal e fosse viabilizado pelo SUS. Em Março de 1991, realizou-se na cidade o “Fórum Estadual de Saúde Mental” que discutiu alternativas de atenção, ampliação e socialização dos processos na SMC, o que levou à criação do “Fórum Regional de Saúde Mental”, em julho; em setembro, nasce a primeira “Oficina”. Sua equipe participa do Seminário Internacional de Saúde Mental Coletiva “Loucos pela Vida” (POA/RS), da Conferência Regional de Saúde (Bagé / RS), do “Encontro Nacional de Psicologia do Trabalho” (Gramado/RS), do III Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva” e “I Encontro de Saúde Coletiva” (POA/RS).

⁷É pertinente salientar seu diferencial em relação a outras do gênero, que acontecem em Hospitais Psiquiátricos ou clínicas privadas. Embora como tentativas possam ser excelentes, como por exemplo as de Nise da Silveira, no Rio de Janeiro, e outras tantas, elas são realizadas em situação de confinamento, internamento, onde não se questiona esta situação, e se deseja “objetivar forças autocurativas que se movam em direção à consciência”(Silveira,1992:16), por ela entendida como “realidade”, o contrário da Oficina, onde eles têm direito a permanecer na crise, se quiseres, e são devidamente cuidados para que possam fazê-lo. Além do mais, Nise seguiu o caminho, em suas palavras, “da terapêutica ocupacional” buscando “uma natureza científica onde firmar uma estrutura que permitisse a prática da terapêutica ocupacional como campo de pesquisa” (id.ib:17).

loucos, a reversão das práticas de atenção centradas no modelo médico-hegemônico a ético-estéticas.

A luta antimanicomial reiterara o direito ao exercício da desrazão fora do manicômio, onde poderia ser tratada e cuidada, e quando as crises acontecessem, estivesse garantida a escolha de “como” e “em que tempo” seriam tratadas; no epistemológico, pedagógico e educacional, a legitimidade da desordem acolhera como socialmente legítimos saberes “ignorantes”, “populares”, “incompreensíveis”. Entendia-se que a internação ocorresse em leitos disponíveis em qualquer área do Hospital, sem contenção, restrições à circulação, quartos fortes, segregação ou discriminação. Para garantir a construção coletiva, a equipe reunia-se com famílias, estagiários, trabalhadores do Hospital, internados e voluntários, como Mimi, uma participante entusiasta da Oficina do Hospital, que buscava em seus leitos, muitos internados que não conseguiam sequer falar, em função da medicação. A maioria de nós, “não técnicos”, quando vimos aqueles seres de olhar vago, sedados, em sofrimento, precisamos desconstruir o estereótipo assustador que possuíamos sobre a loucura: eles eram concretos, de carne e osso, que pediam qualquer afeto ou ajuda, e carregavam em seus corpos as marcas e a tristeza da exclusão, do preconceito, de uma pobreza geral e de afetos.

Estas experiências nos levaram a desconstruir nossos “manicômios mentais”⁸, pois a sociedade nos ensinara ser o louco perigoso, imprevisível, violento, e seu único lugar o Hospital Psiquiátrico⁹. A modernidade apregoara que as paixões, ironicamente de mesma raiz que “doença” (*pathos*), traduzia uma diferença de natureza entre a perfeição (Deus) e a imperfeição (o mundo). A “sã” razão atribuiu o papel de “louca da casa” à desrazão, confinando-a ao mundo subterrâneo da violência, onde o pensamento “serve” ao poder e o inútil não faz cultura (Maffesoli, 1995:90).

O imaginário e o sensível são transformados em “selvagens”, por produzirem uma categoria específica de desordem, interna e permanente, que necessita, portanto, de “ordem” para contê-la, aparelhos para mantê-la e instituições para

⁸Para Pelbart(1992), o que extrapola os prédios; inclui modos de pensar, normas, princípios; “conjunto de elementos que constituem a “instituição” e segregam o doente mental através de uma norma institucional que a sociedade humana adotou em determinado momento”(Oliveira, 1997). Com relação aos trabalhadores, seriam todos os modos de pensar obstrutores da articulação dos saberes científicos com os populares, considerando os últimos de igual valor e as distorções geradas pelo cientificismo, que obstaculizavam o pensamento integral.

⁹O modelo manicomial ancora-se na ordem e na Psiquiatria que, por circunstâncias históricas, apropriou-se do saber sobre a loucura, transformou-a em doença, deflagrou procedimentos, normas e regulamentos que originaram uma instituição cristalizada nos Hospitais Psiquiátricos.

perdurar-lhe. Uma “conversão sacrificial”, para enganar a violência, expiar a culpa e a insurgência de “marginais”, e coloca “fora”,¹⁰ em transgressores, loucos, índios, despossuídos, comunistas, ateus, burgueses, artistas, gays, terroristas, *hackers* etc., a face do terror. Tal “normalização” atenta contra o homem e sua liberdade e gera uma “sociedade louca” (Balandier,1999a:159) que para manter-se cria sistemas capilarizados em todas as esferas do social, submetendo tudo e todos à regularidade. Nenhum afastamento da norma, por menor que seja, é permitido, “em nome das melhores intenções do mundo, é claro”, ironiza Maffesoli (1997:58).

Rituais de ordem legitimam uma rede difusa de aparelhos reguladores de costumes, hábitos e práticas produtivas para explicar o social à razão da disciplina, instalando estratégias de assimilação, abafando ou tornando “semelhante” a alteridade. Uma “antropoêmica”, vomitar ou purificar os “estranhos” (Balandier,2001) encontra um lugar especial: o “manicômio”. A loucura é transformada em doença, o “estranho” que é preciso perseguir, extirpar, corrigir, enquadrar com “estratégias (...) tratamentos morais (...) padrões éticos” (Pessoti,1995:160). Médicos, hospitais, fármacos, diagnósticos, se encarregam disso, e não toda a sociedade. Seu processo de identificação desrespeita a alteridade, irreduzível a uma identidade fixa em diagnósticos, rótulos clínicos e referências patológicas, para tornar o outro como eu sou, e não “como eu não sou”. Um outro “que não pode ser eu, que eu não posso ser, que não pode ser (um outro) eu [que] exerce uma “uma outridade” diferente, sem relação alguma com a identidade ou a mesmidade” (Pardo,1996:154). Paulo Ricardo (2000), participante da Oficina, destrincha esse nó, ao afirmar não ser nem louco nem normal, mas “desnormal”...

As identidades “estáveis, o excesso de regulação, a simples gestão econômica das coisas, o princípio de realidade e previsibilidade, ao tornarem a vida cotidiana asséptica, preparam terreno à efervescência social”,

¹⁰Ora nos deuses, no sensível, na mulher (que detêm a fecundação), no escravo (animal “outro”) que se desdobram no feiticeiro, que comanda as forças do mundo dos homens, destrói doenças, dores, desordens, a morte. O “outro” adquire um poder “soberano” de ordem, legitimado pela tradição que o conserva, ao converter positivamente o que poderia degradá-lo. Todos são desordem, noite, agressores, anti-sociais, destruidores, coexistem com “outra” desordem capaz de fortalecer a conformidade, e as duas, com uma ordem ideal: a do clã, lugar de todos os acordos. O feiticeiro, para os cristãos, é mal, excesso da não-conformidade, conflito, recusa em aceitar restrições próprias ao lugar que cada um ocupa na sociedade. Escapa ao saber e aos poderes sociais estabelecidos, “mostra o desconhecido, o incompreensível, manifesta forças não domesticadas ao revelar a presença ativa de um acaso cego e uma desordem irreduzível” (Balandier,1999a:113-15). Uma forma “positiva” de desordem seriam as “inversões” no interior do sistema simbólico e ritual toleradas por permitirem a desrepressão, amenizarem tensões (esportes radicais, carnaval, espetáculos de massa, festas “rave”, transes techno, efervescências diversas, cfe. Maffesoli (2004).

desconsiderando que um sistema se esgota por desgaste, “sedimentação de pequenas coisas anódinas”, fraturas internas (Maffesoli, (2001(a):74).

Uma “crise¹¹” então se instala e revela figuras que aliam uma ordem cada vez mais complexa a uma desordem catastrófica, perversa, de auto - destruição, seja na forma da “pane”, do estilhaçamento da ordem ligada às classes, desregramentos ou reviravoltas nos sistemas de produção e serviços. Suas expressões remetem a “morfogêneses brutais (mutações), desconstruções (dispersão) (...) desregramentos (valores obscuros), quase-patologia (solidão), regressão (barbárie)”, diz Balandier (1999a:164).

Esclareçamos que existe uma desordem que pode ser nefasta e geradora de violência, como os Hospitais Psiquiátricos (Basaglia,1985), e outra, fecundar a ordem. Enquanto a primeira expurga a desordem, a segunda “negocia”, compõe com ela, seja através da criação, dramatização, simbólico, estético etc., fazendo surgir um terceiro, que não é o da revolta, negação ou cegueira, mas uma nova ordem, enriquecida. Essas novas ordenações permitem que ela surja mesmo na insituição mais dura, mesmo dentro do Hospital Psiquiátrico, enquanto uma “Instituição Inventada”. Garantem dissensos, contradições, alteridades, espaços para o jogo de “atração e repulsão” entre ordem-desordem, traduz no humano o vivido plural de um “jogo de possíveis” que permita “abraçar o movimento”, responsabilizar-se por seus riscos.

Muitos movimentos sociais em nosso século, nesse sentido, se fizeram sentir, como a Reforma Psiquiátrica¹², que preconizou não ser mais o manicômio o lugar da desordem, e sim a esfera pública. Também iniciativas com as que tornaram a Oficina, em 1992, “Serviço Municipal de Atenção Integral à Saúde Mental”, com caráter regional. Como na Oficina do Hospital, funcionam atividades de pintura,

¹¹Sua “consciência não cria a crise, mas a reforça” ao não dissociar a desordem da lógica do vivo. Prognósticos gerais são desmentidos pela realidade, grandes relatos, são afastados, o tempo é “possibilidade”, incerteza (Balandier,1999a:159). A modernidade só pode ser vislumbrada à distância, sob “um contorno antropológico” de ficções antecipadoras, reviravoltas histórico-culturais ou espirituais que ajudará “a não nos deixar estranhos diante de nosso futuro” (id.ib,69).

¹²Em nível Nacional, a Lei de Reforma Psiquiátrica recebeu e, 06.04.2001o nº. 10.216. Dispõe sobre a proteção e o direito das pessoas portadoras de transtornos mentais, redirecionando o modelo assistencial, propõe a extinção gradual dos leitos de internamento e incentiva a construção de novas alternativas de suporte aos usuários e famílias na reinserção social. Propõe a garantia do direito dos loucos ao voto, administração de seus negócios, opção voluntária de hospitalização, comunicação dentro e fora dos serviços, proteção contra a exploração, trabalho forçado e ocupação laboral compatível com a formação social e cultural. Arejano e Padilha (2005) apontam que no RS a Lei 9.716/92 da Reforma Psiquiátrica, foi a primeira de proteção aprovada no País. Um terço dos municípios passou a desenvolver a Atenção Integral à Saúde Mental: São Lourenço do Sul (Nossa Casa), Bagé (Oficina de Criação Coletiva), Alegrete (Cooperativa Corpo Santo), Rio Grande (Oficina das Subjetividades Mar-Amar), Lavras do Sul (Cooplouco) e outras.

desenho, montagens, produção de textos, confecção de pandorgas, papel artesanal e revestimento de objetos, artesanato com “lixo limpo”, atividades musicais, improvisações teatrais, brincadeiras, abraços, sessões de piadas, confecção de tapetes, artefatos em argila, cartões, além de reuniões.

Consultas médicas, atendimento psicológico, urgências, internação e assistência ao internado em Hospital Geral e domiciliar, assistência domiciliar, Internação Domiciliar Assistida¹³; de outro, o Núcleo de Assistência Psicossocial (NAPS), chamado de “Casa”, contíguo, onde moram dezesseis pessoas que cuidam umas das outras, assistidas pela Oficina; e as Oficinas de Criação¹⁴. Estas são “filhas” da “mãe” Oficina, que é a rede toda. São micro-oficinas de criação em conexão com atividades onde a comunidade¹⁵ participa constituindo outros modos, relações e poderes “inventados” para superar todo um aparato legal, técnico, pedagógico, político, administrativo, ético e estético legitimador da exclusão¹⁶. Ao romper-se, recriaram-se formas operativas mais solidárias, éticas, criativas e coletivas.

O Serviço realiza atividades que compreendem cuidado, assistência, encaminhamentos gerais, criação, ócio, participação social, informação, entendimento, estudo, reflexão, trabalho, lazer, exercício estético, artístico, vincular, discursivo, desenvolvimento de auto-estima e cuidado com a aparência, distribuição e controle de medicação e receitas, providências de aposentadorias, Benefícios, pensões, documentos, atividades culturais e de intercâmbio com a comunidade. E núcleos, de Registro de Pessoas, Grupo de Acolhida, Grupo de

¹³Modalidade inovadora criada na Oficina que consiste em internar a pessoa em sua casa, junto aos familiares, medicá-la e visitá-la regularmente, verificando suas condições.

¹⁴Subdivididas em Laborais (confecção de envelopes, bijuterias, embalagens para presentes, confecção de tapetes, cestaria em jornal), artísticas (pintura, desenho, recorte e colagem, argila, teatro, produção de textos, poesias, oficinas de sensibilização, oficina de serigrafia) estéticas (vinculares, de frequência e promoção de eventos, exposições de trabalhos, de arte), de convívio social e lazer (passeios, viagens, churrascos, comemoração de festas de aniversário, almoços coletivos, frequência a velórios de pessoas com as quais conviveram) políticas e culturais (participação e organização de eventos públicos, coletas de assinaturas, programas de rádio, jornal, TV, Conferências, Seminários, Palestras, frequência a teatro e cinema) e de produção teórica (textos, folhetos).

¹⁵Através dos grupos de Acolhida, Convivência, Renascer e Avaliação, refletindo sobre os saberes, práticas e propostas de assistência, loucura, crises, a doença e suas causas, processos de exclusão e impedimento de acesso ao mundo dos normais.

¹⁶Discute-se tudo: a organização da Oficina (refeição; o que se come; quando; a utilização dos espaços), as atividades (passeios), o controle da própria medicação (necessidade de aumento, diminuição), as ações necessárias à contenção das crises, as internações, as experiências, as dificuldades de vida, a organização da Oficina, a participação (na vida social, eventos de Saúde Mental, entrevistas, exposição dos trabalhos) as negociações para a venda dos trabalhos, as relações com a comunidades e dificuldades das famílias em lidar com a doença; trocam-se ainda informações técnicas, como propostas de assistência, políticas de Saúde e Saúde Mental. As reuniões sempre contam com atividades de sensibilização, contemplando necessidades estéticas.

Convivência, Grupo Renascer, Oficinas de Alfabetização, Grupos de Estudo, Informação e Reflexão, Estágios, Assistência Domiciliar e Moradia Assistida, Internação Domiciliar Assistida, Atendimento em Via Pública, Assembléias de Avaliação, Cooperativas.

As atividades são desenvolvidas coletivamente, pensadas, programadas e organizadas através de reuniões sistemáticas, antes restritas aos profissionais e usuários. A partir da Oficina da Santa Casa, foram estendidas às famílias e à comunidade, que participam nos grupos refletindo sobre os saberes, práticas e propostas de assistência, a loucura, as crises, a doença e suas causas, os processos de exclusão e impedimento de acesso ao mundo dos normais.

Uma das rupturas, de fecundação da ordem pela desordem, foi a participação dos até então "pacientes", de forma rotineira, como "participantes", "cidadãos" interessados na mudança social, em eventos até então consagrados aos "técnicos". Outra, a percepção do quanto as pessoas podem ensinar umas às outras, o que gerou novas relações. Quantas vezes fui "terapeutizada" por Paulo Ricardo (ao lado, 1999), participante da Oficina, que me apontou inúmeras soluções criativas para meus problemas, que pareciam não ter fim? Outra transformação foi a do mito da periculosidade da loucura¹⁷, e a invenção de novas formas de relação com a desrazão, liberando



uma loucura "saudável, que não atrapalha ninguém", diz Jorge, outro freqüentador. O rompimento da organização rotineira de um serviço convencional e a conseqüente criação de uma estrutura mais complexa, com lógicas de

¹⁷Com a travessia moderna ao progresso das Luzes, conservou-se a idéia de que o "homem é um ser de razão" (Foucault, 1991), sendo preferível um psicanalista a um feiticeiro. Se falência do controle voluntário (racional) sobre as paixões "ela começa com a espécie humana", e sua história é a das culturas que a excluíram através de um discurso médico sobre o corpo, e da produção da identidade: "doente mental". Inscreve-se num universo moral: é "descaminho, defeito", impossibilita a experiência familiar à Renascença de uma "razão irrazoável, de um razoável desatino" (Foucault, 1991:47-8). Resta-lhe pressagiar o macabro, encarnar o final dos tempos, ser celebrado na Literatura, artes e ritos populares como obscuro mistério, enigma inumano, monstruoso, estranho. Tanto a loucura inofensiva dos artistas, quanto a perigosa foi afastada para excluída de todo contemplar o projeto pedagógico do Iluminismo. No século XIX, o homem moderno é uma entidade observável, comprovável, descritível, estruturas de pensamento, mecanismos perceptivos, atos, fatos, redes de associações, hábitos. A loucura foi normatizada como distúrbio profundo na capacidade de perceber o mundo em termos normais, pensar e responder de maneira cultural e socialmente aceitável.

operação mais criativas admitiram o aleatório, o inusitado. Proporcionaram o direito à desrazão, produto de negociação entre ordem-desordem, e pôde-se devolver o direito de cidadania pública ao “invisível, indizível e impensável”, evidenciado na maioria das vezes através do estético e do artístico. Quem imaginaria um louco falando no programa de rádio de maior audiência na cidade, por ocasião da comemoração do 18 de maio, dia da luta anti - manicomial? Pois é. Aconteceu.

De qualquer sorte, as Oficinas constituíram um *modus operandi* coletivo de atuar, valorizando a pessoa em seu sofrimento inelutável, inadiável, inegável, real, permitindo-lhe entrar em contato com sua crise, conviver com ela. Superá-la, se necessário e desejável, onde criar, agora sim, relacionava-se, antes, à possibilidade de manter-se vivo, saudável, feliz, em sua humanidade. Saudável mesmo em crise ou mentalmente doente, se a crise fosse possibilidade de contato com o ser sensível de cada um. A desrazão ou o Sagrado eram admitidos em jogos de possíveis na produção artístico-estética, na *poiésis*, no cuidado da vida em seus movimentos.

Sua grande instância pedagógica foi a de criar lugares de cuidado, o que demandou que as pessoas se conhecessem, aceitassem suas diferenças, detectassem e entendessem os fatores de seus sofrimentos, encarando-os de frente, resolvendo-os, removendo-os ou amenizando-se os motivos, construindo uma existência mais feliz, através do cuidado dispensado de uns aos outros.

Para Jaime, mais um dos participantes da Oficina, ter vivenciado e entendido seu sofrimento psíquico permitiu-lhe sair dele e se solidarizar com o outro. Ele visita pessoas e famílias em casa, prestando assistência e cuidado aos que estejam em crise ou que não podem ainda sair dela. Relata que num senhor que “nem tem nada nos nervos, mas é muito velho”, dá banho e de comer, faz sistematicamente um rancho, faxina a casa, compra roupas ou remédios, “sentindo-se útil, o que faz com que eu nem tenha mais tempo de ter crises”. Responsabilizar-se com o outro é que é o normal, diz ele: “os normais totalmente não maltratam os animais, não discriminam as pessoas, tratam todos iguais, recebem todas as pessoas independentemente de cor, classe social, religião com o mesmo carinho e atenção”. O respeito às especificidades das pessoas passa pelo respeito à condição de humano, que pode entender o que se passa mas, também, transformar seu entorno, tratando bem: “Quando alguém chega em crise, eu sento e converso. Ajuda. As pessoas acham que louco tem que tratar como animal, que

conversar não adianta, adianta, sim, falta educação e respeito pelas famílias pra que elas fiquem bem. Por isto conversamos também com as famílias”.

A fala de Jaime desvela que o operar da Oficina é plástico, torna possível que no “caos” se instale uma nova ordem, quântica, criativa, inventada, que une micro e macro, ancestral e atual, “concreto” e virtual, imanente e transcendente, através do cuidado. O que eu faço repercute no outro e faz eco em mim recursivamente. Realiza um trabalho criador que considera os efeitos do eco, da reverberação, do material corpóreo, da relação com outros corpos: “Em que língua falar com um eco? Uma língua língua lembra lembra uma uma lenda lenda” ... (Leminski,1994:21).

Opera, na verdade, no campo “estético”¹⁸, uma “constelação de ações e sentimentos” que favorece a “correspondência das pessoas entre si, destas com as coisas e símbolos”, reporta à “potência de sentir, à criação em seu estado nascente” (Guattari:1996:21). Uma ética de singularidades rompe consensos, subjetividades dominantes, dogmatismos e, se dirige ao sem-sentido, às contradições insolúveis, ao “curto-circuito entre a complexidade e o caos” (Id. lb.:132).

A “produção de vida” através da criação coletiva, nas Oficinas, gerou movimentos in-úteis e conformou uma ética e uma estética centradas mais na emoção coletiva do que em um projeto racional, caracterizando um processo “difratado no conjunto da existência” que favoreceu um “sensualismo cotidiano” onde detalhes e fragmentos compuseram uma “estética da vida (cum-sensualis)” (Maffesoli,1996:13). Este caráter existencial proporcionou um partilhar de responsabilidades com um mundo mais feliz, afetivo, de vínculos em torno da “emoção coletiva em relação a um signo”. Que acabaram por permitir a elaboração de um “ethos” onde o que se experimentou junto foi primordial; fez com que a estética, “faculdade de sentir em comum”, assumisse uma função “ética” (Maffesoli, 1996:18-25).

Os modos de subjetivação permitiram que “pacientes” se metamorfoseassem em “participantes”, fossem “nomeados”, para Mimi¹⁹: “a convivência com o pessoal me fez querê-los bem, sabia o nome de todos os meus... Não vou chamar de colegas, sim de amigos, fui sabendo o nome de todos os meus amigos”. Tais identificações permitiram que “cada pessoa, revestida desta ou

¹⁸ Considerações retomadas de minha dissertação de mestrado, cuja defesa recebeu menção da Banca para passagem direta para o doutorado a fim de continuar as reflexões.

¹⁹ Apud Meira, 2001.

daquela máscara” exprimisse “uma parte, prazerosa de si próprio”. Concederam multiplicidade à micro-agregação que exprimiu facetas de um “caleidoscópio pessoal”, de personalidades globais, coletivas, ligou uns e outros à felicidade de ser plenamente si próprio, entre iguais, aceito por uma “semelhança de família” (Maffesoli,1996:320-25). Para Mimi, foi um “estar-junto antropológico”, uma solidariedade orgânica, um “nós” comunitário de cuidados:

“A hora do almoço na Oficina ficou na minha memória. Almoçávamos todos juntos, ríamos, ajudávamos a levar os pratos para a cozinha, fazíamos café... A impressão era que tínhamos uma família, um sentimento de bem estar impelia as pessoas a ficar juntas por mais tempo, fortalecia”.

Essa “ambiência afetual” impulsionava o estreitamento de laços esteticamente cimentados e alimentados pelo vivido a partir de um “ser-no-outro”, onde o conviver era a própria descoberta de si: só se fazia sentido nele. A emoção estética não era psicológica, mas da alma, “quase mística”, interpreta:

“A mesa era de uma família grande, éramos uns vinte e poucos. Ali, depois do almoço nos sentávamos todos juntos e conversávamos, líamos, ríamos. Isto foi me dando a segurança que sinto hoje. Na Oficina encontrei igualdade, solidariedade, pintando, a Mirela tocando violão, nas reuniões cada um perguntava, resolvia os assuntos da semana, os projetos.São lembranças que eu tenho e penso nelas com muito carinho...”.

O ético e o estético auxiliaram a desvendar universos na emergência de uma razão louca e estética de um projeto político de transformação que incluiu em sua fala criação, liberdade, fraternidade e respeito ao outro em sua circunstância singular como fundamentais à transformação de manicômios. Observada na fala de Jorge Luiz que gostava de explicar o significado das coisas:

“Não tenho palavras pra dizer o que penso da Oficina, mas vou tentar. A Oficina foi pra mim uma maravilha. Sinto-me otimamente. Tem muitos que o povo chama de loucos que são muito mais amigos do que muitos que se consideram certos aí fora. É como disse a Rita Lee, né, “mais louco é quem me diz e não é feliz”...!”.

Como marco²⁰ na Saúde Mental Coletiva, a Oficina ampliou a interlocução e potencializou o poder que se tinha, valorizou saberes capazes de recriar, nas instâncias de participação, o cuidado do outro. Descentrada da adaptação e

²⁰Bagé foi referência em Saúde Mental Coletiva, além de inúmeros serviços criados a partir da experiência, como Alegrete, Dom Pedrito, Lavras do Sul, Santo Augusto, Nova Prata e outros.

resgate dos portadores de transtornos psíquicos, contribuiu para uma “consciência sanitária” em busca da melhoria das condições de saúde, o que equivale a dizer, de vida. Demonstrou que a assistência integral em espaços sociais, sejam quais forem, dispensa o hospício; que favorecer a alteridade promove a participação social; que estimular os loucos a estarem em eventos, festas, mídia, passeios, compras, idas ao Banco, visitas, a andar pelas ruas da cidade, provoca hibridização, favorece o sincretismo cultural. Desmistifica a conotação negativa da loucura, questiona a segregação, desloca a identidade de “louco” para a de “cidadão”. Sua dinâmica ainda hoje fascina e mete medo por ter sido “inventada” e por ter assegurado um lugar para a desordem, construiu uma nova ética, revalorizadora do senso-comum, do sensível, da arte e da criação como condições e possibilidades de vida e conhecimento, sintetizados na experiência de “cuidado”. Neste, inúmeras vezes, como terapêutica, a técnica era inventada para auxiliar as pessoas em seu dia-a-dia. Que geralmente, precisavam de coisas bem elementares, como conversar, apoio, abraço, banho, café, ou apenas acolhimento. Em face disso, poucas vezes cabia ao médico atender, tarefa desempenhada por quem tivesse condições de receber, como Jaime. Sua tarefa era ético-estética, pois sua sensibilidade determinava a escuta.

“Não é só o doutor que tem que tratar deles”, enfatizava Jaime, participante. “Não é só porque tenho “problemas nos nervos que eu vou chegar diretamente a um psiquiatra e já vou querer tomar calmante, não é bem assim”. Um “tratamento que temos aqui”, diz, é que, “se precisa fazer alguma coisa com eles, conversar alguma coisa com eles, se eles estão com problemas de nervos, a gente vai pra uma sala e conversa com eles”. Em seu “método”, quando alguém chega em crise, para ele identificada com “se tornando agressivos”, procura primeiro conversar, entender os motivos do sofrimento, e só depois encaminhar ao médico, “se for o caso”, salienta, “mas sem dar remédio direto”. Acredita que “uma conversa às vezes resolve” porque “é um problema mais psicológico do que psiquiátrico”, ou seja, mais de “esclarecimento sobre a crise”, mais de “como, quando, porquê ela acontece e os modos de superá-la” do que propriamente de doença ou medicação, como seria feito no manicômio.

Jaime nos permitiu entender que o encontro com a desrazão na forma de cuidar pode ser estendido a todas as pessoas. Aquela não é privilégio da loucura, mas “tem sido monopólio quase que exclusivo dos próprios loucos”

(Pelbart,1992:133). Possibilitar esse encontro foi tarefa das Oficinas, na integralidade do ser, nas ações sensíveis além de formas ou objetos, mas nos modos de viver, relacionar-se, amar, trabalhar. O trabalho é criador, a criação é o trabalho em si, e transmuta condutas, valores, materialidades, reflexão. É saúde.

Como o poema "Vida", de Jorge Luiz, já mencionado (1996), lembra:

"A vida é como um pássaro
Carregado de diversos sentimentos
Que voa e sobrevoa a imaginação de diversos seres...
A imaginação, criação de todas as coisas
Em busca da paz, do amor,
de diversas experiências,
Na tentativa de sempre progredir,
Para que possamos viver
Realmente e ter um mundo
inteiramente melhor".

Os "milagres" de nosso próprio resgate, dos loucos, o fortalecimento de encarar as crises, a dissolução de carapaças racionais, a recriação de fazeres em bases mais sensíveis, a participação social mostraram que inventar dava certo²¹. Construiu um caos "ordenado", uma nova ordem de participação, onde o fazer criador permitiu a consciência e a auto-percepção para além dos horizontes moralizantes e medicalizantes. Acrescentou novas realidades e conexões. Cada vez que um participante passava por esse processo, entendendo e estendendo seus referenciais e seu agir, era agente de mutação, "estava" e "era", o que repercutiria, idelevelmente, na ação e na metamorfose do outro, dentro ou fora das instituições. Mimi o expressa de forma metafórica, nas "Flores de Bagé", escrito durante sua estada na Oficina:

"Conheço cada jardim da cidade.
Seus pássaros, suas fontes, suas árvores, suas flores.
Minhas saudações à:

²¹Exposições de trabalhos na Casa de Cultura, 17ª Semana Crioula Internacional, Cursos de Administração em Saúde Mental Coletiva (Rio Grande e Ijuí/RS), de Políticas Sociais e de Saúde (Alegrete/RS), no São Pedro Cidadão e Semana Louca Vida (Porto Alegre/RS); Oficinas no Seminário de Cultura (Candiota/RS), I Encontro Nacional da Luta Anti-Manicomial (Salvador/Bahia), Encontro Nacional de Cursos de Especialização e Pós-Graduação (SP,1993). No II Encontro da Luta Anti-Manicomial (Belo Horizonte/MG,1995) lotaram um ônibus, participando ativamente neste e nos próximos, em Porto Alegre/RS (1997) e Maceió/AL (1998). Idem no Foro Concórdia de Salud Mental (Concordia,/Argentina), Foro Uruguayo de Salud Mental (Mello/Uruguay) e I Foro de Salud Mental (Assunción/Paraguay), além dos Cursos de Administração em Saúde Mental em Rio Grande, Alegrete e Melo. "ilustres" a visitaram, como pessoas do Núcleo de Atenção Psicossocial (Santos, SP), do consultor espanhol da Organização Mundial da Saúde junto à Organização Panamericana de Saúde, Manuel Desviat e outros.

-Bouganvílea, Bela Emilia e Trepadeira Azul da Mèlanie Granier nº 370,
 Alamanda da Mèlanie Granier nº 398.
 Às Flores de Maçã do posto de puericultura,
 Às Strelizzia e amores-perfeitos do Colégio Espírito Santo
 Às Azaléias, Camélias, Ipê Amarelo e Bouganvílea da Praça Silveira Martins,
 Às Grinaldas de Noivas da Praça da Matriz (dizem que as noivas que casaram na Catedral
 vêm botar suas grinaldas, que florescem, brancas, em Setembro, na Praça da Matriz.)
 Às Jardineiras do Colégio 15 de Novembro.
 Às Sombrinhas Espanholas e Brincos de Princesa da Barão do Triunfo 627.
 Ao Ficus da Osório, 1355, às cascatas de flores amarelas, Hibiscus
 e flores de pessegueiro e pássaros da Gomes Carneiro 1198.
 Ao Gerânio cor-de-rosa da Fabrício Pillar nº 1270, Às Palmeiras da Mal. Floriano,
 À roseira vermelha da Gomes Carneiro 927, ao manacá da Barão do triunfo 968
 Às bananeiras da Barão 595, ao Pinheirinho da Barão 595, ao roseiral amarelo
 E ao pé de camélia do General Sampaio, ao lindo jardim d Barão do triunfo 1147
 À gruta de Nossa Senhora de Lourdes
 À mini-palmeira e à folhagem verde e à árvore da felicidade da Barão do Triunfo 1530
 Às hortênsias azuis e aos Jardins da Granja Clara Maria, aos canteiros centrais da Av.
 General Sampaio entre a Caetano Gonçalves e a Marcílio Dias.
 Aos cálices brancos e lilazes dos novos canteiros da Avenida Sete,
 às duas palmeiras que protegem e vigiam a Catedral de Bagé-
 são o meu coração".

Só quem se deixa afetar profundamente pelo mundo e seus seres faz um inventário dessa natureza. Se sua autora, um "lixo social", um "traste envermeado" não fosse encorajada a perceber-se e que não era "negativo" exprimir sua sensibilidade, talvez nunca soubesse que poderia fazê-lo. Mas soube.

Livres da culpa, nós oficinairos pudemos celebrar com Dioniso, como veremos a seguir, a pluralidade do pensamento, as rupturas da paixão, o delírio e a intensidade: éramos "os loucos da Oficina", não mais a face da violência, mas a razão dionisiaca, tensa, intensa e extensa, parte do mundo de sensações contraditórias, da intuição, do impulso, dos ritmos frenéticos "acima do bem e do mal". Nosso tempo era o do vivido, do ruidoso, do repetitivo. Politeísta, fundamentalmente incoerente, circular, cósmico, de "eterno retorno", de afrontamento do "destino". A figura de cada um de nós trazia uma animação contaminadora, uma força selvagem e espiritual que pairava entre o ser e o não-ser, de regeneração... Pura metamorfose.

Concomitantemente, inúmeras Oficinas-evento aconteceram em vários espaços, como possibilidades de promoção, resgate, desenvolvimento e garantia da saúde de pessoas e grupos. A "integralidade" contemplava dimensões vinculares, pedagógicas, sensíveis, políticas, artísticas e de criação, que todavia, necessitavam de referências que as pensassem de forma transdisciplinar. O próximo

passo foi a criação de espaços de capacitação e consolidação do processo, a seguir referenciados.

A OFICINA NOS CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE MENTAL COLETIVA

“Há momentos em que a vida não possui mais a regularidade e a racionalidade de um programa político, e, nesses momentos, o sonho e a realidade fazem parte de uma coisa só, o fantasma torna-se uma criação do espírito coletivo e cria, por sua vez, esse espírito materializado que constitui qualquer ato criativo. Essa criação não possui a solidez nem a consistência que lhe queria dar o *homo faber* da modernidade, porém ela lembra que, sempre e novamente, é do caos ilimitado que surgem as novas formas” (Maffesoli, 2003:181).

A consolidação dos processos de capacitação culminou com o II Curso de Especialização em Saúde Mental Coletiva, em 1992/1993, quando iniciou-se o III Curso até 1994²². Marcos de referência na produção de conhecimentos na área da Saúde Mental Coletiva do Estado, no país e fora dele²³, os quais reuniram, em seu corpo docente²⁴, profissionais e pesquisadores gaúchos, brasileiros e estrangeiros para investigar, capacitar e produzir conhecimentos na área. Sustentavam que a Saúde e a Educação são processos pedagógicos coletivos e integrais que reúnem afetivo, cognitivo, comunicacional, político, ético e estético. Portanto, almejavam “recriar” pessoas de forma integral, acrescentando Oficinas de Criação no currículo regular, valorizando expressões poéticas, artísticas e estéticas.

Embora a II Conferência Nacional de Saúde Mental já alertara para a desinstitucionalização²⁵ e criação de outras formas de atenção²⁶, haveria que

²²Implementação da Universidade da Região da Campanha, URCAMP, Bagé, RS, Organização Panamericana e Mundial de Saúde (OPAS e OMS), Coordenação de Saúde Mental do Ministério da Saúde da Divisão Nacional de Saúde Mental (DINSAM), Brasília, DF, e Prefeituras locais.

²³O primeiro realizou-se de junho de 1991 a maio de 1992, em Santa Maria/RS.

²⁴Menção a Ruben Ferro e Silvina Malvarez (*Universidad Nacional de Córdoba*, Córdoba Argentina), Vicente Galli e Mario Testa, investigadores (Buenos Aires/Ar), Juan Guevara (*Facultad de Psicología de La Havana*, Cuba), e Teresa Ragno (pesquisadora, Bari, Itália), além de Delvo Oliveira, Pesquisador (Centro de Estudos Sociais Contemporâneos, CESCOS - Bagé/RS, Brasil) e Sandra Fagundes (Secretária de Saúde de Porto Alegre, RS, Brasil).

²⁵Desmonte da solução institucional do manicômio, eliminando-se a contenção para reconstruir relações, possibilidades, potencializar vida, sentido, criação. Consideram-se os “modos de pensar, criar, expressar, produzir, amar, lutar” (Fagundes, 1993:53), aceitação das diferenças, valorização do pertencer, convivência, cooperação. Podem-se usar os mesmos espaços, recursos e pessoas para decompor os sistemas de ação, espaços, palavras negados pelo internamento. Elimina-se a contenção para reconstruir relações, possibilidades, potencializar vida, sentido, criação.

²⁶Integradoras dos níveis cognitivo, expressivo e prático. Problemadoras da realidade local, promotoras da descentralização, Educação Continuada, de saberes/poderes políticos, administrativos e técnicos, de conhecimento científico/populares; qualificação extensiva aos serviços públicos e privados; estimulação de práticas de ensino, pesquisa e extensão, novas atitudes em relação à doença mental e pessoas com sofrimento psíquico. Promotoras de investigações epidemiológicas e sócio-antropológicas para possibilitar modelos que respeitem as realidades locais (Relatório da II Conferência Nacional de Saúde Mental, Brasília, DF, 1994).

descobrir como realizar a tão propalada “humanização”, e afinal que ações poderiam ajudar na libertação das estruturas meramente intelectuais, clínicas ou redutoras em direção a uma “razão sensível” (Maffesoli,2001a). “As equipes de saúde teriam que ser multiprofissionais, integrar profissionais de outros campos do conhecimento, como, por exemplo, trabalhadores das áreas artística, cultural e educacional [para desenvolver uma proposta] pedagógica dinâmica e permanentemente construída”.

A trajetória da Saúde Mental no país e no Estado deflagrara um novo olhar sobre a loucura, contribuindo para que a cidade fosse um centro irradiador de práticas diferenciadas de atenção e capacitação na área da Saúde Mental Coletiva. Concretizando processos inovadores privilegiados, permitiu que inúmeros municípios fundassem seus serviços²⁷ de atenção à Saúde Mental a partir de conhecimentos construídos nos cursos de capacitação e na experiência da Oficina de Criação Coletiva.

A formação tradicional na área da saúde não dava conta dos saberes exigidos pela nova assistência a partir da Reforma Psiquiátrica²⁸, que exigia a flexibilidade dos serviços, “instituintes”, contratos sociais terapêuticos sensíveis aos consensos estabelecidos em relação à cidadania. Os programas teriam que ser criativos, realizáveis, independentemente da formação, por quem pudesse cuidar do outro. O mesmo grupo que sente, pensa, planeja e faz, criaria espaços de expressão criativos, o que demandaria novas formas de cuidado, outras escutas, e a arte, no entrecruzamento de saberes populares, científicos, políticos, empíricos e intuitivos, para entender a complexidade da loucura, dos delírios, da reconstrução de histórias de vida, da complexidade dos vínculos.

Experiências com arte em vários lugares possuíam um diferencial em relação à Oficina, que colocou em prática o Paradigma da Integralidade²⁹, das dinâmicas

²⁷Na segunda metade dos anos noventa, dois terços dos municípios constituiu serviços em forma de Rede de Atenção (Centros de Convivência, Cooperativas de Trabalho, Oficinas de Criação e Expressão, Centros de Atenção, Leitos Psiquiátricos em Hospitais Gerais, Lares Transitórios, Pensões Públicas Protegidas, Hospitais-Dia). Mais de cem possuem características de Serviços de Atenção Integral à Saúde Mental; respeitam as especificidades locais instituindo-se de acordo com a cultura, as pessoas e os recursos técnicos e administrativos disponíveis.

²⁸A Reforma redefiniu que tipo de cidadão é o louco, um “cidadão de segunda categoria” (Legislação Psiquiátrica, 1934), “incapaz e perigoso” (Código Civil Brasileiro), cfe Delgado (1991). A nova lei garante direito ao voto, administração de negócios, opção voluntária de hospitalização, comunicação dentro e fora dos serviços, proteção contra a exploração, trabalho forçado e ocupação laboral compatível com a formação social e cultural.

²⁹Instituída a partir da Reforma Sanitária, na defesa de relações ético-estéticas, humanização, universalização, integralidade, participação, descentralização e reforma na assistência à saúde (Mirela Meira, 2001).

ordem/desordem em direção a novas reorganizações do processo de cuidar. Pensar era compatível com a saúde e não com a doença, praticar esse modo de pensar, re-criação, do que no discurso reivindicatório do movimento era denominada “instituição inventada”. A “integralidade” foi sendo caracterizada por dimensões sensíveis, pedagógicas, afetivas, vinculares, políticas, artísticas, de criação. O problema, é que não havia um referencial teórico que sustentasse este tipo de trabalho a nível “acadêmico”. A capacitação proposta era justamente para despertar o que contemplasse todos os assuntos humanos, não apenas a loucura.

Muitos esperavam que um curso dessa natureza tratasse de conhecimentos técnicos, não de saberes sensíveis, o que foi rebatido pelas concepções de que o pensamento integral é complexificado pela interconexão dos “pensamentos estratégico, estético e a subjetividade” (Fagundes;Oliveira,1993). A substituição da lógica manicomial, obstrutora da construção de sujeitos sociais, exigia rupturas paradigmáticas no setor. O curso teria que ir além e consolidar a integralidade, desconstruir manicômios mentais em direção à desordem/desrazão.

A criação coletiva remeteria à desordem, extrapolando convenções épocas, instituições, modelos, normas, na busca da expressão mais intensa, mais viva, de um revestimento vital e, portanto, sobrevivendo ao nihilismo, intelectual, sentimental ou procedimental, comumente presentes na formação da área da saúde. A favor da vida o novo precisava ser sustentado, no tratamento estético a problemas, relações, poderes, aprendizagens criativo-coletivas que implicavam numa ética para o outro. De recusa ou adesão, mesmo que “conflitual”, a “uma sociedade sem manicômios³⁰”.

O campo conceitual e teórico da Saúde Mental era impreciso, complexo, transdisciplinar, oriundo das Ciências Sociais, mas descentrado das atividades psiquiátricas para o entrecruzamento de saberes culturais. Podia ser estudável de diferentes perspectivas e campos da atividade humana e suas inter-relações. Incluía problemáticas conceituais e práticas da saúde mental, suas alterações e planificação de serviços e sistemas vinculados a tratamentos adequados e reabilitações possíveis. A concepção de “participante-integral”, buscava a democratização real da sociedade em modelos de “investigação em ação”, “planificação participativa”, confrontando marcos referenciais em saúde e, as

³⁰Bandeira de luta do Movimento Nacional da Luta Anti-manicomial.

práticas de cuidar, acolher, conter, proteger, fomentar. Mimi condensa os consensos em torno da saúde pretendida:

“É preciso estudar uma maneira das coisas bonitas da humanidade serem colocadas a serviço do povo para que ele tenha, inclusive, SAÚDE. Se assim fosse, as pessoas não adoeceriam tanto, porque uma das exigências para se gozar de boa SAÚDE é ter momentos de lazer, alegria, felicidade. Isto é o que nos conserva vivos, precisamos todos destes momentos” (Mimi,1999).

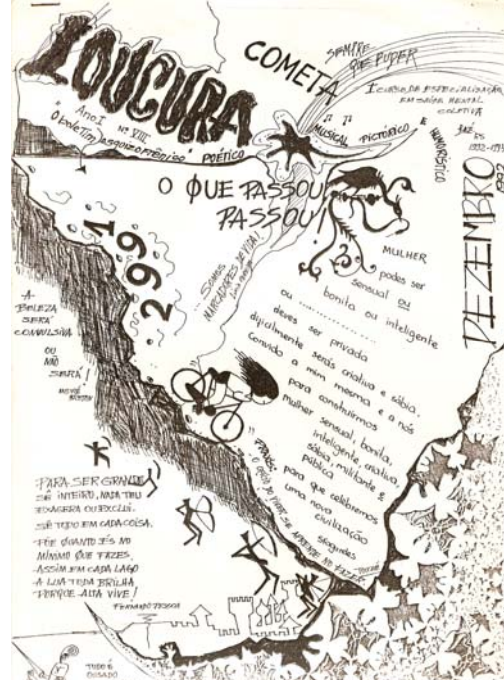
Os saberes deveriam ser recriados e questionados nas instâncias de participação, no cotidiano dos serviços às políticas de saúde, permitindo a incorporação de modalidades teórico-terapêuticas que reconhecessem a “participação”



como um fato de saúde mental, e permitisse à comunidade sair de um lugar “imaginário-real” de submissão, recriando o poder da solidariedade. A estética deslizaria, assim, para a vida, criando uma ética de convivência. A experiência estética ocuparia o foco das atividades e, para começar, trabalharia o desanestesiamento dos sentidos, a percepção e a descoberta do potencial criador de cada um, por despertar seus dragões adormecidos, o desejo de cuidar e cuidar-se. A ênfase, portanto, era na criação em relação à vida de cada um, à ressignificação e ao novo sentido para ações corriqueiras e de trabalho. Cada um podia ser aceito, mostrar-se como era e levar a seus serviços de origem uma nova lógica, uma nova epistemologia, uma nova ética e uma nova estética, uma nova possibilidade aos loucos a partir de si.

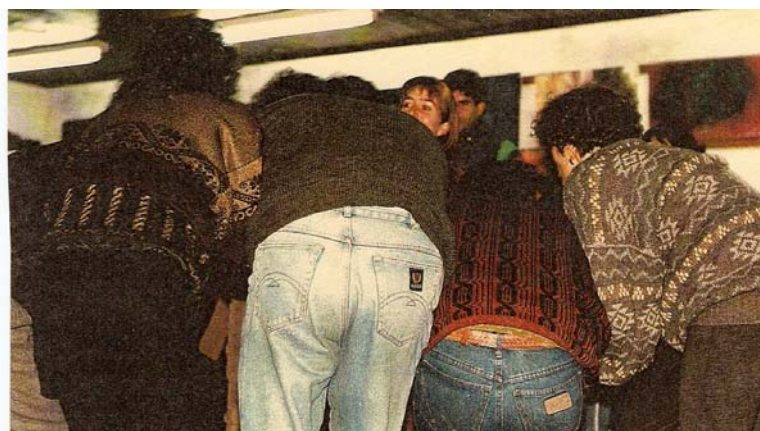
O simbólico, o dramático, as construções tridimensionais e a poesia ocuparam as ações propostas na forma de sensibilização, exploração e estruturação de acontecimentos, materializações, consciência de si, do outro, das crises. De seus fazeres, do que significa ser humano em convivência, cuidar e vincular-se, afetar e afetar-se. Um “vírus” desencadeara uma “febre de maravilhamento”: as pessoas não queriam mais parar de criar, sorriam pelos cantos, faziam poesia, desenhavam, perdiam o medo de ousar. A cada aula, uma poesia nova.

Os boletins esquizofrênicos, "Po-ético" e "Cometa Loucura" (ao lado) passaram a circular com as "novas" de cada módulo, gerando a vontade de, a cada vez, trazer algo de si, em forma de poesia. Passava de mão em mão e cada um criava, cabendo a um "arte-finalista" a impressão, em xérox, e a socialização.



A noção de arte como "terapia" ou possibilidade clínica e instrumental deslizou para o exercício de uma dimensão humana, um direito com finalidade em si mesma, acesso a outros campos para além da racionalidade corriqueira. Proporcionou representações sensíveis para hipóteses científicas, práticas, discursos, foi sedução, magia presentes em toda a construção humana.

Nas Oficinas, foi-se percebendo que algumas atividades, por exemplo, levavam a estados catárticos e alterados de consciência, a um transe coletivo, em algumas atividades com mitos e cartas de *Tarot*. Ao contrário do que geralmente ocorria no campo da Saúde Mental, através do estético buscávamos o em si da criação, a testagem dos *a priori* interpretativos, consagrando lugares para o novo, a surpresa, o maravilhamento, o risco, vividos nas vísceras, e não no discurso, como se observa na posição pouco usual das pessoas³¹ (foto).



Entre as questões que tivemos que "enfrentar", estava a da eterna dinâmica ordem-desordem, regrada pelo discurso, na figura do tão temido manicômio, inclusive, nossos próprios Manicômios Mentais, mordaças, ignorâncias. E a construção do "real" teve que se configurar em termos de nossos silêncios, nosso espanto, nossos gestos mais primais, nossas estruturas macrofísica e quântica (invisível), admitindo, portanto, a existência de realidades multidimensionais e multireferenciais. A "consciência simultânea", desses níveis de realidade,

³¹Oficina no Curso de Especialização em Saúde Mental Coletiva, Bagé,RS,1991.

provavelmente fosse “nossa condição de liberdade” (Atlan,1992:52). O que levou à descoberta do poético, o maior susto que todos levaram: a arte estava aberta a cada um, todos podiam criar...

Os rituais, os muitos rituais cotidianos, foram revividos na dramatização, nas artes “plásticas” e outras formas simbólicas. Revelaram muitas “situações-limite” resolvidas a nível ficcional. Para tanto, vivências presas à dialética tradicional, esquemas lógicos, excludentes das ciências duras, molduras do discurso verbal, explicações impessoais descomprometidas com a vivência corporal foram revertidas. Precisamos nos deixar afetar pela “tactilidade” de conotação erótica e passional, na revivência da “*libido sciendi*” (Maffesoli,2000b:108).

Da mesma forma que nas Oficinas realizadas em eventos extraordinários, fora do curso, foi preciso trans-figurar a desordem na vivência simbólica de arcaísmos³², arquétipos, símbolos, massas, cores, dramatizações, na arte. Colocar, por exemplo, um mundo às avessas, em situações revividas simbolicamente ajudava a descobrir as regularidades dos universos imobilizados. Ao observar-se em ação, o grupo percebia o que normalmente não é verbalizado, os interstícios das relações de poder, as tramas, as forças desconhecidas. Estas forças, ao se expressarem, se diluíam, espessavam, indo ao território da fantasia, dos sonhos, onde o impossível ultrapassara a impossibilidade de se dizer e de se representar, fazendo surgir figurações. Desmoronada a ordem fixa das coisas, um parêntese era colocado no interior do cotidiano, pela experiência estética. Os trastes se iluminavam e surpreendiam ao ver surgir, do nada, ou do inanimado, a vida, numa forma pulsante... Cujas tensões induziam a novos modos de ver, sentir, evocar... Entender que qualquer tentativa de controle corresponde a necessidades de compreender que “tudo está no fundo. O que é verdadeiro em cima é verdadeiro em baixo”, como diria Leminski (1994:37).

Muitas das atividades tiveram que acontecer através da catarse da arte³³, para fortalecer laços e mergulhar fundo em questões normalmente evitadas, para não criar conflitos violentos no grupo. Especialmente porque algumas pessoas estavam tão anestesiadas, que seria preciso apelar para situações de impacto, como gritar, pular, saltar, uivar, dar gritos primais, sujar as mãos e o corpo de tinta, pintar o rosto, abraçar-se a quem nunca se viu, etc.

³²Em seu sentido etimológico, o fundamental, primeiro.

³³Oficina na Jornada Psiquiátrica, Passo Fundo, RS,1995, para comunidade e profissionais de saúde.

Foi duro entender que aquilo não era “ridículo”, foi preciso explicitar-se que o poético opera também no *non-sense*, no sem-sentido, no paradoxal. Isso foi resolvido encaminhando eventos no simbólico, na leveza, no humor, na dramatização, amenizando sofrimentos ou negações. A gestão da catarse pelo poético permitia, mais do que o desanestesiamento, o retorno do reprimido, da dissidência, dos conflitos, do mal-estar, do desassossego, algo que a criação elabora e transfigura.

Muitos dos depoimentos da época referiam-se ao quanto trabalhar juntos impelia à formação de uma “comunidade de destino”, criava laços fortes, a sensação de vivenciar o que “os comuns dos mortais” não estavam podendo. Viam confrontadas suas heterogeneidades em diversas formas, suas ambigüidades, paixões, os pactos que teriam que realizar, as alianças, as cumplicidades, a detecção de quem eram os “inimigos” de fato. Ou aliados.

Por este motivo, foi preciso trabalhar a consciência das limitações. Depois da criação, sínteses sobre sínteses anteriores, precisavam ser absorvidas, integradas, condensadas, complexificadas ou simplificadas. Tais sínteses caracterizam modos particulares de sentir-saber-ser de cada um no mundo, o “ser-em”, da “pre-sença que possui a constituição essencial de um ser-no-mundo” (Heidegger,2002,I:92).

Os participantes, marcados indelevelmente, passaram a valorizar a dimensão estético-poética de forma diferente em suas vidas, além dos serviços. Independentemente de suas formações, de psicólogos a médicos, assistentes sociais, odontólogos, professores, enfermeiros, todos incluíram a arte em suas vidas, não de forma instrumental, mas essencial e a maioria migrou a outros espaços para dar continuidade às experiências, quando não, levando-as aos Serviços. Agora sim, poderiam assumir o caráter de “instituição inventada”. A convivência com a desordem implicou numa nova relação “entre os devires e o social, o humano e o inumano, a percepção e o invisível, o desejo, o pensar e o “não-sentido” em suas vidas (Pelbart,1992).

O “paradigma ético-estético”, afinal foi um direito à desrazão, de poder pensar loucamente, levar “o delírio à praça pública”, fazer do acaso “um campo de invenção efetiva”, liberando a subjetividade das amarras da verdade, devolvendo o direito de “cidadania pública” ao invisível, indizível e impensável (id,ib). Poetizar o extra-poético, acreditar no potencial criador da existência, privilegiar procedimentos mentais e factuais que outros campos do saber deixaram

de lado ou fragmentaram compuseram experiências pedagógicas que extrapolaram o dramático entrando no trágico teatralizado, saindo para a comunidade. Imagens e sons compuseram um evento apresentado para as famílias dos alunos e para a comunidade, ao final do primeiro curso (1992), incluindo os lavadores de carro que freqüentavam a Oficina do Hospital, as pessoas da Oficina, médicos, enfermeiras, famílias (foto).

A maior crítica dos participantes foi o pouco tempo para as práticas e o risco da superficialidade ou desencadeamento de processos sem sustentá-los. Muitos não puderam ser devidamente "cuidados", declinando em mera "sensibilização". Perigosa se instrumental ao preparar terreno para a estratificação da razão realizar seu trabalho com mais força. Tal avaliação permitiu que dez anos depois, em outros contextos, disciplinas semelhantes fossem recriadas num operar mais complexo, desafio adiante relatado.





ME TAMORFOSES DA DESORDEM

A Oficina em eventos: Uma Pedagogia Orgiástica

“Épocas efervescentes necessitam de impertinências confirmatórias”

Maffesoli (2000(b):11)

Dioniso¹, metáfora para a realização da Oficina em eventos², edifica a topografia da incerteza, do invisível, da desordem, da efervescência. Expõe um saber que percebe a excitação social, anseia pela fusão com o outro, pelo transe, por preencher o vazio total que precede os começos. Imersos nele, alcança-se um “si” mais global que proporciona a correspondência entre os seres. Esgota-se no próprio ato, o que assegura “a permanência do todo” (Maffesoli,1985:19), através da criação, “causa e efeito de uma mais-valia vital” que favorece sua manutenção, mais fecunda do que “a estreita e imperiosa imposição da produção” (id.,ib.,42).

.....¹Dioniso liga a ordem da racionalidade com a desordem que dela transborda. É o paroxismo da tensão trágica, o perturbador, divino transgressor. Aparece nos mais inesperados momentos, nos grandes abalos provocados pelo excesso de apatia, anestesia, autoritarismo humano e divino, catástrofes naturais (Balandier (1997(a):139). Como a loucura, não conhece fronteiras; seu movimento imperceptível se disfarça em rostos que se escondem uns dos outros. Humano e divino, escolhe “a errância”. De sua potência (*dynamis*), tira a capacidade de multiplicar suas formas e transgredir limites do mundo dos vivos e dos mortos, embaralha classificações, derruba pontes.À sua figura associa-se o “falo”, potência de criação que lhe permite renascer eternamente de si mesmo, afirmando um querer viver que triunfa sobre a morte, traz em si a fecundidade absoluta.

²Oficinas realizadas em eventos diversos, como simpósios estaduais, nacionais e Internacionais, Conferências municipais, estaduais e Nacionais de Saúde e Saúde Mental, Seminários, Encontros no país e fora dele.

Dioniso nos foi legado imagetivamente pela tradição clássica grega como figuração exemplar da metamorfose desregrada, conciliadora de movimentos interrogados pelo mito e pela razão. Realiza a passagem para a metamorfose quando acata e agrega o racional de Apolo³ e Prometeu⁴ e se transmuta em agente da criatividade social. Sua importância pedagógica reside no fato de que as tradições de saber ocidentais libertárias ou insurgentes reiteram que esses personagens foram engendrados para dar conta do “excesso”. Porque os humanos precisam aprender a “suportá-lo”, em sua educação, política, estética, atividades amorosas e sapienciais, porque não podem abrir mão de sua condição paradoxal, da contingência de ter um corpo e interagir com outros.

Na modernidade, ordens pedagógicas foram pensadas a partir da razão para administrar a desordem, dar conta do “mito de pureza” e do expurgo da desordem, ou seu endereçamento a lugares periféricos, marginais que possibilitassem controlar suas forças de dispersão: escolas para “educar”, presídios para “reabilitar”, manicômios para “ressocializar e hospitais para “curar”; programas totalitários e homogeneizadores demarcam “os fora de lugar”, tornam o estranho patológico e sua simples presença no mapa cognitivo, moral ou estético do mundo “turva o transparente: impede a satisfação de ser totalmente satisfatória” (Bauman,1998:27).

Viveu-se um medo inconsciente da pestilência, da desordem, dos “de fora”. Os que fingem segurança “com matemática, psicanálise, política ou espada, temem a ira divina, o precipício, a emoção; padecem do desconhecimento de que uma “conversação amável” entre Deus e o diabo pode “arrumar o mundo, e que “ordem e caos se vinculam como amigos”, lutam num drama, de certo modo, sagrado, lembra Kusch (1975).

É na Bíblia, a primeira “cartilha”, impôs o abandono da emoção, símbolos e ritos “refratários à novidade” a “permanência, a ordem, o iconoclasmo, como processo de verdade (Balandier,1997(a):93). A expulsão do imaginário através de rituais repetitivos, abstratos e gerais (Maffesoli,2005), leva um Adão e sua Eva, do fruto, pasmos, a descobrirem a maldição dos transgressores: sujeira, culpa, angústia, morte, exclusão.

³O “outro” de Dioniso, o da luz da razão, cujo lema é: “nada em excesso”.

⁴“Previdente” em grego. Nas cartas de *Tarot*, é o Arcano Maior do “Enforcado”. Por roubar o fogo divino de Zeus para dá-lo aos Homens, como castigo é acorrentado a um rochedo no monte Cáucaso onde, de dia, uma águia come-lhe o fígado, que se regenera à noite.

A ordem fundada no poder do intelecto⁵ institucionaliza-se numa “pedagogia da ordem” para indivíduos perfectíveis. Cruzadas de perseguição à indeterminação cobraram suplício e sofrimento, inexoráveis nas lutas civilizatórias, a exemplo de Prometeu, sua astúcia e seu Estado-nação. Sua forma político-normativa, sua concepção de tempo finalizada na “história”, no futuro, é uma “ordem que esgota completamente o real”. Desconsidera o devir, o inacabamento. Suas formas de convivência apóiam-se na submissão, mesmo pela coerção violenta do que a vida cotidiana tem de enraizado no afeto. Entretanto, como criadores, somos transgressores, e não sem muita luta compreendemos que poderíamos, entre matérias físicas e sutis energias, criar, à sombra e por atalhos, novos sentidos para a errância, desvios para o pensamento, modos de exercer a criatividade pretensamente domesticada.

Movimentos sociais, científicos, afetuais e artísticos contribuiriam para compreendermos nossa parte de poeira de estrelas, nosso sentir, a necessidade de uni-lo ao intelecto. Viver razão com emoção e vice-versa poderia nos tornar “sábios”, alcançando o divino, ou “dementes”, tendo as vísceras reviradas por sensações não controláveis pela gestão dominante. Tremores na musculatura esquelética, arrepios, nó na garganta, tripas, “frio na barriga”, todavia, anunciam a desobediência como morte⁶. O sofrimento e a morte teriam que ser admitidos como forças poderosas a intervir na vida, para que o Ser se concebesse simultaneamente *sapiens-demens*⁷. Esta figuração da consciência, se desocultando, possibilitaria unir um espírito de liberdades insondadas a um corpo perecível à mais leve manifestação. Permitiria ir ao encontro do elo perdido e questionar porque certas opções civilizatórias sucumbem ao jogo diabólico apartador ordem/desordem. A ordem torna-se mortífera se não absorve a desordem por outros meios que não os da guerra e da negação à alteridade.

Consciente do dilema da fragmentação de saberes e práticas em vários campos da experiência, os quais fermentaram experimentalismos filosóficos,

⁵Nos séculos XVII e XVIII, o “fato” aliado ao racional obstaculizou o imaginário, confundido com delírio, sonho, irracional. A Ilustração tornaria o mundo ocidental cristão pródigo em disciplinas, métodos, técnicas, conceitos, moralismo, iconoclasmo, padrões, culpas, linhas retas, bulas, diagnósticos, dissecação, ceticismo, aventais brancos, pinças, luvas, desamor. A Igreja, aliada ao Estado e ao Poder prometeu terra, paraíso e pureza para depois da morte. Corporificou Deus em um Estado Racional que seqüestrou do espaço público, a desrazão. O racionalismo exagerado é como um câncer, lembra Maffesoli (*A Violência Totalitária*, 1998), que desregula e elimina a vida.

⁶Na religião Vodou, Haiti, pessoas transgressoras, “marcadas para morrer”, morrem de uma emoção, o medo, ante à iminência de o serem de fato (Wade Davis, *A Serpente e o Arco-Íris*, 1986).

⁷Terminologia de Morin constante em toda sua obra, razão pela qual não há referência específica.

estéticos e artísticos, no século vinte. A Física Quântica⁸ aportaria uma saída para muitos dilemas, unindo arte, ciência e filosofia⁹ para colapsar a realidade única, a palavra única, as causalidades locais, as separações. Ao instalar inter-retroações, desvios, reorientações, sua “endo-exo-causalidade”, sob a Teoria da Complexidade, segundo Edgar Morin, solapa o determinismo, a universalidade, a reversibilidade histórica, o isolamento em unidades. Seus fenômenos se relacionam na dialógica ordem-desordem e geram um movimento interativo, de antagonismos, paradoxos. Num “universo elegante”, minúsculas faíscas de energia, as “Supercordas”, originariam as formas todas do universo dançando a “Música das Esferas” (Greene,2001). “Quanto mais o universo parece compreensível, mais parece sem sentido”¹⁰ se comporta onze dimensões ao invés de quatro. E cada uma, um domínio de realidade, todos legítimos¹¹. Nossas vidas teriam aspectos inseparáveis, ligados de forma não coincidente, mas sincrônica¹². O que chamamos “realidade” conteria “componentes básicos, indivisíveis, distintos entre si, e qualquer efeito experimentado por uma parte tem uma causa que a explique em outra parte” (Zohar,2003:36), física teórica. O homem brinca entre os espelhos de captar os reflexos¹³ do real, interpretá-los como conhecimentos, na ilusão de atravessar o espelho das aparências, que apenas lhe devolve seus próprios reflexos¹⁴.

⁸Em micro-espacos, o átomo se divide em elétrons observados como “onda”, colapsam e se transformam em matéria nesta realidade, e em “anti-matéria” em outra dimensão. Isso indica a presença de uma “consciência” causadora da transição quântica. “Níveis de realidade” coexistem ao escolhermos como vamos ver, determina-se o que veremos, das possibilidades da onda quântica depende de nós qual se realizará. Um nível de realidade o é “porque os outros existem ao mesmo tempo”. Muda o olhar, muda o mundo” (Nicolescu, 2001:117,137).

⁹Influências da desordem em Castoriadis (“lógica dos magmas”), Baudrillard (“mal” e metástese necrófila), Guattari e Deleuze (“paradigma estético”, maquinica de forças), Ítalo Calvino (“peso” e “leveza”), Maturana (“convivência”), Morin (“Complexidade”), Maffesoli (“orgiasmo”).

¹⁰Weinberg apud Horgan, op.cit. p.97.

¹¹Não acessamos uma realidade independente de nós, mas tantas constitutivas e domínios de coerências experienciais, cognoscitivos e de explicações quanto os viveres e pessoas que o constituem. O “real” é um consenso, constitui-se na “convivência” que configura mundos de acordo com ela (Maturana,1992:234).

¹²Jung. As sincronicidades têm um conteúdo simbólico, uma ligação “casual” e não “causal”. Acompanhados de uma profunda experiência emocional, ocorreriam em momentos de transições.

¹³Para Goswami (2002), “a consciência é uma propriedade, uma energia do real”; sem ela, “o que percebemos como real não pode existir” (Random,2000) e a abstração é inseparável da experiência. Borges explora esta relação ao narrar a história de um homem obcecado por uma moeda, o Zahir. Indefinido, pode ser bússola, leão ou pedra, simboliza o mistério da existência. Depois de olhado, não pode ser esquecido, dominando a mente até tudo o mais (realidade) perder o sentido. Aterrorizado, percebe que se contar sua história, jamais o acreditarão: se todos sonharem com o Zahir, dia e noite, o que será sonho e o que será realidade?

¹⁴Nicolescu apud Random, 2000, pp.31-43.

Ao final de um milênio e ao início de outro, entre barbárie e civilização, num planeta onde mais da metade da população sequer usou um telefone, o real passa a “revogável” e o ato de saber “cada vez mais obscuro”.

Nem a razão exploradora nem a verificação empírica o funda, mas a “revelação”, a iniciação, a memória da origem. Toda parte contém seu oposto, os temas míticos e ideologias antigas permanecem vivos na memória, como reserva para reutilização segundo as circunstâncias (Balandier,1999:08).

Retomando nossas considerações para perceber as conseqüências disso até mesmo na escola, podemos reforçar a tese de que a desordem possui um lado fecundador, criativo; mas igualmente outro nefasto, que os apocalípticos colocariam no ambiente virtual, numa aterrorizante e imensa “*www*” repleta de “peixes” frenéticos, hiper-textos, *cyberlinks*, criptografados em “*Internetês*”, na super-ciência de “Túneis de minhoca”¹⁵ que fabrica tudo: *lasers*, bulas, manuais técnicos, supercondutores, celulares e sensores digitais, tomografias computadorizadas. Adoecer, ficar mais inteligente, envelhecer ou trocar de identidade (para os ricos), já não é problema. “*Nanobots*”, tamanho de uma célula do sangue interagem com os neurônios biológicos, implantados no cérebro¹⁶. No mundo virtual, uma “segunda via” não é mais problema¹⁷. Como lidar com essa problemática numa escola que sequer trabalha o sensível, a percepção, a capacidade de lidar com imagens, presa que está à razão como salvação para “ler, escrever, contar”?

Gestionar a desordem, diferente de admiti-la como “salvacionista”, implica numa ética nova, em apostar no “que é portador de vida, e não no que depende de um funcionamento mecânico. Na sociedade civil, equivale a dizer não aos aparelhos que se esquivam de explorar o medo confuso que o movimento inspira’ (Balandier,1997a:55). Movimento que traz o novo e a gestão imprescrutável de uma totalidade que a metamorfose opera nos acontecimentos vitais. Isto aflora quando se pensa a Oficina como agente pedagógico e educativo ao permitir o confronto com esta operatividade metamórfica resultado do movimento eterno entre ordem

¹⁵Tubos de espaço-tempo que possibilitariam viagens no tempo. Steven Hawkins, 2002.

¹⁶ Conforme Raymond Kurzweil “Seremos todos *cyborgs*?. Revista Veja, 15.11.2006, pp.11-15.

¹⁷ Em “*Second Life*”, jogadores em rede escolhem cenários e identidades virtuais para fazer compras, ir a shows de bandas de verdade, ter uma profissão, construir casas, etc., em 3D. A interação replica o mundo real, possui moeda virtual muito real em nosso mundo. Cada jogador pode comprar um terreno, por exemplo, por até 780 dólares por mês e gasta para jogar em média 38. O curioso é que as outras ‘pessoas’ são “reais” com identidades virtuais, e empresas “reais” anunciam ou patrocinam (de verdade) eventos virtuais. Cfe. “Superinteressante”, nov.06.

e desordem. Na gestão eventual em termos de relação, afetos, interações em situações contingentes, limites, possibilidades, pensamentos e sentimentos que, enquanto experiências efêmeras, nomeiam o fugaz de uma vivência, que têm na imagem, no som, no gesto, em outras linguagens, aliados poderosos.

Com a primeira Oficina, no Hospital Geral, perdêramos o medo de ser os “senhores das transgressões”, subversores da civilização, o que passara pela consciência de que ser louco não era “ruim”, que a loucura possuía uma parte de “maluco beleza”: a criativa. Desafiar Prometeu nos tornara “estrangeiros” à normalidade, “obsoletos” os procedimentos de cuidado vigentes. Paulinho, freqüentador do Serviço de Saúde Mental diz claramente: “até podem me chamar de louco” pois “de perto ninguém é normal mesmo... Às vezes, as pessoas dão uma *provocadinha* dizendo que eu sou louco... Ser louco não é ruim, é uma situação social, então eu vou levando...”. Isso não obstrui sua vida, porque “só precisa de uma “ocupação que é pra ter um termo social” de normalidade, “uma ocupação na gráfica social”...

Resgatáramos afinal os “trastes” sem-lugar, que nos ensinaram outras formas de cuidado, como Jorge, participante da Oficina do Hospital. Depois de várias internações, vive de “bicos”. O que quer é escrever “suas memórias”, e enquanto não a faz, expressa suas vivências no papel “tentando se encontrar”. Seguidamente, toma um ônibus e sai a observar as pessoas. Numa das incursões, certo dia viu um homem na calçada, dormindo “no olho do sol”. Ninguém se importava com “mais um jogado no lixo”, mas ele, sim: desceu do ônibus, colocou na sombra e continuou sua jornada. “Isso me fez muito bem”, revela.

Tratar loucos como “iguais” e reivindicar um espaço para a desordem nos custara o título ora de “agitadores” responsáveis pela destruição da ordem estabelecida, ora de “arautos fecundadores”. Mas queríamos, na verdade, uma terceira via.

A Oficina provara que a vida, antes de qualquer domesticação ou submissão à ordem, carrega seu contrário, desordem que a sociedade precisa aprender a conviver. O que implicou em não mais culpabilizar Dioniso, descarná-lo, mas acolher sua desmesura de tempo, espaço, corpo. Reconhecer que o sentido de criação, o terceiro, a metamorfose que ele inspira, agrega partes despedaçadas, encontro de diferenças, cerimoniais sociais que juntam Prometeus e Apolos em

movimentos sociais desafiadores¹⁸, cuja exigência ética opera nas profundezas, no abissal sentido de viver coletivamente. Pedagogicamente, expressou-se na admissão da “orgia”¹⁹ e sua potência carregada de desejo e esperança, o que serviria de contraponto à estabilidade de costumes, permitindo entender que o “tempo do movimento e da consciência da desordem é ao mesmo tempo o de grandes riscos e grandes possibilidades”. Para tal, “enfrentar o real, construí-lo e controlar o movimento do qual não se dissocia”. Criar os meios de melhor compreendê-lo em seu estado presente, em sua fluidez, não como caos, mas como futuro, aliado à desordem sob formas de ordem mais flutuantes. Isso impõe renúncias à ordem e à estabilidade, à rejeição do irracional e do imaginário para realizar a qualquer preço uma sociedade da razão. Enfim, burlar, pelo saber, o que é predominantemente instituído como o melhor saber (Balandier,1997(a):60).

A aventura existencial coletiva provou que promover o “êxtase” e não a “estase” da fixidez da ordem, o esgotar-se no agora e não em “amanhãs que cantam”, é provar que bem e mal se interpenetram e justificam. Suas experiências conjuraram silêncios, interfaces, vazios, intervalos, ritmos sincopados, figurações, emblemas, imagens sensíveis que matizam toda a vida social, onde uma “teatralidade” se faz presente. Esta, recriada em cada grupo sempre de forma nova, conjura “explosões orgiásticas”, traços da “efervescência” que manifesta uma potência que por ser “anômica”, mete medo (Maffesoli,1985:47-9).

Os inúmeros encontros em que o grupo participou demandaram “artifícios” para retirar forças da desordem, reinvertê-las em favor de metamorfoses de convivência, saídas para a dolorosa consciência da exclusão. Jorge²⁰ o faz sensibilizando para os silêncios, “diálogo” que entabula através de seus poemas, sua contribuição para o mundo “dos normais”. Crê que “os poemas podem fazer barulho em seus interiores, o coração bater mais forte, e são fundamentais para que as pessoas escutem o sentimento da gente, entendam a gente como a gente é, não como um outro qualquer, fora da natureza”.

¹⁸ Com “a cabeça nas nuvens e os pés no chão”, deslocaram, farmacologia, exclusão e ignorâncias para inquietação, transitoriedade, incerteza, aleatoriedade, criação.

¹⁹ “Conteúdo” do orgasmo. Gama de sentimentos e paixões [da] cólera à resistência, efervescência à doçura, agitação e superação de si mesmo”. Ultrapassa individualismos em direção à “circulação do afeto (...) condensa acordos iniciáticos, do cosmos e do trivial firmada na existência” (Maffesoli (1985:27). Se um grupo não exprime coletivamente “sua imoderação, sua demência, seu imaginário se auto-destrói”. Uma sociedade se reconhece ao “por em ação a desordem das paixões [o que] inclui matizes que vão dos jogos perversos do mundo infantil à lubricidade consentida das festas populares, passando pelos arcanos sofisticados das intrigas amorosas” (id.ib.:23).

²⁰Fala contida apud Mirela Meira, 2001.

Bagé possibilitou aos “ex-loucos de todo o gênero” participarem com suas vozes discutindo, propondo soluções, antes privilégio dos “técnicos”. Criaram, por exemplo, uma



peça teatral nascida no dia-a-dia da Oficina narrado de forma humorística, apresentada para a comunidade com muito sucesso²¹ (foto)

Oficinas foram realizadas em vários municípios de estado com todos os participantes. Em eventos como o “Fórum Riograndino de Saúde Mental”, em Rio Grande/RS, os participantes falaram em público sobre o trabalho, sendo aplaudidos em pé. Como em Tramandaí/RS, na “Conferência Estadual de Saúde Mental”, onde imagens, falas e textos trariam os ecos dos gestos vividos em Oficina, condensando o que ficaria impresso na logomarca oficial da “II Conferência Nacional de Saúde Mental” em 1992, Brasília, DF. Um “stand” foi organizado com a produção da Oficina, as Revistas de Saúde Mental e as camisetas do Fórum, fazendo o maior sucesso, veja-se na foto à próxima folha ²².

Causaria igualmente muito espanto o grupo de loucos na rádio local de Bagé para falar do dia “18 de maio”, dia nacional da Luta Anti-manicomial. As pessoas eram tocadas pela singeleza da proposta: “Cuidar Sim, Excluir, Não”, ou seja, acolher a desrazão.

Deflagrávamos processos em várias frentes para que as pessoas entendessem o que era a (dês)institucionalização e uma “instituição inventada”. Precisáramos construir consensos, aliados, “pegar” as pessoas pelo que não “resistiam”: a alegria de estar juntos, acreditar num mundo melhor, crer que a vida valia a pena... A desordem mostrara sua força pedagógica: despertar a fome poética, fortalecer o movimento social no qual acreditávamos, exercitar a desdomesticação do poder na labilidade da vida.

²¹Dramatização comemorativa à Semana Médica, no Teatro da URCAMP, Bagé, RS.1992. A peça, criada pelos participantes da Oficina, trata de uma família “normal” (pai alcoolista, mãe acomodada, filha adolescente envolvendo-se com drogas, filho ausente e louco) que resolve seus conflitos convidando pessoas da platéia para interação. Participavam, respectivamente: o psiquiatra do Serviço, Ubirajara Rocha e sua esposa Nininha, Isabela Meira e Carlinhos, ambos Trabalhadores de Saúde Mental. Inquestionavelmente um sucesso, inúmeras vezes repetida, por seu desfecho imprevisível.

²²Delvo Oliveira, Sandra Fagundes, Fátima Fischer e eu. As camisetas do Movimento falavam por si...

Diria que mesmo na "sacralização do coletivo", no exorcismo da violência, na catarse.

A criação coletiva, por sua vez, proporcionara desdobramentos, cujo

resultado possibilitava a recriação de "eus" solitários em "nóses" caleidoscópicas, metamorfoses. Expressava idéias, pensamentos, imagens, linguagens, vôos dos participantes... Reviviam-se tempos tribais, intemporais, de todos os começos e fins...

Trabalhar nossas emoções, sentir e expandir nossos sentidos, atribuir significações distintas das rotineiras, valorar nosso afeto, trocar sinais, palavras e gestos, naquele contexto, vivencial, assumira significados amplos e profundos. Compunham o domínio ético-estético, conjunto escorregadio que escapava a análises tradicionais, conjurava um saber iniciático percebido no estar-junto.

Recebíamos inúmeras críticas, pois, como a sociedade ainda está presa à ordem e ao conceito, o "Movimento" assustava, porque era "delirante".

As inúmeras atividades, na verdade, estabeleciam conexões sensíveis, empatias, sinergias, explicitavam uma circulação generalizada de afetos, uma solidariedade orgânica, simbólica, não-lógica, de preocupação com o presente.

A consciência deste alargamento viria mais tarde, especialmente na leitura de autores que, como Maffesoli, reconhecem que o irreprimível não pode ser sufocado ou ficar meramente no plano da representação simbólica. O gesto é uma força criadora que é preciso respeitar e educar para ações coletivas transformadoras, na festa, na rua, no "sem sentido" de uma "cultura do sentimento" cujas relações constituem o "corpo" social, "conjunto encarnado" que repousa sobre "um movimento irreprimível de atrações e repulsões" (Maffesoli, 2000b:103).

Entendemos que, de mordalha a sentimento partilhado, declina, ao infinito, a "atração ou repulsão que me liga, ou separa, ao outro, do outro" (id,1997:22). Essa "pulsão gregária", onde as pessoas foram protagonistas de uma ambiência afetual, uma "semelhança de família", transcendia as instituições.

Constituía as pequenas "histórias locais" como "acontecimentos", "junção", onde importa "o presente vivido aqui e agora, com outros" nas liberdades intersticiais (1997:19).



A cada encontro, como numa “Conferência Municipal de Saúde Mental”, cujo cartaz (foto) fora produzido na Oficina, a abertura era feita com a sensibilização da Oficina, e um novo grupo, “encantado”, agregava-se, empenhado num trabalho semelhante. Por contágio ou por descobrir que criar era tão simples, fascinante e ao alcance de todos, e justamente por essa simplicidade, foi preciso ampliar o sentido de responsabilidade com o que é criado, cuidar por nutri-lo e aprimorá-lo com arte.



As Oficinas ensinaram a ser ousado, ao proporcionar espaços onde a “exuberância pagã” consagrava os prazeres do presente sem culpa, assim como as pequenas coisas da vida cotidiana, como o ócio ao sol, as caminhadas, a observação da natureza, as conversas. Apreende-se e “prende-se” o mundo e suas dobras nessas atividades simples, dramatizando coletivamente, cantando, brincando juntos. O que provavelmente impeliu à formação da “comunidade de destino” que passou a ser a luta “Por uma Sociedade Sem Manicômios²³”. As pessoas, confrontadas com a heterogeneidade sob suas diversas formas, loucos artistas de circo, trabalhadores de saúde, usuários, mesmo “técnicos” e “donos de Hospitais” conviviam lado a lado com o mistério da criação e o *non-sense*. O estético permitia a construção de um espaço mítico, iniciático, onde tudo era permitido, até o “dar-se conta” da condição humana, com seus paradoxos, ambigüidades, paixões, e o que estávamos a fazer para construir um mundo mais

²³ Os encontros nacionais reuniam usuários, trabalhadores, famílias, comunidade “Por uma Sociedade sem Exclusão”, discutindo temas como atenção, formação, capacitação, cultura, trabalho, gestão, o ético-estético, legislação, cidadania e bandeiras de luta. Suas práticas incluem Oficinas de Criação, teatros, jogos, atividades culturais, passeatas...

justo e sem exclusão. Criar juntos propiciava alianças, cumplicidades...

Interstícios de dobrar-se aos desejos sensíveis da carícia coletiva...

Descobriríamos que o dinamismo criativo se efetuava além da experiência estética, no magma caótico do confronto de matérias,



relações e pessoas, capilarizada na vida cotidiana, onde o fictício atravessa o real tornando-o mais atraente. Agregava pessoas para, juntas, desenvolver a “instituição inventada”, que mesmo em pequenos grupos, atingiria fortemente o social.

As “gentes criando” eram a “matéria que constituía, afinal, os ‘movimentos sociais²⁴”. Não havia lugar para distinguir profissões ou hierarquias “nobres” de outros que não o seriam, nem quem era quem, ou quem fazia o quê. Numa massa global sinérgica, homem e sociedade se correspondiam, interagindo uns sobre os outros e, o conjunto repercutia na consciência da vida...

A força coletiva criara uma obra de arte, a vida social em seu conjunto e em suas distintas manifestações, como no Dia Nacional da Luta-anti-Manicomial, onde os loucos fizeram uma Oficina na Praça central da cidade, convidando as pessoas a pintar... E algumas se ensaiaram, sem medo!

Dioniso e Apolo, juntos, potencializando a criação, transformando o “instituído mortífero” da doença mental, canalizando a “parte maldita” de todos nós em loucura “saudável”²⁵, criadora, fosse nos agenciamentos, nas diferentes ligações com que evitávamos ser controlados pela desrazão (crise) de cada um.

²⁴Amparados por estes mecanismos, com “a cabeça nas nuvens e os pés no chão, os movimentos sociais propuseram um deslocamento paradigmático das formas de atenção, seguridade e serviços centrados no corporativismo, na farmacologia, no individualismo, na ignorância da população, no isolamento e na exclusão para um atendimento integral. Instalaram a inquietação, abordaram a desrazão, a crise, a transitoriedade, o desconhecido, a incerteza, o aleatório.

²⁵Em primeiro plano, Júlia, a “Sacerdotisa no Popular”, como se auto-denominava. Placidamente comemorando o 18 de maio, dia Nacional da Luta anti-manicomial, na Praça dos Desportos, em Bagé, Rs.

A vivência orgiástica permitiu com que a “centralidade subterrânea” do social suprimisse oposições entre Poder-potência, religião-religiosidade, instituído-instituinte e instaurasse “sincretismos”, estados confusionais. É o que Maffesoli chame de “transfiguração do político”, a “socialidade”, lugar da ambiência emocional, da intuição, da experiência estética. Alquimia de transmutação pelo recurso da ficção, do imaginário, da integração do passional. Diz ele que “tendo tomado consciência da saturação do político, a socialidade deve decretar outra ética pública e por isso, mesmo que seja de maneira inconsciente, o político é literalmente assassinado, sacrificado” (1997:90). Esse sacrifício se dá pelo terrorismo, pela ironia, pela “brincadeira escancarada” e outras formas. O que importa é que a força coletiva “busca uma via, fora de todos os caminhos balizados pelo racionalismo da modernidade”, todavia sempre “mantendo a exigência ética básica de toda a sociedade, aprender a viver, saindo de si, com o outro” (id.ib.).

As pessoas foram desafiadas a considerar suas sabedorias, as dos ditados populares, do conhecimento comum, as miríades de falas, os inúmeros modos de ser e usar os recursos culturais e naturais para vivê-lo. Os tempos poéticos e eróticos, os tempos dos corpos amorosos, organizavam em torno de si a força de um sentimento coletivo ou emoções diversas conjuradas numa “potência” inegável. A vida ultrapassa o que lhe opõe resistência ou negação, delas necessita para humanizar forças irreprimíveis.

Novamente, da dinâmica inseparável ordem-desordem brotava um “terceiro incluído”²⁶, que se resolvia como um gesto, uma imagem, uma palavra, “introduzindo uma paixão selvagem” (Maffesoli (1997:74). Para Henri Atlan (1992:52), esta, como “auto-organização” e “ordem pelo ruído”, não se consuma nem mesmo num terceiro estado (estado “T”), mas são o “próprio movimento do processo”. Que só existe se os erros forem “erros verdadeiros” e, a ordem for “realmente perturbada pela desordem”, a destruição, for “real, a irrupção do acontecimento, uma catástrofe, um milagre, ou ambos”. Prigogine (1992:09) retoma o dionisiaco nas “organizações vivas”, “fluidas e móveis,” como os “turbilhões líquidos”, cuja representação é impossível porque metamórfica. As aprendizagens não dirigidas

²⁶Para Lupasco, introduz a desordem. A Lógica Clássica tem como axiomas: 1. Identidade (A é A); 2. “não-contradição” (A não é não-A) e 3. terceiro excluído (não existe um 3º termo, “T”, ao mesmo tempo A e não-A). Num único nível de realidade, o 2º e o 3º axiomas se equivalem; na Física quântica, um 3º “incluído” é possível: (A, Não-A e T, não são contraditórios). Existe um 3º T que é, ao mesmo, tempo A e Não-A. Coexiste, simultaneamente, no tempo, o que infere possibilidades de “níveis de realidade”, alargando o que é “verdadeiro e falso”.

próprias dos sistemas auto-organizadores integram “o paradoxal ao radicalmente novo” (id.ib.:12).

A polissemia, vital à regeneração social, a socialidade, tem no excesso, na “resistência ao político” a possibilidade de “viver a poesia da existência” (Maffesoli, 1984:43). Garantida nas Oficinas em eventos, na “respiração social” feita das pequenas coisas conjuradas numa estrutura macroscópica. A “unicidade” provê de coerência e, ao mesmo tempo manteve suas oposições” e singularidades, anota Maffesoli (2003:172). A criação coletiva faz esse papel, re-dege(ne)ra a socialidade, numa lógica conflitiva, ambígua, fundada na diferença. Em qualquer troca, seu contrário está sempre em jogo, em perpétua tensão entre o social e sua evasão, a relação fundadora e a disjunção destrutiva (Maffesoli,1984).

Hoje percebo que nossa proposta referia-se paradoxalmente à saturação do político, e sua “transfiguração”, ao inscrever a sensibilidade “no presente da existência” para “aproveitar seu prazer” e “o direito inalienável à sensualidade e à beleza” (Maffesoli, 2000a:85). Nosso “ideal democrático” repousava no ideal comunitário de criação coletiva. O político traduzia uma tensão exterior, interespecífica, e intra-específica, responsável pela relação com o outro. Toda a agregação social começa com uma “violência fundadora”, onde “o outro em si mesmo é violência, ele me nega, e devo compor com ela”. É onde se inicia o político, “espaço da gestão de conflitos”, nada mais do que “o racional perpassado pelo afeto”, de tal forma que seu pensamento tendencialmente define-se em termos de “pró e contra”, “simpatia (ou antipatia)” e não “lógica”. A “paixão desempenha um papel relevante na vida cotidiana, sustenta o social, está na origem dos conflitos”, portanto, “na origem de toda a vida política” (Maffesoli, 1997:32-3). O paradoxal é que, de um lado, está a vitalidade, a desordem fundadora da “sociedade sem qualidades”; de outro, o “Estado e suas diversas modulações, sua ordem mortífera e sua razão monovalente” (id.ib).

Isso permite compreender que na Oficina, essa transfiguração era feita para transsubstancializar a violência, levando à paixão pela “tribo” no presenteísmo de cada “evento”. É no “estremecimento coletivo”, nos momentos em que o “homem torna-se outro”, que acontece a transfiguração do que, em períodos de descontração, se institucionalizará em “interações sociais” (Maffesoli,1997:43).

Esta metamorfose de “transfiguração do político” Maffesoli (1984) expressa na figura da “socialidade”. Sua lógica conflitiva coloca em jogo seu contrário, numa

perpétua tensão entre o social e sua evasão, a relação fundadora e a disjunção destrutiva. Esse conceito foi de vital importância para a compreensão da ação política da Oficina, cuja ação até então atrelava-se à instrumentalidade de um conceito de "político" como "grandioso", "utópico", vivido de forma externa, racional. Isso obscureceu o reconhecimento da "metamorfose" desencadeado enquanto "identificação estética" (Maffesoli,1997:23). Sua importância repousa no fato de que a paixão, enquanto "base do poder", é jogo, e como tal capaz de "impulsividade e de outras manifestações afetivas". O político transfigurado consiste em equilibrar os aspectos emocionais e racionais de uma sociedade que, sem equilíbrio, "implode". Tal implosão liga-se à saturação da lógica da identidade, substituída por uma "mais mole, uma identificação através da qual há uma desestabilização" (id.,ib.,123).

A metamorfose gerada pela identificação estética traz na socialidade (id.,2004:140) a transubstanciação capaz de conscientizar da saturação do político. Decreta uma outra ética pública para "explodi-lo", lógica esta "*societal*". Ou seja, o ato de um estar-junto que, ao lado dos elementos mecânicos e racionais que estão na base do contrato social, integra todos os aspectos passionais, francamente ilógicos em ação na natureza humana (id.ib.:182).

Nas Oficinas, apareceu na forma do orgasmo²⁷ mobilizador de forças para ritualizar o caráter destruidor da sombra e assegurar o equilíbrio contraditorial necessário à transfiguração do político. A ação transformadora das "mutações," reiteram as metamorfoses do arcaico, que subsistem na busca de viver freneticamente (Maffesoli,1985:119). Equivalem ao que Bataille chama "despesa", e "criação", que investe no dispêndio de energia para trabalhar a matéria como "viva", com suas contraditórias sensações de prazer e dor. Bem dizia o poeta (Leminski) "vida, só te inventa quem te precisa"... À semelhança do que é vivo, a criação procura vida para fazer-se forma, afrontar a morte, a violência do sofrimento. Mesmo em atividades corriqueiras como "matar o tempo", "distrair-se", ocorrem marcações estéticas que adquirem um caráter "sagrado" por exprimir o fora-do-comum que excede a indiferença da violência.

²⁷Misto de sentimentos, paixões, imagens, diferenças, que incita a relativizar toda normatividade e remete à multiplicidade de experiências coletivas. Energia fundadora, arcaica, "conservatório de violência alternativa", seja na "banalidade da pequena orgia doméstica ou na efervescência da explosão coletiva". Corresponde à "coagulação alquímica" proposta por Gilbert Durand (1997), um processo que se verifica entre o bem, o mal e os diversos elementos do social e constitui uma "obra onde luz e sombra são igualmente necessárias". Traz a idéia de "globalidade", equilibra os contrários, constituindo a unidade profunda das coisas (Maffesoli,1985:85).

As Oficinas ofereciam propostas concretas para dar forma à trans-figuração do caráter destrutivo da desordem, numa alquimia matizada de figurações poéticas simbolizadoras de confronto com o nefasto, com os poderes humanos e as forças que os afetam.

A “matermofose”, na figura da simbolização, vivida coletiva e ritualmente, assegura a coesão e o consenso, que Maffesoli (2001b) entende ser saudável socialmente na medida em que o “mal irrefreável” e seus “fantasmas”, sempre existiram, e retornam, sempre, de “cara nova”. Manifestam arcaísmos que insistem na força do animal, “na parte do Diabo” como paradoxalmente agregadora (id.,2004:139). Sua forma torna-se visível e gestualizável através da “orgia”, e através da criação coletiva e do mito, realiza uma função “iniciática”. Estranhamente, é pedagógica, pois a “trans-gressão” “pura” transforma-se em “a-gressão”, banalizada pela dispersão dos limites, lembra Balandier (1999:47). Esse limite, entretanto, ganha “contornos antropológicos” na criação coletiva, pode ser reordenado de forma positiva.

Sua “domesticação”, sua trans-figuração, que aqui chamei de “metamorfose”, é partilhada, indica seu deslocamento para o imaginário do mito e do rito, seja pelo estético, pela arte ou modos de representação. A paixão, a (des)ordem dionisíaca, integra e confere um “lugar” a todas as coisas, cuja ética garanta o princípio vital dinâmico que anima o social. Assegurando o retorno de uma “ordem” atravessada pela metamorfose, que viabiliza o enfrentamento do destino pelo sentimento do todo cósmico e societal, numa apreensão intencional da arquitetura das paixões, afetos e razões.

Muitas das Oficinas duravam apenas horas, em eventos variados, e ali “valia tudo”, vivia-se (in)extensamente as propostas, por mais absurdas que parecessem, de forma eufórica. Por exemplo, se trabalhavam com tintas, os participantes não se limitavam a pintar as folhas, extrapolavam para as mãos, os pés, carimbavam-se e ao que dava para tanto, vibravam com a mancha pela mancha, com o gesto pelo gesto... Depois de pronto, não contentes, rasgavam, montavam coisas sobre coisas, reinventavam, sem censura, pois sabiam que a atividade se esgotaria em si, uma vez que já advertidos de antemão que o objetivo não era a re-presentação e sim a “presentação”, a manifestação, a festa, uma efusão “onto-teleológica”.

Os suportes expressivos eram alcançados para que as pessoas em contato direto com a linguagem da arte explorassem a ambigüidade, o sem-sentido,

desconstruísem estereótipos e mordaças cotidianos. Vibravam viver, com o corpo e materiais simples, como jornais, poemas e revistas, a diferença, a polissemia de uma “ética do instante”, da “acentuação das situações que já não se projetam num futuro previsível e dominável à medida dos nossos desejos” (Maffesoli,2000a:24).

Esse era o objetivo dos encontros: interagir com o próprio de cada um, alegrar-se, retornar ao primal, uma vez que é como híbridos de natureza e cultura que nos constituímos como sociais. Perceber na carne a palavra tecida no diálogo do corpo e da alma, que (re)surgem quando falham sistemas de interpretação saturados de palavras velhas. “Todos os dicionários juntos não contêm metade dos termos de que precisamos para nos entender uns aos outros”, lembra bem Saramago (2002:125), de quem “roubamos” uma fala: “não temos medo, estamos assustados com a própria coragem”.

De qualquer forma, o que ressurgia na criação dizia da dinâmica renovada entre ordem e desordem que se estendia às “alegrias anódinas, aos rituais da vida de bairro, alegrias íntimas da amizade e do amor, alegrias coletivas de múltiplas ocasiões festivas”, contra a “seriedade” do trabalho. A alegria é o “intangível suporte da orgia”, trágica por não se preocupar com o futuro, mas “viver, com intensidade e em excesso, o momento” (Maffesoli,2000a:93-4).

Essa “sabedoria dionisiaca” tornar-se-ia teoricamente concebível no instante, mas também motivo de compreensão mais ampla posteriormente, quando pensada não como mera catarse, mas esconjuro de trastes intelectuais e mesmo artísticos arraigados.

“Pedagogia Orgiástica” ou “Sensível-em-Pedagogia” seriam termos válidos a um sensível “em trânsito”. Na Oficina, algo como um deslizamento da lógica do dever-ser para a alteridade e suas forças em tensão, unidas na socialidade. Toda a “mudança de pele” impeliu à subversão da rigidez identitária, à expressão de “facetas”, discursos de várias vozes. O despojar-se do “si” fechado favoreceu a abertura aos outros e às diversas características do eu, projetando-se para o outro. No coletivo, um sujeito pôde ser “vários”, um “efeito de composição” complexo (Maffesoli,1996), definido na multiplicidade de interferências estabelecidas com o mundo circundante e papéis exercidos. Como por exemplo, nos jogos de transformar-se e agir como um bicho, “sendo-o”. A investidura de roupagens simbólicas ou corporais não se cristaliza, garante a fluidez identitária quando vivida

como configuração, dramatizada, e agregada ao sentido de real que se quer ou pode constituir como evento.

Importava transgredir a imobilidade dos conceitos para mudar, saber que as queixas são justamente a condição de sua "possibilidade", mesmo na forma do "excesso, da violência, da vertigem", assegurado nas participações dos loucos da mesma forma que qualquer pessoa. E como se alegravam, livres das muitas amarras às quais os "normais" se prendiam...

Paulinho (já mencionado²⁸), diz que isso de se tornar "uma pessoa social entrando para dentro da sociedade, não andando sujo, geralmente", "ser tratado cientificamente pelo Doutor, ou seja, com competência", passa pelo afeto: "se eu tiver um desmaio ou um problema, vamos supor -se tu estás aí sentada, vais procurar um recurso pra ele. Mas, com carinho, com dedicação". "Todo o ser humano carrega em si a possibilidade de enlouquecimento", e o mundo "foi feito prá todos", afirma Ilma. "Eles são mais loucos que a gente", completa Graça, "porque que chamam os loucos de loucos".

Essa alteridade²⁹ abre o "indivíduo" a multiplicidades intersubjetivas, conjuradas nos desvios da transversalidade, na variedade de "looks", na integração dos desviantes. A "lógica da identificação" integra o "estranho," o imaginário, o onírico, rechaça a "*barbárie* racional", no "conjunto absurdo" que é o mundo onde é preciso "enfrentar o caos (...) em busca das ordens parciais que ele encerra (Balandier,1997(a):61). Mesmo no que está "o mais perto possível da agitação", como a "filosofia da balbúrdia" que Balandier (1997(a):97) atribui a Michel Serres, que traça uma evolução mais "errática e ávida de suculências" de retorno às coisas do corpo. Serres (2004:91) pergunta

"Quem experimenta? Quem inventa? O corpo. Quem flutua, corre e voa, em êxtase arcangélico quando levita banhado pela intuição bem-aventurada? O corpo, sempre ele. Inteiramente nu. Preservada pelos aparatos maquinais da lógica e da memória, deixem-nos então para as máquinas; a inteligência permanece inútil e embotada sem o corpo alado. Ascensão: o corpo acaba de se aparelhar".

²⁸Junto com Ilma e Graça, apud Mirela Meira, 2001.

²⁹"Ser, colocar-se ou constituir-se como outro" (Abbagnano, 2003:34). Para Augé, (1999) o que não faz mais dos outros um objeto, mas sujeito do sentido, ao nos confrontar com a evidência do que os outros ou a coletividade elaboram.

Trágico, balbúrdia, “aparências”, o “cadinho da socialidade”, são causas e efeitos da “impermanência³⁰ que aparenta orgasmo e “trágico”, e compõem, na “sensibilidade coletiva”, o “lençol freático de toda a vida social”, substrato que antropológicamente assume a forma do político (Maffesoli, 2000 (a):109).

A morte sacrificial do poder por derrisão reforça o estar-junto, atualiza a comunidade, favorece a partilha de imagens, o lúdico, o estético. As utopias cotidianas, homeopáticas, intersticiais, vividas como tal, revelaram cada coisa ser seu oposto. Verdadeiro e falso, meros jogos de superfície.

A desordem que cobra “a parte do Diabo,” ficará satisfeita quando do vitalismo subterrâneo irromper uma “sensibilidade societária, uma ambiência que se dedique a empunhar uma exuberância pagã”, consagrada a usar os prazeres do presente” (Maffesoli,2004:27). Como a Oficina em eventos, onde o pedagógico despe-se de suas garantias institucionais, sejam elas vinculadas à Educação, à Saúde, à Serviços que as estratégias dominantes do poder modelam como dever-ser social. Suas táticas são oportunas em meio ao estrategismo imperioso. Permitem desatar nós que obscurecem a energia vital.

A reabilitação da desordem encontrada pelas Oficinas proporcionou entender porque criamos filosofias, artes e ciências: se para mitigar a dor da palavra perdida ou a alegria da poesia reencontrada. Ou porque, na expressão de Leminski (1994): “toda a fantasmagoria” tenha “tanto direito a existir quanto a sólida certeza do gosto do pão e a indeterminada realidade da água que escorre no rosto dos sedentos quando chove”. Ou ainda porque o “sentimento de existir, entre as paisagens do corpo, da alma, do social, dos ajuntamentos, da massa global sinérgica, harmoniza, movimenta material, espiritual e naturalmente, o social do qual somos portadores. Encaminha o paradoxal, afronta à autoridade do espírito dinâmico e o poder de uma realidade estática, o constrangimento e a liberdade entre a sombra encarnada dos sentidos e da paixão e a luz etérea da razão” (Maffesoli,2001(a)).

De qualquer forma, a Oficina vislumbrou o que se insurge ora na figura fulgurante de Dioniso ou do Terceiro Incluído, ora na loucura ou nas Instituições inventadas, ou na Ordem pelo Ruído, Metamorfose ou Convivência, que em essência dizem do retorno da Desordem, transfigurada, coletiva e Pública.

³⁰ Nietzsche(1992) define esta impermanência como “intempestivo”, retorno ao cotidiano vital, à vivência e seus fenômenos imagéticos. A arte contribui para adensar uma “tênue membrana de alegria e vida/sobre o imenso escuro horror”, extensão e “in-tensão” das mutações da vida; tem no dionisiaco suas matrizes de transformação e inspiração.



METAMORFOSES DO CUIDADO



A Oficina no Hospital Psiquiátrico “São Pedro”

**“Amamos em todas as direções, todos os pulsares;
Sentimos o todo amoroso, do qual, sendo humanos, nós Somos”.**
Lu¹

Essa Oficina apresenta bastante complexidade por realizar-se num espaço estigmatizado: o manicômio ². Transformado em lugar “incerto”, virou uma “instituição Inventada”, a ser construída sem “manual de instruções” graças à caminhada ético-estética, política, técnica e administrativa anteriormente citada.

O “Hospital Psiquiátrico São Pedro ³”, em Porto Alegre, RS, iniciara, dez anos antes, o projeto “São Pedro Cidadão ⁴”, para redimensionar a assistência aos

¹Lu integra a turma dos Residentes do primeiro ano e suas falas estão aqui presentes: Adri, Ale, Carla, Gláucia, Dani, Elaine, Juli, Eleonora, Laura, Liana, Lucas, Luis, Márcia, Mari, Rafael, Rita, Roberto, Rogério e Vivi.

²Qualquer aparato de contenção da desordem cujos ritos obedeçam à racionalidade para “integração (iniciação), gestão do sagrado (culto), manifestação do poder (cerimonial político), ou outra finalidade de ordem social” (Balandier, 1997a:29). Fracassa se suprimir direitos civis, afetos, sonhos, erradicar a alteridade.

³Em 1864 o “Hospício” depositava loucos de todo o Estado. Com cinco mil internos em 1970, respondia à loucura com “confinamento, abandono, cronificação, sangria, laxativos, eletrochoques” (Oliveira; Saldanha, 1991).

⁴Integrando a substituição do Hospital Psiquiátrico previsto nas leis de Reforma Psiquiátrica estadual e brasileira. A melhoria da vida dos 600 internos em pavilhões do Hospital, sem condições de retorno ao convívio social, deveria sofrer mudanças gerais, de moradia, alfabetização e outras, como ampliação de estágios curriculares, de voluntários, cursos profissionalizantes, oficinas diversas, assembléia de moradores, feiras de produtos de moradores e comunidade, atividades como festas, eventos, programa para os coletivos de trabalho e uma associação para a triagem de resíduos sólidos.

portadores de transtorno mental. Este abarcava o “Projeto Morada de São Pedro”⁵ e o “Programa de Residência Integrada em Saúde Mental”. Os residentes⁶ acompanhariam a reabilitação dos internos e sua passagem para residências especialmente construídas para esse fim. Contariam com uma equipe interdisciplinar de capacitação diferenciada, dado que a integralidade de práticas proposta demandaria os serviços como áreas privilegiadas para exercícios ético-estéticos, relacionais, de saberes e tecnologias através de oficinas criadoras.

A coordenação da Divisão de Ensino e Pesquisa, DEP, fez a proposta de que eu ministrasse as disciplinas de “Introdução ao Pensamento de Humberto Maturana” e “Tecnologias em Saúde Mental Coletiva”, em 2002. As “aulas” se organizariam como reflexões e práticas de Oficina de Criação Coletiva uma vez por semana, em quatro horas/aula à noite, já que de dia, ocupavam-se dos internos.

A possibilidade de reflexionar sobre o vivido com os internos seria relevante e crucial. Afinal, a experiência sensível como fonte de conhecimento, descuidada incidentalmente na formação da saúde em geral⁷ era desafiadora, pois os próprios residentes e os outros professores do projeto poderiam oferecer resistências. A provocação seria estabelecer, nas convivências sensível-rationais, uma base ontológica de cuidado entre “técnicos” de formações variadas e “pessoas”, no Hospital e fora dele.

Informações, conhecimentos e saberes estético-poéticos, na forma teórico-vivencial, focalizariam as experiências necessárias ao resgate da palavra, ao resgate do outro. Seriam “conteúdos” que tipo de lógica reabilitaria os moradores, de onde se partiria para repensar práticas profissionais pessoais e coletivas.

Audacioso, o projeto discutiria as responsabilidades e os reflexos gerados pela consciência, a escuta, a alteridade, as noções de realidade, entre outros, na argumentação dos residentes.

⁵Numa parceria das Secretarias Geral de Governo, Saúde, Habitação, Cultura, Trabalho, Cidadania e Assistência Social, Obras Públicas, Educação, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico, Departamento Municipal de Limpeza Urbana, Habitação, Fundação Solidariedade, Universidades, Centros De Formação. A inclusão dos moradores na “Villa São Pedro” seria em 36 casas com quatro moradores em cada, num total de 144 usuários acompanhados dos residentes. Suas áreas de formação incluíam Medicina, Educação Física, Artes Plásticas, Enfermagem, Serviço Social, Psicologia e Terapia Ocupacional.

⁶Dezenove residentes operariam na ressocialização, no Núcleo de Transição/ Casa de passagem. A criação e o ético-estético receberiam implemento, o que distinguiria a proposta como única no país a abraçar saberes lógico-sensíveis facilitada pela presença de distintos profissionais dos “psi” (quiátras, cólogos, canalistas) e pela concepção de que cuidar é uma ação de toda a sociedade.

⁷Arriscando-me ao reducionismo, desconsiderando as complexidades do tema, a formação tradicional em saúde mental pressupõe ser a saúde de domínio dos Psi, o HP o lócus de atenção, a distância dos “pacientes”, necessária, não havendo responsabilização por eles.

A opção pelas concepções de Humberto Maturana, médico e biólogo chileno, deram-se em função de sua abertura a como o sentido da vida e do humano influenciam as relações de cuidado e responsabilidade através do amor, circunstância biológica do humano. Verificaríamos que interações, consensos, linguajares, condutas cotidianas, afazeres, provocariam mutações nos entornos e nas vidas de todos. Os conceitos de *Autopoiese*⁸, Amor e Convivência, Ciência, Conhecimento, Psíquico, Ontologia do Conversar etc., aliados aos fundamentos ontológicos do Cuidado, de Heidegger⁹, que comporia o restante do cenário.

A idéia da vida comportar em sua existencialidade um fluxo de emoções e razão inextricavelmente enlaçados num “linguajar”, pelo qual produzimos “diferentes domínios de realidade” (Maturana,1992:42) já fora vivenciada em inúmeros eventos tocados pela Oficina, mas não na forma como a conheceriam. O desafio seria viver “na carne” diferentes domínios de realidade sensíveis e racionais, além da criação, exploração, reflexão sobre o que tinham tido pouco ou nenhum contato, em suma, viver a desordem e a criação na figura da desrazão, a consciência de que vivemos numa complexidade de “estar-sendo” onde engendrarmos configurações “possíveis”.

A idéia de Metamorfose permitiria entender os apelos de ser, existir e conviver, sob uma ética de re-ligação construída na aventura de ser, no trágico do “estar aí”, agigantado pela situação penosa dos internos, cronificados, “jogados”. A “estética” seria conformada no sentir-junto, tecendo uma “ética” de convivência

⁸Os “sistemas autopoieticos” se estabelecem num “processo”, no qual seus próprios elementos são novamente sistemas autopoieticos, que tornam-se, assim, a estrutura que forma o sistema. A conservação da *autopoiese* e da adaptação é constitutiva da subsistência do ser autoproduzido no meio em que está acoplado; se esta se perde, a interação torna-se destrutiva. O “sistema” é uma unidade não é estável, em movimento, em processo. Sua operação é ele próprio, é “auto-referido”. Permanentemente, repele as perturbações que condicionam por sua vez suas operações e mudanças estruturais, e constituem-se em alavancas para a formação de estruturas no sistema, porém, não as determinando. Possui leis de auto-organização no qual as determinações são impossíveis de prever, descritíveis apenas retrospectivamente. Estas leis estão em harmonia e coerência com o meio, remontam a fatores genéticos e ontogenéticos que a plasticidade estrutural de seus elementos limita. Esta coerência está presente no social e no individual. As reações às perturbações do ambiente geram mudanças nas estruturas do ser autoproduzido, e inversamente, são perturbações para o próprio ambiente; sistema e meio acoplam-se reciprocamente através destas, recursivamente. A organização, entretanto, se mantém. Quando há perturbação recíproca, sob a evolução do sistema, acontece o que ele chama de “deriva”, uma mudança histórica.

⁹“Sorge” pergunta sobre o “sentido e essência” daquele que “existe”. “Preocupação” define a existência (dasein), “assumir responsabilidades” (num sentido não moral); no mundo enquanto ser-junto, e leva às descobertas das estruturas autênticas da existência” (Vattimo, s/d:47). O existir é “estar atento, preocupar-se, aproximar-se mais do desvelo e da atenção do que da aflição”; o cuidado é o próprio existir, exercício de “possibilidades” que capacita a atribuir sentido ao Ser que no mundo, o produz diante de si projetando suas possibilidades através da inquietação, condição para a criação.

amorosa, relacionando-os em diferentes planos de emoção, sentimento, percepção, estruturação e saberes, numa espécie de "poetização do cuidado".

Lidar com a criação equivaleria a lidar com a desordem, na forma da desrazão, ou seja, da loucura. Ambas escapam à domesticação, ainda mais numa convivência que pressuporia aceitar o estranho, o estrangeiro, como nosso "outro", admitindo os efeitos que suas diferenças têm sobre a sociedade e as interações cotidianas. Essa "diferença" poderia ser integradora na criação, no plano das mutações, onde poderia adquirir uma "forma" que escapasse à lógica racional, articulada em conjunto com a estesia e a reflexão, que os permitisse "compor" com a desordem sem, necessariamente, deixarem-se dominar por ela.

Metodologicamente, precisávamos de um pensamento que nos aticasse a renovar ferramentas conceituais e gerar novas metáforas, dinamizando a espiral do pensamento, constelando idéias e imagens em uma "razão sensível". Outros autores, como Michel Maffesoli e Edgar Morin, Basarab Nicolescu, Fayga Ostrower, além de poetas como Paulo Leminski, Manoel de Barros, Ferreira Gullar, Fernando Pessoa e outros, enriqueceriam as relações misteriosas entre ordem, normalidade e razão, tradicionalmente contrapostas à desordem, loucura e sensibilidade. Tais autores estariam reunidos na transdisciplinaridade, que constituiria o processo epistemológico das Oficinas. Suas outras demandas, de caráter plástico, metamorfofóico, aliariam o ético-estético, ontológico, teleológico, deontológico (lógica das situações), espiritual e político, potencializando a apreensão integral do que se considerava "saúde", na vida. Conjurariam Ciência, Filosofia, Arte, Complexidade, Política, Sociologia, Antropologia... Afinal, a "doença mental", para Maturana, era um "transtorno epistemológico", não um "erro", "descaminho", "doença" ou "defeito", podendo ser estudável de diferentes perspectivas.

As Oficinas teriam que instituir-se como lugares de corpos em relação intelectual e sensível, para estabelecer uma base de cuidado a partir deles mesmos. Pois, como poderiam aceitar os internos como legítimos sem aceitar sua legitimidade a partir do amor e da convivência?

Seria fundamental que, enquanto grupo, indagassem o sentido do que faziam, se a logística de funcionamento seria compatível com os saberes de que dispunham e que outros pensamentos, sentimentos, saberes e práticas teriam que

buscar ou desenvolver, na direção do cuidado¹⁰. Para pensar a existência errante daqueles seres esfomeados de afetos, escutar suas realidades, descobrir o que era digno de ser pensado como Outro e que não o estava sendo...

Nessa lógica, "cuidar" demandaria a responsabilidade de imprimir "sentido" ao coletivo através do "pro-jeto", considerar o Outro como legítimo, descobrir a si mesmos. Buscar-se-ia um novo paradigma: o de transformar em eventos criadores o pensado, o sentido e o imaginado a partir dos cotidianos em sua condição de "possibilidade". Isso fatalmente desvelaria que as ausências traziam latentes em si potências: a ausência de sentir seria a possibilidade de sentir, a falta da criação, a potencialidade de inventar, a falta do pão, o pro-jeto de reparti-lo. Não só o pão, mas a beleza e o abraço, deixando-se afetar pelo Outro, fosse ele pessoa, símbolo, objeto, por tudo o que nos escapa (desordem), e pelo que anima as coisas.

Humberto Maturana fora escolhido por seu estudo dos seres vivos em interação através da convivência como seres que se auto-produzem através da *Autopoiese*. Diz ele que "o ser vivo é um ente sistêmico, nenhuma molécula determina por si mesma qualquer aspecto do operar do ser" (Maturana, 1992:42). O biológico se estende às implicações do viver no "linguagear"¹¹, imbricado de razões e sentimentos. Sua relevância está no fato de que os objetos surgem de "condutas" num mundo "compartilhado", nas "concordâncias operativas entre organismos" que são o "dever" de suas convivências. Da coerência com o biológico, onde o amor é um operar adequado à circunstância, surge posturas epistemológicas de aceitar a legitimidade de todas as formas de existência como "legítimas outras". Condição básica, segundo ele, para que haja "amor", o reconhecimento biológico entre dois iguais. Dessa forma, existiriam tantos "reais" quanto os seres que perguntam, e compõem não um "uni" verso, mas um *Multiversa*. Nele, cada domínio explicativo, advindo de um modo específico de perguntar, gera um real; se muda a pergunta, muda a "explicação". Domínios distintos de perguntas geram respostas distintas, e não necessariamente erradas, mas discordantes.

Para Maturana, as muitas realidades evidenciam "consensos operativos na convivência", razão pela qual seria tão vital exercitar seus domínios, onde habitam a discordância, o dissenso, o conflito.

¹⁰Para Homero, morada, "Habitat", "toca". Heidegger o liga a enraizamento (*bauen*, "construir" é "habitar", da mesma família de *bin*, eu "sou"). A morada do homem está no cuidado, na ética, ou nos dois. Saber de que ética estávamos falando implicaria em abordar temas como o sensível, que, para exercer o cuidado, necessita de uma gestão, que tem no pedagógico sua condição existencial.

¹¹Optei por essa tradução por julgá-la mais fiel ao autor. As edições em Português o tratam como "linguajar", o que parece fugir aos neologismos propostos por Maturana.

A criação permitiria escapar aos sofrimentos resultantes da “confusão” de dois ou mais domínios de realidade ao viver-se desejos ou afetos conflitivos (Maturana,1996). O apego, a tirania, a competição, o preconceito, irrealizam o amor, mas, se aceitamos o outro como “legítimo”, entretanto, evitamos sofrimentos, entramos em harmonia com nossa circunstância. Porque o mundo se configura com os outros, e será tanto mais fluído quanto mais entendermos ser responsáveis pelo que nos acontece.

Tendo em mente que ampliar “a fluidez do viver se dá nas relações interpessoais” (Maturana,1992:30-2) e que o grupo não se conhecia direito, o derradeiro e decisivo passo a ser tomado foi o de relacionamento a partir do afeto. O segundo, de modificar as condutas, pois, quando alguém “estabiliza” as relações humanas, cristaliza-se, “nega ao Outro a possibilidade de mudança”. “Mudar” implica revisar o preconceito de dizer “eu conheço o fulano e sei que vai fazer tal coisa”, porque sob a suposição de que ele “é”, e não “está” assim, não permito um mundo mutante; se o configuro na relação, há uma fluidez muito maior. Esta, em geral ausente nos terapeutas, coloca o outro “fora” de seu domínio de ações ao evitar ser “afetado” pela convivência. O “inteligível” encobre o âmbito do conflito, ao contrário do sensível, que os vive na interação, inclui o outro em minha circunstância, com a conseqüente ampliação das liberdades reflexivas. Se isso não acontece, negamos o amor, e adoecemos. Sem amor não há conhecimento¹², só informações.

Outra das instâncias de desenvolvimento seria abordar o conhecimento na perspectiva de Maturana, para quem conhecer é “viver”, “adaptar-se”, “processar” num operar adequado à circunstância. O viver humano surge no conviver como um processo no qual se apreende espontaneamente, sem esforço, o espaço psíquico, mental e espiritual da cultura à que se pertence. O conhecimento habita a dinâmica das interações e relações através do entrelaçamento entre linguajar e emocionar, no “conversar”. Portanto, a partir de nosso conversar, foi preciso perguntar se nosso domínio explicativo estava em congruência com nossa circunstância, pois toda a nossa experiência “de fora” teria

¹²“Adscrição que um faz ao outro quando a conduta deste satisfaz o critério de validez que possui ao escutar” e a aceita como “adequada no domínio em que escutar”. Fenômeno “de transformação estrutural na convivência”. O humano não aceita que muda, mesmo sabendo-o que ser vivo e meio “mudam continuamente, no câmbio estrutural particular, no momento do encontro”, e vive-versa. Como “pé e sapato, que mudam um ao outro” (Maturana,1992: 292). No aprender não se pode captar algo externo, pois o que se passa com alguém depende dele mesmo, de seu sistema nervoso central fechado.

que ser, necessariamente, validada pela estrutura que torna possível a “coisa” que surge na descrição, ou seja, a estrutura do perguntar, das interações do ser, das “conversas”, dos *multiversa*. Conhecer o Outro, em suma. O que demandaria, por uma questão de coerência, “observar” nossas ações na convivência, nossos afetos. Passou por “fornecer condições para que a vida do Outro possa ser vivida



nas melhores condições possíveis”, diria Rogério. Que em depoimento posterior, reafirmou que “o que mais lhe tocou aqui foi quando, a partir da escuta”, pôde “sentir a dor, o desespero e a angústia dum morador quando disse da tragédia que era a sua vida. E isto aprendi na oficina, a cuidar”.

Deflagrar vida no manicômio dependeria de desocultar nossos domínios explicativos e sensíveis, de tudo aquilo que, “no fundo das aparências”, como diria Maffesoli (1996), requeria um mergulho profundo no abismo de realidades insondadas, invisíveis, intangíveis, veladas, onde os seres “padecem as dores de parto das mais improváveis alterações”, acrescentaria Paulo Leminski (1994:19). Precisariamos, portanto, dos desvios e artifícios da metamorfose, através da criação coletiva, para reinvestir as forças de desordem presentes nos fazeres para que esta, num movimento de vida, fecundasse a ordem do manicômio e fizesse surgir uma nova convivência. E neste processo estava uma grande questão oculta, na verdade e afinal de contas: a fonte ancestral, do amor metamorfoseada no poético: “donde vem tanta força, formas de formas se transformando em novas formas?(...) transforma-se o amado na coisa amada, amar é ficar fora de si, por um tempo, e, depois, voltar, outro” (id,lb.).

Amar, portanto, requeria invenção, compromisso, consciência, repensar que condutas, fazeres, domínios de perguntas, e desde onde, poderiam criar uma rede solidária entre cuidadores e internos. Concluimos que a responsabilidade estava justo na convivalidade nascente, na “possibilidade inteiramente lançada (...), de ser livre para o poder-ser mais próprio” (Heidegger,(I):199). Compreensíveis a partir do ser que “dá” sentido no existir, nas possibilidades de seu ser, ou de recusá-las.

Para entenderem isso, sugeri que, através de um “faz-de-conta”, olhassem a si e aos internos como alguém a quem nunca haviam visto, um ser de outro planeta, e, através do que expressassem, dos sinais que emitissem, tentassem decifrar seus mundos. Suas “sobrevivências” dependeriam das leituras que conseguissem fazer, portanto, era preciso estar seguro antes de qualquer julgamento, esse era o jogo.

O nível de complexidade era imenso, pois a loucura possui um sentido oculto, muitas vezes indecifrável, e o humano se constitui não em “qualquer linguagem”, e sim onde o racional é dado a partir do emocional. Diz Maturana (1992:35) que

“el lenguaje fluye en los encuentros, en el contacto visual, sonoro o tátil que ocurre en los sistemas nerviosos. El encuentro gatilla cambios determinados en la corporalidad de cada uno”.

Em decorrência disto, Elaine aconselhou “aproximar-se da fala sem convertê-la em mero instrumento de comunicação, dispositivo de representação ou meio de expressão”, mas tratá-la de forma a “traduzir” o que a sistematização das palavras expressa, “experenciar a teoria, para acolher essa fala no seu poder mais próprio”. Mas não só, depois, “deixar-se atravessar por ela para que ela transforme o outro que está escutando. Não no sentido de convertê-lo, num tom “moralista”, mas de maneira a transfigurar a linguagem numa instância onde a expressão da dor possa ser apreendida”. O que torna *mister* escutar. E para isto, “estar atento, conhecer quem está falando, como e sobre o que fala”. Mas “até que ponto estamos sensíveis a isso?” Frequentemente se perguntavam “As pessoas que atendemos”, diz Vivi, “portam uma individualidade que tem direito ao gozo de algo e o direito ao uso coletivo”. Mas “é difícil conviver com o fracassado”, com o descaso, a pouca preocupação dos trabalhadores de saúde que muitas vezes não percebem a importância de entender sua classe social, cultural, visão de mundo, crenças etc”.

Dani aponta que escutar demanda, de certa forma, “respirar o outro”. Que é fundamental não só profissionalmente, mas na vida, “um pouco o que fazemos quando seus olhos nos buscam através da linguagem”. Aí, “se constrói a validação da experiência, enquanto troca de organismos vivos”. Eleonora lembra que “quando uma moradora relata fatos vividos, penetra mais fundo que a própria patologia e posso sentir, no que trazem suas palavras, a saúde sobrevivendo ao estigma”.

Estava lançada a semente do que Rogério descreveu como o “desenvolvimento do respeito aos espaços do outro, a seu sentimento de pertença, às transformações para além do mero estar, aqui e agora”. Levando em conta que, quando observa, “impõe” sua presença, e procura então “encontrar espaços sem esbarrar em ninguém”, para preservar e respeitar seu espaço. Espera tornar sua presença mais importante para transformar essa realidade para além da presença.

O resultado das observações levou à discussão de que há tantas realidades constitutivas e domínios experienciais, cognoscitivos e de explicações quanto nossos modos de viver e pessoas que o constituem, complexificado pela pergunta de Leminski (1994:25): “que mais existe senão afirmar a multiplicidade do real, a igual probabilidade dos eventos impossíveis, a eterna troca de tudo, única realidade absoluta?”. A realidade é metamorfose, pois se os “seres se traduzem, tudo pode ser metáfora de alguma coisa ou de coisa alguma, tudo irremediavelmente metamorfose¹³” (id.ib.)...



Percebemos o quanto a convivência criadora convidava à ação vincular, o que alertou à pergunta por qual convivência o grupo estava constituindo, que laços precisavam ser estreitados, onde estavam os afetos e os corpos. Adri afirma que entre suas interações estaria o viver, sempre demarcando “de que corpos estamos falando”. Pois a sociedade desenvolveu obstáculos aos corpos “estranhos”. Exclusões, “medos, superstições, frustrações, e separações preenchem, lamentavelmente, vários exemplos históricos, de Esparta à Idade Média. Longe da vista e do pensamento”, conclui.

Levantada a perspectiva da importância do corpo, a partir daí, atividades de sensibilização precisaram falar do sentir, de deixar que emoções nos atravessassem, através de escutas artístico-poéticas, as “vedetes” das aulas. Que nos deixaram sedentos de criar poeticamente.

Essas novas relações que, com outros autores e disciplinas da Residência, segundo depoimentos, eram do tipo “ler-debater-moral da história” ou de caráter

¹³Como a de Tânia, na foto, em Oficina da Semana Acadêmica dos Cursos de Arte e Design, em São Miguel d’Oeste, SC, em dez de 2005.

meramente “informativo, foram “coladas” ao vivencial, recriadas em imagens, poemas, despertaram sabores adormecidos, criaram novos. Tensionaram os “movimentos in-utilitariamente in-úteis” de Leminski (1982), para conformar que desdobramentos teriam uma ética diferenciada, porosa, fluída, difratada no conjunto de suas existências, no favorecimento de um sensualismo cotidiano. Numa “estética da vida, *cum-sensualis* (...) a um só tempo, “causa e efeito de uma mais-valia vital” (Maffesoli,1985:42-43) que favoreceria a manutenção da vida tão almejada naquele espaço tão racionalizado.

Não creio ter sido fácil, pois além do cansaço com que chegavam após horas e horas atendendo os internos, uma certa “desconfiança” do grupo pairava em relação à “novidade”, além do medo de os vínculos subtraírem-lhes a segurança conferida pelo intelectual. Seria preciso construir uma sinergia que permitisse a confiança necessária à criação coletiva. Como as resistências eram fortes, envolvemos o corpo em experiências de fortalecimento do estar-junto, dos laços ético-estéticos a partir do sensível, da solidariedade, do comprometimento afetivo e perceptivo do que se passava na socialidade básica do grupo e dos moradores.

Começamos pelos sentidos, pela desconstrução da linearidade de seus discursos e a subsequente instauração poética, tendo como suporte a arte. Pelas razões já mencionadas e pela natureza dos conteúdos, era impossível atribuir-se um “conceito” intelectual, “explicar”¹⁴ algo sem a escuta e o sentimento, que, para eles, deveriam estar em outro “lugar”, não, junto “com”. Propus que emitissem depoimentos sobre um texto sem o verbal, ou seja, “in-corpo-rassem-no”, “fossem-no”. Perceber seus efeitos para além das aulas era o desafio maior, no trabalho e na vida. A partir de massinhas de modelar coloridas, desenhos ou construções com sucatas, deveriam materializar analogias com o texto, desocultar sua “verdade” sem “explicar” o que o autor queria dizer. Surgiu, paulatinamente, a consciência de que o sensível não era “instrumental”, mas essencial. Construíram sóis, pontos de interrogação, formas abstratas, encantados de como idéias tão complexas podiam brotar de formas tão simples. Mesmo a bidimensionalidade de uma massinha achatada podia dizer tanto de algo que levara páginas para ser dito. Entretanto, ainda sentiam necessidade de “falar” sobre as construções, e explicitar que isso era em realidade “outro” discurso sobre um discurso. Lu reclamou que embora tivesse

¹⁴Para Maturana, “explicar” depende de como se escuta. São “domínios de existência” validados pela ação humana constituídos convivência; proposições explicativas de nossas experiências.

gostado, lhe "causaram uma grande confusão". Maturana "já altera o significado de termos, conceitos e emoções, de maneira a nos fazer aderir à sua construção mental". Incomodou-se em despojar-se, racional que se reconhecia, de suas construções e *a priori*. Desasossego típico...

Essas duas vertentes do estranhamento causado os deslocara a outro contexto, mais movediço, do sentir como o outro que não "está em mim". Teriam que abrir suas sensibilidades aos entornos de outra forma. Outro olhar aos internos, mais amoroso, outra forma de perceber o efêmero, o que se constitui e destitui, o mal-estar de ver que o verdadeiro em si não existe. O que estava em questão era a "aparência", a circunstância, a situação, a identificação constituída no dia a dia com os outros e os internos. A alteridade era aberta e largamente discutida teoricamente, mas pouco conectada à intimidade de seus corpos. Do resultado, Adri comunga sua leitura:

A loucura busca suas vestes
 A loucura faz história
 Suas personagens presentes
 Olhares amedrontados
 Rostos perplexos
 As paredes são testemunhas
 Do delírio
 Do sofrimento
 De repente eu estava lá,
 Sem saber o que fazer
 Um pedido de ajuda
 Um gesto de súplica
 A loucura está nua
 Fragmentos de uma história
 Buscam tecer essa rede
 É preciso saber escutar
 Ser humano é tarefa difícil
 A loucura se faz presente,
 A loucura busca suas vestes:
 O louco
 O louco reflete sua imagem
 No espelho:
 O louco sou Eu

A teoria foi uma ponte que o poético ligaria a suas vidas, às pequenas coisas que antes não viam... Como um olhar de socorro a um usuário, um pente ou espelho esquecidos num canto que poderiam ser festa para os moradores. Começaram a perceber que os lixos poderiam ser "obras de arte".

Para entenderem os movimentos entre o racional e o sensível, a ordem e a desordem, em duplas, trabalhariam num espaço de mais ou menos um metro. Ali deveriam interagir, em silêncio, utilizando-se um de tinta preta, outro de branca,

com os dedos, criando uma composição. Depois de pronto, as duplas trocariam de trabalhos e, no espaço habitado por outra dupla, introduziriam um “conflito” nas relações, através do vermelho. Por sua carga simbólica e energética, essa cor era perigosa, uma só “pincelada” arriscaria o conjunto, até agora “harmonioso”. Ela pertencia a dois “versa”, interagia no branco e no preto, aumentando a tensão. Analisaram como alguns brancos e pretos dominavam o campo do outro, a dificuldade em mantê-los em harmonia pela incapacidade de entender a consigna para modular a força. Ficou flagrante a falta de leitura dos códigos do corpo. Cada cor era um *versa* com um domínio específico de realidade a partir de quem perguntava. De seu languagear advinha a sedução, a conquista de espaço, nem sempre “negociável”; domínios distintos, realidades distintas, perguntas distintas.

Um texto de Michel Random¹⁵ sobre a “mutação” ampliou nossas concepções. A experiência demonstrara que cada área de tinta gerava uma questão diferente, única e com valor para quem a articulava, mas não necessariamente para o outro.

O diálogo viria dos consensos, do respeito e da preocupação mútua de quando era possível avançar e de quando era preciso ceder lugar ao outro. A legitimação dos domínios dependeria do observador. Cada “dedada” não era

¹⁵ A mutação da lagarta em borboleta corresponde a três conceitos chave de Lupasco. “Potencialização e Atualização”: num dado momento, tudo aquilo que no organismo da lagarta a mantinha em seu estado vai se inverter, os glóbulos brancos que protegiam seu corpo contra as bactérias precipitam-se agora no corpo da lagarta e desintegram a maior parte de seus tecidos, músculos, aparelho intestinal, pele, restando apenas o coração e o sistema nervoso. Durante um momento, a antiga lagarta já não existe e a futura borboleta ainda não existe. “Estado T”: Apesar do ataque dos glóbulos brancos, ilhotas embrionárias sensíveis aos fagócitos formarão na hora certa novos órgãos adaptados às funções e à alimentação totalmente diferentes da borboleta. Essas metamorfoses do vivo mostram que os processos de uma verdadeira alquimia biológica entram em ação para produzir um novo ser, a borboleta, completamente diferente das partes de que saiu. A Alquimia considera que todos os processos são determinados por três aspectos: “Obra em Branco” “Obra em Negro”, e “Obra em Vermelho”. A primeira corresponde ao princípio de potencialização, estado vivo no qual todas as coisas se encontram; a segunda exprime o conceito entrópico de precipitação e homogeneização. Todas as coisas são real ou simbolicamente calcadas no cadinho para sofrer uma nova fusão e reaparecerem em novo estado. Assim os processos vivos são submetidos a diversas formas de dissolução ou decomposição bacteriana que tornam a matéria novamente disponível para a vida. As civilizações sofrem uma sorte análoga quando um princípio excessivamente dominante torna-se entrópico. O desmoronamento interno precede o do conjunto das estruturas. Uma “arterioesclerose” simbólica paralisa a sociedade que desaparecerá, às vezes muito rapidamente, a partir de múltiplas causas: doenças, conquistas, ou desmoronamento interno. A “Obra em Vermelho” exprime o renascimento da vida, a força da expansão, heterogeneização ou de nequentropia. Recomeça o ciclo vivo. Estes três princípios têm seu corolário no pensamento hindu: “Satva”, harmonia natural, luz, pureza; “Tamas”, entropia da obra em Negro, ignorância e obscuridade; e “Rajas”, a Obra em Vermelho, vida que renasce, força da expansão que pode se manifestar com violência, como a paixão: a vida, mais que um abraço, é um incêndio dos deuses, forças cósmicas naturais que têm tantos níveis de consciência quanto nossa própria consciência e tantos olhares para serem trocados quanto os que temos para lhes dirigir. Mas, se nossa consciência e olhares permanecerem limitados, estes deuses possuidores de extrema vitalidade se sentem frustrados e mesmo fortemente encolerizados; necessitam de um todo relativamente elevado de vibração para existir. Nossa visão míope faz os deuses morrerem. Mas é de se temer que antes disso acontecer os deuses sacudam suas jubas e então saberemos o que significa a natureza de seus abrasamentos (Random, 2000).

“errada”, mas uma “diferenciação escutada e vivida pelo cérebro como real”, naquela circunstância, um “sentido de realidade” único. “Admitir o *multiversa* em detrimento do *uni-verso* significou admitir o que juntos compartilhamos: corpo, emoções, segredos, simplicidade, verdade interior, paixão”, diriam depois. O significado da criação, capilarizada em seus cotidianos, indicara não existir formas puras, nem como teoria, nem como prática, mas sim, um todo estruturante que se inter-relaciona como “multiplicidades de real”. Um real “quântico” de ênfases/exclusões assimétricas, onde o “fictício” atravessava o “real”.

A “realidade” se faz enquanto se cria, as escolhas feitas podem modificar a realidade final, influem na escolha do outro, influem na interação. Depende de nós o “real” que se constitui na convivência. Daí a dificuldade que tiveram com as cores, onde geralmente um dos participantes “dominava” e outro se “submetia” sem saber que poderia comunicar-se pelo olhar, pela respiração, em movimentos quase imperceptíveis dos dedos na tinta, por tremores, aumento dos batimentos cardíacos, temperatura, hesitação, que “falavam” mais do que qualquer palavra, mas não havia “escuta”. Fala e escuta são faces do mesmo, do tradicionalmente considerado “oposto” ou “pregnante” unidos na “unicidade” da convivência. Metáfora para a dinâmica ordem-desordem, normalidade-patologia, regeneração e degeneração, vitais à “socialidade¹⁶”. Como nas tintas, na lógica conflitiva, de harmonia fundada nas diferenças, o contrário, sempre em jogo, é tensionado. (Maffesoli,2003:172). O racional produz seu duplo para se auto-afirmar, e despreza tudo o que dificultar sua hegemonia. “Mais do que nunca precisamos da totalidade não como a soma das partes antropologicamente separadas, muito menos modelos a priori definidos”, disse Juli: para “embrenhar-se no desconhecido, viver e ir vivendo, e vivendo, fazer emergir a imagem de cada ser humano”.

Maturana (1996:31) alertara que nas “explicações” é que surgem os conflitos, na “*praxis* de vivir del observador y también constituyen experiencias”. Estas são argumentos do viver, não domínios válidos a uma práxis profissional. A realidade é uma proposição explicativa de nossa experiência, das coerências operativas de nossa vida cotidiana e técnica ao vivê-las.

Entendida a metamorfose, o próximo passo era o prazer a ser extraído da lógica do instante, que Maffesoli lembra na “acentuação do momento” que

¹⁶Caracteriza o “estar-junto”; supera o agrupamento racional mecânico. É solidariedade de base, “societal” em ato, outro modo de dizer o “holismo”, “alteridade” (Maffesoli,1985:17).

cristaliza todo o sentido, vivido e pontual, dignificando a mesma vivência através da “sensibilidade trágica” de viver o que é sem medida. Uma “ética do instante” implicaria em levar a sério os prazeres orgiásticos, o desenfreamento dos sentidos, o retorno de uma “animalidade serena”... Aceitar nossa desrazão.

Teorizar enquanto fazíamos as coisas, nas conversas, tornava a loucura parte das relações desarmoniosas, relacionamento de troca e compartilhamento, “mas também de confronto nem sempre agradável”. Mas que acontece, e “há que estar presente o consenso para o meu, o teu, o nosso crescimento, como seres legítimos, legítimos outros”. Mesmo na singularidade desarrazoada, na “cara feia”, precisamos cuidá-los, foram algumas das conclusões coletivas.

Pelo visto, nosso cuidado ¹⁷ não podia ser o da razão objetivista, aprisionadora da criação, da intervenção-produção-resultado, ou a dos cristãos e seu cuidar descarnado, com sua verdade binária de bem “ou” mal. Afetar-se pelo outro não acontece sem o envolvimento do todo. Afinal, a modernidade trouxera descaso, abandono, de forma paroxística em tudo o que desconsidera, no pobre, flagelado, aposentado, menina-mãe grávida de mundo que não pode dar à luz, louco, aidético, horda ameaçadora de desvalidos, degenerados. Paradoxalmente, nos que “navegam” no sem-sentido do uni-verso “high tech” de uma Internet a outra, os menos de 10% sorridentes de todo o gênero.

Sabedores disso, não era possível “investir” na queixa, mas sorrir e amar. Esquecidos “nesta guerra de planetas, mundo e vidas, onde cada um tem uma cara, um jeito próprio de viver, e a única maneira de atingirmos mudanças é através do (re)conhecimento do outro”, lembra Ale. “Em nossa área, não há como não perceber o outro desde um olhar repleto de amor. Sem isto, não há sentido de estarmos, poderíamos estar em qualquer outro lugar, menos aqui”.

As reflexões sobre o cuidado passavam na carne, tornando necessário rever as relações sensíveis não só consigo e o outro, mas com o mundo, seus papéis no Hospital, suas relações com os participantes, enquanto grupo, e como isso se refletia em suas vidas. Afinal, não se tinha bem claro o que eram os “serviços, “catar um por um os espinhos” (Barros, 1991).

“Cuidar” afinal de contas, é uma questão em aberto nos “sentidos, na linguagem do próprio viver quando olhos nos buscam através da linguagem, na

¹⁷Desvelo, zelo, vigilância, cautela, precaução; supor, imaginar, meditar, inquietar-se, preocupar-se, “Curare”, tratar algo com atenção especial (Dicionário Luft:177-8). No HP, ritualizado nos “serviços”, atenção, cuidado com a saúde, medicação, contenção, participação, criação, ócio. Na crise, situação-limite onde “o humano pode tomar consciência “de seu lugar no universo” (Eliade ,2002:30).

validação da experiência como troca entre viventes”, disse Rogério. Se o “homem” é um predador, humanizar-se envolve liberdade, livre-arbítrio, responsabilidade, consciência, conhecimento, amor, ética, cujo fundamento está na exigência do cumprimento de valores quando se rompem as coerências nos modos dos sistemas viventes serem aceitos numa comunidade. Ética¹⁸ e moral¹⁹ são distintas, a primeira é reflexão responsável sobre que mundo desejamos viver com outros. Implica cidadania, transformação do mundo num qualitativamente mais adequado, depende de consensos, compromissos sociais, responsabilidades e desejos apoiados em vínculos amorosos.

Se vivemos na injustiça, podemos “ser injustos, ou pela reflexão, lutar contra injustiça. Toda a relação pressupõe um domínio ético na qual as conseqüências das ações de um humano provocam conseqüências em outros. O amor²⁰ é do domínio das ações, conduta, e como tal, aprendido. É um fenômeno biológico, cósmico, emoção de aceitação mútua que “especifica o domínio de ações no qual os viventes coordenam suas ações” (Maturana,1992:237).

Laura o coloca na concretude: “Maturana, para mim, é teoria, Mirela e o grupo - vivência. Se algo ficou, foi dos colegas e moradores. Aprendi o que vivi por aqui, e não consigo representar o amor no biológico, nas células, mas nas relações humanas, do que vivi e vivo. Aceitar o outro “como legítimo outro na convivência” tem sido um exercício. Somos bastante diferentes, sei que meu desenvolvimento depende de minha interação, de viver com esses outros. Quanto mais conheço do outro, mais conheço de mim: e isto não é tarefa fácil!”.

A transformação fora deflagrada, a descoberta do homem, “ente”²¹ referido a seu próprio ser²² enquanto “possibilidade de “existir” foi ultrapassada no “pro-

¹⁸Para Aristóteles, a “ética” é a morada do homem. “*Ethos*”, paixões da alma, seu equilíbrio, hábito; “éticos” os de moral “altiva e temperante”, sábia, boa, virtuosa. Associa-se a “*Phyly*”, entrelaçamento de homens, cosmos e cidade, consolo de almas aflitas, contrário de “*physis*” (corpo). A poesia é “ética”, médica, religiosa, cura sagrada; “*catharsis*”, purgação purificadora de paixões, “*Paidéia*”, educação formadora da conduta “virtuosa”, “*pharmakon*”, remédio que desfaz dogmas, intolerância.

¹⁹As normas morais assumem significados diferentes. Até o Século das Luzes, inseparável dos mandamentos de Deus, a partir daí, “racional, universal, presente em todos os homens”, “dever absoluto, sacrifício, obrigação moral ilimitada, dever cívico, político, familiar, produtivista, higienista, rigoroso, lancinante. Daí, vira “pós-moralismo”, desejos, ego, felicidade, bem-estar, cultos “hedonista-utilitaristas”, dissolução de autocontrole, individualismo irresponsável (Lipovetski (1996:30-2).

²⁰Para Maturana (1992) Os fenômenos sociais têm seu fundamento no emocionar, no amor, no organismo global e sua situação geral, moldando-se de modo diferente a cada fenômeno. Sem ele, não há social nem conhecimento; ele é o que fazemos nele enquanto humanos, nossa maneira particular de vivermos juntos. Se o negamos em favor do racional, nos desumanizamos, nos cegamos, não concebemos poeticamente, desrealizamos o social, vivemos em luta contra o mundo.

²¹O “Ente”, se interroga, é uma existência, um quê simplesmente dado em sentido amplo (mesa, cadeira); “tudo de que falamos “e entendemos”, como nós mesmos somos (Heidegger,2002,I:34).

jeto”, onde as realidades são maneiras de ser cuja possibilidade é o sentido de existir, ainda que “meramente possível” (Vattimo,1998:24) ²³.

A determinação ontológica mais originária da pre-sença ²⁴ “ é propiciar aberturas para compreender, projetar para além do simples conhecimento, as possibilidades urdidas na compreensão (Heidegger,(I):204). Na “significância” por ela aberta, o ser se entrega “à responsabilidade, possibilidade lançada (...), de ser livre para o poder-ser mais próprio” (id.:199). As “possibilidades” de liberdade e transformação descobertas enquanto “entes” referidos ao próprio ser chegam no existir como “poder ser”. A “determinação ontológica mais originária e mais positiva da pre-sença” é ser capaz de propiciar aberturas” (Vattimo,1998:24).

O amor foi a grande abertura e a condição de nosso desenvolvimento integral, da manutenção de nossa vida mental, social e espiritual. Nele, “não há espaço para a neutralidade, que implicaria na anulação do outro e sua destruição, o que expõe a fundamental importância do vínculo amoroso-afetivo”, disse Liana. Que “demanda alianças, acolher a história de vida de cada um dos moradores para que a relação se estabeleça”.

Rita pôde “ver e sentir os relacionamentos de um modo diferente, uma maneira mais intensa, onde sempre há troca, mesmo no silêncio, e que toda a troca tem conseqüências bastante significativas nas vidas envolvidas”. Acredita ter ampliado sua noção de realidade através de suas trocas, “quando se abre um espaço de aceitação da responsabilidade constitutiva na coexistência com outros”.

Luiz compôs um soneto para falar de emoções para “falar do verdadeiro componente terapêutico para os portadores de sofrimento psíquico”, disse, que tornam possível a história da hominização. Seu “Poema a Ser Lido em Tons de Voz Diversos”, para orador e coro, que o diga, numa releitura de Shakespeare:

Orador: Eis que é desfeito o enredo: Um homem, não mais do que isso
Prosterna-se sobre seu medo sem descobrir-lhe o feitiço!(...)

Anjos (rindo): Bem está o que bem acaba”. Não vês a sutil injunção?
Se podes prever o “que acaba”, te damos suprema Razão”.

²²“Ser” é um conceito universal, resiste a definições e pede um sentido naquilo que é e como é, na realidade, no ser simplesmente dado (Vorhandenheit), na pre-sença, no “há”. Sua essência está em sua existência, nos “modos possíveis de ser (...) o ser do ente é sempre meu (...): “eu sou, tu és” (I:78).

²³Na Física Quântica o universo é possíveis movimentos da consciência, tendências, possibilidades.

²⁴Pre-sença é um ente que, na compreensão de seu ser, com ele se relaciona e comporta”; indeterminada, compreende a si mesma a partir de sua existência (Dasein) que determina a pre-sença [que] tem a tendência de compreender seu próprio ser a partir daquele ente com ela se relaciona e se comporta de modo essencial (...) a saber, a partir do mundo (I:43)”.

Mas não podes, bem sabemos, por isso de rir nós morremos,
com Vossa alteração!

Poeta: Por que nos salvamos dos anjos se deles a nobre poesia
Exala num belo soprar tentando fazer-nos humanos?
(...) Voltados a antigas memórias nos fazemos em plena devoção;
Nem do mundo as tantas glórias sufocam a extrema emoção.
Envoltos na velha cantiga sentimos vibrar todo o cosmo!
E, sendo amantes os seres de amor nós fazemos a Vida
Sorrimos ao ser que nos fere e logo ele amado será.
A todo sofrer nosso amor sucede, a toda morte, a elevação:
E a todo bebê, um tão grande carinho, que nem um solene tufão
Pode tornar em miséria essa mais nobre invenção!"

Anjos: Bem está o que bem acaba" assim disse antigo poeta.
No amor certamente pensava se não é, por certo, acertada,
A fala de um ser, de soslaio: "Muito barulho por nada",
Ao rir-se das aves de maio!...
Amem, amados humanos, eis o conselho sestroso
Que nosso delírio jocoso deixa com vós no poeta..."

As transformações nos cotidianos e nas sensibilidades de todos nós revelaram que o exercício do amor se multiplicara a partir de diferentes emoções vivenciadas a partir de um esforço reflexivo, consciente, elegido a partir do conhecimento; a necessidade de aceitar o outro como legítimo na convivência; de "atuar com responsabilidade e ética, preocupados com as conseqüências das ações sobre o outro"; de "reconhecer também e principalmente o (re)fazer-se e pensar sobre as formas de dar amor que a nossa sociedade tem nos negado", sinaliza Juli. E "perante si mesmo", como forma de cuidar-se: "O amor no mundo, a acolhida, o amor no mundo, a despedida, sem cuidado, sem saída".

Muitos aprenderam a ouvir o coração das pessoas, seus sentimentos, medos não confessados, exclusões, queixas silenciosas, a atender de forma renovada as reais necessidades daqueles cidadãos em direção à "reentrada" social, sofrida, devagar, mas possível", os quais, constataram coletivamente.

Adri reconhece "a existência sensível fazer do humano uma obra de arte". Cada um "inventa e constrói mundos, fazendo do pensar e do movimento fonte de expressão dessa imensa paisagem que é a sua própria existência". Deseja, a partir do experienciado, "viver a sensibilidade como a dinâmica de sua corporeidade, o que significa sentir o dinamismo da vida, perceber a presença do outro mesmo se uma incógnita absoluta, descobri-lo, tomar consciência dele através de si". Nosso corpo "é a bússola que orienta o encontro com a saúde. O socialmente não aceito é meu desafio".

A eles ofereceu um poema²⁵:

A história presente nos corredores
 Quem disse que lá não era minha casa?
 Anos se passaram, meu corpo era constante
 Pessoas vinham, pessoas foram
 Já não estou mais sozinha,
 Meus pensamentos estão a meu lado
 Como cheguei aqui?
 Já não lembro, faz muito tempo
 Talvez possa quem sabe,
 Tecer essa rede fragmentada
 de minha história, que importa
 Agora perdi meu chão
 Não reconheço mais as paredes
 Numa noite escura, a fumaça estava lá
 Ouvi vozes, corpos arrastados: inclusive o meu
 É preciso agora reconstruir a história
 Por onde começar?
 Por onde me permitir recomeçar.

Vivi ressalta que nos seminários pôde dispor de conhecimentos que resignificaram sua prática cotidiana, profissional e pessoal, “através das reflexões sobre nosso desenvolvimento como ser integral através do amor”.

Para Mari,

“Mediados numa aproximação com gosto de reencontro, uma infinita sensibilidade nos propôs desde o primeiro encontro que conspiramos, respiremos juntos com entusiasmo, tirando deuses de cada um de nós. Os seminários foram paixão, transpiração, loucura, encontros e desencontros. Foi preciso apreender os autores além da cabeça, foi preciso abrir os poros, aguçar os sentidos, lançar-se à tempestade com a esperança de ver o sol que se esconde de trás as nuvens, viver e acima de tudo amar. Um grande desafio vencido, pois a experiência de conhecer não faria sentido de outra forma. Acostumados a um paradigma neutro, mesmo capazes de nos opormos, quantas vezes nos surpreendemos agarrados a ele? Vivemos num mundo de muitos entendimentos e poucos abraços, a dureza da realidade se contrapõe a uma outra, de consenso, confluência, amor, palavras que falam de sincronia, conexão, força... Guardadas, esperando o momento de vir à tona, carregam em si o significado duma trajetória, sofrida, sentida e construída por um grupo especial de pessoas em um momento especial da vida que sabemos ser único.

Roberto simplesmente comenta: “consegui me envolver” dessa forma (e mostra):

²⁵Lamentavelmente, com a mudança de governo, em 2004, muitos processos retrocederam. Entregue aos “profissionais do ramo”, “psi”, a Residência perdeu sua característica transdisciplinar.

Amor. Afeto. Sistema Vivos
 Afeto. Amor. Célula, Acoplamento Estrutural
 Multidiversum. Legítimo outro Giro Mudança ontológica.Epistemológico.
 O Sistema autopoietico está em harmonia com o meio. Coordenações condutuais
 de emoções objetividade entre parênteses e com parênteses. Erros lógicos podem ser
 resolvidos com conversa sincera. Transtorno Mental Crônico é um transtorno epistemológico
 O conhecimento científico baseia-se em um consenso de nós seres sistemas autopoieticos
 Fechados. A verdade e a realidade objetiva dependem de consenso. Considerar legítimo
 outro na convivência.O que cada um sabe ou vê é igualmente legítimo. Um problema o é
 quando é enunciado,aceito.Coordenações recursivas de ações consensuais.O que vemos é
 realidade entre parênteses. Conjunção de Domínios disjuntos coerências de operação de
 coordenações consensuadas.Eu me modifico quando interajo com o meio.Tudo o que
 é dito é dito por um observador. Sensível. Saudável é tudo que promove vida.
 Conversações de coordenação de ações. Sistema determinado estruturalmente.
 Pluralidade de domínios De existência.Erro é se não houve consenso.
 A estrutura Troca com o meio Responsabilidade construtiva.
 Mudança de perspectiva. Disposição para a escuta
 . Estrutura. Domínios Troca Acoplamento
 Estrutural. Autoproduzir – se.
 CoexistênciaUniversum
 Autopoiese
 Vida

Laura fala em movimento, respeito, escolhas, disposição de abrir os canais de percepção e interagir com os *versa*, aventurar-se, deixar-se seduzir pela idéia do outro, confiar, para a transformação ser traduzida em mim". De olhar o mundo "como domínio distinto, aceitar subjetividades em realidades entre parênteses que podem ou não encontrar espaços de consensos, mas precisam ser respeitadas e cuidadas".

As atividades foram "raios de luz reiluminando o adormecido nas mentes, renovando práticas, religando emoção e amor", depôs Gláucia. Enriqueceram experiências "já vivenciadas mas, esquecidas, endurecidas na prática", para Carla... Possibilitaram "uma leitura mais amorosa sobre o cotidiano, onde as coisas não têm que ser sofridas, podem ser leves, gostosas", disse Márcia... E aprendemos "a olhar as coisas bonitas do dia a dia nele mesmo", foram falas comuns.

De minha parte, seus bilhetinhos deixados para mim, com palavras amorosas, me emocionam muito, ao ler...

A OFICINA E O SER-AÍ POÉTICO DO HOSPÍCIO



Oficina do Hospital. Bagé, Rs,1991.

A criação artística se cristaliza num único momento de existência plena, num único instante de beleza perfeita que cristaliza, desde logo, a eternidade.
 Michel Maffesoli

“Tecnologias em Saúde Mental Coletiva”, a outra disciplina da Residência, conhecida por “aulas de arte”, se desenrolaria em outro pavilhão, no centro do Hospício, sujeito às visitas, comuns, dos loucos. Objetivava-se, através de processos criadores, experiências²⁶ vivenciais e reflexões, construir um cotidiano mais rico, afetuoso e vincular seriam desenvolvidos num trabalho forte o suficiente para possibilitar estratégias de atuação e conhecimentos para gerar “tecnologias” de enfrentamento da anomia, pelo ineditismo do que poderiam chegar a criar.

Contracenariam com a desordem na figura dos internos e do sensível de cada um, com o qual precisavam dialogar. Precisariam “habitar” o manicômio através do encontro com as coisas do mundo, proposto no “estar-aí” heideggeriano de encontrar “sentido²⁷” para o que faziam. A “tecnologia” conjuraria formas inusuais de trabalhar, inventadas nas tensões da dinâmica paradoxal dos confrontos da ordem com a desordem.

²⁶Ético-estéticas e artísticas propostas como observação, investigação, registro e reflexão, podendo representar através do desenho, pintura, escultura, modelagem, expressão corporal, jogos teatrais. A turma era a do “segundo ano”, e contava com Beatriz, Giovana, Lorayne, Marli, Mirian, Milene, Sedimara, Sílvia S., Sílvia G., Simone M, Simone R., Vanessa e Pablo.

²⁷Condição de “possibilidade de compreensão, sem que ele mesmo seja explicitado, perspectiva do projeto primordial a partir do qual alguma coisa pode ser concebida em sua possibilidade como aquilo que ela “é” (Heidegger 2002,II:118).

Talvez seja pertinente retomar a discussão anterior onde se disse que quando a desordem “perfura” a ordem, energias vitais se estruturam coerentemente em novas ordenações, núcleos de ordem dentro da ordem que, como Dioniso, nascem transfigurados num nível de existência até superior, a criação, a Metamorfose.

A principal característica pedagógica desta Oficina²⁸ seria possibilitar metamorfoses para imergir nas situações, sentir-lhe as tensões, as vibrações, os silêncios, os fluxos vitais, muitos deles não captáveis desde a razão ou sob códigos e explicações convencionais. A única regra seria respeitar o contato sensível com matérias e humanos em suas imanências, e figurar o que se manifestasse no cotidiano do Hospital, nas Moradias, nas vidas. Se os objetivos fossem alcançados, estariam mais criativos, poderiam melhor construir projetos de cidadania, cuidado, atender às mais diversas necessidades suas e dos moradores. E, a partir de si, provocar a criação no outro.

No vivido no outro, aconteceram vínculos afetivos, na pele constantemente alterada por hormônios, contatos, movimentos, sensações, idéias e nos filamentos de enlaçá-lo, numa sistemática de vivências que permitiram refletir sobre o valor, o prazer e a necessidade de estar junto dos corpos.

Michel Serres (2004:67) reconhece que nada existe no conhecimento que não tenha estado primeiro no corpo inteiro²⁹. É impossível saber sem “um gosto refinado, um olfato requintado, um tato aveludado, uma visão delicada de nuances ou uma audição musical”. Nosso saber origina-se do saber de outros que o aprendem a partir do nosso e ao ensinar. Relembrar e expor esse saber o aumenta “em ciclos indefinidos de crescimento”.

A experiência sensível marca profundamente se envolve o corpo e sua pele, que “recebe o depósito de lembranças, estoque de nossas experiências ali

²⁸Apesar de já existir no HP uma Oficina de Criatividade para os internos, a nossa, que atua simultaneamente no acompanhamento da mudança da situação dos internos em direção à reabilitação social após muitos anos. Isto reforça seu caráter existencial complexo, além do meramente terapêutico, artístico ou ocupacional.

²⁹O conhecimento de um corpo se inicia a partir de um evento interno ou externo se a atenção do cérebro é chamada; o que deve ser armazenado parte em direção à mente. Campos magnéticos, correntes elétricas e sinais químicos (emoções) passam pelo corpo, córtex, membranas, pele, vísceras, couro cabeludo e cérebro; provocam manifestações (tremor na musculatura esquelética, pele, pêlos, nó na garganta ou nas tripas, frio na barriga). Um sinal eletroquímico merece atenção: o arrepio, fonte de cognição sensível na trajetória consciente; o arrepio estético, resposta do organismo à consciência da beleza ou do sublime, pode ser pedagógico se pudermos saber que estamos sentindo e qualificar nosso conhecer, influenciando nas respostas que o cérebro dá ao arrepio. A intensidade do estado emocional está à mercê do processo cognitivo, onde pode se ampliar ou reduzir dependendo da condução do processo. Read (1981:165) já percebera que a inteligência liga-se ao poder de evocar imagens portanto, à consciência. Parece não dar no mesmo trabalhar a nível emocional puramente, mas transformar emoções em sentimentos e mais, saber-se que se está sentindo.

impressas, banco de nossas impressões, geodésicas de nossas fragilidades". Não procurem fora nem dentro da memória, a pele é toda gravada, tanto quanto a superfície do cérebro, toda escrita também, da mesma maneira" (Serres,1994:71).

A vida sensível, os afetos e aversões imbricam-se diretamente ao mundo tangível que atinge o corpo e sua rebelião contra a tirania do teórico, inicia perturbações capazes de relacionar esquemas abstrato-lógicos/ forças irracionais, abrem brechas na visão todo poderosa do conhecimento como absoluto.

Damáσιο (1996:18) lembra que "a alma respira através do corpo, e o sofrimento, quer comece no corpo ou numa imagem mental, acontece na carne, onde emoções e sentimentos acontecem".

O corpo-casa tem na pele sua memória, a sensibilidade, "alerta aberta a todas as mensagens que "ocupa mais a pele que o olho, a boca ou a orelha". Os órgãos dos sentidos "acontecem aí quando ela se faz doce e fina, ultra-receptiva", em alguns locais "se rarefaz até a transparência, abre-se, estende-se até a vibração, torna-se olhar, ouvido, olfato, paladar". Os órgãos dos sentidos, então, "variam estranhamente", ela própria variável fundamental, "*sensorium communa*": sentido comum a todos os sentidos", elo, "ponte, passagem entre eles, parede-meia, coletiva, partilhada" (Michel Serres, 2001:71).

Discutimos o quanto nossa história está nela tatuada, mas cada um sente à sua maneira. Uma sensibilidade refinada "ama as mensagens densas mas, prefere as raras, alimenta-se vigorosamente em quantidade, mas deleita-se nos lugares de onde se retira e deixa apenas traços: qualidade, o doce começo, quase o final". Graças a ela perduram, na pele, "graus tênues de visível ou de audível, os claros-escuros e os sussurros. Nela permanecem "o invisível do visível, os inaudíveis da música, a surda carícia da brisa leve, os imperceptíveis, como restos ou marcas das altas energias duras. A suavidade do sensual povoa a pele". As diferentes variações da pele lembram as "singularidades feitas de pele, dobradas, desenhadas, oceladas, grãos, espinhas, umbigos, inflorescências como espigas, complexas"... Seu tecido "plano ou reverso forma ilhas, bainhas, nervuras, plissados, franzidos, bufantes, enfeites costurados", suporte e denominador comum dos sentidos. Perceber o que ela pode ou não fazer, compará-la com a do outro, na reticente procura de arrepios e êxtases, trabalháveis em experiências de toques de si, do outro, de materiais para que lembrem a "borda, a tangência comum", onde "mundo e corpo se cortam, misturam e acariciam nela e no mundo". Seu sentido

perfaz a “cartografia sensorial” (Serres, id. ib.) do estar-junto nas aparições do amor na corporeidade. Emoções e sentimentos mesmo imaginados alteram os mapeamentos do cérebro iniciados na grande víscera que é a pele.

As peles se comunicam umas com as outras na interação, que torna a experiência poética fusional e confusional, condição que produz matérias e imatérias. Derdyk (2001:15) expõe que no corpo, “instantes, durações, pulsões, vibrações, frequências, pulsações são enigmas que nos perguntam: onde é que começa e onde é que termina esse corpo?” E “onde no corpo, a mente habita? Como os contornos ilimitados da experiência única de sermos corpos vivos modulam as ações que se arremessam na realidade das matérias?”.

Essas reflexões traziam uma indagação: como a criação inventaria, em seus corpos, um tempo e um espaço para deles, ou neles, criar outros mundos?

Alguns tateios, na forma de sensibilização e exploração, os dois primeiros momentos das Oficinas, nos permitiram verificá-la, numa proposta onde diversos materiais foram colocados num saco. Entre eles, tecidos de seda pura, cuja temperatura era “quente” em relação à seda sintética, “gelada”, rendas, tecidos ásperos, conchas, esponjas, ossos, pedras, objetos, pontiagudos, moles. Estranhos... De olhos vendados, escolheram um para explorar, sentir-lhe a textura, o odor, a temperatura... Compararam com a visão, representando as diferenças de sensações e sentidos... Deixaram aflorar sensações esquecidas, arrepiaram-se ante alguns toques, exercitando a imaginação na hora de “contar” o que estava ali dentro. Na verdade, foi uma provocação para falar das coisas usuais que podem ser transformadas pela fantasia e re-significação que podemos atribuir às ações, percepções e emoções. E com que alegria descreviam as sensações que passavam por seus dedos, narizes, boca, ouvidos e as compartilhavam, na magia da criação... E igualmente com que sofrimento constataram o quanto se haviam furtado a “tocar” os moradores porque “eram sujos, fediam, eram feios, nossa!... Confrontados com a verdade de despojar-se de suas peles “cuidadas”, limpas, cheirosas, para assumir os riscos de “encostar” no outro, experiência impactante que poderia ser de sutil beleza...

Essas reflexões compuseram o processo de estruturação, que nem sempre necessita de uma “obra física”: aproxima-se mais de um “evento”, uma

“configuração artística” (Badiou,1994) que prescindem da “obra”³⁰ no sentido acabado, excede o caráter tradicional de pensar a arte³¹.

Ao deslocar a arte para a vida, o fazer, a criação, a existencialidade, seus afetos e carícias, um “evento” instaura temporalidades, percepções, realidades múltiplas, espacialidades físicas, virtuais, simbólicas. Acaba por ser um *multiversa*, exige “fidelidade”, ou seja, “inventa” regras a cada situação (Badiou,1994:110).

Todo o evento inicia-se por uma ruptura, e apesar de composto por obras, não se manifesta em nenhuma delas, mas cria “um múltiplo intrinsecamente finito que expõe sua organização no e pelo recorte finito de sua apresentação”. Alia espiritualidade e materialidade no “evento” que a torna visível, e sua “verdade” só é plenamente acessível na criação poética.

Esse evento é o que Heidegger³² concebe como uma obra que é um “ente” com um caráter peculiar que é preciso “desocultar”, um acontecer da “verdade” que concebe uma “coisa” criada para ter uma “vida” que dá a ver, sentir, pensar, conectar. Abre um mundo”, o de seu “ser”, engendra idéias, afetos, percepções. Isolada, nada vale, existe na conexão com a subjetividade humana quando, abstraída como “imagem” do objeto, integra-se a ela e ao mundo. Projeta luz sobre o entorno, repercute dentro de nós, altera a fisionomia e o sentido da paisagem em que se insere. De fato, “cria um mundo” onde a consciência se aguça e expande para que o homem se dê conta de sua “existência” e seu “lugar” nela. Tudo ganha ritmo, espaço, amplitude, história, na finitude e dependência do sagrado, poderes, forças, transcendência.

³⁰A obra é a forma local, ponto diferencial de uma verdade, “ponto-sujeito”; não tem nenhum outro ser senão o das obras, múltiplo (infinito) de obras, investigação sobre a verdade que atualiza localmente, ou da qual ela é fragmento finito (Badiou, 1994:26). Temos que experimentar a obra para saber de seu ser, deixá-la manifestar sua liberdade, contemplá-la como manifestação de quem a criou, descobrir seu caráter peculiar.

³¹No século XX, abdica de “representar”, experimenta a abstração, a concretude bruta das materialidades. Livre da Figuração e da Beleza, colapsa o entendimento, redescobre a relação entre arte e vida, estende-se às manifestações de loucos, crianças, culturas exóticas, inconsciente pessoal e coletivo, estados oníricos, de consciência alterada, transe, formas de expressão emocional intensa, virtualidades informes de universos inusitados. A Psicanálise explora a desrazão como linguagem com conteúdos próprios, muda o conceito de arte a partir de experiências estéticas de ruptura com fronteiras do institucionalizado por museus, academias, agenciamentos culturais, interroga seu papel nas interferências urbanas, no dia a dia da cidade, na “imanência”.

³²O mundo é um “existencial” cheio instrumentos que significam, como a lua ou o mar, para que as coisas sejam. “Ser” é pertencer à totalidade instrumental (mundo) auto-referido. A essência do homem é poder-ser-no-mundo com outros seres, através do pro-jeto, lançado, fáctico. A afetividade possibilita dirigir-se para, “preensão” global do mundo que funda a própria compreensão. O “*dasein*” (“estar-aí”) está nele como compreensão, “situação afetiva” da valência emotiva do mundo. O estar-aí no mundo pressupõe “abertura”, “constitutiva” do projeto.

Num processo de estruturação, concretizar a imaginação³³ em obras assume a posição privilegiada de com-formar os viveres ao "real" novo ou revisitado. Incorpora "acazos" captados pelas sensibilidades de cada um, modificados recursivamente. A "vivência"³⁴ precisa ser "experiência", pois fatos físicos têm dimensões diferentes do imaginar.



Contemplados ou interpretados em outros códigos, são fonte de novos equilíbrios, desequilíbrios, conhecimentos. A "obra" traduz equilíbrios que manifestam possibilidades sensíveis, intelectuais, afetivas, conflitos vivenciais "integrados", nunca "anulados", de seus criadores (Ostrower,1998:59).

Fazer "arte" passa por dentro e fora do corpo, pela cultura, natureza. Encontra na poética uma consistência "prática" no vivenciar, experienciar, exprimir, fazer, falar sobre. Reorganiza, na estruturação, meios de sustentar que o caos imprima suas coordenadas na experimentação e dela retire forças de intencionalidade (ordem) para viabilizar o ato criador numa ordem mataformótica dionisiaca, tensa...

O início não foi fácil. Desacostumados ao exercício de linguagens não-verbais, a simples menção de desenhar, por exemplo, os aterrorizava e fascinava, ao mesmo tempo. A primeira coisa se ouvia frente a um papel em branco, é: "Eu não sei desenhar". Que se estendia a outras atividades. Desenhar foi percebido antes como "designar", dar sentido. Puderam desenhar com gestos, movimentos, pensamentos, palavras, sons... A poética³⁵ (fazer) da arte permitiu simular, construir artifícios, metáforas, "resolver" situações cotidianas na ficção, de forma mais "leve".

Foi preciso abrir mão do racional e de formas usuais de comunicação para escutar a alma do mundo, ouvir os sons do corpo, sussurrar, gritar o próprio nome,

³³Imaginar não é o mesmo que "criar": Na criação, se concretizam intenções e potencialidades nos termos da linguagem específica que usamos", descobrimos as possibilidades das matérias ou pessoas e as avaliamos (Ostrower,1999:200).

³⁴A vivência é a sensibilização, o por-fazer da experiência, cultivo do que acontece no "instante". Mobiliza poderes, saberes e afetos do criador para que ele seja o mais rico e intenso possível, contamine o que vem depois, imante o que está à volta, traga o desejo de repetir.

³⁵*Poesis*, do conceito grego *poiein*, aponta o que é constituído, simultaneamente, do fazer e do não-fazer e permanece sempre aberto a possibilidades;"fazer criador", trabalho, compreensão e processo intersubjetivo; flutua em níveis de intensidade significadora e concretização, da imaginação à intenção plasmadora de uma obra. Ultrapassa o pro-jeto, implica em ações parcialmente apreensíveis, numa deliberação inventada, onde o tempo opera como agente e seu efeito funciona como eco, campo vibratório a emanar de uma fonte.

nas atividades dramáticas de sensibilização. E, na errância que caracteriza a indiscernibilidade com que o sensível apalpa tanto virtualidades como perceptibilidades e afetos: o plasmar as intimidades do vivido foi buscado em inúmeras técnicas, com sucatas, argila...

A criação³⁶ coletiva permitiu contracenar com a tensão causada pela alteridade enquanto objeto, espaço, tempo ou outro humano. A “metamorfose” movimentou potencialidades manifestas em atos intencionais que produziram efeitos na convivência diária com os moradores, conjurando saberes sensíveis há muito esquecidos por ambos... Uma ética de sentir aflorou nos “apareceres” de cada um. À exemplo de outras Oficinas, indo ao “fundo das aparências”, mergulharam na desrazão, no (re)conhecimento familiar (ordem) do cotidiano e dos Serviços, e os transfiguraram, no dramático (nova ordem). Os diversos “pesos” receberam outros desfechos, transformar-se em levezas, deslocaram funções de pessoas, objetos, causaram estranhamentos nos modos de ver, ser e estar. Localizaram “nos”, impeditivos, puderam trazê-los à consciência, desatá-los...

Criar³⁷ movimentou processos de identificação, onde um dos papéis que assumiram era o de “artistas”, não no sentido tradicional, mas enquanto “fazedores de arte”. Paravam surpresos frente às produções e diziam: “-Eu consegui fazer isso?”.

Segundo depoimentos posteriores, depois dificilmente se perguntariam frente a uma obra o que ela significa, ou o que o artista “quis dizer”. Apenas que “sinto uma emoção grande com essas formas, elas mobilizam um não-sei-o-quê em mim que não posso explicar, mas compreendo. Do meu jeito, mas compreendo³⁸”.

A preocupação com a “inteireza” era uma das propostas que teve seu foco numa espécie de “ensino de sentir” unido ético-estético, arte e sensível na simbolização. Seu diferencial pedagógico permitiu afetar-se para construir saberes ligados ao objeto e à existência. No trágico, o estético induz a uma lógica de

³⁶Criação e Criatividade são distintas. A criação se origina na sensibilidade, é potencial de ordem geral, envolve a transformação de determinada matéria, físicas ou mentais (aço, madeira, tecido ou pensamentos, palavras, comportamentos, ordenada em formas novas, forma de relação onde o homem usa suas potencialidades de ser consciente e sensível para transformar o mundo, num processo altamente dinâmico em que, ao transformar a natureza, se transforma, e não somente percebe as transformações, como se percebe nelas. Criatividade possui um caráter específico e concreto (Ostrower,1983).

³⁷Com giz de cera, tintas, argila, carvão, gesso, papéis, fios, tecidos, adereços, sucatas, madeira, voz, corpo, revistas, jornais. Perceber sensorialmente figuras, aparências, processos de construção, sinais, cores substâncias, estruturas, detalhes, valores. Descontextualizar, recontextualizar, transfigurar, desconstruir e reconstruir espaços, relações, proporções, sensações de estar dentro ou fora, próximo/distante etc.

³⁸Esse “depoimento” representa a síntese das observações feitas pela maioria dos alunos em vários cursos, onde experiências de imaginar-fazer-avaliar são propostas.

conjunção, "à perda do pequeno eu ao Si mais vasto, o da alteridade social ou natural". Desenvolve "viscosidade onipresente" que impele, especialmente os excluídos, "a abdicarem da solidão de sua identidade" (Maffesoli, 2000(a):08-11).

A criação sempre envolve uma escolha deliberada, consciente, reflexiva. Precisamos fazer escolhas: se trabalho com argila, tintas, etc. Por exemplo, necessito decidir se quero que fique amorfa, ou se quero imprimir-lhe uma forma; se desejo que seja algo abstrato, ou figurativo, como posso fazer com que ela, de repente, passe a significar um estado específico, suscite uma emoção específica, ou outra. A consciência permite que eu "saiba" o que um vermelho, por exemplo, poderá despertar, em termos de prazer ou dor, embora não possa nunca prever suas repercussões. As escolhas plásticas sempre envolvem uma decisão acerca do mundo, metáfora para o que Heidegger traz: se tomadas em relação a si mesmo, advindas da compreensão do "aclamar (...) querer-ter-consciência", permitem a escolha de um "ser-si-mesmo" em correspondência à sua estrutura existencial, de "de-cisão" (Heidegger, 2002 (II):55). Ao colocar em uma materialidade um processo imaginativo, crio e sou criado, podem ocorrer aberturas e fechamentos, mas cada escolha elimina outras que até então também existiam. E continuam, todavia existindo potencialmente em "devir". A composição de cada um, finalizada num "evento", enquanto processo de estruturação, traduz um equilíbrio que manifesta possibilidades de "modos particulares de sentir e saber, de todo o ser" (Ostrower, 1998:59). O ensino de arte torna-se parte desse processo quando a "obra" torna-se "autônoma", e seu criador se percebe nela, razão pela qual comparar as próprias "obras" é tão importante. Interpretá-las em outros códigos, realiza e altera o processo criador de cada um.

Concretizar a imaginação em formas descompromissadas com a representação levou as pessoas a perderem o medo, se não cobradas a fazer algo "belo", ou "parecido com" e sim "implicar" o que acontece na criação com suas vidas. Mas precisaram assumir as responsabilidades sobre o que criaram ou se omitiram de intervir, pois perceberam existir conseqüências em cada ato, nem sempre previsíveis. Cada etapa pôde constituir-se em fonte de novos equilíbrios, desequilíbrios, conhecimentos. Foi também um processo de identificação que estava em jogo, que envolveu os caminhos da intuição.

A consciência da finitude, da identidade incorporada na criação, implicou em transformar uma coisa em outra, evitando sua desapareição, preservando

diferenças. Na pintura, por exemplo, quando misturavam e misturavam tintas e tintas, no fim aparecia uma “cor de nada”, sem identidade. Entenderam que operar uma materialidade depende de aprender seu modo de expressão, relacionar-se com os materiais, perceber o que muda nas correlações quando interferem. “Inter-ferir” explica essa duplicidade: “respeitar” e “ferir”. O fora e o dentro se misturam, transformando-se intrincadamente um no outro.

Precisaram se libertar do “jugo” do material, aprender suas “manhas”, ver as relações entre o todo e as partes e as partes entre si. Depois disso, desejaram desesperadamente compor algo intencionalmente, como se tivessem “descoberto a roda”. Essa visão, da complexidade, abriu mundos, encontraram nele correspondências, proporções, ritmos, mutações, a ação do tempo, construtividade onde se materializa o olhar, as relações, dentro e fora do HP. Observar, por exemplo, como tempo modifica uma fruta que apodrece lentamente e esse apodrecer cria outras estruturas, inimagináveis, re-cria de fato, outra realidade a cada mutação, adquire um caráter simbólico.

Tinham muita necessidade de falar sobre o que vivenciavam no dia-a-dia do Hospital, e nem sempre conseguiam. Para tanto, atividades dramáticas, musicais, plásticas, lhes permitiram expressar, comunicar, refletir. Primeiramente, descobertas internas, do outro, do símbolo. Jogar, brincar, olhar o mundo com espelhos, objetos, soltar-se em panos, papéis, espaços, superfícies, imaginar cheiros, modelar, dançar, lembram quem somos, esquecidos por vezes que ficamos frente a desafios extra-corpóreos do dia-a-dia.

Nas atividades plásticas, volumes, formas, tamanhos, proporções, induziram a prestar atenção no modo como, modificados as atividades, modificamos as relações com o outro. Essas propostas abriram o pensamento e a sensibilidade para o desapego físico e formal e ligaram as significações metáforas e virtualidades às pessoas concretas de seus cotidianos.

No pintar, dialogaram com matérias e materiais, sentindo onde os levavam, dançando com elas, parindo formas, procurando por suportes adequados que abraçassem a expressão nascente. Observaram cada detalhe de seus trabalhos, o interior de cada um. A partir dali, observaram obras da humanidade, encontrando sentidos semelhantes aos experienciados.

Analisando atentamente o que se podia fazer com “sucatas” naturais ou humanas, concluímos que o que não serve para nada pode virar poesia. A

proposta era simples: durante uma semana, juntariam todo o lixo “limpo” que acumulassem. Surpreenderam-se com tantas inutilidades descartadas, depois se deram conta que esses “trastes” poderiam ser poesia pura. Compuseram trabalhos plásticos de grande beleza, como Pablo, que se deu ao trabalho de beber diferentes tipos de chá para conseguir com seus saquinhos um *degradèe* e montar uma escala cromática ao colá-los lado a lado.

Perceber tempos internos, sensações, emoções, ritmos do corpo e da natureza, proporcionou experiências de suspender o tempo, eclipsar o entendimento intelectual, retornar ao arcaico, ao mítico, à lentidão, ao arcaísmo, desacelerar o dia-a-dia. Atividades de escuta, olhar, toque, relação com objetos, lembranças, memórias, despertar coisas adormecidas no corpo e no olhar... Trabalhando a emoção e o sentimento, observando objetos prosaicos como uma pena de galinha ou uma gota de tinta sob novos ângulos e escalas, com lentes e aparelhos. Novos contornos sugeriram uma imensa teia desconhecida que colapsou a realidade inicial, criando outra, virtual, mas não menos real.

Ao moldarmos a matéria, a impregnamos com a presença de nossa vida, com a carga de nossas emoções e conhecimentos, damos forma ao nosso próprio existir. Experienciá-lo extrapolou a argila, o sentir sua temperatura, maleabilidade, o que poderíamos fazer com aquela “massa”, constituiu uma metáfora das pessoas com as quais trabalhamos. Ao “moldá-la”, impregnamos-la com a presença de nossa vida ali, a carga de nossas emoções e conhecimentos...

A ampliação das potencialidades sensíveis foi proposta em novas formas de ver, colapsar o estereotipado, o dessensibilizante do meio, especialmente o de tanta dor, estigma e cronificação com o qual conviviam. Os jogos de transcodificação de imagens, por exemplo, retiraram coisas de seus lugares expressivos e as colocam em outros para adquirir outros sentidos. Não é a mesma coisa uma nota de dinheiro numa propaganda de Banco e sobre um prato de comida, frente a uma criança esfomeada. O ato simples de recortar uma forma e dela obter outra, imprime-lhe uma existência metamórfica, de vida própria, de caráter simbólico, que atua no imaginário, evoca sentimentos adormecidos, tira da anestesia sensível. Graças à sensibilidade, perduram na pele “graus tênues de visível ou audível, claros-escuros e sussurros, a surda carícia da brisa leve, os imperceptíveis” (Serres,1994). A experiência sensível deixa rastros profundos...

As atividades de corpo e de grupo sempre eram muito esperadas. Numa delas, um grupo ficava no centro, realizando movimentos suaves, de olhos fechados, tocando-se e se embalando, ao som de uma música tranqüila. Enquanto o faziam, pedi ao grupo de fora que os "amarrasse" com cordões. De tão absortos, nem perceberam. Quando "acordaram", estavam "presos". Isso nos levou a discutir o quanto amarras cotidianas nos prendem e nem percebemos, porque estamos anestesiados demais para tanto.

Em outras, falamos da vida, que se expõe por diferentes máscaras, ritos, metáforas, imagens, mapeamentos reflexivos, dos quais é preciso extrair razões para viver melhor e com mais qualidade. Para nos relacionarmos com eles, fizemos as máscaras de cada um com gaze gessada, em expressões variadas. Muitos se "arrepriaram" ao se deparar com "esse novo eu", percebendo a força da imagem, da ritualização, do estranhamento, frente á realidade quando a produção "ganha vida", sai de mim. O que ainda "não tem forma" (o rosto) se "compacta" em imagem para depois se "sutilizar" em imagens sutis, que entre si, geram interstícios onde se alojam outras imagens. Imagens se deformam, transformam entre si para gerar formas e aparências. Era muito estranho, diziam, ver a si mesmo dessa forma, plasmados, sem vida, sem cor, sem movimento...

Segundo Maffesoli (1995:105), é próprio da imagem que se cria para refletir situações, dados, fatos, fazer tomar consciência da pluralidade do real. E também ser "comunhão com os outros", interessando menos pela mensagem "do que pela emoção que faz compartilhar" (id.ib.95). Paradoxo, pois "o que permite estar-no-mundo" funda o estar-junto "de toda a organização política ou social, é a imagem, o ver, o ser visto", (id.p.97). E se "a imagem é uma forma que seduz e atrai", "não tem de fazer qualquer injunção moral". Constitui a "fantasia das percepções visuais", cuja propriedade é justamente "serem ingovernáveis, desordenadas e um tanto selvagens (p.98). Resumindo, a fantasia e a imaginação, são potencialmente eróticas, o que une ao outro, favorecem a conjunção, o sair de si, o apego e seu contrário, o desapego.

Os encontros com os materiais alteraram nossos entendimentos, e buscamos outros suportes que pudessem servir à expressão nascente, nem sempre tradicionais, como a pele, o corpo, a roupa, o chão, as paredes, a terra... Quando entramos em contato com a criação plástica, entendemos que, a partir de fatos reais, aconteceram desdobramentos a cada passo, num duplo sentido. Cristalização e

simultaneamente ramificação, fechamento e aberturas. Com a introdução de linhas, pontos, planos etc., certas possibilidades latentes se concretizam, restringindo outras. Cada escolha elimina alternativas até então existentes, abrem-se novas possibilidades, que exigirão novas definições, aproveitáveis, modificáveis, acrescentáveis, suprimíveis... A situação está sempre em aberto (Ostrower,1998:57).

O que ressoou para o grupo é que a fonte de todo ato criador foi de reinvestimento vital, na gest(o)ação simbólica de imagens, no tratamento estético aos problemas e os dos internos. As aprendizagens criativo-coletivas implicaram numa ética para o outro, em recusas ou adesões nem sempre prazerosas.

Como na Oficina anterior, os riscos permaneceram nas expectativas, nos matrimentos e condicionamentos.

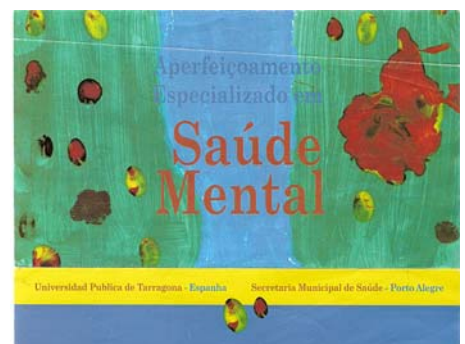
Entenderam precisar da sensibilidade para se co-mover com a natureza, integrá-la à existência, ela que nos alimenta com "sons, cores, sabores, texturas e odores, numa miríade de impressões que o corpo ordena para construir um sentido ontológico do mundo" (Duarte-Jr.,2002:23).

Diálogos complexos, criativos e adequados às situações pessoais e profissionais desenharam novas ordens em direção à desautomatização, à reafirmação do selvagem, da animalidade, à vivacidade da sombra negada pelos rituais assépticos de erradicação da dissidência e do.

Em termos de Tecnologia, a Oficina avançou na instrumentalização da atenção integral, na recomposição da fragmentação "técnica" de fazeres, saberes, afetos, espaços, na identificação de precariedades, ignorâncias, temores, na autonomia de gestão nas quais a criação artística estética contribuiu para sentir, pensar, planejar, executar, investigar, simultaneamente.

A OFICINA E A ATENÇÃO EM SAÚDE MENTAL COLETIVA NA REDE PÚBLICA

"Eu nasci duas vezes:
Na primeira, minha mãe me pariu,
Na segunda morri e nasci de novo, e de novo,
Mais inteligente, mais bonita, mais humana.
Da primeira vez eu era cega,
Depois aprendi a enxergar:
A vida mais bela, as pessoas mais belas ou feias
O mundo de todas as formas
Que sorte eu tive de nascer duas vezes!"
Elaine Maria, participante



Folder do Curso de Aperfeiçoamento,2004

Atendendo às transformações da assistência propostas na caminhada da Saúde Mental Coletiva, em 2004 foi criado o “Curso de Aperfeiçoamento Especializado em Saúde Mental”³⁹, para os Trabalhadores da rede municipal de saúde de Porto Alegre, promovido pela Prefeitura e Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre, SUS e *Universitat Rovira i Virgili, La Universitat Publica de Tarragona*, Espanha, com apoio do 7º Conselho Regional de Psicologia do RS. A Oficina funcionou na forma da disciplina “Bases Éticas, Pedagógicas e Estéticas em Saúde Mental Coletiva”, criada de forma inovadora em cursos dessa natureza em espaços públicos distintos do Hospital São Pedro.

Seus objetivos eram proporcionar mudanças nas formas de atenção em saúde nos serviços da rede, acreditando que os serviços públicos que integram o Sistema Único de Saúde, o SUS⁴⁰, são campos privilegiados para o ensino, a pesquisa e a extensão⁴¹.

A “integralidade” presumia que a “saúde” depende da percepção de si, do mundo e das pessoas, além da criação, da alteridade, das diferenças éticas e estéticas dos grupos, além da maneira como as pessoas moram, amam, trabalham, se relacionam, vinculam, se exprimem, simbolizam... As concepções unidimensionais do modelo manicomial excluíram as dimensões ético-estéticas, pedagógicas e políticas, constitutivas dos sujeitos. Por isso uma disciplina específica para trabalhá-las. Os gestores e responsáveis pelas capacitações na área da Saúde Mental do município de Porto Alegre haviam participado de forma intensa desde o surgimento do Movimento. Nessa época já se discutia a importância da formação de vínculos,

³⁹A carga horária era de 360 horas aula, distribuídas em módulos e cursos especiais. O Módulo I referia-se às Políticas Públicas, o II, ao Planejamento e Gestão em Saúde Mental e Pensamento Estratégico. O próximo, às Bases Éticas, Pedagógicas e Estéticas em Saúde Mental Coletiva. O IV, à Gestão do Cuidado e Acolhimento e o V, à História da Loucura e Reforma Psiquiátrica. O VI tratava dos Modos de Subjetivação, Estruturas e Quadros Clínicos, o seguinte dos Recursos Terapêuticos, e o VIII, visitas aos Serviços e Trocas de Experiências. No IX, a Reabilitação Psicossocial e o último a Pesquisa em Saúde. Quatro cursos abertos concomitantemente trataram de assuntos como Sociedade e Saúde Mental, Dispositivos em Saúde Mental, Atenção à Crise, À criança e o Adolescente, álcool, drogas, redução de danos. As aulas foram nas dependências do Hospital Presidente Vargas e os cursos no City Hotel, em Porto Alegre, RS.

⁴⁰O SUS foi criado pela Constituição Federal de 1988 e regulamentado pela Lei Orgânica da Saúde nº 8080/90. Objetiva integralidade, democratização e melhoria da qualidade de vida. A saúde expressa qualidade de vida, é direito de todos e dever do Estado, viabiliza-se num sistema único, descentralizado; suas políticas ficam sob o controle social, exercidas por mecanismos deliberativos e de gestão municipais (conselhos, conferências, planos, fundos e leis orgânicas de saúde).

⁴¹As redes de atenção integral à saúde mental, os Serviços, têm estruturação de acordo com necessidades identificadas pela população. Visam à melhoria da qualidade através de ações político-técnico-administrativas, orgânicas, intersetoriais e transdisciplinares. Os contratos sociais terapêuticos são de pessoas com pessoas, e não de “técnicos” com “doentes. A atenção deveria contar com disponibilidade, continência, acolhida, tolerância, afetivação, hominização, criação, expressão e trabalho. As singularidades seriam os motores da construção de sujeitos, não as hierarquias.

da responsabilidade, do afeto e do sensível para criar uma ética de convivência a partir da criação coletiva.

Os participantes⁴² em sua notável maioria imaginavam que criar era distante, e reconhecerem-se como criadores, mais ainda, mesmo tendo experienciado situações no campo da arte, em eventos, cursos etc., embora sem a radicalidade que se queria. Era preciso trazer à baila a alteridade, as singularidades requeridas pelos serviços aliadas às da criação, pois no ético estético as subjetividades poderiam ser (re)criadas a cada instante, através de ações orgânicas para melhorar as relações pessoais, explorando os sentidos, como na foto.

As experiências propunham repensar o sentido do trabalho, instaurando um campo de ação desde a vida, para abrir licenças poéticas e estratégias para escapar ao mero domínio laboral de cada um. Era preciso romper fronteiras, descobrir, inventar, expressar o que acontece enquanto “vivido em comum”, experimentado como “relação”. Prestando atenção no que mudaria, a cada encontro, em seus comportamentos e nos dos outros, buscando sinais perceptíveis, interfaces a partir das quais poderiam surgir novas significações.

O fator pedagógico foi contemplado quando se viram às voltas com ter que buscar meios, diferentes dos experimentados, que ampliassem sua compreensão de mundo, dos estados complexos, experimentando um olhar trans-figurado, caleidoscópico, capaz de elevar e iluminar os “trastes” com os quais se relacionavam. Da ordem à fluidez da desordem, reorganizassem outras ordens, meios de sustentar o “caos” dos serviços, reinvestindo-os de uma ordem mais flexível, enriquecida pela criação, dela retirando forças para acordar potencialidades capazes de re-articular o vivido.

A expressão criadora visava, como nas outras Oficinas, problematizar a realidade, desmontar os saberes e soluções únicos e recriá-los sob uma ótica mais solidária. Isso passaria por reinventar práticas e sentidos que melhor dessem conta de cuidar de si e das pessoas que atendiam. Para isso, seria importante desenvolver a sensibilidade para que conseguissem auxiliar a reconstrução das histórias de vida, destes e das suas, porque antes de serem “técnicos”, eram “humanos”. E se cuidar, de um lado, independe da formação, de outro exige compromissos com a crise e

⁴² Os participantes eram concursados, oriundos de serviços de atenção básica, rede especializada secundária e terciária, CAPS, Plantão de Saúde Mental, Pronto Atendimento, Hospital). A maioria trabalhando em equipes de saúde mental da rede municipal e duas profissionais do HCPA (CAPS I e II), além de dois de Programa de Saúde da Família, entre eles enfermeiras (os), psicólogos, médicos (as), clínicos gerais e médicos comunitários, assistentes sociais, terapeutas ocupacionais, Professores de Educação Física.

fora dela. Para atendê-la, foi preciso realizar atividades de ampliação da escuta, o que poderia ajudar a tecer vínculos mais complexos, de caráter matricial distinto dos até então utilizados para contê-la. As condutas “desejáveis” foram então debatidas e reconstruídas a partir de outras óticas, técnicas e saberes considerando o lógico e o dramático, pois sua tensão permitiria desequilibrar para recompor algumas das muitas fragmentações experimentadas nos Serviços e em suas vidas.

Uma ética coletiva foi buscada na reflexão responsável sobre que mundo desejávamos viver com outros, no “conversar” tecido no “estar-junto”...

Uma das questões centrais era como faríamos para costurar nossos guardados, despertar os seres sensíveis e criadores, iluminar os trastes?

Uma pista veio da emoção, da reflexão sobre os vividos, os achados, os porões, os guardados. As propostas vividas visaram a tirá-los de sua situação de “razoáveis, sérios”, afinal, eram militantes, sindicalistas, médicos, enfermeiros, psicólogos, atendentes, que trabalhavam desde emergências “psiquiátricas” a atendimentos de pessoas em situação de risco, nas ruas. Lidavam de cara, de frente, com as situações de dor, sofrimento psíquico, maus tratos, abuso, miséria, podridão, situações-limite...

Não sabiam se poderiam sequer transformar algum traste em luz, quanto mais, resgatar suas “crianças”, seu ser curioso, experimentador, brincalhão... Por isso, começamos pelo “teatro”, como diziam, onde as ritualizações permitiram certo distanciamento simbólico e mitos arcaicos demonstraram suas forças. Não conseguiram se esconder como na palavra, e falaram sobre o quê, de outra forma, talvez não conseguissem, projetando elementos que, conscientemente, talvez não admitissem.



Todavia, como em geral acontece com os grupos de Oficina, desejavam “imediatamente” um resultado “prático” a ser revertido nos Serviços, sem saber que, muito depois, encontrariam, entre aterrorizados e fascinados, o prazer pelo prazer... Da mesma forma que em outras Oficinas, “eles” eram os conteúdos a serem vividos na poesia, no jogo, no improviso... “Adolescendo” atitudes mais soltas e prazerosas,

com sabor de festa e de drama. Com direito à “merenda”, conversas no corredor, bate-papo, “convívios tribais”.

A grande maioria saía direto dos Serviços, chegando “morta de fome”, e esta hora era muito especial a todos. De alguma maneira, isso cumpriu uma das funções da Oficina, de ser um modo “iniciático” de aprender, de na criação transmutar-se em Outro sem deixar de ser si mesmo. “Cum-preender” a vida, “preendê-la junto”, e não, “prendê-la”. A festa, para a maioria deles, estava fora dos serviços, nunca “dentro”, como na Oficina de Bagé. Este era um desafio enorme, fazê-los entender a finalidade de iluminar os trastes por iluminá-los, porque na vida é assim.

Por exemplo, quando tiveram que dramatizar uma cena cotidiana sem utilizar a voz, ficaram “desorientados”, querendo, a todo o custo, explicar: “O que eu quis dizer com isso foi...”. Chamou-se atenção para o quanto é importante “desexplicar” os processos, o sensível é vertido em linguagem própria e por isso mesmo, necessita ser “sentido”, expressado, transposto, não somente “falado”. Até se pode utilizar a fala, mas ela muitas vezes era desnecessária... No “palco”, a cena corriqueira ganhou novos contornos, nova dimensão, novas cores. A criação despertou seus mistérios, vibrou no espetáculo dos gestos, na comunhão com o mundo, de onde sentíamos as vibrações... Mundo que nos convidava ao contato, a reescrever as pequenas atrações cotidianas... Numa solidariedade orgânica, se correspondiam relações criadoras, estéticas, éticas, trocas, risos e emoções.

Nas dramatizações posteriores, onde se pediu que apresentassem algo do cotidiano dos serviços, os desfechos, via de regra, eram de solidariedade e compreensão das situações vividas pelas pessoas que atendiam. A dramatização, que passou por UTIs, ambulatórios, consultórios, emergências, rua etc., foi dolorosa para alguns. Implicou rever o quanto, por circunstâncias inúmeras, (des)tratamos pessoas que mereciam mais respeito, solidariedade e amor, inclusive, nós mesmos. A inversão de papéis permitiu que o drama revivesse no trágico a situação de uma forma menos dolorosa, no simbólico, onde as soluções são outras. As aporias permitiram repensar arcaísmos, no “rito”, mediaram o sagrado. Elementos transpessoais acessados e processados a partir de reservatórios existenciais que geram ou antecedem os começos foram revividos em situações-tipo do “coitado”, do “abandonado”, do arrogante etc., e a inversão de papéis proporcionou a “vingança” de estabelecer outros desfechos.

Depois dessa experiência, levantaram a hipótese de que “tudo era muito lindo”, mas poesia era coisa “de artistas”. Não “sabiam fazer, era difícil, tarde para fazer arte”, etc. etc. etc. Era preciso contatá-los com a desrazão na sua forma mais “pura”: colapso do racional, de novo.

Distribuí então um saco cheio de poemas⁴³, dos quais deveriam tirar um, e este um os acompanharia durante toda a semana. Entre surpresos e horrorizados, perguntavam: “O que fazer com isso?” Ao que respondia: “Na hora, saberão. Entrem em contato com o que está escrito aí”.

Não é preciso dizer dos resultados surpreendentes. Muitos sequer entendiam o que estava ali, pois a escrita poética era “estranha”, não “dizia”, deixava “dúvidas” do que realmente “deveria ser entendido”... Ao tirar um dos poemas e refletir durante uma semana, Marta, participante, ficou desconsolada ao dar-se conta que um de seus loucos fazia poesia e ela nunca havia lido, nem parado para ler. O poema retirado da “Agenda da Tribo” (2003) era:

“Há pessoas que se compõem de atos
Ruídos, retratos, outras de palavras.
Poetas e tontos se compõem com palavras”
(Manoel de Barros)

Outros sentiram o *non-sense*, o absurdo, as coisas inexplicáveis ao ler que

“Ser poeta é ser mais alto
É ser maior do que os homens
Morder como quem beija
É ter garras e asas de condor
É ter fome, é ter sede de infinito
É condensar o mundo num só grito”
Florabela Espanca

Outros identificaram as violências vividas como cuidadores ao sentir como o poeta, que cansou

“...da frase polida por anjos de cara pálida
Palmeiras batendo palmas ao passarem paradas
Agora eu quero a pedrada
“Chuva de pedras palavras distribuindo pauladas”.
(Leminski).

Outros, o quanto estavam encerrados em suas racionalidades, ao ler Cecília Meirelles, dizendo o que está posto na primeira folha desta Tese: “a liberdade é uma palavra que o sonho humano alimenta. Não há ninguém que a explique e

⁴³ Recortados das agendas...Todos os poemas aqui apresentados estão na Agenda da Tribo, 2003.

ninguém que não a entenda”. Uma delas falou, emocionada, que jamais tinha permitido um abraço de ninguém do serviço de saúde mental, mas que, naquele semana, tinha ficado difícil não querer abraçar.

O estético condicionara a transmutação do visível a partir do momento em que tiveram que ver a vida “sob o poema”... Na desrazão. O visível não se restringira ao material, mas às relações complexas, ao percebido com a visão estética, sensível, corporal, os sentidos. Eclipsando a razão puderam conciliar o pensamento, esvaziado de conceitos, e as imagens do mundo, em sua lógica própria... Buscar correspondências, anotar o diferente, a mutação, o que se altera no olhar do outro, o que não entendem, o que aparentemente não está lá... No desespero de encontrar relações onde só habita o *non-sense*. À espera de algum sentido, alguma relação simbólica no drama da criação, ampliaram tensões e conflitos em seus serviços, na experiência do (não) fazer, na condição trágica de lidar com o desconhecido, o imprescrutável, o informe, o mistério das aparições não controláveis pela lógica cartesiana. No absurdo da poesia, afinal de contas, disse Gullar que “a cidade está no homem quase como a árvore voa no pássaro que a deixa”... Perguntaram finalmente como poderia ter passado despercebido que a loucura de seus “pacientes” poderia encerrar algo mais, como poesia? Pra que, afinal, ela existia? Leminski (1986) respondeu-lhes:

“Poesia? Prá quê? Felizmente, pra nada. Como o amor. A amizade. O convívio. O júbilo do gol. A festa. A embriaguez. A poesia. A rebeldia. O estado de graça. A possessão diabólica. A plenitude da carne. O orgasmo. Estas coisas não precisam de justificação nem de justificativas. Todos sabemos que elas são a própria finalidade da vida. As únicas coisas grandes e boas, que pode nos dar esta passagem pela crosta deste terceiro planeta depois do Sol”.

Como reclamaram não saber transitar no poético, na aula seguinte propus uma atividade inicial onde, sentados em círculo, passássemos uns aos outros potinhos com cheiros dos mais diversos⁴⁴. Pedi que anotassem ao cheirar a primeira coisa que viesse em suas cabeças, ou seja, a sensação correspondente, sem racionalizar. A questão não eram os cheiros em si, despertar ou “medir” sensações, mas desafiar seus intelectos a deixar outras manifestações acontecerem. “Sentir” era a consigna pedagógica, pois a vivência das emoções, que por sua

⁴⁴Canela, pinho, Q-Boa, incensos, essências de frutas, cítricas, raízes, pó de café, cera de abelha, mel, cera de chão, sabonetes, talcos, temperos, queijos, que imprimiam um cheiro “azedo”, vinagre, pedacinhos de frutas.

configuração química e energética, “regula-se” em contato com formas, sons, cheiros, toques, adquire um caráter pedagógico quando “representada” e transformada em sentimento, cuja consciência é promotora de transformações existenciais. A consciência é “um fenômeno de primeira pessoa, que ocorre como parte de um processo privado, de primeira pessoa, que denominamos mente”, assinala Damásio (2000:29), mas que relaciona-se a comportamentos externos que podem ser observados por terceiros.

Quem os visse de fora, alvoroçados ou deitados no chão, concentrados, soltando gritinhos, como crianças frente a uma pintura recém concluída ou a um trabalho expressivo, não acreditava que aqueles fossem o “doutor fulano”, ou “a psicóloga tal”... Suas expressões eram de total concentração, felicidade, riso, alegria. Dependendo das experiências, a pressão arterial se elevava, abaixava, havia arrepios, uns se emocionavam, choravam, até. Comprovei o quanto a imaginação sustentava a “afetação” do Outro. Como a “interação” tornara a experiência poética uma composição fusional e confusional.

Muitos se limitaram a “descrever” os cheiros, as sensações. Surgiram palavras como “esgoto cloacal, ruim, ácido, boa, doce, chá, limpeza, sufoco, tempero, maçanilha, ervas etc. Outros, anotaram o que evocava: comida, lavanda, cravo, café-com-leite, café, bolinho de chuva, sobremesa, banana esmagada com canela, avó, mãe, família, mata, natureza, desagradável, eliminações, trabalho, relax, sagu doce (coisa boa!), doce da vó, manhã, cuidado, remédio, cura. Alguns trouxeram sentimentos: doçura, aconchego, água na boca, gostoso, carinho, calor, paz, prazer, momentos, tranquilidade, proteção, irritação, estímulo, adolescência, festa, sensualidade, frescor, vulgaridade perdida. Outros, simplesmente não conseguiam definir nada que lhe ocorresse dos cheiros, e apenas assinalaram apenas ?” Então pedi que trocassem de grupos e de palavras entre si, aleatoriamente. De posse das novas palavras, deveriam anotar os sentimentos, a partir das sensações registradas, que melhor as descrevessem. E, por associações, algo assim aconteceu:

“Macela, canela, cheiro de infância.
Mato, flores, incenso, paz, tranquilidade.
Margarida, flor, jardim,
Férias no campo
Amizade, festa de família”.

Após, sem tirar nem acrescentar nenhuma palavra, somente conetivos, artigos ou transformar os adjetivos em verbos, deveriam criar algo com “sentido”,

não necessariamente “compreensível”. Foi muito interessante ver o processo. Como crianças a quem se dá um doce, lançaram-se freneticamente a recombinar e combinar as palavras até chegar a algo que fosse “aquilo”, o “justo”. E tivemos coisas como:

“Mato verde, infusão, folha seca, café
 Acordar, manter-se alerta
 Viver intensamente canela doce, perfume, especiaria
 Num cítrico banho, abraço, serenidade de cheiro bom
 Tempero de gosto bom, cheiro do mato,
 A folha pisada em terra forte, úmida
 Acordar, ir pro mundo, viver intensamente
 Prova cheirosa, roupa cheirosa, azul
 Minha casa... Fumaça...doce, doce!”

Ao apresentarem, não paravam de sorrir, satisfeitos, com o que haviam produzido... E ainda, revertendo as palavras, conseguiram dois poemas em um:

“Sonhos! Amanhecer...
 Infância, cama quente, carinho,
 Doce prazer
 Acordar, mingau com canela
 No mato verde, mato seco, orvalho.
 Folha pisada em terra úmida, folha seca!
 Serenidade...cheiro bom! Alfazema.
 Tarde chuvosa, bolo com noz- moscada, prazer!
 Ir pro mundo, viver intensamente, ir pro mundo.
 Mundo, minha casa.
 Banho-roupa-limpa-cheirosa, perfume de Sândalo.
 Fumaça...suavidade...Doce mistura!”

Naquele momento, não eram os trabalhadores de saúde, doutor ou doutora fulana falando de doenças, internações... Eram crianças que retornavam às coisas que julgavam distantes de si, extremamente presos ao sabor descritivo das coisas:

Paraíso, mar da Itália, planta Verde, terra molhada, floresta seca,
 Reunião em família, bebê e infância...
 Café da manhã no sítio quentinho, chá de canela, cravo e hortelã...
 Arroz de leite, festa da minha mãe temperada com pimenta e incenso...
 Como é bom viver, cuidar e ser cuidado!!!

A poetização do cuidado pressupôs a fusão entre a estética e a ética, a criação, a manifestação do “ser” de coisas que julgavam não pertencer a si.

Serviram como metáforas para como encaminhar o campo da desrazão, em formas operativas mais solidárias de tratar pessoas a partir de si.

O que se fez foi apoiar-se no presente mas, articular experiências desdobráveis em devires, na ampliação das consciências fora de seus tempos "normais", num tempo "arcaico". Entenderam que a loucura pertence ao tempo "do mito", do trágico, do cíclico, da força da vida; que o poético estava envolto numa névoa de imagens que tiveram que descobrir, e que não se deixara esgotar na efemeridade do instante, na brevidade intrínseca de sua aparição, mas ficara ecoando... E ecoando, atravessara seus corpos e formas, gestos e conexões, indo ao inconsciente ontológico, molecular, andarilhante, onde se engendravam os acontecimentos "dos começos"... E sua poeira virtual se refez a partir de forças que haviam modelado na criação de formas plásticas, construções com papéis coloridos, formas sobe formas... Com tremenda dificuldade, pois para a maioria deles, apreender imagens sem apelar ao racional ou ao técnico aos quais estavam acostumados demandava muito esforço. Muitas vezes perguntavam "-O que fazer com isto?". "-Nada", dizia eu, "isto é a coisa em si!"

Puderam entender depois como estender a criação a qualquer trabalho, fosse com pessoas, situações etc., e seus papéis na recriação da integralidade. As concepções de saúde integral ressignificaram-se no questionamento de seus conhecimentos racionalistas e sua transformação em saberes sensíveis, unindo racional e sentimento. As "instâncias de participação" às quais a Reforma se referira, poderiam ser repropostas agora, nas comunidades que atendiam, incorporando a criação coletiva como modalidade teórico-terapêutica. A estética foi conformadora de uma ética que deslizou, dessa forma, para o campo da vida, dos sentidos. Permitiram sair de um lugar "imaginário" e "real" de submissão, fosse à ciência, à técnica, ao saber médico-hegemônico, a um saber comprometido com a pessoa como um todo.

A proposta pedagógica da Oficina partiu da ordem, das vidas de cada um, para chegar a uma desordem trans-figurada, adquiriu força.

Para alguns, como Nádia, enfermeira, uma das participantes e coordenadora da "Casa Harmonia"⁴⁵, era muito necessário persistir construindo nossa Oficina, a cada dia, para permitir re(com)figurar espaços formais. A partir das

⁴⁵A Casa Harmonia é um Serviço de Atenção em Saúde Mental localizado no município de Porto Alegre, RS. É um "CAPS I, ou Centro de Atenção Psicossocial" a crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social nas ruas.

vivências, pôde pensar seu “Serviço” como “uma agradável sucessão de sons, duas histórias [da ordem e da desordem] para contar o casamento de Apolos e Dionisos”⁴⁶. Que “apresenta experiências de uma casa, nem sempre harmonia, nem sempre casa, mas de vida”, motivo que a levou a escrever. Seu trabalho de conclusão de curso, intitulado “Você está dentro da lata ou a lata está dentro de você?” (2005) traz a “lata” como metáfora da lata utilizada pelos adolescentes para cheirar cola, e também da lata de lixo internalizada, maneira como a sociedade os vê. O que a motivou a registrar foi construir um novo olhar para compreender o diferente, as “movimentações” da equipe, as inúmeras tentativas, possibilidades e estratégias de criação de vínculo e de intervenção junto aos adolescentes, a construção da subjetividade e da cidadania desse ser humano que não segue as regras e padrões estabelecidos pelas “cartilhas” do senso comum. Escrever sobre ela foi também escrever sobre seu recém iniciado percurso no serviço público e, mais especificamente, na Saúde Mental Coletiva. A Oficina permitiu-lhe “obter licença poética de ousar”, disse. E acrescentou que “há questões que pairam no ar e ainda não encontramos respostas”. No caso específico da “Casa Harmonia, existe a rua, com todos os seus aspectos positivos e negativos – a mesma rua que maltrata é muitas vezes o melhor recurso de saúde mental que um sujeito encontra”, ressalta. E “existe a droga, que muitas vezes só é uma auto-medicação para a miséria, para o sofrimento, a transgressão, o medo, o imediatismo, ou a exclusão. E que a nós, profissionais, muitas vezes também impregna”. Sublinha que “nem sempre ser acolhedor, estabelecer vínculos, ou seguir uma terapêutica é indicativo de sucesso. Mas o CAPS talvez seja esse lugar: o de viver no limite do conflito, da loucura. O contemporâneo é um não lugar”.

Isso definiria também nossas Oficinas... Os re-arranjos “trazidos à consciência” pela criação propiciaram esse desejo de conhecimento em metamorfoses, mutações transfiguradoras que se estenderam à vida, como fez Nádia. Não apenas como um conhecimento “profissional”, uma informação, um dado a mais, mas sim um “saber” que tem um “sabor”, não de todo objetivável, nem sempre intelectualizável, mas certamente, entendido pelo corpo e pelo sensível.

Ricardo, psicólogo, outro participante, afirma ter recebido, através da Oficina, “a oportunidade de compreender como mudar a situação que está aí,

⁴⁶Apolo, filho favorito de Zeus, representava o equilíbrio e a temperança, reverenciado por suas qualidades intelectuais, obedientes às regras. Dioniso as transgredia. Apolo e Dioniso andam “de par”. No dizer de Nietzsche, mesmo seu conflito é fecundo para produções novas (apud Maffesoli, 1999:132).

pois usando o lado sensível poético podemos ver e sentir o que está ao nosso redor". Entretanto, salienta, "precisamos de olhos verdadeiros, que enxergam de maneira crítica mas amorosa, a ponto de perceber profundamente o lado ético de cada situação vivida. Enquanto o sensível vir com o coração, ele precisará de metáforas para entender melhor o que está acontecendo". Utilizar "palavras e escutas que traduzam o momento existencial da pessoa e que de fato possam resgatar aquela essência ainda não revelada"... Usar a arte é importante, pois "ela traz consigo todo o resgate do interior do ser, manifesto ou induzido". Revela que através dela pôde "libertar emoções, conflitos internos, imagens que me perturbavam, contatar minhas ansiedades, meus ruídos, conteúdos primitivos, reprimidos, medos, sentimentos bloqueados". Também "redescobri o perdão... A capacidade de entrega, o afeto, a ternura... Precisamos abrir as trancas dos corações das pessoas que conviviam em manicômios, fazendo-as buscar na criação coletiva a saída das amarras e o direito ao devaneio...".

Passada a estranheza inicial, compreenderam a natureza das situações propostas. Rê depõe que nas Oficinas aprendeu que "somos todos viajantes de uma jornada cósmica, poeira de estrelas, girando e dançando nos torvelinhos e redemoinhos do infinito. A vida é eterna, mas suas expressões, efêmeras, momentâneas, transitórias". Também entendeu que nelas "paramos um instante para observar o outro, para nos conhecermos, para amar e compartilhar. É um momento precioso, mas transitório. Um pequeno parênteses na eternidade. Se partilharmos carinho, sinceridade, amor, criamos alegria para todos nós, e esse momento de amor é valioso".

METAMORFOSES DO SENSÍVEL

A OFICINA NA ARTE-EDUCAÇÃO

**“Uma” collage” em versos é o modo
Que escolhi para estar em-fazer
Uma experiência de releitura de textos-contextos,
situações de aula.
Por ora, me coloquei (n)o objetivo de estudar.
Porque é necessário: ler, reler, ler...
Recortar...colar... pegar daqui e de acolá...
Separar... alterar... desterritorializar... em pedaços...
Fragmentos... incompletudes... inconclusões...
Tirar daqui...colocar lá... juntar...Como aberturas entre-
textos para um compreender”.**

(Marga Markus¹)



Os relatos aqui nomeados tramam as falas celebradas no Curso de Especialização em Arte-Educação para Crianças: “Por uma Escola Mais Humanizada”², em Passo Fundo, RS. As disciplinas trabalhadas em Oficinas de Criação Coletiva previram a discussão de metodologias criadoras para trabalhar com crianças, mas foram estendidas ao repensar da vida através do Sensível-em-Pedagogia, seu corpo teórico.

A organização dessa Oficina girou em torno do sensível e da experiência estética, tensionando autores como “pretexto” para que os participantes fossem o “grande conteúdo”, ou melhor, “autores”. Fora lançada a pergunta de como os autores e teorias escolhidos poderiam proporcionar mudanças qualitativas, e que

¹Marga participa do Curso de Arteterapia, relatado mais adiante.

²Coordenado pela Professora Cilene Potrich, na Faculdade de Artes e Comunicação, Universidade de Passo Fundo/UPF, 2004-2005. Disciplinas de “Fundamentos da Arte-Educação”, 30 h/a e “Educação Estética e Metodologia do Ensino da Arte”, 60 h/a. Entre os autores, Morin, Maturana, Maffesoli, Read, Fayga Ostrower, João-Francisco Duarte-Jr. e outros. Das participantes, com formação em Arte, Letras e Pedagogia, idade entre 25 e 40 anos, falam Samantha, Geceoni (Gi), Lisandra, Adriana, Elisandra, Fernanda, Angélica, Patrícia, Ilenir, Marilene, Cláudia, Rheaktã, tratadas por seus apelidos. Daniela e Fabe (Fabiana) pertencem ao grupo da Arterapia, a seguir. Os depoimentos foram tomados por escrito e com a anuência das participantes.

interações seriam necessárias para agir sensivelmente sobre matérias, energias, relações, desenvolvendo uma argumentação sensível. Isso foi assim sentido: “Ninguém convence ninguém porque está apaixonado, mas porque pode argumentar e indicar a fonte onde se pode buscar mais informações”. Se quero que alguém mude “devo pensar em mim como início de tudo. Não há transformação baseada no desejo vago projetado no outro, toda mudança é desencadeada por um processo de reflexão, sensação, convicção e adoção de um novo paradigma, o de sentir”, entoou Gi.

O sensível adquire assim um cunho plural, de cruzamentos, flutuações, reviravoltas, conciliador entre ordem/desordem em vivências factuais expressas na criação, a Metamorfose do viver. De forma flexível, sutil, porosa, plasma o que pode ser transmutado a partir das sensações. Possibilita que percepções diferentes formem conjuntos significativos novos, mesmo a partir do aparentemente insignificante, como Gi relata, mesmo “exagerando por sentir tanto prazer em observar as coisas”:

“Ouvir falar, na Oficina, que a espuma da louça lavando é motivo de deleite me fez pensar também em mim. A vida é um deleite: uma luz, um objeto, um movimento, uma planta, uma paisagem, um suspiro, nuvens, detalhes grandes, pequenos, minúsculos, gigantes... O que não é motivo para deleite?”.

Ela desperta em sua fala o que, lamentavelmente, a educação tradicional tem tratado como culpa: o sensual, o carnal, e confinado à “desordem”, à “bagunça” e às aulas de arte, por contigüidade “óbvia”.

O prazer dos sentidos, a criação, não são privilégio da arte, mas da vida e sua “conjunção sensualista”, que lhe confere “unicidade”, composição entre razão/emoção”, anota Maffesoli (1996:74). Considera portanto o prazer, o prazer “de sentir”.

Lisandra constata que para poder mudar “e fazer da educação o que sonhamos precisamos começar por pensar em alunos não bem sucedidos, mas humanos felizes”. O sensual, o sensível, permitem “compreender o viver na escola, mas, se a arte é tratada como secundária (quando existe!), impede o prazer, como se ele fosse feio e proibido. Assim, eles se acostumam a odiar a escola e amar o que não podem fazer nela. E se afastam”.

Marga, participante da Oficina de Arteterapia, descobriu o princípio epistemológico do “Sensível-em-Pedagogia”, que compõe o corpo teórico da

Oficina. Aprendeu que se não tem o tempo que quer e deseja, “então que o tempo do mundo dos nossos querereres seja nossos desejos (es)premedo fazeres em agoras”. Não aprendeu “como viver na finitude de um minuto, a eternidade de uma vida, **aí** também sei que não é questão de aceleração, velocidade nem verocidade, mas dimensões por despertar. A matéria na/da bagagem de Oficinas”.

A metamorfose formaliza “tendências” para implantar um “gesto vital”, um “evento vital” que capacite a viver “melhor”. De qualquer forma, a tenho experienciado como “amorosa”, movimentadora dos modos de pensar e sentir que possibilitam, via de regra, intersubjetividades respeitadas, de responsabilidade com o que o trabalho humano instaura e institui. Agrega à realidade da vida vivida um mundo imaginário e heterogêneo que aumenta a capacidade de sentir, qualifica saberes sensíveis, que subvertem as análises do que cerca as relações éticas. Encontra no Poético “múltiplos modos de perspectivar os olhares acerca das experiências, gerando de modo múltiplo, simultâneo e denso, além de novas formas de conhecimento e produção de sentido” (Marly Meira: 2003).

Com novos sentidos, identidades fixas transformam-se em alterização. Ver de forma nova implica perceber de forma in-comum: “entendi que EU sou as pequenas atrações cotidianas, percebi ser mais do que eu sou. Uma pessoa solidária, afetiva, sensível”, disse Dani. No estar-junto, “me situei exatamente em minha forma de existir no mundo, meu papel nele, minha vida e as pessoas queridas que me cercam, mas também as que não querem meu bem. Também que quantificar alguém não é tão significativo quanto qualificar”, completou.

As demandas de sensibilidade, prazer, criação, deleite, aprendizagem despem-se das “finalidades” orientadoras do fazer pedagógico moderno, de eficiência, produção, racionalização, disciplinamento de corpos.

Foi um desafio, dado que, embora pedagogos, muitos nunca tiveram contato com os campos da arte ou estético. Buscamos então situações fenomenológicas para discutir onde nos inseríamos no mundo, no agora, para rever nossas importâncias, papéis, escolhas e responsabilidades para com ele.

A resposta de Gi veio assim: “percebi que em todos os momentos da minha vida, dando aula, conversando ou simplesmente existindo, estou fazendo a transformação”. Mesmo “pálida, quase amorfa, na infinita impotência de ser uma só, estou certa de que, com esse meu jeitinho, faço toda diferença para aqueles que me cercam, e isso, com toda certeza, não é pouco”.

Uma das primeiras coisas que compreenderam foi que eu não estava “um degrau acima em conhecimentos” como pensavam. Enquanto “humana”, estava ali para realizar trocas. Essa “intimidade afetiva” apareceu em manifestações como as de Sam, impressionada com os “relatos sobre tua vida, o modo de relacionar-se, nos tratando iguais, como um grupo de amigos que quer aprender e discutir mais sobre o papel da Arte-Educação no mundo”. A sensação de “igual”, num “grupo onde cada um tinha algo a acrescentar permitiu trocas não só teóricas, numa forma “diferente” de dar aulas que demandou um “dispêndio” de energia amorosa. Prazerosa, que Marga a sintetizou, citando Arnaldo Antunes: “O seu olhar / Melhora/ O meu”.

Melhorar o olhar. Melhorar o ar. Melhorar as saídas. Recuperar a auto-estima, o poder de (re)novar, na metamorfose poética, que nos faria viver o sensível, saber que “em tudo o que é pequeno existe o grande; em todo o escuro, a potencialidade da luz, que somos o espaço vazio entre o que vai ser e o que foi, saturado da grandiosidade da harmonia universal...” (Ange).

Pat expressou seu “alívio”: “a visão racional que me foi passada pela escola, universidade e sociedade, neste momento deixou de existir.” Superar a dicotomia a tornou “uma pessoa melhor, mais humana e aberta para a vida”. Há “coisas que a razão não explica e a ciência não comprova, mas existem”. Referia-se ao sensível e aos sentimentos afetuais, a recomposição da força viva da paixão. Gi agrega que sentiu “cheiro de passado, do ranço do que penso e não era eu mas lá bem no fundo eu vi. Desrespeitando a mim e aos outros fui infeliz. Descobri que posso ser feliz sem culpa nenhuma, ser e deixar ser, e a vida e sua sabedoria se encarregam do resto”. A Oficina me fez “repensar, sensibilizou e indicou caminhos onde pude buscar o perfume de conhecer”.

O indefinível, o informe, o imensurável, como a vida, provocam sensações poéticas, onde se mesclam pensamento abstrato, sensações obtidas de cheiros, cores, texturas, relações, interações. Os eventos estéticos as misturam. Percebê-las foi outro desafio, pois a maioria era professora de arte, e supostamente, isso fazia parte de seus cotidianos.

Sam expressa que “o começo de tudo está no que sentimos, no que nos causa arrepio, e isso é algo inexplicável”. Aceitar a incerteza e a noção de processo não foi fácil. “Esperávamos que as aulas ensinassem formas de trabalhar melhor, ou conteúdos, mesmo receitas”, confessaram. Nem todos foram capazes

de aderir ao risco. Embora muitos depoimentos sejam emocionados, alguns acharam que deveríamos ter “organizado” melhor o trabalho de forma mais “aproveitável” (racionalmente). O campo do misterioso, da magia, do encantamento “é uma viagem muito delirante que deve ser controlável pela ação grupal, conscientizada”.

O “despertar” nem sempre foi doce, disse Gi: “o início foi difícil porque mexeu com uma parte de mim que já havia enterrado. Minha vida estava confortavelmente disfarçada, ninguém se/me incomodava”. De repente “veio uma tal disciplina que fala em sentir (minha palavra de ordem), e diz que isso é importantíssimo...”. No início do curso, “não estava sendo capaz de entender bem, e veio uma super-crise. Entrei com ela numa dança e saí com clareza do que acontecia, do que precisava fazer e por onde começar. Desenosando o viver, passo-a-passo, com calma e carinho...”.

O sensível agiu nesse caso como qualificador do fazer. Um saber sensível³, primitivo em sua origem, iniciou um processo de conhecer a partir do viver. Chamou diretamente pensamentos, saberes, lembranças de experiências, sentimentos, sensações que conciliassem o paradoxo do viver. Tão essencial quanto à racionalidade, não seu “instrumento”. Inscrito no presente da existência, aproveita o prazer tanto quanto possível e “o direito inalienável à sensualidade e à beleza” (Maffesoli,ib.:85). O que em nada autoriza abdicar do intelecto, mas considerá-lo partícipe, co-criador, numa “razão sensível”, onde a carne “pensa⁴”, surpreendida no ato de reagir agindo a certos objetos e situações, quando desafiado.

O saber sensível⁵ atua num nível anterior ao da simbolização estética, pré-simbólico, de emoções e sentimentos que acontecem na carne, nas vísceras, nos estados meditativos, imaginativos. Designa um acontecimento complexo que retorna “à percepção anterior à condicionada pela discursividade da linguagem”,

³Formas sensíveis de conhecer; “sabedoria detida pelo corpo humano”, manifesta-se de formas variadas, ambíguas (Abbagnano, 2003:127). No inteligível, o objeto é o intelecto (ib.id:575), “faculdade de pensar em geral” (id.:571). Compreende desde o abstrato, o articulável pelo cérebro através de signos lógico-racionais.

⁴Para os estóicos, a razão, onipresente, rege o sensível, não deixa lugar à desordem e a realidade, *estática*. Já os epicuristas entendiam o que o mundo é “uno”, mas soma de multiplicidades, arranjo de ordens parciais, relativas, provisórias, dinâmicas, “parte” de um “infinito invisível” aos sentidos. O tempo é povoado de átomos em “movimento”, “probabilidades” que se realizam e “poderão” se repetir.

⁵Ao contrário do que se pensa, a racionalidade não pode prescindir das emoções e sentimentos. Emoções e sentimentos são sensores tão cognitivos quanto qualquer outra percepção. Se não fosse possível sentir os estados do corpo, dolorosos ou aprazíveis, “não haveria sofrimento ou felicidade, desejo ou misericórdia, tragédia ou glória na condição humana” (Damásio,1996:16). A sobrevivência liga-se às operações que originam os desempenhos de mais alto nível da razão: tomada de decisão, comportamento social e capacidade criadora.

para experimentar a beleza, forma de relação onde os sentimentos “entram em consonância com as formas que lhes tocam” (Duarte-Jr.,1995:93). Refere-se às vivências “fundadoras” de onde brotam signos, imagens. É fonte imprecisa, incorporal, intemporal, que dá conta de interconectividades.

Por ser transdisciplinar, sua visibilidade se constitui na interface corpo/mente. Na aventura do corpo, se fabula para criar um “des-lugar” em que a aprendizagem mais básica, do sentir, se inicia na aventura do tornar-se humano: emoções, sentimentos e consciência imbricados ajudam a sair do sentimento limitado ao corpo e igualmente propicia o retorno a ele. Brota da experiência estética que opera sobre a sensorialidade, convocando o pensamento a ela se unir na forma definida por Maffesoli (2001a) de uma “razão sensível”. Esta depende da experimentação, da junção do sentir e do pensar como conjuntura, com seus interstícios e complexas diferenciações constitutivas.

Lisandra acredita que pode mudar a realidade, “construir o conhecimento através dos sentidos e do prazer”. E mais, “aprender a lidar com os próprios sentimentos e emoções, compreender que somos seres humanos complexos e incompletos, em constante e interminável formação e que podemos e devemos, sempre, buscar o que nos falta – essa deve ser a oferta da escola para que o aluno possa, então, o que chamamos aprender a aprender”.

Na escola, principalmente, é primordial a um campo que desafie as pessoas a saírem dos estados de an-estesia e imobilidade em direção ao que Duarte-Jr. (2001:12) chama de um “sentido no sentido”. Captado de maneira sensível pelo corpo, é aquele “algo mais” que Dani entendeu, “aquelas coisas que a razão não explica e a ciência não comprova, mas que existem”, pois “o começo de tudo está no que sentimos, no que nos causa arrepio, e isso é algo inexplicável, intraduzível”.

O que o corpo sente⁶, o intelecto não consegue desfazer, e se assusta, ante o que não entende. E inventa mil maneiras de desfazer o que o sensível indica... Ah! A mente!... O próprio princípio de “causalidade” onde a ciência tradicional se apóia é apenas um caminho relativo de apreensão da verdade. Por isso é importante relatar, transpor o que se vive em linguagens que aliem sensível e inteligível no

⁶Sentir é formar imagens mentais originadas em padrões representativos de mudanças (corpo e cérebro) de uma emoção depois de construir imagens para a consciência. Amplia o alcance das emoções, facilita reações adaptativas novas. As emoções são úteis em si, externas; o sentir, interno; alerta o organismo para o que a emoção começou a resolver, incentivando-o a prestar mais atenção a seus resultados; trampolim para o planejamento de reações não estereotipadas que complementam uma emoção, garante sua manutenção ou ambos (Damásio, 2000:360).

estético, para que brote o Poético. E que este não se contraponha à lógica ou à ciência, mas seja seu “outro”: Metaformose.

A experiência estética, sensível, extrapola o campo da arte e participa de um ritual de anamnese, e celebra o clã ao qual se pertence, expressando sentimentos de identidade tribal por Fabe expressos: “fui afetada por todas as pessoas, suas sensibilidades e conhecimentos”, que antes “não sabia serem importantes. Fui tocada a tal ponto que me surpreendi comigo mesma, e vou prestar mais atenção nas sábias emoções em minhas aulas... E também nas verdades da vida, que vivenciei nos encontros” de forma “Estética”. Como uma sensibilidade que se constrói a partir dos repertórios sensíveis aos quais as pessoas têm acesso, na vida, na convivência cultural. Sincrética, vincula-se a mutações, à facticidade poética do estar-junto-com o outro. Não para resolver o padecimento, a dor do mundo ou para hostilizá-lo por rebeldias, mas para transfigurá-lo numa dimensão ética, numa praticabilidade poética. Isso a compõe como um processo “difratado no conjunto da existência que favorece um sensualismo cotidiano onde detalhes e fragmentos compõem uma estética da vida, *cum-sensualis*” (Maffesoli,1996:13)”. Seu hibridismo sinaliza um fazer alquímico de misturas que pretendem condensar e dissolver modos de consciência da vida, suscitar um campo aberto de problemáticas transdisciplinares.

Oportuniza um repertório amplo, rico, a partir de atividades de auto-reflexão, como Gi conta, que a vida toda se sentiu um ser esquisito “por ter o “sentir” acima de qualquer coisa. Não um sentir vazio e inútil, como quer nos fazer acreditar a sociedade industrial, mas aquele sentir do qual falamos no texto, um sentir que pensa e reflete, um processo de consciência, uma forma de ver e viver e conhecer o mundo que me cerca”.

Pinker⁷ inclui no estético o prazer de formas, cores, sons, piadas, histórias e mitos. As faculdades intelectuais não estão equipadas para identificar os padrões fornecedores de prazer, purificá-los e concentrá-los. O cérebro precisa de “drogas estéticas” para conceder-se altas doses de prazer, não apenas “gotas” advindas

⁷A mente é equipada para o raciocínio causal e probabilístico sobre plantas, animais, objetos, pessoas; governada “por estados objetivos que favoreceram a aptidão biológica em meios ancestrais” (sexo, segurança, paternidade, amizade, status, conhecimento, prazer). O estético permite chegar aos circuitos do cérebro sem a inconveniência de arrancar do mundo genuínos incrementos de aptidão. O meio não se anuncia diretamente; emite “padrões” (sons, visões, odores, gostos, sensações táteis) registráveis pelos sentidos (Pinker, 2002:549).

das sensações. Por isso criou a arte como “tecnologia” de “ajuste⁸” para obter mais prazer; evoca, vê e ouve “mentalmente” eventos “reais” através da “ilusão”, mais rica em informação, sentido, mais excitante sensorialmente.

Pinker (2002:274) afirma que a sensibilidade não é uma mera “combinação de eventos cerebrais ou de estados computacionais”, pois “como um neurônio sensível ao vermelho origina a sensação subjetiva do vermelho” não é menos misterioso do que como o cérebro origina o fluxo de consciência. O “eu” não está num lugar específico, o livre-arbítrio não é uma cadeia causal de eventos, a “essência” dos significados que atribuímos às coisas permanece um enigma, possuímos noções de coisas que nunca nos afetaram. Uma imagem simbólica nos faz ver coisas que não estão ali; o olho apenas “supõe que a matéria é coesa, as superfícies uniformemente coloridas”, mas, na verdade, o cérebro, quando algo se desvia muito do “meio ancestral médio”, cria ilusões, para “permitir resolver problemas insolúveis”. Ironicamente, os filósofos céticos basearam suas conclusões em “ilusões”: a torre que “parece” plana, o dedo frio que sente a água tépida como quente, etc. A visão, “mesmo a tridimensional, livre das ilusões que cérebro tanto se empenha em conseguir”, permite apenas que experimentemos “o que está diante de nossos olhos, pois o mundo além do perímetro do campo visual e atrás da cabeça é conhecido apenas de modo vago, quase intelectual”, alerta Pinker (id.p.229). O intelecto raciocina como as coisas funcionam e questões ontológicas, mas é a mente quem indaga. Como não está “equipada” para tal, volta-se a saberes como os sensíveis: tato, pele, sensores internos. Compõe “simulacros”, que funcionam feito “personagens” conceituais, afetuais, percepçionais. O reconhecimento e a recongnição não garantem que conheçamos as coisas que vemos, pois os signos exteriores e interiores se acoplam, mesclam e extrapolam as analogias comuns.

Gi compartilha dessa paradoxalidade ao confessar suas metamorfoses pessoais, lembrando que a Oficina “acordou um gigante adormecido. Eu já havia conseguido conformá-lo e convencê-lo de que não havia lugar para ele aqui fora e até tinha conseguido me adaptar bem como um ser mais racional e, portanto, mais “equilibrada”. Para se adaptar, fez “um longo e exaustivo exercício de racionalização e fechei muitas portas que não cabiam neste paradigma. Já há

⁸Seríamos “projetados” para sentir insatisfação ante cenas áridas e indistintas e atraídos por outras coloridas, artificiais e vividas, que apresentem os “padrões certos” acionadores dos “botões de prazer”. Evocar sentimentos seria a “primorosa iguaria elaborada para deliciar locais sensíveis de nossas faculdades mentais” (id,p.559).

muito não pintava mais fadas e nem me costumava a olhar o mundo com olhos profundos... E lá vem você e reacende tudo...”.

Sua avaliação, todavia, é positiva, pois se sente “mais madura e capaz de lidar com todas essas diferenças, sem medo de ser feliz. Olho para o mundo não mais com medo de ser incompreendida, mas com a coragem de dizer que isso não é “viagem” ! A Oficina deu este respaldo, obrigada!”.

A experiência sensível “implica” um corpo de forma prioritária, concreta, carnal, porque a “pele” é o exemplo mais elementar para o que denota *implicare*⁹: “confundir o entendimento, tornar perplexo, embaraçado”, envolver, divergir, incompatibilizar, tornar necessário ou indispensável, exigir, originar. A sensibilidade então orienta os ritmos no corpo e os gestos, que imprimem atos criadores às vivências comuns. Desenvolve saberes em seus atributos qualitativos, valorativos da plasticidade de suas relações internas construtivas, através de atividades criadoras e coletivas.

Mundo e corpos em “vivência comum” integram as histórias humanas, permitem uma abertura ao outro, afirma a exuberância da vida, expressa uma “energia libidinal através da qual a exarcebação do próprio corpo conforta o corpo coletivo” (Maffesoli (2001a:184). Qualquer sociedade precisa desse referencial afetivo para os dados da experiência; “dúvidas reais requerem “conflitos internos, contradições, perdas, sonhos e utopias válidos para conhecer a realidade” (Ostrower,1999:202).

Compreender que a emoção é fundante do social e alicerça a razão e não o contrário foi crucial para que pudessem se expressar, diz ela, que sempre achou que “ao entrar em sala de aula teria que deixar as emoções e os sentimentos do lado de fora e acompanhar-se somente da razão. Julgava o conhecimento não possuir relação com sentimentos, “que só através do racional se aprende, toma decisões corretas e até mesmo se explicam todas as coisas”.

O dramático nos “salvou” onde o intelecto tinha uma ação limitada, ou seja, as falas eram umas, e as ações, outras. Agiam “sem se dar conta” de como agem, de suas incoerências, quando paravam para discutir suas observações sobre o dramatizado ou debatido. Percebiam seus movimentos no mundo, descobriam estereotípias, pontos cegos, insensibilidades. Nas reflexões coletivas constatavam que, se as vidas e os afazeres são “sem-graça”, não sabiam o que fazer” para

⁹ <http://michaellis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>

quebrar a corrente que instala a queixa, a falta de projetos, nem como “iluminar os trastes”; ficam só nas idéias.

A metamorfose cotidiana de “encher carrinhos com areia e brincar” possibilitou inúmeros insights a respeito de suas vidas profissionais. A experiência estética se deu como travessia para alguém e além de suas formas, forças, imagens, posturas, flexões e reflexões, registrou as peripécias da criação. Expressou os sonhos mais loucos, porque um corpo tem seus afetos, “movediços, por certo, senão mesmo versáteis” (Maffesoli, 2004:159). É esse aspecto efêmero que os torna simultaneamente intensos e excitantes” (id., 2000a :82).

O sistema afetivo é “regulado pelo sentimento” (Damásio, 2002). A resposta da mente aos atos perceptivos é a orquestração de percepções sensoriais e sensações. Algumas reações puramente instintivas garantem a sobrevivência, mas se adquirem um “motivo”, uma organização, viram “estéticas” (Read, 1977:59). Os sentimentos estéticos marcam o ritmo da vida, são nosso peso e equilíbrio (Id. 1982:60). Educar o sentir pode potencializá-lo, ampliando de forma proporcional às experiências pedagógicas, estéticas ou não.

Ange registrou seu desconforto em relação às outras professoras de sua escola que não pensam assim, mas aí lembra dos “bilhetes, cartinhas [dos alunos], dizendo que adoram minhas aulas”. E lembra daí o quanto foi importante termos tido, nas aulas “um contato intenso, muito além das aulas, ter saído da acomodação mental”. Mas fundamentalmente, ter sentido o quanto a arte era importante para ela em seu dia-a-dia, ampliando seu olhar.

Foram estimuladas a escrever e a criar, sabendo que suas criações seriam bem vindas, como essa de Marga:

“ **E aí?** Bastaria? Como encontrar o seu olhar? Buscar?
Num esforço meu em sua direção. Bastaria? Desejar bastaria!
Desejar o olhar do outro buscá-lo neste olhar, buscar-me em seu olhar
Bastaria! Reconhecer bastaria! Receber o sensível nos sensíveis dos olhares
Me responsabilizar bastaria! Encontrar-nos no afeto possível
Emocionados como obra poética E como obra humana”.

A vivência intensa dos encontros, intencionalmente carregados de emoção, permitiu entender que “o que traz em si o futuro” está “no próprio seio do que está acabando” (Maffesoli, 1985:110). Observa-se na forma pedagógica de acentuar o presente, ressaltar o aleatório, chama a atenção para a “urgência da fruição”. A “festa” é sua metáfora.

Como nas Oficinas anteriores, atividades tidas como “diversão”, a exemplo de comer um bolo, celebrar os aniversários da turma, “fofocar”, trocar fotos de família, abraçar-se, foram manifestações ritualísticas de (con) sagração da vida como fato coletivo. Adquiriram o caráter de marcação estética, feição de “sagrado”, fez a “diferença” ao transformar o ordinário em algo fora-do-comum. E “arrepuiu”, como disse Fabe: “só vale a pena mesmo guardar e cultivar aquilo que é apreendido e vivido com verdade. Isso “arrepia”, me arrepiei muitas vezes”.

“Festejar” despiu-se da conotação de “matar aula” e passou a ser “parte” dos conteúdos, para celebrar nosso estar-junto quando tudo no mundo fragmenta. Conformou uma “estética social”, “uma renúncia de si” a favor do coletivo, presente nos prazeres dos sentidos, na “emoção comum”, no que garante “a união do cosmos e da “socialidade” (Maffesoli,1996:90). Esta coloca a nu a potência nebulosa dinâmica criadora de uma “união em pontilhado”, integra os aspectos passionais, não racionais, ilógicos. A inclusão do sentimento nas relações sociais, cujos diversos ritos, bailes, bebedeiras, revela um “desejo de organicidade” que liga companheiros entre si num “estar-junto festivo que de maneira cristalizada aponta o difuso da vida contemporânea”.

No anódino do cotidiano, os sentidos, utilizados ao máximo, proporcionam a valorização de uma vida social “encarnada, concreta”, a comunalização de seus afetos. Os sentidos, factuais ou potencialmente “agradáveis”, permitem a ligação, a materialidade da sensação.

A vida própria de um lugar, relembra Maffesoli (1997:198), não se exprime de maneira retilínea, mas é composta de anedotas, saltos, fragmentos, obscuridades, errâncias. A “troca” desigual, sem conotação moral, é uma “estrutura social” dificilmente superada, inegável até mesmo em abordagens despreocupadas com o “dever-ser”. Reforça a criação, e, com a exigência sensível, o mundo objetal favorece a participação com seu aspecto “mágico”. Ao participar do mundo natural, comunga com o outro. O “eu” cede lugar ao “nós”, a distinção inverte-se em “viscosidade”, a crítica do mundo “como ele é” se torna a afirmação da existência.

Essa forma de ver o mundo permitiu com que o pedagógico consolidasse seu caráter relacional, lúdico, da festa como algo além da mera “distração individual”, momento “orgiástico” de partilha que se auto-organiza como criação coletiva. O trágico, de organicidade precária, revive, de forma espiralada, a “comunhão de

emoções ou sensações difundidas nos atos mais cotidianos ou cristalizadas nos grandes acontecimentos pontuais ou comemorativos, lembra Maffesoli (2000:a:27).

O sentimento coletivo, a “ambiência comunitária” presente no estético desconstruiu a lógica acadêmica em seu modo mais tradicional: “a princípio foi um pouco diferente da condução a que eu estava habituada, sinceramente me achei meio que perdida... Dar aula de forma tradicional é habitual, mas buscar coisas profundas do ser humano transcende, preciso me reeducar para isso”, depôs Rhea. Isto alerta para uma lógica ainda forte, centrada no peso ao racional e ao cognitivo na formação de professores e arte-educadores, ainda largamente praticada.

O “não fazer nada”, o sem importância, passou a exercício criador de “estar-junto”, de troca de informações sensíveis e pessoais, poesias, informações sobre si e onde se vive. Do ponto de vista de Maffesoli (2000(a):54) “acentua o qualitativo, a suspensão do tempo, os rituais, ordens, usos e costumes “que asseguram, de fato, a ossatura do corpo social”. A “vida sem qualidades”, menciona, “é precisamente o que assegura, de uma maneira misteriosa, a manutenção da sociedade”.

A cada Oficina que se inicia, me aflige descobrir como perfurar a crosta endurecida, opaca e pesada da desesperança, pessimismo, queixa ou imobilidade que atormentam as pessoas encobertas nas “funções” que exercem.

Segundo seus depoimentos, seus cotidianos são apressados, de obscuro “sofrimento”, herança judaico-cristã que reserva a leveza e a graça ao paraíso, e ao dia-a-dia, o “peso”. Pressões familiares, rigidez normativa, especialmente entre os trabalhadores de educação e arte, historicamente desvalorizados, os impedem de se perceber criadores. Perdem a auto-estima, “deixam para depois” o cuidado de si, o auto-cultivo, os pequenos prazeres advindos do que gostam de fazer, não conseguem mais extrair prazer ou vê-lo no aqui-agora.

Edgar Morin (2002:20) relembra que sensível e a arte incitam à consciência das realidades humanas e o caráter “complexo” de sua condição. Se a Educação ajuda a pessoa a se reconhecer em sua própria humanidade, situar-se no mundo e assumi-lo, o sensível contribui para a formação de uma consciência ética de pertença à humanidade, completada pelo caráter de matriz que tem a Terra para a vida, e a vida para a humanidade. Assim, deveríamos ensinar a incerteza, a auto-realização e a qualidade poética da existência, além de religar, diferenciar, contextualizar, globalizar, relacionar cada informação e cada conhecimento a seu

contexto e conjunto. Ensinar enfim, “humanidade”, para que o ser-homem se reconheça em seus enraizamentos físicos e biológicos e realizações espirituais, reconhecendo o outro como humano e o respeite. A hominização foi um complicado processo de inter-ação entre genes, cultura, vivências, experiências, percepções, relações, fazeres, sentimentos e emoções. Que pode ser enriquecida se proporcionadas experimentações que “abram novas maneiras de sentir a vida e o mundo ao redor” (Duarte-Jr. 2001:220).

O prazer abastece e alimenta a vida como diz Marga: “E aí... É linda, é aí, a vida Bastaria: A VIDA! Linda, solene e loucamente desejada, amorosamente apaixonada Sublime e simplesmente vivida e viva!”.

Mari se lembra da importância de revisitar os conceitos que trabalhamos na Oficina repercutia na “revitalização dentro e fora da escola”, todavia “não somente no abandono e recusa dos princípios rígidos do pensamento racionalista restritivo”, mas na “necessidade urgente de reconstrução da história humana através da própria humanidade” (2005:09).

Os intelectos foram desafiado através desses autores, como Lisa, pedagoga, que descobriu o “sensível-poético, até então desconhecido, que me trouxe uma perspectiva totalmente nova, levando à reflexão sobre teorias que tanto me angustiaram”. Foi impressionante ter descoberto que fazia da educação “uma relação social fria e distante e que acreditamos que podemos (ou devemos) não nos “envolver”. Porque “os seres humanos são feitos de sentimentos, sensações, emoções, sonhos, idéias. E é impossível separá-lo disso para aprender conceitos”, reitera Mari.

Maffesoli já observara que o não lógico, o afeto, as emoções, cimentam a vida cotidiana, são o “*misterium conjunctionis*” que é preciso dar conta epistemológica, intelectual e sensivelmente. Na prática diária, “esquecem” que como educadores teriam “obrigação” de fazer passar os saberes sensíveis por seus corpos, para depois reparti-los. Não experienciam a beleza, o amor, a convivência prazerosa, despreocupada, e endurecem. Não cantam mais. Não brincam mais. Silenciam. Selam as portas da imaginação. Perdem a intimidade com os vazios e as dobras do mundo, essencial aos processos de subjetivação pessoais e coletivos, onde, de uma maneira geral, pessoas e comunidades se constituem como sujeitos.

O que (re)cria novos saberes e poderes, leva a novos querereres, novas crenças... Despertar o sensível fez Ile ter “certeza de que podemos olhar através de

uma simples imagem". E que educar o sensível é uma tarefa não menos urgente do que, na vida, sentir, básico não só à sobrevivência, mas ao social. Como seres históricos e sociais, nos afirmamos no mundo, disse Marx¹⁰, "com todos os sentidos". As forças essenciais, particulares, sensíveis e humanas, "só podem encontrar na ciência da natureza seu próprio conhecimento", embora o próprio pensar "da exteriorização de vida do pensamento [seja de] natureza sensível".

Das avaliações sobre o realizado, Adri confessa ter tido que se adaptar às "realidades dos alunos e às minhas para trabalhar com a criação". Embora o tempo tenha sido pouco, "foi muito intenso, muito além das aulas e me fez sair da minha acomodação". Sentiu sua mudança nos "efeitos por parte das crianças através de bilhetes, cartinhas, que confirmam a minha fala".

Vivenciar uma "verdade estética", profundamente "sentida" pôde vincular afeto e cognição às percepções de suas experiências com a vida. Para Eli foram tão intensas, que se arriscou "ensinar um pouquinho de si, a tal troca que os teóricos falam atualmente, que depende de ouvir sem fazer de conta, falar sem medo de afetar os alunos".

"Ouvi a vida inteira que sou muito sensível (no sentido pejorativo, como um defeito), que sinto demais, que isso que aquilo... Meu raciocínio, meu corpo, minhas reações fisiológicas, meu destino, meu futuro, meu passado, meus interesses, minhas ações... Tudo é balizado por meus sentimentos, pelo sentir... Que fazer?", perguntava, suspirando, Geceoni, a Gi. E depõe que durante sua vida "muitas vezes esse modo de sentir quis explodir, mas acho que ficou com preguiça ou medo de encarar no amanhã a realidade daqueles que não conhecem e não gostam". Um dia descobriu, na Oficina, que podia "sentir sem medo", que "mundos inimagináveis" a cercavam e tinha "medo de enxergá-los..." Por sentir-se tão diferente nestas horas, o pavor a impedia de "acreditar e ir adiante". Agora, "não só é permitido como comprovado que esses mundos existem e devem ser explorados... A vida, como eu a vejo é permitida, conhecida e deve ser olhada por todos". Idéias "que pareciam mortas para mim retornam saudáveis e cheias de luz...Ver-me nisso tudo foi fantástico". Pergunta-se, comovida: "onde andava esse tempo todo, "que não me via mais? E as minhas "viagens", que só escrevo para mim e nunca ninguém verá? O que significa tudo isso? O mundo é tão grande e misterioso que nem várias vidas me deixariam conhecer tudo o que desejo..."

¹⁰Apud Duarte, 1997:193.

A reflexão permitiu-lhe refazer as arcaicas fronteiras com o sagrado, o vazio, o informe, devir mutante, Metamorfose operada em suas vísceras: “na alegria de viver meu mundo voltei a acreditar em muito do mais que possa supor a minha ignorância. Vai ficar um grande aprendizado de não duvidar mais de meus sentimentos e de mim mesma; uma vontade ainda maior de buscar e pesquisar. Mas muito mais importante, vai ficar um sentimento de respeito e valorização pelo mundo e pelo sonho do outro. Um respeito humano que não imaginei possuir...”. Ela apercebeu-se de um grande segredo: “quando queremos mudar a idéia ou o sentimento de alguém, “temos que abraçar aquilo como quem “pega jacaré” na praia. A onda é o impulso que te leva para frente”. Esse sentimento do que o Outro representa em sua mais profunda implicação é que devemos abraçar, acolher, para com aquela força “levá-lo a questionar-se e deixá-lo mudar por si.”

Fernanda voltou a acreditar que “existem pessoas que mudam pensamentos e atitudes de outras pessoas”. Depois da Oficina, constatou que podia ser uma delas, surpresa: “o mais importante é que consegui me envolver”. Essa envolvimento veio “do compromisso assumido pelo grupo nas atividades de desenvolvimento da compaixão, da ternura, da generosidade, do prazer de fruir a si mesmo e ao outro respeitando-o”, constata Dani. Como professora, percebeu não poder “podar a energia do aluno, esse recurso que é sua forma de ser e viver, seu ritmo de pensar, agir e expressar seus sentimentos, seja em seu silêncio, seja em seu barulho”.

Ange assume o risco da “in-tensidade”, ao expressar: “a Oficina despertou a coragem para colocar em prática o que estudei, pesquisei, ouvi e vi, apreciar as atividades sensíveis contra aqueles que a depreciam”. Ter perdido o medo de criar e ampliado sua compreensão da arte permitiu “fazer o que gosto, mexer com todos, revolucionar, sair da acomodação mental, aprender a olhar através de uma simples imagem. A arte passa entre os dedos, entra nos poros, ultrapassa esse invólucro humano, é como se tivéssemos asas soltas, voando entre os fatos como crianças, sem esbarrar no futuro e sem pensar no passado, vivendo nesta magia a magia do agora”.

Para Pat, “nas interações mais agressivas, pobres, falta amor e considerar as coisas essenciais da vida”. A sociedade precisa de uma educação sensível para mudar o afetivo das pessoas. Nas Oficinas, aprendeu “a ser mais humana, mais otimista, menos razão e mais emoção. Notei em meu conviver com as pessoas que ampliei minha capacidade de amar, de dar carinho e amizade”.

Ele descobriu que “é na direção sensível que vivo e procurei viver, desenvolver o meu trabalho, contribuir para que a minha e a realidade de meus alunos se transforme numa proposta convidante de melhor convivência entre os seres humanos”.

Educar seria, nesta ótica, dar amor? Se sim, permite “aceder a conviver em um espaço de aceitação recíproca” no qual se “transformam o emocionar e o atuar dos que convivem” segundo as “conversações que constituem este conviver”. O amor pode ser aquela emoção fundadora que lembra que “não é o que se faz” que define nosso fazer como ação, mas “a emoção sob a qual fazemos o que fazemos”. Se mudam as emoções, muda o cérebro, a mente, a convivência. Isto é “aprender”, diz Maturana (1992:73). Salienta sermos sistemas cuja “coerência interna se perde” quando as relações “deixam de ser congruentes, rompidas pela negação do amor”.

Nossos “entre-textos” nos levaram à compreensão de que o sentido da vida e do que foi vivenciado nas Oficinas é humanizar-se como totalidade, relação amorosa, transdisciplinar, estética... Nas interfaces imagéticas, plásticas, nos interstícios languageiros que compõem o Sensível-em-Pedagogia, a sensibilidade permitiu ver poeticamente a “fábula”, metáfora das “histórias das vidas” dessas pessoas.

Metamorfose pedagógica, o Sensível-em-Pedagogia, pôde ser “saboreada” nas falas de seus participantes, e ainda o será nos próximos capítulos.

A OFICINA NA ARTETERAPIA



“Ter alma simples, coração no centro
 Pensar e sentir o mundo, eterno fluxo da criação
 Beber de todas as fontes não basta, pos compromisso,Integralidade
 Com o que se produz , lançar-se no mundo, ver e ser a vida
 Potencialidade, plenitude, ser poético, sonhador
 Mais do que isso, assumir o outro e dizer: -Eu te Feliz!”

Renata¹¹

Nos Cursos de Especialização em Arteterapia¹² o campo epistemológico da Oficina construiu-se a partir de experiências como trabalhadora em Saúde Mental “Coletiva”, de cuja herança provém uma visão de Integralidade, determinada e determinante de transformações sociais. Considera a historicidade, a cultura, o ético e o estético, na democratização das relações entre seres e suas saúdes e acesso à assistência. A “doença mental” é um ato político, o que equivale a dizer que, sem a transformação nos modos de “existência” da pessoa, qualquer atividade fica alienada de seus objetivos.

A Oficina na Arteterapia necessitou abordagens transdisciplinares reunidas no pedagógico sob o “Sensível-em-pedagogia” desde dimensões psicológicas, fenomenológicas, antropológicas, sociológicas reunidas no Estético e no Filosófico. Cleusa dá uma “receita”:

“Basta de prêmio e castigo!
 Basta de enquadramentos!
 Basta de segmentação!
 Consultemos a preta Velha
 O tarô, os búzios, o culto, o I Ching...
 Usemos o galho de arruda atrás da orelha...
 Sejamos NÓS MESMOS
 Com nossas bagagens e aquisições
 Sejamos UM TODO...”

As atividades de arteterapia podem ser realizadas através de sessões em consultórios ou contratos terapêuticos em instituições e grupos. Compõe-se, para Cilene, de uma micropolítica, “que visa atingir, com novos valores para a saúde e para a vida, as pessoas ao nosso redor”. Trata de “mudar o social não mais saindo às ruas empunhando armas ou flores, mas nas relações saudáveis entre cada

¹¹Os depoimentos referem-se à Oficina desenvolvida na UPF, Universidade de Passo Fundo, no Curso de Especialização em Arte-terapia (2005), na disciplina de “Oficinas de Criação Coletiva em Saúde Mental Coletiva”. Dos trinta participantes, de formação variada, de Professores de Arte a Enfermeiros e Terapeutas, com faixa etária de 19 a 55 anos, alguns compartilharam suas falas: Renata, Helenise, Daniela, Marga, Cilene, Renata, Vivi, Jonir, Janeska, Cintia, Ivana, Juliana, Marli, Leonice, Lisandra, Claudir, Cleusa, Marilene, Ida, Fabiana. Alguns aparecerão no próximo capítulo.

¹²São questões trabalhadas a distinção de loucura, sofrimento psíquico e doença mental, a desinstitucionalização, a Reforma Psiquiátrica. As noções de Saúde são inseparáveis das questões políticas, dos Serviços (CAPS, Oficinas...) e os manicômios mentais.

peessoa com o outro, devagar, com paciência, sem acelerar ou levantar poeira como quer a minoria que manda no mundo e mantém a estrutura do jeito que está". Pode estimular e fortalecer forças criativas, auto-estima, amenizar angústias, anseios, medos, dificuldades de relacionamento, bloqueios emocionais.

A arte é um caminho de reconstrução não só do corpo que sofre, mas do redesenhar do homem no mundo, porto seguro para atracar e construir projetos de vida. A Arteterapia bebe dessa fonte. Através de seus procedimentos, técnicas e materiais, resgata o potencial criativo do homem, desenvolve uma psique mais saudável. Estimula a autonomia e a transformação interna para a reestruturação do ser. Seja "através de abstração, devaneio, o subjetivo concretizado em tintas, papéis, telas, barros, diferentes materiais compreendidos aos olhos de quem ou admira". Ela é "conhecimento, autoconhecimento, conseqüentemente, transformação e cura", aporta Ivana.

Ao penetrarem nas virtualidades propostas pela arte, percebem os contrários, a complexidade da vida, que a realidade pode mudar como muda um papel ao ser dobrado, o quanto são "in-formados" e "em-formados"... De "matrizados", podem passar a "matizados"... De uma monocórdia existencial, a uma policromia polissêmica espelhada ao infinito; de um "real" monocromático a sombras coloridas...

A Oficina propõe mobilizar forças e formas de ação nos corpos para que possam estender-se aos futuros "terapeutizáveis". Desenvolve a escuta para capturar os signos-sintomas de sofrimentos em si e no outro, a partir da qual é possível sair da imobilidade e da queixa e experimentar o que a arte oferece nas micropercepções, nos movimentos intersticiais.

A carga de investimento vital na criação coletiva de corpos é tão preciosa que não se pode desperdiçar nada, nem pensar de longe em um caráter da arte como "instrumentalização". Ela coloca a imanência mais profunda do ser em jogo sob a responsabilidade do grupo e suas formas de erupção, da mais vulcânica emoção à mais sutil artesanía do espírito.

Existem formas instintivas, arcaicas, "arquetípicas" que ressurgem em condutas, gestos, maneiras de ser, expressões, acessáveis através da arte, no "transe¹³" ou "catarse", que contatam o ser com o inconsciente da espécie.

¹³Estado alterado de consciência advindo de vivências inusuais, "em interação" que altera a concepção de fazer, ser e estar; opera em situações limite, toca a espiritualidade e o sagrado.

Dirige-se simultaneamente às energias subterrâneas que animam a pessoa, à socialidade, aos mitos, ritos e arquétipos (desordem), e às instituições, linguagens, ao estabelecido (ordem), para fecundá-los através da arte. Desta interação nasce a Metamorfose, o “terceiro incluído”, a terceira via que Paulo Ricardo, da Oficina de Bagé (1999), explicitou de maneira ímpar: “Não sou normal” (ordem). “Minha loucura (desordem) é o prefixo social que me deram. Eu sou mesmo é des-normal”...

Essa abordagem conjura a Arteterapia no campo ético-estético e da criação coletiva optando por novas lógicas de operação, sentidas por Hele: “imaginava que uma aula acadêmica fosse séria, científica, objetiva, correta, normal, com um início e um fim exatos. Mas isto se transformou em magia e me senti louca em meio à loucura, e foi exatamente essa desrazão que me ensinou. Vi astrologia, física, ciência, arte, poesia, amor, filosofia, antropologia, sociologia a partir da complexidade. Porque tudo isto é preciso ao se falar no cuidado de pessoas, essa formação dentro da criação coletiva...”.

Para Maffesoli (1995), a humanidade busca, por um estilo de ser e viver, uma forma de sobreviver “aos excessos da racionalidade moderna”. Então, diante de tanta lucidez¹⁴, reinveste-se na fantasia, no lúdico, no onírico, que invadem a cena social e reencantam o mundo para reequilibrar a humanidade.

A polarização ordem/desordem excluindo o Movimento localiza um problema sério, de dicotomizações. Uma delas, entre saúde/doença.

Saúde não quer dizer “ausência de doenças”, mas movimento em direção à participação, ao auto-conhecimento. Saúde e doença constituem um “processo”, são parte da vida, relacionais e alcançáveis a partir de uma série de fatores como os afetos, a participação social, o trabalho, as paixões, as biografias e a criação. Admitem portanto, crise, conflitos, as premências e aleatoriedades da vida.

Outra polarização bastante comum se dá entre loucura/doença mental, que são distintas. Pessoas com transtornos psíquicos podem não estar “doentes”, ou seja, “sem crises”. Se a desordem não manifesta seu lado nefasto, vivem “malucos beleza” ou transformam suas loucuras em força de criação. Pessoas não portadoras de transtornos psíquicos, não-loucas podem estar “doentes” e passar por sofrimentos psíquicos de forma brutal. É quando a desordem mostra sua face destruidora e coloca em jogo a exclusão, a dor de ser “problemático”, “doente dos nervos”, “lelé” e tantos outros designativos pejorativos.

¹⁴“Lucidez / danada/ não me deixa / fazer mais nada”, diria o poeta José Joffily Filho (1982).

Drummond acentua que “a dor é inevitável, o sofrimento¹⁵, opcional”...

O sofrimento psíquico vem na forma da crise¹⁶, que pode ser uma proteção da psique a situações amedrontadoras, nem sempre, portanto, negativo.

Qualquer um pode enlouquecer a qualquer momento, e se a crise vier, explicitar seu mecanismo, falar dos medos ajuda a enfrentar e conviver com ela. Dependendo da relação estabelecida com a terapia, ela poderá ser sentida como “desordem violenta”, como nos manicômios, ou “fecundadora”, trans-figurada em metamorfoses sensíveis, através da arte e do estético. De qualquer forma, a “terapia” precisa ser um “conjunto complexo, cotidiano e elementar de estratégias indiretas e mediatas” que “enfrentem” o problema, “através de um percurso sobre os modos de ser do próprio tratamento”, o que inclui a arte. O sofrimento psíquico talvez não se anule, mas se removidos os motivos, muda-se a forma e o peso com que eles entram na vida de uma pessoa.

É discutível se o simples contato com a desrazão, a sacralidade, os estados alterados de consciência e a criação, por si sós, fazem da arte uma terapia. Mesmo enquanto instrumento, criação é legítima, direito de cada um de acessar a desrazão, ou exercitar as imanências de seu Ser.

Janeska declara que “a própria vida cotidiana nos coloca em situações de descontrole, e pequenos incidentes, aparentemente insignificantes, vão se acumulando e com o tempo acarretam em desordenadas crises”.

De qualquer forma, as crises estão na vida, mas outra dicotomia perigosa a reduz a uma solução linear “terapia-cura”, “problema-solução”.

A loucura não tem cura.

¹⁵Por paradoxal que pareça, Nietzsche (2002) não considera sofrer “ruim”, mas um estado particular do corpo, sua condição primeira de estar exposto ao “fora”, à novidade, a ser afetado e aos efeitos daquilo que pode afetar. Continuamente exposto a encontros e interações, como mostra Maturana, “sofre” de ser “afetado” pela luz, pelo vento, pelas formas, pelo tempo, pelas materialidades. Mas, primeiro de tudo é afetado pelo encontro com outros corpos. A “sensação” é uma síntese passiva pela qual o corpo encontra forças agindo sobre ela, mobilizado por sínteses estéticas deste encontro de forças, do dentro com o fora do corpo. O “trágico” mostra que, num certo estoicismo auto-hetero assumido, a dor se projeta num centro sutil de excitação cujo lugar é o sistema nervoso, onde as “defesas” convivem com o potencial de “ataque”. As primeiras aparecem no corpo como proteções, cascas, fechamento, silêncio simbólico e imobilização, embrutecendo-o para o adestramento. É quando então ele se “defende” contra o sofrimento, o que aumenta sua potência para agir. Seriam esses “ferimentos”, que afetam o mais íntimo de nosso ser, que mobilizariam, de modo integral, nossas forças de criação. A potência do que pode um corpo se “mede” por sua exposição aos sofrimentos e às feridas sutis, mas também ao amor e as alegrias.

¹⁶Para Dell’Ácqua e Mazina (1991), “distorções do discurso”, agressividade mais ou menos visível numa rede relacional de conflitos de uma série de nexos que a fazem compreensível, mas ainda inexplicável. É complexa, fragmentada, comporta elementos significativos, históricos, expressa-se por sintomas identificáveis como “alterações nos modos usuais de ser e estar, isolamento voluntário”, negação em participar das atividades, agitação ou nervosismo.

A "cura" não é uma relação linear entre duas vertentes, e sim o que Rotelli¹⁷ denomina de um "trabalho político de transformação" dos "modos" através dos quais as pessoas são tratadas ou se relacionam com a "transformação do sofrimento". A "emancipação terapêutica", objetivo substitutivo da cura, só pode ser a mobilização de ações e comportamentos que emancipem a estrutura inteira do campo terapêutico. Inclusive da racionalidade, razão pela qual a arte precisa ocupar o espaço terapêutico, estar ao alcance de todos, não de uma minoria. Ela possui uma dimensão unificadora, equilibradora do viver, que "escapa" à instrumentalidade e pode, aí sim, ser "terapêutica" *per se*, contatar conteúdos internos, muitas vezes inconscientes, barrados por algo, reunindo o Self por alguma razão desconectado. A transpessoalidade e o acesso ao arcaico constituem uma possibilidade de saúde "primordial", enquanto "totalidade"¹⁸.

Maffesoli (1995) já lembrara que o "corpo" social precisa relaxar do "stress intelectual", precisa de harmonia. Negando essa vertente, as áreas da educação e saúde tradicionais, herdeiras do Positivismo, ao "optarem" por sujeitar o prazer, disciplinam as sensações, contêm a energia do "dispêndio", "curam" a loucura. Logo ali assistiriam, entre aterrorizadas e céticas, o ócio, a espiritualidade, a meditação, a arte, assumirem o status de "imprescindíveis" à saúde e à longevidade.

A sobremodernidade descortinou que todos, sem distinção, têm suas partes "loucas" com as quais não foram preparados para lidar de outra forma que não racionalmente. "Avisou" ser impossível frear a desordem, a confusão, a anarquia da vida, o politeísmo dos valores, o não-lógico, o "in-útil", o "não-sério". Outrora transformados em sofrimento, culpa, anormalidade, miséria, desvio, distúrbio social ou desajuste, foram trans-figurados por movimentos civis, políticos, ecológicos e ativismos, em riso, festa, afetos. Cientistas, artistas, filósofos e pessoas comuns deitaram por terra a moral do "dever-ser evangélico" que condiciona o "tu deves" político sob a lógica da vigilância, da medicina, do manicômio ou dos educadores que "corrigem, retificam, pedagogizam os erros para o bem da sociedade racional" (Maffesoli,1997).

¹⁷"Desinstitucionalização: Uma Outra Via", 1992.

¹⁸Para Jung, o processo de individuação aceita o mal como inevitável, parte do mundo, do mistério do divino. A "perfeição" estaria na integralidade, na união dos opostos, característica da "Pedra Filosofal". Para Maturana (1992:27), um sistema vivo opera na totalidade, inclui o caos, o imprevisível; suas propriedades surgem na relação.

Nessa ótica, o Poético não deixa de ser um “estado de loucura” saudável que, ritualizado na arte, permite uma “volta” sem perder-se nela. Uma espécie de “estado alterado de consciência” que pode permitir um salto quântico onde a pessoa percebe como estar no mundo de forma mais harmoniosa com sua circunstância, sentido e tendo consciência de que sente.

O conhecimento que se opera na Oficina dirige-se simultaneamente a um movimento de objetivação, acatando as questões que assolam o setor saúde e a sociedade, e a um de subjetivação. No campo das Ciências Sociais, “trans-figura o político” para chegar na “contemplação do mundo” através de uma terceira via: a “imagem”. Esta, não mais “exatidão ou verossimilhança”, destaca “a razão interna que anima cada coisa” (Maffesoli,1995:105). É “apropriação política” e mitológica que a transcende para constituir uma “consciência coletiva que possibilita o “reencantamento do mundo”, baliza (Maffesoli,1995:17). Induz à consciência da pluralidade do real, “pode mostrar coerências, estabelecer correlações”, ser “uma realidade incontornável” que interessa “menos pela mensagem que transporta do que pela emoção que faz compartilhar”. Nesse sentido, é “orgiaca”, “passional” e “estética” (id.ib.:93), ultrapassa o racional e chega no “mundo imaginal”, espécie de “matriz” onde todos os elementos do dado mundano entram em interação, ecoam em concerto ou correspondem de várias maneiras e em constante reversibilidade”.

Damásio(2004:65) declara sermos afetados tanto pelas coisas como por suas imagens e mesmo por sua evocação, passada ou futura. Mesmo uma emoção barata não deve nunca ser subestimada, pois pode despertar dragões adormecidos e levá-los a passear pelo labirintos do sentimento.

A imagem invoca, “existe por si mesma”. Sua “perspectiva imaginal”, atenta aos objetos e/ou eventos por si mesmos, “em toda sua concretude, presença e dinâmica próprias” (Maffesoli,2004:94). Constitui a “fantasia das percepções visuais”, cujas propriedades são justamente as de “ser ingovernáveis, desordenadas e um tanto selvagens” (id.ib.:98). Marga “desexplicita” um jeito de lidar com elas:

“Oficina de Criação em Saúde Mental Coletiva” traz assuntos densos, complexos e repletos de questões e “quânticas” humanas:

Matéria / Matéria-prima/ matéria-prima-humana... Me param!...

Propondo aberturas sensíveis e preparo intuitivo, me impõem a necessidade de beber mais vinho, novo conhecimento e nutrir in-útero – enquanto amassando pães – sensibilidade criativa e renovadora de saberes/sabedorias”.

Os junguianos¹⁹ salientaram a força avassaladora de imagens primordiais assomar ora como manifestação “patológica”, primitiva, brutal, ora como “positiva”, simbolismo passional “gerativo”, potência de transmutação, movimento para a cura. Vivemos num mundo imaginal em constante reelaboração, em vias de atualização e dissolução, seja nas matérias que dêem acesso ao sentimento de partilha, seja na responsabilidade de colocar idéias em comum, na ecologia, na política, nos afetos. O imaginário é “dotado de onipresença”, “anterioridade”, age em tudo, na pessoa e fora dela, no âmago das instituições, obras, ciência, história. Compõe o “homem noturno” que “faz da imaginação e não da razão um poder mestre do espírito humano” capaz de ir de um sonho a outro buscando uma “ontologia poética” (Balandier,1999(a):109).

A “força imaginal” que é o mito, remonta Maffesoli (1997:130), permite a coesão e a mobilização de um determinado grupo através de seus instintos e energias primordiais, e um novo mito gesta-se em torno da imagem. Expressa uma “ambiência mística”, que origina um novo *ethos*, gera um corpo coletivo, uma “comunidade de destino” que “curto-circuita” tempo e espaço, assegurando “a sinergia entre um tempo dramático e uma tragédia intemporal²⁰”.

Gestar e nutrir fazem parte do imaginário, e proliferam na função social de “cuidar da vida”. Permitem lugares que Maffesoli (2004:101) lembra serem urgentes para a “volta do arcaico, no sentido do que é fundamental, nativo”. As marcas simbólicas²¹ que aparecem de modo enigmático, vez por outra, nas Oficinas, nutrem-se do imaginário social e se entretecem para tramar a “tenda” onde todos nos abrigamos culturalmente. Manto, teia, tenda, são imagens que simbolizam as matrizes do cuidado, onde a mulher, na versão mítica, aparece como a grande metáfora, a que gesta e nutre o fazer da tecelagem cultural.

A proposta de “cuidado” nas Oficinas dirige-se à realidade em que se inscreve e aos procedimentos dessa inscrição: quanto mais sutis e adequados, maior seu poder harmonizador, mais profundos seus efeitos e mais impactantes na criação coletiva. Cada participante transmuta-se em “obra” a construir “junto com

¹⁹ Para Jung a doença mental não é algo desconhecido, mas a base do ser, expressão que informa sobre um problema humano. Desenhar ou pintar uma imagem da situação de sua alma permite levar à consciência por caminhos seguros.

²⁰ Maffesoli, o Eterno Instante, p. 19.

²¹ O símbolo põe em relação ambiente social e natural, é transcendental, coletivo (Maffesoli,1997). A forma tem uma força interna que deixa marcas, profundas e indelévels, sinérgicas, permite compreender a reversibilidade das coisas e seu sentido, pois as coisas invisíveis dão sustentação às coisas visíveis.

o outro” e com os que trabalhará como “arte-terapeuta”. Por isto sua condição mutante, metamorfótica. Ele e a Oficina são a obra do aqui agora, o “evento criador”, o agenciamento capaz de sentir e materializar, no imediato, os efeitos das relações, mas cuja infinitude é incomensurável porque abrangente, extrapola a política molecular de cuidado que se pode exercer.

Marilene traz a arte como a produção desse cuidado “por meio do qual se pode obter auxílio para aliviar vários estados mentais”, mas também “focar nossas emoções”, atuar sobre “desequilíbrios, mas fundamentalmente, para nosso “auto-conhecimento”.

Em direção distinta move-se Vivi, para quem as experiências são uma possibilidade justamente de experimentar “o caos, com o poder de colocar a pessoa humana, frente a frente, com sua realidade complexa”, para poder desenvolver um “novo olhar, que determinará um comportamento novo, baseado na essência e na prática da ambigüidade, o que implica em aceitar-se o movimento”. Esse movimento perturba Claudir, que se preocupa com o fato de vivermos “numa cultura que nos diz o que é e o que não é normal... Mas, quem é o louco, nessa história?”.

Cleusa lembra que “passamos por uma existência tangenciada de situações e vivências emocionais que muitas vezes nos põem à prova da aceitação de nossos interlocutores. Cada um se situa em um degrau particular de sua caminhada em compreensão existencial evolutiva”.

“Há momentos em que a vida não possui a regularidade e a racionalidade de um programa político, e, nesses momentos, o sonho e a realidade fazem parte de uma coisa só, o fantasma torna-se uma criação do espírito coletivo e cria, por sua vez, esse espírito materializado que constitui qualquer ato criativo”. Não possui “a solidez nem a consistência que lhe queria dar o *homo faber* da modernidade, porém ela lembra que, sempre e novamente, é do caos ilimitado que surgem as novas formas” (Maffesoli,2003:181).

A criação coletiva é trabalhada na Oficina como espaço “quântico”, imprevisível, bizarro, de possibilidades de totalidade. Zohar (2003:36) afirma que e quanticidade contêm os contrários, a unidade do conhecimento e a descontinuidade dos níveis de realidade. Qualquer fenômeno microscópico quântico é inseparável do ambiente, do observador-concebedor, complementar, antagônico. A criação então é terapêutica se “espelhar a verdade para a pessoa

em terapia, ajudá-la a desenvolver uma consciência de processo de vida e dos mecanismos, obstáculos e ilusões que se criam para gerar a doença”, reflete Cíntia.

Para Hele, ela “acontece quando há um movimento nos saberes ao trabalharmos a política social comum de aprender a conviver com a crise sem isolamento, criando uma nova possibilidade, intensificando o fazer, vivendo com a maior qualidade possível “sito-ações” integradas”.

Quando as pessoas estão criando coletivamente, suas energias estão fortemente unidas, e esses vínculos geram mais vínculos. Criar aproxima, faz desejar estarem juntas. Mesmo quando se afastam, permanecem ligadas pela “interação quântica”. Essa ligação interativa é a mesma da poesia, das latas, dos trastes e das pessoas: inatingíveis porque substâncias mutantes no tempo. Pura metaformose.

A arte movimenta figuras de pensamento e as faz atuar, dá acesso e fornece limites ao condicionar a uma forma palpável e factível. Remete a vivências ritualísticas e mágicas para reviver o momento da criação, época imprecisa, espaço em transformação ou um vir-a-ser. Por essa razão proporciona contato com mitos e simbolismos de imagens, através de Cartas de Tarot, cartas com ensinamentos de índios, princípios xamânicos, I Ching²² etc.

Para exemplificar, pede-se às pessoas que contemplem as imagens das cartas, entrem em contato, “falem” com elas fora de lógicas conhecidas. Depois de “sentir” o que elas têm a comunicar, encontrem linguagens suas para exprimir sensações, sentimentos, sensações, emoções etc. Muitas vezes, as linguagens precisam ser “inventadas” para dar conta do que se quer, quando faltam signos conhecidos. Aí elas entram em contato com mitos primordiais, elementos cósmicos, com a “sombra²³”, podendo “ver sua forma”, trans-figurá-la”.

De uma dessas experiências, conseguiu-se depoimentos do tipo “eu “era” um bicho (...), estava em outra dimensão, cheia de perigos”. Ou, “entrei em contato com algo que é inominável, não sei se é bom ou bonito (...) parecia que eu sabia o que cada carta me dizia, e não era uma língua comum”. Outros afirmaram sentir-se

²²O “Livro das Mutações”, criado há cerca de três mil anos, na China, é um “poderoso oráculo que usa as imagens do céu, terra e elementos da natureza para prever as mudanças do tempo na vida dos humanos”.

²³No sentido oferecido por Jung: percepção dos aspectos desagradáveis de nossa psique, dessa “escuridão”, integrada, pode nascer uma nova ordem, mais vasta. Também pode ser a dissolução da consciência, contato com o inconsciente, o “nigredo” da alquimia. Claridade e sombra se alternam na “circum-ambulação”, processo circular, “roda hermética”, no Tarot, a “Roda da Fortuna”: “toda a claridade vem do mergulho nas trevas” (Perrot, 1973:62).

“como num templo, fora do mundo (...) tudo era tão sagrado”, ou terem conseguido ficar “em comunhão com o universo, em paz”, sentindo a si mesmos.

A maioria necessitava “contar o que vivenciou”, alguns mencionaram sentirem-se acolhidos, ligados ao grupo com o qual viveu o que viveu, “amparados”. Outros perguntavam aturdidos: “O que aconteceu, que sinto um frio na barriga e uma sensação de bem-estar?”.

Outras falas revelaram uma espécie de “suspensão do tempo”, ou estar “numa outra dimensão, onde não há tempo”. Muitos contataram o arquétipo da “Grande Mãe”: “havia lá uma mulher que era a soma de todas as mulheres, que me aninhou...”.

Tais vivências denotam uma “consistência ontológica”, arquetípica, sagrada, no toque plástico do corpo, nas interações relacionais, nas formas imaginadas, na relação com os mitos e a imagem. Expressam transformações mentais e corporais decorrentes de transformações energéticas e químicas iniciais, “manipuladas” durante o processo de exploração e estruturação mas indo além, passando aos arquétipos e ao inconsciente coletivo. Ativou-se uma “memória ancestral”, transpessoal, numa espécie de jogo onde, com seu desenrolar, mudam as regras, reformulam-se as referências. Houve uma total mobilidade de relações e significados que constituíram outros significados, mas cada momento é novo, cada vez que é vivido. Quando foi expressado, colocado em imagens, sons ou dramatizações, e reflexionado, novamente foi revivido, novamente seus significados foram re-significados.

As atividades ritualísticas permitem suspender o tempo, eclipsar o entendimento intelectual, retornar ao arcaico, mítico, da lentidão, desacelerar o dia-a-dia. Fazem parte deste conjunto toda aquela proposta de escutar, olhar, tocar, relacionar-se com objetos, lembranças, memórias, despertar coisas adormecidas no corpo e no olhar.

Lidar com a criação artística pode levar a (re)escutar a conspiração do silêncio cotidiano sobre coisas que nos recusamos a olhar, lembrando, de forma não moralista ou catequética, nossa responsabilidade para com ele, a partir das possibilidades que exercitamos, e de nossas escolhas.

Em muitas atividades de relaxação, as pessoas são colocadas deitadas no chão, e, ouvindo uma música calma, pede-se que imaginem situações relaxantes, como estar viajando em uma nuvem, por exemplo. Ou que tomem consciência de

cada uma das partes de seu corpo, entrando “em contato” com elas²⁴. Elas se sensibilizam, se estabelece um ambiente quase místico em que se “toca” o Sagrado, uma energia forte paira no ar.

Os depoimentos trazem experiências de conexão com o Todo, encontro com outros seres, dimensões, lugares, sons, formas desconhecidos. Abundam relatos do tipo “vi uma luz tão forte e tão gostosa, que eu poderia ter ficado lá para sempre...”. Ou “me senti aconchegada pela luz como se ela fosse minha mãe”. Ainda “me senti bem, muito bem... (...) estava e um lugar lindo, como eu nunca havia visto antes...lindo!”

Numa das vivências, foi pedido que, deitadas no chão (ao lado), ouvissem uma música, entrassem em relaxação e se permitissem “viajar”, onde quer que a imaginação as levasse. A música continha instrumentos indígenas, ritmos atávicos, ancestrais, o que pode ter facilitado a imaginação de espaços e estados primitivos e o contato direto com elementos naturais.



Muitos relataram uma “viagem” por selvas densas, florestas de árvores estranhas, ter passeado por cachoeiras, água corrente, nuvens... Alguns “pintavam” imaginariamente seus corpos, os decoravam com sementes, pedras, penas, voavam, saltavam em árvores, nuvens, vento, “choviam”... Eles “eram” estes elementos, em estado indiferenciado. Alguns contaram ter “conversado” em línguas desconhecidas com índios, aborígenes, seres da floresta e outros seres inimagináveis para a lógica corrente. De qualquer forma, a experiência suscitou vivências com forças, mobilização de forças, relações de forças, intensidades.

Quando estavam em estado de completa relaxação, silenciosamente aproximei-me de cada uma e coloquei uma gota de essência de ervas cheirosas sobre a testa. Este momento foi “sentido” com os olhos do corpo, ou seja, “sabiam” que alguém se aproximava, relataram depois.

²⁴Dado seu caráter profundo, essa atividade não pode ser realizada de forma indiscriminada, restringindo-se geralmente a um grupo que já se conhece, ou já conviveu um tempo, ou ainda em cursos de Arteterapia, onde supostamente as pessoas, por sua ligação com a saúde e a arte, em sua maioria, já consigam “transitar” de forma mais “tranquila”.

Quando tocadas, umas, em estado de relaxação profunda, sequer se moveram, outras, estremeceram. Uma das participantes²⁵, ao ser tocada, desatou em um pranto re-sentido, e, sem abrir os olhos, buscando minha presença, me abraçou fortemente. Depois de algum tempo assim, lentamente a fui “trazendo de volta”, pedindo que, se desejasse, poderia relatar o que havia acontecido.

Então ela descreveu a intensidade, a força de sua vivência, a vividez com que sentiu e viu “estar dentro de um buraco imenso, escuro, fedorento, sem saída”. Quando a toquei, “foi como uma ponte de luz se abrindo”, disse. Ato contínuo, avistou-se “fora do buraco, olhando-o de cima, chorando de alívio por ter conseguido sair”.

Interessante notar quantas coisas foram “trabalhadas” sem a necessidade de “psicologização” ou “análise”. As próprias pessoas referiam-se a processos dos quais não tinham consciência, ou, pelo menos, possuíam uma “vaga” consciência.

Após, foram colocados materiais à disposição do grupo, como papéis, cola, tintas, para que elaborasse algo que tivesse relação com o que havia sido vivenciado. Neste momento, a vivência passou a experiência e estruturação, aglutinando criação, avaliação, síntese, re-reflexão, expressão, re-apresentação ou mesmo uma presentificação simbólica aleatória do que haviam experienciado.

O mais interessante é que nenhum dos trabalhos possuía imagens estereotipadas, a maioria era pura inscrição abstrata cuidadosamente escolhida, de estrita conexão e coerência com a vivência. Muitos mencionaram a dificuldade em encontrar “um tom específico”, ou “uma textura xis” que dissesse exatamente o que gostariam de mostrar. Aqui entrou a necessidade de estruturação da arte enquanto linguagem: a “consciência” determinava as escolhas que deixavam assim de ser aleatórias.

Após poucas horas de trabalho, as relações mudaram completamente, alguns afirmaram sentir “mais afinidade, confiança”, uns nos outros. Até mesmo “uma certa euforia por me sentir amparado”. Muitos declararam estar longe de sua “essência, por isto, desrespeitada e desrespeitando”. Outras falas trouxeram: “aprendi a não duvidar do que sinto”, “posso sentir”, percebi uma forma de “respeito e valorização pelo outro, que bem lá no fundo eu vi”. Houve a consciência de “uma onda clara e mansa de luz traz à vida a riqueza que é cada um”.

²⁵As pessoas que participaram dessa vivência não quiseram se identificar.

É preciso alertar-se que propostas dessa natureza correm riscos de deflagrar processos profundos demais, desordenando a psique, fugindo à proposta do trabalho. Se isso ocorre, choros, lembranças dolorosas, “panes”, podem desencadear “crises”. As fronteiras são muito complicadas, mas é necessário discernir uma experiência “dolorosa” negativa de uma “dolorosamente positiva”. Jung já afirmava que a “cura” acontece através da incorporação do que falta. Os “sintomas” que aparecem sinalizam às vezes uma “doença”, interpretada como “mal estar”. Positiva se nos remete de volta ao equilíbrio, ao centro. Na arte, esse é um equilíbrio dinâmico, não estático: nada é demais e nada falta, e as tensões não se anulam. Geralmente, só sentimos o que nos falta quando estamos em desequilíbrio, portanto, há que se desordenar para equilibrar. Talvez colocando expressividade em formas de acordo com nossos sentidos interiores, nem sempre verbalizáveis.

Num ambiente relativamente “seguro” tais experiências proporcionam “explosões” que acabam por se revelar formas catárticas “curativas”. A arte assim faz também seu papel “aplicado” de ser “terapêutica”. Mas repito, seu “valor” maior estaria em trabalhar a criação, proporcionar estruturações, insights, (des)potencializar energias psíquicas em direção a uma “melhora” afetiva não só da saúde, mas de um “estar-no-mundo”. O mergulho em primórdios e fontes é sempre inquietante e arriscado, a fronteira entre patológico/saudável é tênue, mas demanda mergulhar. A catarse fortalece os laços grupais ao enfrentar questões normalmente evitadas como “conflitos”.

Ou encará-los, como Helenise que afirma ter tido o privilégio de se educar num grupo onde nunca se sentiu tão à vontade para “recrear meus pensamentos, meu sentir, minha unicidade”. No início, “relutei em me transformar, mas busquei na convivência o bem-estar e o respeito a mim própria e ao universo”. Percebeu que podia “viver o presente de forma intensa, que estamos sempre na fronteira da alucinação-irreal”, mas que valia a pena “viver as leis criadas pela razão do homem de outra forma, imaginando que o desconhecido pode ser melhor, tendo sensibilidade de sentir o amor, a natureza, vivenciar com respeito a si e ao outro. Que contradição!”

Quanto mais a pessoa realiza vivências criadoras, maior sua capacidade de amplificar emoções e sentimentos de forma mais vívida. E quanto mais o faz, mais deseja fazê-lo, é o que minha experiência mostrou...



METAMORFOSES PEDAGÓGICAS



O SENSÍVEL-EM-PEDAGOGIA

“Que deuses me tomam
Como matéria-prima:
Em que fábula matersmofo?
Em que fábula mesamorfeto?
Em que fábula maemortosem?
Em que fábula matermofeso?”
Leminski ,1994

O Sensível-em-pedagogia realiza um trabalho de Metamorfose, “formas através”, do que acontece nas Oficinas de Criação Coletiva. Cons-pira movimentos pedagógicos cujo “resultado” operativo movimenta-se em direção ao “ser” do homem, sua dimensão ontológica. Conforma um “estar” mutante enquanto “evento”, cuja temática são as pessoas em relação e, como tal, partes de uma Obra maior: tornar-se humano. Esse é seu sentido “teleológico”, estar sempre “em invenção”.

Temaserfomo, tema, ser.

Conjura “modos”, “posturas”, de problematizar limitações e possibilidades institucionais, espaciais, temporais, subjetivas, tanto num devir público quanto privado. Pode ser praticado em vários espaços, como aulas, eventos, cursos, e mesmo alterar-se enquanto vivenciado, e transcender tais circunstâncias. Torna-se assim um lugar “simbólico”, de difícil caracterização fixa, sendo conjurado de forma mais presente nas Oficinas de Criação Coletiva. Pode se dar em forma de Oficina mesmo, fluída, informal, ou em espaços formais como os relatados, de sala de aula, cursos de graduação e pós-graduação, palestras, eventos, seminários, etc.

Seu fazer pode determinar seu acontecer, de acordo com a situação que está sendo vivenciada, como pudemos constatar nos relatos anteriores. Isso o investe do caráter de “instituição inventada”, de lugar para os “trastes”: o lugar da celebração

da vida, da com-vivência solidária, da transfiguração da violência que acompanha a desordem. **Faseortomem.**

Problematiza pensares sobre a vida a partir do sensível. Este alarga a percepção para desviar-se da criatividade instrumental ou meramente presa à solução de vicissitudes. Seu estado de "processo" permite a fusão entre pessoas, espaços, objetos, símbolos, em experimentos de criação coletiva, e de gestão sensível do cuidado da vida em seus movimentos de (des)ordem em direção ao Ser. **Termosefoma.**

O cuidado conecta o vibrar e o sentir em comum para in-corporar o e no mundo a relativização de si, numa abertura ao outro, na "inscrição da afirmação exuberante da vida", na "energia libidinal através da qual a exacerbação do próprio corpo conforta o corpo coletivo". Torna-se assim um "reservatório de energia" do "corpo místico" social, onde os corpos em relação secretam uma aura e um imaginário específicos, seu "cimento essencial" (Maffesoli, 2001a:186). Este cimento é o estético que pensa o corpo como suporte para a felicidade, encontro amoroso. Constrói-se a cada grupo que se conforma, porque nunca tem, diante de si, o objeto de sua corporeidade. Quem (re)surge da experiência amorosa abole os limites, porque o amor não opõe um sujeito desejante e um objeto do desejo, mas é "mutação", prolifera num outro, faz de sua incompletude e fragilidade, força de adesão amorosa...

Saotemorfem.

Sua sustentação, na Oficina, atende ao humano em sua circunstância amorosa, ética e de preservação da vida. Para fazê-lo, se inventa e desinventa, se investe e desinveste de modos de interação, relações, poderes, querereres e saberes, sem a pretensão de "acabamento" ou submissão a ordens vigentes. **Termosfameo.**

O pedagógico é o espaço "iniciático" que movimenta a (des)ordem em busca da "harmonia entre os homens e a coincidência com o mundo". Numa "liturgia pedagógica", implica "uma metodologia de episódios ordenados, uma sucessão de fases durante as quais se associam, de maneira específica, símbolos, ícones, palavras e atividades, impondo a idéia de uma ordem global a qual contribui e da qual participa" (Dorneles, 1996). Oportunidades de criação coletiva, de expor-se a mudanças na experiência de estar-junto e retomar cargas simbólicas, arquetípicas, ritualísticas e míticas. Os processos de criação podem ser uma "iniciação" profana, uma "prova" de poder lidar com o estranho, o imperfeito, o inconcluso, o ignorado.

Dorneles (1996) sugere que “a teoria do conhecimento supõe ausência de ordem” e a desordem “uma ordem não esperada”. Duas ordens (vital e inerte, querida e automática), revelam a idéia de desordem quando a mente vai de encontro a uma delas e se enfrenta com a outra; vira, assim, uma “idéia prática”, resultado de uma “decepção do espírito” mas carrega algo de positivo. Não há uma ordem “de direito”, absoluta, a ser explicada, mas a contingência de uma das ordens o é somente com respeito ao seu contrário. Sua ausência ocorre quando o *pensamento* a concebe, e não uma situação prática: a desordem é simplesmente “a negação de uma determinada ordem, o que implica a admissão da ordem contraposta” (Abbagnano, 2000:357).

A ordem apresenta-se no ritual filosófico que provê os fins e o dever-ser heideggeriano “ser-ai-existencial”, onde o conhecimento é “uma forma de ser” do “ser no mundo” que, ao “estar em”, quer dizer, na cotidianidade da vida, somente se constitui como “ser aí” enquanto é um histórico “ser com” os outros, organizado em “instituições”.

A ordem, para Marcel Conche (apud Balandier,1999:47), existe quando os elementos têm entre si uma “unidade” enquanto mera “soma” de elementos que, pelo jogo do acaso, podem formar combinações ordenadas e possíveis. E existe “desordem” quando os elementos deste todo “se comportam como se não fizessem parte”. Introduce-se, assim, a contradição: a ordem estrutura o mundo, em um movimento que “se materializa nos diferentes rituais institucionais que, através de saberes práticos, amparam, orientam e organizam a existencialidade educativa da vida individual e coletiva do homem”, acrescenta (Dorneles, 1996).

Os mitos¹, as poéticas e as metamorfoses trabalham em sua ruptura, porque a “ordem faz parte dos relatos de origem”, é “mito”, primeira representação que se opõe ao nada (...) provedora de certeza, redutora de desordem”, diz Dorneles (1996). Sua manutenção é proporcionada pela mediação do simbólico”. Também “no ritual político que, através da regulamentação, normatização e administração, orienta a “estar em” cotidiano, e o “ser com” que estrutura o “ser aí” demarcando o “espaço do

¹Mito, palavra ou imagem fundadora, é fábula matriz, estrutura primordial, leitura analógica do mundo e da vida, criativa, ideográfica. Requer participação criadora de quem o reaviva e assim adquire poder. O mistério da vida tenta-se entender por mistérios fabulados, encantamentos e exorcismos poéticos ou proféticos. É a figuração que permite aliar o sensível ao inteligível.

possível”, do que “pode ocorrer”, exorcizando a desordem nefasta e contagiosa”.

Tremesfooma.

Os mitos “presidem à respiração dessa coisa viva, a estrutura social, com seus altos e baixos, grandezas e declínios (Maffesoli, 1997:7). Tratam da alteridade, das vicissitudes trágicas e dramáticas da vida coletiva, da conservação de uma pertença a formas de existência que caracterizam a socialidade humana e traz sempre de novo questões ancestrais, em Leminski (1994:36):

“Que espelho poderia conter o sol?
Mito, rito, minto mundos,
Enquanto vomito três mil deuses por segundo,
A fonte é uma poça de vômito e sangue,
desaparecendo meu rosto sem igual”.

Seu processo metodológico dirige-se ao mítico, ao que as situações têm de efêmero, sombrio e equívoco, mas também de grandioso. As aprendizagens se desdobram e redobram a partir de focos, húmus, nutrientes, paixão e ação que façam valer o sentido de pensar, as significâncias sazonais e cíclicas do sentir. Desafiam pessoas a descobrir “um sentido no sentido” (Duarte-Jr.,2001:12), a sensibilizar-se. A utilizar de forma “desnormal” a voz, a palavra, o corpo, objetos, angústias...

Seus bordados abraçam uma filosofia de respeito e valorização da vida, uma ética de qualificação da experiência e do vivido de cada um na criação coletiva. Qualquer energia, ao adquirir uma forma, seja no imaginário, simbólico, na arte ou em uma ética, vivifica seu processo pedagógico iniciado no caos informe, silencioso, vertiginoso, abissal. É um mergulho na desordem fecundadora que permite (des)acelerar, (des) animar, formatar, trabalhar o insolúvel, a morte, a dor, o sofrimento, o desassossego. Sua transfiguração permite a alegria, o prazer, a solidariedade, e porque não, o amor: é a pura metamorfose. **Maefortosem.**

Leminski (1994:69) anota “constantes fluxos das metamorfoses” e descobri-las é dever do humano. “Entre-ler meta-morfoses: essas as matérias-primas com que trabalho o tão estável e instável espírito humano”. A Metamorfose Pedagógica é auto-referente, não necessita de nenhum “suporte”: ela já “é” o pedagógico. Entretanto, sua metodologia operativa foi didaticamente conjurada em tempos, para uma melhor compreensão de como acontece nas Oficinas de Criação Coletiva.

Seja em que espaço for, a primeira etapa é a Sensibilização, construto primordial e recorrente nos demais, que envolve a Vivência e o Corpo². Sensações, emoções, percepções, relações, processos e imagens intensificam a emoção na capacidade de agir e reagir até serem figurados sob a forma de sentimentos. As emoções saem de seu reduto visceral e orgânico, escapam do plano da necessidade e da efusão biopsicológica para a ação significadora e expressiva. Experiência, Sentimento e Memória em ativação simultânea fazem com que as práticas adquiram a possibilidade de integrar-se ou desdobrar-se de modo variado em imagens, gestos, pautas de elaboração que, ao passar ao nível da Exploração, culminam em repertórios de aprendizagem. Ordena as emoções sob forma de gestos, posturas, trabalho com objetos relacionais, plásticos, sonoros, dramáticos, de escritura, que possibilitam perceber que a emoção varia segundo o tipo de relação interpessoal.

Com a continuidade e a ativação criadora dos recursos do imaginário, a percepção se enriquece e adquire importância a partir do acontecimento que a agencia, da situação em que possa expressar-se sob diferentes intensidades.

É nesta etapa que se inicia uma observação mais atenta e comprometida com as “interferências” nos processos de trabalho, etapa exploratória, experiencial, que envolve a representação das emoções em sentimentos, um processo que é interno.

Os efeitos e afetos emocionais se tornam visualizáveis, sensíveis e analisáveis ao serem transpostos em “representações”, concretas ou virtuais. Amplia-se a comunicação com a alteridade e a diferença, ensaia-se a qualificação dos elementos relacionais do processo de criação. Corpo, espaço e tempo conectam-se em diferentes ritmos e possibilidades, mudando a noção de trabalho para “trabalho com prazer e esforço consentido”. A produção de objetos e eventos passa a ser um confronto com dificuldades e potencialidades para lidar com o “estranho” e com os conflitos que emergem dos problemas da relação.

O terceiro processo, o de Estruturação, orienta-se pelo aproveitamento da experiência experimental com materiais, meios e significações. Aposta na busca de um sentido e de um valor para a melhoria das condições de vida de cada um e do grupo. Este “sentido” precisa ser “criado”, para que funcione como um filtro crítico,

²A percepção é condicionada por um corpo e um cérebro, mas ampliada, escapa deles, alcançando lugares inimagináveis. O corpo é conhecimento, e a consciência que o atravessa transforma relações, seja pelo afeto, seja pela razão (Damásio,2000:29).

plástico e compositivo que o sentimento permite mapear a partir das sensações. Vai se estruturando sem um "roteiro finalístico" preciso, o que, salienta-se, muitas vezes, acontece muito tempo depois da realização da Oficina. De qualquer sorte, fornece sinalização para avaliar se o que foi ou está sendo feito envolve a integralidade das capacidades criativas dos participantes.

Nem sempre é possível, todavia, verbalizar ou fixar cada um desses formatos de ação. O objeto realizado ou a própria situação, anteriormente nomeados de "evento" "fala" *per se*, mas também pelo "silêncio" e pelo "não-verbal". Importa que para o grupo as escolhas envolvam "uma decisão acerca do mundo (Heidegger, 2002 (II):54) tomadas em relação a si mesmo", advindas da compreensão do "aclamar", querer "ter-consciência", escolha do "ser-si-mesmo" em correspondência à sua estrutura existencial de "de-cisão (...) abertura" (Id.,lb.,(I):86).

Vários materiais são ofertados para que a criação assuma formas diferenciadas segundo situações mais ou menos conscientes. A repetição de uma vivência precisa ultrapassar a mera imitação automática, para que o "sensibilizar-se" não se esgote, uma vez que sempre recomeça do mesmo modo e se multiplica, para se expandir na experiência.

A essência das vivências permanece em nós, diz Ostrower (1998:64) transformada em um sentimento de prazer ou desprazer, afirmação ou frustração. Essa mudança necessita de certa "ajuda" exploratória. A memória armazena de forma misteriosa o que se tornou relevante, mas também o que se desligou do contexto de sua ocorrência. Em determinado momento, a atividade exploratória o "resgata" para a consciência de forma reordenada, nova. Reintegrando os diversos significados anteriores e os atuais", os reavalia e constrói um mapa para cada reordenação. Isto enriquece o viver.

O que se busca, na Estruturação, é "figurar", encontrar "equivalências", dar "sentido" às emoções e sentimentos, poder recriar vivências anteriores e futuras, projetivas e imaginativas. A imaginação nos compele a ligar o biológico, de regulação da vida, à consciência. Para isto, cria interesses, auto-interesse, resolve problemas, inspira as soluções resultantes, centraliza o conhecimento sobre a vida no meio complexo. O imagético do "eu" no ato de conhecer é vantajoso, lembra Damásio (2004), para orientar o comportamento e a cognição em direção à cooperação. Na preservação da vida, é preciso "desequilibrar, sempre e de novo, para poder

reequilibrar, sempre e de novo”, lembra Ostrower (1998:55-7).

A consciência, então, realiza o papel de estruturadora, sensível e cognitiva, pois pode alterar os mapeamentos realizados pelo cérebro, induzindo a estados específicos, criando soluções não-estereotipadas (Damásio,2004:88) e criativas a cada evento novo e possa “ad-ministrar seu viver”. Como Claudir intuiu, ao sugerir que “precisamos permitir que o ser humano penetre no seu ser, perceba suas rachaduras, arduas, mas também seus potenciais criativos, imaginários... Devolvendo a capacidade, impressa nele, de administrar sua vida, seus sonhos, suas loucuras”.

Os três processos, “sensibilização”, “exploração” e “estruturação” são possíveis e necessários para repensar o corpo, o estar, o ser; para avaliar o quanto uma proposição pedagógica deve considerar a gestão sensível da vida. Esta gestão não se restringe à arte, mas fazer arte ou exercitar o estético torna-se um devir a se plasmar, ao entrar no plano de sensações, valores e concepções teóricas. Cria uma envolvimento que carece de questionar o outro para formar um circuito de comunicação. Com qualidade, intensidade e até superficialidade, para nela encontrar traços, forças e repercussões do que ocorre em profundidade. Nas “potências obscuras do mundo subterrâneo materno-uterino”, diria Leminski (1994:40). Ou seja, no Poético. **Amorfotemes.**

Como o sensível-em-Pedagogia irá se configurar numa Oficina depende das articulações entre as áreas de atuação, objetivos, local, público, intenções e fazeres. Estes por sua vez são inseparáveis da vivência e de sua conectividade, para buscar focos de compreensão e trazer ao primeiro plano o saber sensível como inteligibilidade que nasce daquilo que a suscita como evento.

O sensível-em-Pedagogia é um pólo teórico, mas também uma lógica de operação. O “sensível” pode ser, segundo a ocasião, instrumental ou central, substrato teórico-paradigmático, método, conteúdo ou forma de avaliação. O Pedagógico é aquela mediância intersticial social porosa, geradora de tal “ordem confusional que permita (re)valorizar a globalidade da vida cotidiana” (Maffesoli,1996:37)... Ai, oportuniza a manifestação de dimensões na forma de “eventos ético-estéticos transfiguradores”, é uma espécie de “laboratório” de gestão de “experiências de acontecer” como criação coletiva. **Amorfotemes.** Seus eixos se dirigem à amorosidade, à convivência, ao ético-estético e à criação coletiva para conjurar a integralidade de práticas necessárias às áreas em questão, seja na Saúde, Arte ou

Educação. Esse movimento a constitui transdisciplinar, ao adjurar o movimento em suas dinâmicas de ordem e desordem, a complexidade, o amor e o cuidado como dimensões que perpassam todos seus processos e são a estrutura constante em todos eles. **Tremesfooma.**

A Oficina opera no interstício, no etéreo, leve, lábil, das “desexplicações”. Fomenta, de um lado, a entropia, inseparável da própria organização, a ponto do sistema deixar surgir outra ordem, geralmente mais rica, para criar estabilidade, como acontece com a Oficina em eventos: as atividades vão sendo criadas enquanto ele acontece. Ela **materesmofa** “paixões constitutivas da vida de todos os dias para formar um tecido social e natural compartilhado”. Desenvolve o “saber dionisíaco” anteriormente tensionado, aquele que “ama o mundo que descreve” (Maffesoli,2001a:14). Dados, informações, conhecimentos, saberes prático-vivenciais processam, expressam, observam, percebem, reabilitam a coincidência dos opostos suprimida pelo avanço abstracionalizante moderno. Consideram a complexidade interativa do ser que se refaz de modo mutante, mas preserva sua humanidade, cuja tarefa é descobrir como “Entre-ler meta-morfoses” (Leminski, 994:69).

Movimenta a vida em exercícios de compreender (cum-prehendere, “pegar junto”) os pequenos acontecimentos anódinos, cotidianos, anedóticos, constitutivos da cultura que se vive dia-a-dia e os alcança ao artístico, que pode transformá-los em “eventos” que ultrapassam o produto ou processo que lhe dá suporte, como a Oficina da Saúde Mental de Bagé. **Metrofasemo.**

Suas práticas, muitas vezes paroxísticas, proporcionam re-flexionar, de forma sensível/intelectual, práticas laborais, posturas, responsabilidades, oferecendo-se como alternativa de harmonização, incremento de alegria, amor. Suas experiências, ético-estéticas, variam conforme as relações do corpo com outros corpos e a corporeidade das ocorrências. Agem nos trastes, no precário, no detalhe, no efêmero, nas contingências, no que está prenhe a se expor ou se ocultar. Atualizam, em cada situação, uma ética, um arquétipo, um mito, um conhecimento.

Cada situação, específica, singular, constitui, pelo sensível (*aethesis*), “resistência” às queixas milenares de falta de afeto, dignidade, inumanidade, desesperança... Nos projetos de vida, busca o encontro sensível e inteligível com as coisas, na concretude de sua “apropriação” para incluí-la no “próprio projeto da existência”. Revira os achados e perdas do que se fez ou quer fazer, refaz anseios abortados pela

contingência de viver, revive os quereres “concretamente queridos”...

De acordo com a circunstância, uma Oficina é planejada e montada articulando seu *modus operandi* para escapar ao “peso” de limitações institucionais, espaciais, temporais e de público. Paradoxalmente, quando o faz em uma instituição, dirige-se à sua desinstitucionalização e a reinventa... Considera seus dinamismos, ritmos e intensidades no vivido agrupados sob uma complexidade sistêmica... Vive-se a diversidade de falas, gestos, dramatizações, atividades plásticas, exercícios com imagens, instalações, poemas, cantos, danças, estares, conversas, ócios. Recontextualizados multidiversamente, facilitados pela interlocução, flexibilidade e indeterminismo das comutações... **Mortemesafo.**

Com o que tiver para trabalhar, corpo, voz, sucatas, imaginação, desafia e recusa o já pronto, pensado, feito... **Eramosfetem.** O trágico é acolhido e suportado como ensinamento do inevitável cuja “travessia” depende de compor com o drama que o põe à mostra, numa composição plástica, no ar, luz, sombra, sopros, sons, gestualidade, acordos e desacordos, conflitos e consensos... Funções e afecções se dobram ao silêncio ou ao diálogo com o outro, a interações e interlocuções que “desviem” de códigos e normatizações convencionados... **Fetomormesa.**

Uma dinâmica ordem-desordem permanentemente em jogo traduz a ambigüidade, a duplicidade estrutural das relações, enredos, ardis de todos os dias, as imposições pedagógicas, certezas ideológicas, a recusa a moralismos constrangedores. Assume a “sombra”, demoníaca, patológica ou maligna, a máscara, a dor, a fecundação, o sensual. Um ganho de ordem transfigurado no simbólico organiza a “bagunça organizada” de lógica própria, livre, inventiva, aleatória, inusitada, dispersa, como a vida. Para que o gesto humano criador possa vir à luz, uma incerta, mas potente e inextricável ordem pelo ruído se dá como presente, no que não dizemos, na in-ação, nos sinais, nas minúcias, nas sutilezas, nos detalhes, nas pausas, nas ausências, no branco da folha. Multiplicidades que ganham sentidos no olho no olho, em gestos mudos, em formas de manifestar carinho, atitudes que tomam formas das mais imprevistas e porque não, bizarras. **Mesamorfeto.**

A “com-fusão” descarna e valoriza, enfim, o que a civilização ocidental e a pedagogia tradicional tomam como “desperdício” negligenciável. Busca contatar o novo, diferentes posturas, a experimentação de outras expressões de viver, outros “assuntos” existenciais. A interatividade criadora flexibiliza determinismos, possibilita a

gestão de uma pedagogia “em estado de”. Anamórfica, a organização produz entropia e neguentropia, cria determinismo sistêmico e “desordem”, incerteza frente a materiais, pessoas, suportes, sons, gestos, mas liberdades necessárias à operação transformadora que caracteriza o ato criador. **Efatormesom.**

A Oficina conta fábulas de metamorfoses... A fábula encantada pelo destino “disse que os deuses dariam metamorfoses” e caberiam dentro delas”, mostra Leminski (1994:34). “Fábulas não são parábolas, nenhum sentido oculto”, mas toda ela “é feita de luz. Moral da história, histórias são amorais”. Na geração das fábulas, diz, os homens cifraram o desejo infinito de uma vida sem fim. O amor é amoral”. O amor, portanto, não pode estar submetido a nada, somente a si e ao Outro, pois “Eu me amo, não posso viver sem mim. Em pedra? Em estrela? Em flor? Façam suas escolhas. Em que vou me transformar, no final?”.

Transformam-se em fábulas as falas dos participantes de Oficinas...

Vivi³ registra que “é preciso que a vida esteja regida por desequilíbrios para que possamos desfrutar da arte, do riso, da criatividade, da paixão e do amor”.

Janeska aprendeu “a arte da criação, mas muito mais do que isso, a arte de sorrir e brincar, de conviver, valorizar e ser valorizada, ajudar e ser ajudada... De sermos companheiros e nos tornarmos pessoas ainda melhores...”.

Jonir imagina abismado seu poder de “oportunizar situações que promovam o potencial criativo de imaginar, de ser verdadeiramente felizes, vivenciando momentos onde o mais importante no criativo é o ser, único e essencial da existência humana”.

Mari compreende que “desenvolver o sensível-poético, aprimorar o senso estético, fluir o criativo, são estratégias facilitadoras da descoberta da totalidade e da plenitude que habita minhas entranhas, algo que desejo muito desvelar, pois só assim posso ousar criar enquanto cuidadora e educadora. Meu fazer é o cuidado. Meu fazer é educar para e com cuidado, o que aprendi nas Oficinas”.

Cíntia nelas aprendeu a parar “um instante para encontrar o outro, para nos conhecermos, amar e compartilhar”. Apesar de transitório⁴, “foi um momento precioso. Um pequeno parêntese na eternidade. Se partilharmos carinho, sinceridade, amor, criamos abundância e alegria para todos nós, esse momento de amor é valioso”.

³Todos os depoimentos daqui são relatos dos alunos do Curso de Arteterapia mencionados no capítulo anterior.

⁴Referindo-se à nossa disciplina, de 30 h/a.

Para Lisa, foi vital, e uma eleição: “sentir é uma escolha, uma liberdade, uma decisão de penetrar na dimensão dos sentimentos, tão claramente como quando optamos por ler um livro ou fazer uma viagem. É preciso reabastecer-nos de constantes fluxos energéticos que animam o universo e, a nós mesmos e a atmosfera em torno de nós”.

Segundo Leo, “os encontros despertaram para coisas que acontecem no cotidiano e que não damos mais valor e que vale a pena refletir”, como “a relação com a família, os amigos vizinhos, a natureza, enfim, o mundo. Descobri que realmente me importo com os outros, faço alguma coisa por eles e vou fazer mais ainda. Se cada um soubesse e fizesse a sua parte!!!”. Mas “não é necessário atropelar, vamos mudando nossa mente, nosso sentir, ensinando nossos filhos e alunos na escola o valor da solidariedade, do respeito, do afeto, do ser humano”.

Vivi encontrou com a ajuda das Oficinas um desvio para deixar de lado “o bisturi da ruína. O sentir passou a ser não um incômodo, mas uma escola e uma escolha, uma liberdade, uma decisão de penetrar na dimensão profunda dos sentimentos. Sentir nos dá opção entre construir um jardim ou um campo de batalhas sangrentas”.

Janeska costumava transformar “canetas sem tinta em pequenas bruxinhas, caixa em embalagens para presente e restos de lã em pequenas mantas. Brincadeiras transformavam sucatas em objetos criativos”. Hoje sabe que “estou sempre em construção, que possuo em mim criatividade e sensibilidade, o poder de sonhar, imaginar, crer, ser o bem e o mal, acumular conhecimentos advindos da experimentação... Acredito agora em autoconhecimento, libertação e reconhecimento de minha capacidade criativa”.

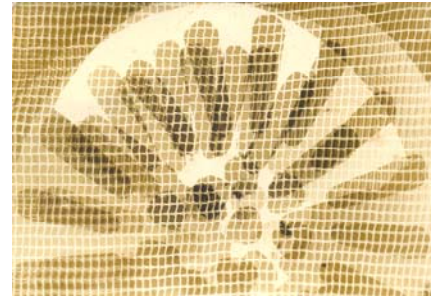
Mari entendeu na Oficina que há caminhos para “construir ordem no caos”, tarefa de cada um”. Claudir aposta que “tudo pode ser viável se começarmos por nós mesmos a reconhecer nossas loucuras”, deixando “que a desrazão dê espaço para a criatividade coletiva em todas as dimensões da vida (...) através de experiências que modifiquem padrões morais, normas e regras institucionais” que se perpetuaram “pelo poder da lógica d normalidade. As Oficinas são esta possibilidade de educação coletiva do sensível”.

Essas falas “arrepiam”, respondem à beleza ou ao sublime, a consciência dos “trastes” passa pela “da espécie”, pelos momentos de “estar-junto”... Mistérios da comunhão de algo que nos ultrapassa, sagrado, enraizamento, *cum-crescere*.

A construção simbólica trans-temporal do sensível-em-pedagogia encontra a raiz da vida para se renovar ciclicamente, no cuidado com o que é frágil, impreciso, nascente, mutante, vivo. Vira alterização antromórfica, ancestral vicissitude trágica e dramática da vida coletiva, portanto paradoxal *orgiasmo* que insiste em formas de existência da socialidade humana... **Faseortomem**. É provável que um Sensível em Pedagogia nas Oficinas assegure o sensível na existência, uma forma de se reter o vivido, epifanizar o cotidiano. De aceitar a sensibilidade que permite viver o que é, sem medida meramente material, espacial, impertinente, desmesurada, barulhenta, que provoca "arrepios" de prazer...

**materesmofo
temaserfomo
termosfameo
tremesfooma
metrofasemo
mortemesafo
amorfotemes
emarometesf
eramosfetam
fetomormesa
mesamorfeto
efatormesom
maefortosem
saotemorfem
termosefoma
faseortomem
motormefase
matermofeso**

metaformose...



POST SCRIPTUM



É provável que o exposto aqui tenha sido imperativo, pensado como a totalidade de minha existência, para diminuir meu sofrimento em lidar com a **(des)ordem**.

Se assim for, desejaria que Prometeu tivesse cumprido seu tempo.

Que não tivéssemos fome, miséria, guerras e disputas estúpidas entre nós.

E que tivéssemos nos tornado humanos, não fôssemos homens, apenas, buscando, e buscando...

Adoraria pensar que é hora de Dioniso e seu arsenal de diabruras, em cena com resplendoroso ruído e fulgor, (re) clamando pelo onírico, pela religiosidade difusa, nebulosa, afetual, pelo aqui-agora encharcados de vida, não pelo tique-taque do relógio, mas pelo **bum-bum-ra-qui-ti-bum** dos corações descompassados pela adrenalina de emoção tribal. {Desejar assistir, embevecida} retornos: **transe**, obscurantismo, primitivismo, barbárie, in-utilidade. Que carregam, em si, seus contrários e suas possibilidades in-tensos. Sem a acidez moderna, nos fazem ver que podemos digerir prazerosamente, **gozar o mundo** que se tem para ver e viver}. Que Marga ¹ (2005) escancara e celebra:

**“O novo país mental – Ético-Estético: espaço para a desordem
Que se a-creditava imerso, emerge do mar
Com energia paradigmática- direito à desrazão e amor ao outro**

¹Os dois depoimentos provêm dos trabalhos de conclusão da Disciplina “Oficinas de Criação Coletiva em Saúde Mental Coletiva”, Curso de Especialização em Arteterapia, UPF, Passo Fundo, 2005, com formatação preservada.

Para o bem de se fazer e acontecer da gente...

...graças a Deus, ao Diabo, às feiticeiras
ao novo rei e rainha
À ciência sábia intuitiva e sensível
aos cientistas crentes de respeito à vida
aos políticos créditos com respeito
educação do humano no social
à loucura – dos artistas- dos loucos
da gente - da gente
ao senso-comum e
à nós, gozadores da vida!".

Toda minha argumentação se deu para tentar mostrar que é possível isso acontecer, em alguns espaços e de algumas maneiras. E que quando acontece, as pessoas ficam tocadas, de uma forma inesquecível. Todas as pessoas que deram seus depoimentos falaram da **alegria**, da **generosidade**, do amor com que eu as tratava, provando que dá para fazer de uma forma diferente da rançosa, queixosa, triste, que foi ensinada à maioria delas.

Nas Oficinas conta também "o jeito de partilhar de quem as ministra, as histórias, os sonhos e projetos e a contribuição para o grupo... Oficinas que têm um referencial profundamente realizador, cuidador, sensível, dinâmico e transformador... Isso possibilita tb na desordem uma forma de compreender... É sempre aguardada com saudade e expectativa" , avaliou Claudir (2005).

Alegre, perseverante e generosamente, a caminhada das Oficinas pode, de alguma forma, ultrapassar, de forma sensível, a crítica, a "verdade", a "razão", para afirmar a "vida de verdade", a humana, a da **con-vivência**.

Verdade da vida, primeira e única verdade que busca, ao invés do porquê metafísico, o como das coisas; que talvez melhor compreenda uma ordem sem Estado, posta que está na socialidade, que Marga (2005) entendeu tão bem:

"Ciência – arte – senso-comum
Dançam
Compassos interpassos transpassados
Em (a) braços (a)colhedores cidadãos
Cidades- cidadãs
Apreendendo
Liberdade e cidadania; amor e respeito".

Oxalá possa Dioniso afastar a maldição imputada aos que rejeitavam Pan: Pânico, a doença dos intelectuais médios, responsável pelo banimento dos 70% dos microorganismos que nos compõem... que puderam, fortalecidos no corpo social pela viscosidade e humores da vida, introduzirem, resistentes, as necessárias desordens no social.

A Vida...

**“Prenhe de afeto, sensibilidade, contradição e paradoxo,
Realizando-se plena em multiformas em vez de hedionda”**

(Marga, 2005).

Reivindica o **pensar inútil**, pelo prazer de pensar, de aprender a história ao contrário, captando o presente no **poético**... Enfeitemos o intelecto para que se transfaça em virtualidades, devires, símbolos, metáforas, magias, mitos, politeísmos, **despesas**. Reencantemos o mundo sob um tempo bárbaro, que conjuga o cavaleiro das nossas lendas e o raio laser², que parou mas continua a existir, de forma sincrônica, perene, mágica, característica atemporal de todo o mito.

Façamos a sombra, a disfunção da totalidade in-capaz de destruir ou criar que é o **homem sensual**. Que não vive no começo do viver vivido depois. “Extra-oficialmente, porque com o horário de verão, oficialmente vivemos no futuro” (Wayne,1988:43).

Vivamos na ficção, sem suprimir a **barbárie**, neste país onde o demoníaco é ainda realidade irredenta, consumando uma civilização logicamente bárbara, que **desinventa** a máscara civilizada para a própria barbárie reprimida e negada: o terrorismo de estado, que se exerce para salvaguardar “os grandes valores” em nome da “virtude, ordem e santidade”³.

Cedamos lugar à **obscuridade**, à **com-fusão**. Aos ruídos. À magia. Ao misticismo. Entendamos pois que, do visível ao invisível, fantasmas, espectros, o trágico, o paganismo, a realidade empírica, o sensível, o senso-comum dão gosto à felicidade terrestre. Celebremos a natureza e suas graças, sua unicidade, efeito de

² Michel Maffesoli, *O Eterno Instante*, p. 14.

³ Carlos Cullen, *Introdução em A Sedução de la Barbarie*, de Rodolfo Kusch, s/d.

composição entre razão e paixão, pois o **sensível** é riqueza espiritual que fortalece o corpo e permite a plenitude do coração, é uma erótica coletiva de múltiplas faces, diz Maffesoli (1996).

Que mais existe, nos faz indagar Leminski, “senão afirmar a multiplicidade do real, a igual **probabilidade** dos eventos impossíveis, a eterna troca de tudo em tudo, a única realidade absoluta. Seres se traduzem, tudo pode ser metáfora de alguma outra coisa ou de coisa alguma, tudo irremediavelmente **metamorfose**.”

Reorganizemos agrupamentos, redes, movimentos, fóruns, redes emocionais, lutas (ainda) emancipatórias. E sedes de sentir. Ah! E o poético...

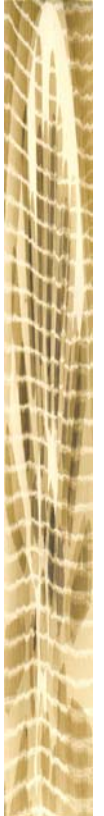
O lugar do poético nas Oficinas é o lugar da alquimia, das explosões, das magias, das fábulas, o lugar “de origem dos seres sem substância, feitos apenas de vagas impressões, enredos inverossímeis e esperanças inúteis” (Leminski,1994:35).

Mas também o lugar dos enredos possíveis, todos os que aqui desfilaram, com boa dose de reinvenção... O lugar das intrigas reais, ricas... E de todas as “mães líquidas subterrâneas”, Geia, Gaia, Deméter, Liríope, das quais falei... E de mim própria, por que não?, que fico tão feliz com as metamorfoses que fizemos... Ganhei poemas lindos, sofrimentos e doçuras, abraços, muitos, amigos, inimigos, chorei, sofri, sorri, amei, com-vivi, suspirei, acolhi... Mas fundamentalmente, senti sempre muito prazer no que faço, e consegui despertar muitos sentires, dores e delícias em mim e no mundo.

Após os relatos, não sem emoção, percebo que há nas Oficinas um “quê” de “ser quântico” cheio de fábulas, que brincam com o in-útil mas essencial ao existir, e pode, como espaço **absurdo** nascido do **concreto** da existência, pensar o impensável, invadir o proibido, violar o interdito, e ir **além...**

e ir **além...**

REFERÊNCIAS



- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ABRAHAM, Ralph et alii. **Caos, Criatividade e o Retorno do Sagrado**. 10 ed. São Paulo: Pensamento, 1998.
- ALVES, Rubem. **Lições de Feitiçaria**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- AGAMBEN, Giorgio. **Infância e História. Destruição da experiência e origem da história**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Amar se Aprende Amando**. 24 ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 2001.
- _____. **Antologia Poética**. 51 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2002.
- ARGUMENTO, Alcira. **Los Silencios y Las Voces en América Latina. Notas Sobre el Pensamiento Nacional y Popular**. Buenos Aires: Pensamiento Nacional, 1993.
- ARTAUD, Antonin. Escritos. **Rebeldes Malditos**. Porto Alegre: L&PM, N.5, 1978.
- _____. **El Teatro y su Doble**. Barcelona: Edhasa, 1978.
- ATLAN, Henri. **Entre o Cristal e a Fumaça**. R. Janeiro: Zahar, 1992.
- AUGÉ, Marc. **Hacia una antropología de los mundos contemporáneos**. Barcelona: Gedisa, 1998.
- _____. **Não-Lugares**. São Paulo: Papyrus, 1994.
- BADIOU, Alain. **Para Uma Nova Teoria do Sujeito**. 2 ed. Rio de Janeiro: Relume /Dumará, 1994.
- BALANDIER, Georges. **A desordem. Elogio do Movimento**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1997(a).
- _____. **O Contorno. Poder e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1997(b).
- _____. **O Dédalo. Para finalizar o Século XX**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1999.
- BARBOSA, Ana Mae. **O Ensino de Arte no Brasil**. São Paulo, Perspectiva, 1991.
- BARROS, Manoel de. **Livro sobre Nada**. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- _____. **Gramática Expositiva do Chão**. São Paulo: 1991.
- _____. **Tratado Geral das Grandezas do Ínfimo**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- BASAGLIA, Franco. **A Psiquiatria Alternativa**. São Paulo: Ed. Brasil Debates, 1979.

- _____. **A instituição Negada**. R. Janeiro: Graal, 1985.
- BATAILLE, Georges. **Teoria da Religião**. São Paulo: Ática, 1993.
- BAUMAN, Zigmunt. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BERNARDES FILHO, João. **Física e Psicologia**. Porto Alegre: Edipuc, 2003.
- BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar. Ética do Humano - Compaixão pela Terra**. 7 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- BORGES, Jorge Luis. **O Livro dos Seres Imaginários**. São Paulo: Globo, 1989.
- _____. **Correr y Ser. La Cifra**. Buenos Aires: Emecé, 1981(a).
- _____. **Antologia Poética**. Buenos Aires: Alianza/Emecé, 1981(b).
- BOSI, Alfredo. **Reflexões Sobre Arte**. São Paulo: Ática, 1985.
- _____. **O Ser e o Tempo da Poesia**. 6 ed. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- BRUM, José T. **Nietzsche. As Artes do Intelecto**. Porto Alegre: L & PM, 1986.
- CALVINO, Ítalo. **Seis Propostas para o Próximo Milênio**. São Paulo: Cia das Letras, 1991.
- CANEVACCI, Massimo. **Sincretismos**. São Paulo: Studio Nobel, 1996.
- CARRIT, E.F. **Introducción a La Estética**. 8 ed. México: EFE, 1992.
- CASSIRER, Ernst. **A Filosofia do Iluminismo**. 2 ed. São Paulo: UNICAMP, 1994.
- _____. **Ensaio sobre o Homem**. Lisboa: Guimarães, 1995.
- _____. **Esencia y Efecto del Concepto de Símbolo**. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.
- CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano. As Artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CHERNOGOROVA, V. **Enigmas del Micromundo**. URSS: Editora MIR, 1977.
- CHOPRA, Deepak. **A Cura Quântica**. 34 ed. São Paulo: Best Seller, 2002.
- COOPER, David. **A linguagem da Loucura**. Lisboa: Presença, 1987.
- COOPER, David S. **As Filosofias do Mundo. Uma Introdução Histórica**. São Paulo: Loyola, 2002.
- CONCHE, Marcel. **Le Fondement de la Morale**. Paris: PUF, 1993.
- _____. **A Análise do Amor**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- COMTE-SPONVILLE, André. **A felicidade, Desesperadamente**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. Uma Moral sem Fundamento. In: MORIN, Edgar et alii. **A Sociedade em Busca de Valores**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- DAMÁSIO, António. **O Erro de Descartes**. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 1996.
- _____. **O Mistério da Consciência**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

- _____. **Em Busca de Espinoza. Prazer e Dor nas Ciências Cognitivas.** São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- DAVID-MENARD, Monique. **A Loucura na Razão Pura.** São Paulo: 34, 1996.
- DAVIS, Wade. **A Serpente e o Arco-Íris.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- DAWKINS, Richard. **Desvendando o Arco-Íris. Ciência, Ilusão e Encantamento.** São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- DEL'ÁCCUA, Giusepe & MAZINA, Roberto. "Resposta à crise". In: DELGADO, Jaques. (org) **A Loucura na sala de Jantar.** São Paulo: Resenha, 1991.
- DELEUZE, Gilles. **Espinosa.** São Paulo: Escuta, 2002.
- DELGADO, Jaques (org). **A Loucura na sala de Jantar.** São Paulo: Resenha, 1991.
- DERDYK, Edith. **Linha do Horizonte. Por uma Poética do Ato Criador.** São Paulo: Escuta, 2001.
- _____. **Linha de Costura.** São Paulo: Iluminuras, 1997.
- DETIENNE, Marcel. **Dioniso a Céu Aberto.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988.
- DROZ, Geneviève. **Os mitos platônicos.** Brasília: UNB, 1997.
- DUARTE-JR, João Francisco. **Fundamentos Estéticos da Educação.** São Paulo: Cortez, 1982.
- _____. **A Política da Loucura.** São Paulo: Papyrus, 1983.
- _____. **Por quê arte-educação?** 8 ed. São Paulo: Papyrus, 1996.
- _____. **Itinerário de uma Crise: A Modernidade.** Curitiba: EFPR, 1997.
- _____. **O Sentido dos Sentidos. A Educação (do) Sensível.** Curitiba: Criar, 2001.
- DUARTE, Rodrigo (org). **O Belo Autônomo. Textos de Estética Clássica.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.
- DURAND, Gilbert. **E estruturas Antropológicas do Imaginário.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- EAGLETON, Terry. **A Ideologia da Estética.** Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- HRENZWEIG, Anton. **A Ordem Oculta da Arte.** 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. **O Mito do Eterno Retorno. Cosmo e História.** São Paulo: Mercury, 1992.
- _____. **O Reencontro com o Sagrado.** Lisboa: Nova Acrópole, 1993.
- ERNOUT, A. **Dictionnaire étymologique de la Langue Latine: Histoire des Mots.** 4 ed. Paris: C. Klincksieck, 1959.
- FARIA, Álvaro Alves de. **Borges O Mesmo e o Outro.** São Paulo: Escrituras, 2001.
- FERGUSON, Marilyn. A Realidade Mutável de Karl Pribram. WILBER, Ken (org) **Paradigma Holográfico.** São Paulo: Cultrix, 2002.

- FISCHER, Ernst. **A Necessidade da Arte**. São Paulo: Zahar, 1976.
- FLICKINGER, Hans-Georg & NEUSER, Wolfgang. **A teoria de Auto-Organização. As raízes construtivistas do conhecimento**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.
- FONSECA, Márcio Alves. **Michel Foucault e a Constituição do Sujeito**. São Paulo: EDUC, 1995.
- FORMAGGIO, Dino. **Arte**. Lisboa: Presença, 1973.
- FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- _____. **Vigiar e Punir**. (6ª ed.) Petrópolis: Vozes, 1988.
- FRAYZE PEREIRA. **O que é loucura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. **Olho D'Água. Arte e Loucura em Exposição**. São Paulo: Escuta, 1995.
- _____. *O Sorriso da Loucura. Novo Pacto da Ciência. Anais*. São Paulo: ECA-USP, 1991.
- GALEANO, Eduardo. **O Livro dos Abraços**. Porto Alegre: L&PM, 1992.
- _____. **As Palavras Andantes**. Porto Alegre: L&PM, 1990.
- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Cem Anos de Solidão**. 32 ed. Rio de Janeiro: Record, s\nd.
- GIL, José. As Pequenas Percepções. In: LINS, Daniel (org.). **Razão Nômade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- GIRARD, René. **A Violência e o Sagrado**. 2 ed. São Paulo: Ed. UEP,1998.
- GIRARDET, Raoul. **Mitos y Mitologias Políticas**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1999.
- GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- GOSWAMI, Amit. **O Universo Autoconsciente**. 5 ed. Rio de Janeiro: Record - Rosa dos Tempos, 2002.
- GREENE, Brian. **O Universo Elegante. Supercordas, Dimensões Ocultas e a Busca da Teoria Definitiva**. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2001.
- GROF,Stanislav; GROF, Cristina (org). **Emergência Espiritual**. São Paulo: Cultrix, 1997.
- _____. **A Tempestuosa Busca do Ser**. 10 ed. São Paulo: Cultrix, 1998.
- GUATTARI, Felix. **Caosmose: Um novo Paradigma Estético**. Rio de Janeiro: 34, 1992.
- _____ et alii. **Saúde e Loucura** - nº2, . 3ª Ed. SãoPaulo, Hucitec, 1990.
- _____. O Novo Paradigma Estético. In: PRIGOGINE, Ilya. **Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- _____. **As três Ecologias**. São Paulo: Papyrus, 1990.
- HALL, Stuart.(org.)**Modernity and its Futures**. New York: Cambridge, Polity\Open University,1992.
- _____. **Identidades Culturais na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

- HAMEROFF, S. et al. *Nanoneurology and the Cytoskeleton: Quantum Signaling and Protein Conformational Dynamics as Cognitive Substructure*. In: PRIBRAM, Karl (org.) **Rethinking Neural Networks: Quantum Fields and Biological Data**. First Appalachian Conference on Behavioral Neurodynamics. L. Erlbaum, Hillsdale. NJ, EUA, 1993.
- HARDT, Michael & NEGRI, Antonio. **Império**. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- HAYMAN, Ronald. **Nietzsche**. São Paulo: UNESP, 2000.
- HAWKINS, Steven, **O Universo numa Casca de Noz**. São Paulo: ARX, 2002.
- HEGEL, G.W.F. **Curso de Estética- O Belo na Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Parte I. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2002. (I).
- _____. **Ser e Tempo**. Parte II. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2002. (II).
- _____. **Cartas sobre o Humanismo**. São Paulo: Ed. Moraes, 1991.
- _____. **Conferências e Escritos Filosóficos**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- _____. **¿Qué significa Pensar?** Buenos Aires: Editorial Nova, 1958.
- HEINSENBERG, Werner. **Física e Filosofia**. Brasília: Ed. UNB, 1995.
- HILLMAN, James. **Cidade e Alma**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- _____. **Psicologia Arquetípica**. São Paulo: Cultrix, 1992.
- HORGAN, John. **O Fim da Ciência, Uma Discussão sobre os Limites do Conhecimento Científico**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- HUISMAN, Denis. **A Estética**. Lisboa: Ed. 70, 1994.
- JIMENEZ, Marc. **O Que é Estética?** São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 1999.
- JOFFILLY FILHO, José. **Insaité**. Rio de Janeiro: Edições das Palmeiras, 1982.
- JUNG, Karl. **O Homem e Seus Símbolos**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- _____. **Psicologia e Alquimia**. 4 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.
- _____. **Psicologia do Inconsciente**. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1980.
- _____. **O Eu e o Inconsciente**. 3 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.
- KANT, Emmanuel. **Que é a Ilustração?** Mexico: Fondo de Cultura Económico, 1991.
- _____. **Crítica da Razão Pura**. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril cultural, 1980.
- KAKAR, Sudhir. **Chamanes, Místicos Y Doctores. Una Investigación Psicológica sobre la India y Sus Tradiciones para Curar**. Mexico: EFE, 1989.
- KEARNEY, Richard. **A Poética do Possível**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- KUSCH, Rodolfo. **La seducción de La Barbárie. Análisis Herético de un Continente Mestizo**. Buenos Aires: Ed. Fundacion Ross, s/d.
- _____. **La Negación en el Pensamiento Popular**. Buenos Aires: Cimarron, 1975.
- _____. **América Profunda**. Buenos Aires: Bonum, 1986.

- _____. **Esbozo de una Antropología Filosófica Americana**. Buenos Aires: Ediciones Castañeda, 1978.
- LANGER, Susanne. **Sentimento e Forma**. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- _____. **Ensaio Filosóficos**. São Paulo: Cultrix, 1971.
- LARRAIN, Jorge. **Modernidad, Razón e Identidad en America Latina**. Buenos Aires: Ed. Andrés Bello, s/d
- LEMINSKI, Paulo. "A Arte e outros Inutensílios". In: **Folha de São Paulo**. 10.1986
- _____. **La Vie en Close**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- _____. **Distraídos Venceremos**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- _____. **Metaformose**. São Paulo: Iluminuras, 1994.
- _____. **Anseios Crípticos** 2 ed. Curitiba, Paraná: 2001.
- LINS, Daniel.(org.) **Nietzsche e Deleuze. Intensidade e Paixão**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- _____. (org.) **Razão Nômade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- LIPOVETSKY, Gilles. A Era do Pós-Dever. In: MORIN, Edgar et alii. **A Sociedade em Busca de Valores**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- LORENZ, Edward. **A Essência do Caos**. Brasília: Ed. UNB, 1996.
- LUFT, Celso. **Mini Dicionário Luft**. 5 ed. São Paulo: Ática/Scipione, s/d.
- LUHMANN, Niklas. **A Nova Teoria dos Sistemas**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1997.
- LUPASCO, Stéphane. **O Homem e a Obra**. São Paulo: Triom, 2001.
- MACHADO, Roberto. **Ciência e Saber. A Trajetória da Arqueologia de Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- MAGNE, Augusto. **Dicionário Etimológico da Língua Latina: Famílias de Palavras e Derivações Vernáculas**. V. 1. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Saúde/Instituto Nacional do Livro, 1953.
- MAFFESOLI, Michel. **Le Rytme de la Vie. Variations Sur les Sensibilités postmodernes**. Paris: Lê Table Ronde, 2004 (a).
- _____. *A Comunicação sem fim. Teoria pós-Moderna da Comunicação*. In: MARTINS, Francisco e SILVA, Juremir. **A Genealogia do Virtual**. Porto Alegre: Sulina, 2004 (b).
- _____. **A Parte do Diabo. Resumo da Subversão Pós-Moderna**. Rio de Janeiro: Record, 2004 (c).
- _____. Considerações Epistemológicas sobre a Fractalidade. In: **Representação e Complexidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.
- _____. **Elogio da Razão Sensível**. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001(a).

- _____. **A Violência Totalitária**. Porto Alegre: Sulina, 2001 (b).
- _____. **O Eterno Instante. O Retorno do Trágico nas Sociedades Pós-Modernas**. Lisboa: Instituto Piaget, 2000 (a).
- _____. **O Tempo das Tribos**. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000 (b).
- _____. *Mediações Simbólicas: a Imagem como Vínculo Social*. In: MARTINS, Francisco & Da SILVA, Juremir Machado da. (Org). **Para Navegar no Século XXI. Tecnologias do Imaginário e Ciberculturas**. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000 (c).
- _____. Entrevista. IN: SILVA, Juremir Machado da. **Visões de uma certa Europa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.
- _____. **A Transfiguração do político**. P. Alegre, Ed, Sulina, 1997.
- _____. **No Fundo das Aparências**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- _____. **A Contemplação do Mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- _____. La Socialidad en la Posmodernidad. Pp.103-10. In: VATTIMO, Gianni Y otros. **En torno a la posmodernidad**. Barcelona: Anthropos, 1994.
- _____. **O Conhecimento Comum. Compêndio de Sociologia Compreensiva**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- _____. **À Sombra de Dionísio. Contribuição para uma Sociologia da Orgia**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- _____. **A Conquista do Presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- MALRIEU, Philippe. **A Construção do Imaginário**. Lisboa: Instituto Piaget, s/d.
- MATURANA, Humberto. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998(a).
- _____. **El Sentido de lo Humano**. Santiago: Ediciones Pedagógicas Chilenas, 1992.
- _____. **A Árvore do Conhecimento**. Campinas: Editora PSY II, 1995.
- _____. **A Ontologia da Realidade**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- _____. **De Máquinas a Seres Vivos**. (3 ed.) Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- _____. **Da Biologia à Psicologia**. (3 ed.) Porto Alegre: Artes Médicas, 1998 (b).
- _____. **La Realidad: Objectiva o Construida?** México, Anthropos, 1996.
- _____. REZEPKA, Sima Nisis. **Formação Humana e Capacitação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- _____. *Biología e Psicanálise: O Amor como Interface*. In: PELLANDA, Nize & PELLANDA, Luiz Ernesto. **Psicanálise Hoje. Uma Revolução do Olhar**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- MEIRA, Marly. **Filosofia da Criação**. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2003.

- _____. Educação Estética, Arte e Cultura do Cotidiano. In: PILLAR, Analice (org). **A Educação do Olhar no Ensino das Artes**. Porto Alegre: Mediação, 1999.
- MEIRA, Mirela. *Oficinas de Criação Coletiva: Um Espaço Quântico*. In: ORMEZZANO, Graciela. (org). **Questões de Artes Visuais**. Passo Fundo: Ed. UPF, 2002.
- MERCER, Kobena. Welcome to the Jungle: Identity and Diversity in Post-modern Politics. In: RUTHERFORD, Ed. **Identity, Community, Culture, Difference**. Londres, Lawrence & Wishart, 1990.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza, (org). 22 ed. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- _____. (org.) **Caminhos do Pensamento. Epistemologia e Método**. Rio de Janeiro: Fundação FIOCRUZ, 2002.
- MOLES, Abraham. **As Ciências do Impreciso**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- MONK, Ray. **Bertrand Russel**. São Paulo: UNESP, 2000.
- MORIN, Edgar. **O Método VI: Ética**. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- _____. *A Comunicação pelo meio. Teoria Complexa da Comunicação*. In: MARTINS, Francisco e SILVA, Juremir. **A Genealogia do Virtual**. Porto Alegre: Sulina, 2004(a).
- _____. **Religando fronteiras**. Passo Fundo: UPF, 2004(b).
- _____. **O Método V: A Humanidade da Humanidade**. Porto Alegre: Sulina, 2002 (c).
- _____. **A Religação dos Saberes**. 2 ed. R. Janeiro, Bertrand do Brasil, 2002 (a).
- _____. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2002(b).
- _____. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 3 ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- _____. **A Cabeça Bem-Feita. Repensar a Reforma, Reformar o Pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2000 (a).
- _____. **Saberes Globais e Saberes Locais**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000 (b).
- _____. **Meus Demônios**. 2 ed. Rio de Janeiro, Bertrand do Brasil, 2000 (c).
- _____. & Jean Le Moigne. **A Inteligência da Complexidade**. 2 ed. São Paulo: Peirópolis, 2000. (d).
- _____. **O Método IV . As idéias: a sua Natureza, Vida, Habitat e Organizações**. Portugal: Publicações Europa-America , s/d.
- _____. & PRIGOGINE, Ilya. **A Sociedade em Busca de Valores**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- _____. **Ciência com Consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1996.
- _____. **Amor, Poesia, Sabedoria**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1998 (b).

- _____. Entrevista. In: SILVA, Juremir Machado da. **Visões de Uma Certa Europa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998a.
- _____. **O Paradigma Perdido**. Portugal: Europa-América, 1973.
- NICOLESCU, Basarab. "Is Aristotle's Thinking Compatible with the Gödelian Structure of Nature and Scientific Knowledge? Hylemorphism. Quantum Physics and Levels of Reality". **Aristotle and the Contemporary Science**. New York: Peter Lang Publishing, 1997.
- _____. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999.
- _____. **Educação e Transdisciplinaridade**. Brasília: UNESCO, 2000.
- _____. (org) **Stéphane Lupasco. O Homem e a Obra**. São Paulo: Triom, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich. **O Nascimento da Tragédia**. 2 ed. 7 reimp. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- _____. **Humano, Demasiadamente Humano**. Rio de Janeiro: Cia da Letras, 2000.
- _____. **Estética y Teoría de las Artes**. 2 ed. Madrid: Tecnos, 2001.
- _____. **Assim Falou Zaratustra**. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- _____. **Ecce Homo**. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- _____. **Para Além do Bem e do Mal**. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- NOVAES, Adauto. **Muito Além do Espetáculo**. São Paulo: Ed. SENAC, 2004.
- NUNES, Benedito. **Heidegger e Ser & Tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- OLIVEIRA, Roberto (Org.) **Pós-Modernidade**. 3 ed. São Paulo: UNICAMP, 1988.
- ORTEGA, Francisco. **Para uma Política da Amizade. Arendt, Derrida, Foucault**. 2 ed. Rio de Janeiro: Relume/Dumará, 2000.
- _____. **Amizade e Estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- OSTROWER, Fayga. Por Que Criar? In: **Fazendo Artes**. N. zero, p.08, 1983.
- _____. **Criatividade e Processos de Criação**. Rio de Janeiro: Imago, 1982.
- _____. **Universos da Arte**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1983.
- _____. **Acasos e Criação Artística**. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- _____. **A Sensibilidade do Intelecto**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- PARDO, José Luis. "El Sujeto Inevitable". In: CRUZ, Manuel (org). **Tiempo de Subjetividad**. Barcelona: Paidós, 1996.
- PAREYSON, Luigi. **Os Problemas da Estética**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- _____. **Estética: Teoria da Formatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.
- PELBART, Peter Pál. Manicômio Mental: a outra face da clausura. IN: **Saúde e Loucura**, São Paulo: Hucitec, 1992.

- PERROT, Etienne. *Jung e a Alquimia*. **Edições Especiais Planeta**. Rio de Janeiro: Editora Três, 1973.126 p.
- PESSIS-PASTERNAK, G. **Do Caos à Inteligência Artificial**. São Paulo: Ed. UEP, 1993.
- _____. **A Ciência: Deus ou Diabo?** São Paulo: UNESP, 2001.
- PESSOA, Fernando. **Poesias**. Porto Alegre: L&PM, 1996.
- PESSOTTI, Isaías. (2 ed) **A Loucura e as Épocas**. São Paulo: Editora 34, 1995.
- PINKER, Steven. **Como a Mente Funciona**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- _____. **Tábula Rasa. A negação Contemporânea da Natureza Humana**. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- PORTER, Roy. **Uma História Social da Loucura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- PRABHUPĀDA, A.C. BHAKTIVEDANTA, Swami. **A Vida Vem da Vida**. São Paulo: The Bhaktivedanta Book Trust. S/D.125 p.
- PRIGOGINE Ilya et alii. **A Sociedade em Busca de Valores**. Lisboa: Instituto Jean Piaget, 2000.
- _____. **Do Ser ao Devir**. São Paulo: UNESP, 2002.
- _____. & STENGERS, Isabelle. **Entre o Tempo e a Eternidade**. São Paulo: Cia das Letras,1992.
- RANDOM,Michel.**O Pensamento Transdisciplinar e o Real**. S.Paulo: Triom, 2000.
- READ, Herbert. **A natureza criadora do humanismo**. Portugal: Fundo de Cultura, 1967.
- _____. **Educación por el Arte**. Buenos Aires: Paidós, 1977.
- _____. **As Origens da Forma na Arte**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- _____. **Educação pela arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- _____. **Arte e Alienação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- _____. **A Redenção do Robô. Meu Encontro com a Educação Através da Arte**. São Paulo: Summus Ed.,1986.
- RESENDE, H. "Política de Saúde Mental no Brasil: visão histórica". In: COSTA, Nilson. (org.). **Cidadania e Loucura**. Petrópolis: Vozes, 1990.
- REDMOND, William. **O Processo Poético segundo T.S. Eliot**. São Paulo: Annablume, 2000.
- RIDLEY, Matt. **O que nos faz Humanos. Genes, natureza e Experiência**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- ROCHA FILHO, João Bernardes da. **Física e Psicologia. As Fronteiras do Conhecimento Científico Aproximando a Física e a Psicologia Junguiana**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- RODRIGUES, Augusto (org). **Escolinha de Arte do Brasil**. Brasília-DF: MEC-INEP, 1980.
- ROGERS, Bem. **Pascal**. São Paulo: UNESP, 2000.

- ROSA, Guimarães. **Arte em Revista**, n. 2, p.13
- ROTELLI, Fanco & alii. Desinstitucionalização, uma outra via. : **Saúde & Loucura**. n. 3, 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1992.
- SAMS, Jamie. **As Cartas do Caminho Sagrado**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- SANTOS, Wanderley. **Razões da Desordem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- SARAMAGO, José. **O Homem Duplicado**. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2002.
- SCHWARZ, Fernand et alii. **Mircea Eliade.O Reencontro com o Sagrado**. Lisboa: Nova Acrópole, 1993.
- SCROUTON, Roger. **Espinosa**. São Paulo: UNESP, 2001.
- SERRES, Michel. **Variações sobre o Corpo**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2004.
_____. **Atlas**. Portugal: Instituto Piaget, 1994.
- SILVEIRA, Nise da . **O Mundo das Imagens**. São Paulo: Ática, 1992.
- SIMMEL,Georg. **Filosofia do Amor**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SOLOMON, Robert. **Espiritualidade para Céuticos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,2003.
- SOSNOWSKI, Saúl. **Borges e a Cabala**.São Paulo: Perspectiva,1991.
- SPINOZA, Baruch de. **Ética Demonstrada à Maneira dos Geômetras**. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- STEIN, Ernildo Stein. "Prefácio para as Conferências e Escritos Filosóficos de Martin Heidegger". In: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- STEWART, Ian. **Será que Deus Joga Dados? A Nova Matemática do Caos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.
- STORR, Anthony. **As Idéias de Jung**. São Paulo: Cultrix, 1978.
- TAYLOR, Paul. A Ética Universal e a Noção de Valor. In: NICOLESCU, Basarab. **Educação e Transdisciplinaridade**. Brasília, UNESCO, 2000.
- TODOROV, Tzvetan. **A Vida em Comum. Ensaio de Antropologia Geral**. São Paulo: Papirus,1996.
- TRINH, Xuan Thuan. **O Agrimensor do Cosmo**. São Paulo: UNESP, 2002.
- VÁZQUEZ, Adolfo.**Convite à Estética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- VALÉRY, Paul. **Discurso sobre a Estética, Poesia e Pensamento Abstracto**. Lisboa: Passagens,1995.
- VARELA, Francisco. **Sobre a Competência Ética**. Lisboa: Edições 70, 1995.
_____. & alii. **De Cuerpo Presente. Las Ciéncias Cognitivas y la Experiéncia Humana**. Barcelona: Gedisa,1997.

- _____ Et alii. **A Mente Corpórea. Ciência Cognitiva e Experiência Humana**. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.
- VATTIMO, Gianni. **Introdução a Heidegger**. Lisboa: Instituto Piaget, s/d.
- _____. **O Fim da Modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- _____. **Acreditar em Acreditar**. Lisboa: Relógio D'Água, 1998.
- VERNANT, Jean Pierre. **Mito e Política**. São Paulo: EDUSP, 2002.
- VIANO, Carlo Augusto. Los Paradigmas de La Modernidad. In: CASULLO, Nicolás. **El Debate.Modernida-Pos-Modernidad**. Buenos Aires, 1981.
- WAYNE, Ernesto. **Extrato de Contas**. Bagé. Prefeitura Municipal de Bagé. Diretoria de Cultura,1988.
- WEBER, Felix. **A Dança do Cosmos. Do Átomo dos Gregos às Travessuras dos Quarks**. 2 ed. São Paulo: Pensamento, 1995.
- WILBER, Ken. **A Consciência sem Fronteiras**. 10 ed. São Paulo: cultrix, 1998.
- _____. ET AL. **O Paradigma Holográfico e outros Paradoxos. Uma investigação nas Fronteiras da Ciência**. 4 ed. São Paulo: Cultrix, 2003.
- WILKINSON, Phillip.**O Livro Ilustrado da Mitologia**.1 ed. São Paulo: Publifolha, 2000.
- WOODCOCK, George. **Anarquismo.Uma História das Idéias e Movimentos Libertários**. Vol I. Porto Alegre: L&PM, 1983.
- ZOHAR, Danah. **O Ser Quântico**. 13ª ed. São Paulo: Editora Best-Seller, 2003.

TEXTOS, PERIÓDICOS, ARTIGOS

- AREJANO & PADILHA. "Cuidar sim, Excuir Não". **Revista Mal-Estar e Subjetividade / Fortaleza / v. v / n. 1 / p. 72 - 91 / mar. 2005**.
- ARNAIZ, M.R.L. Hacia una Epistemología de las Ciencias Humana". In: **Seminario II: Curso de Investigación en Salud Mental**. Universidad Nacional de Córdoba. Córdoba: Argentina, 1991. Inédito. Mimeo.
- _____. *A Beleza: um Preconceito Atual*. In: **ARTE**. São Paulo: Polis, n.2, p.3-4, outono de 1982.
- FAGUNDES, Sandra. Exigências Contemporâneas. In: **Saúde Mental Coletiva - Ano 1, n 1, Bagé: EDIURCAMP, 1993**.
- _____&OLIVEIRA, Delvo. "Sociedade, Democracia, e Crise: O Fio da Navalha". In: **Saúde Mental Coletiva**. Bagé: EDIURCAMP, Ano I, n. 1, 1992.

- _____. Por Uma sociedade sem Exclusões. *A Luta do Movimento Anti-manicomial. Entrevista. O Contemporâneo*. Porto Alegre, Ano I, n. 09, Nov. Dez 1997, p.03.
- GRAZIANO, Romeo. Desvelando o Sagrado. *Revista Planeta*. Ano 24, Ed. 285, Jun./96.n.06. Pp.22-25.
- KURZWEIL, Raymond. *Seremos Todos Cyborgs?* *Revista Veja*, 15.11.2006, pp.11-15.
- MAX- NEEF, Manfred. **Desarrollo a la escala Humana, una opción para el futuro**. Barcelona: Cuadernos CEPUR. Número Especial, 1986.
- MEIRA, Marly. **ARTE**. Mimeo. Inédito. Porto Alegre: 2005.
- _____. **Imaginário Simbólico**. Inédito. Porto Alegre, 2006.
- MEIRA, Mirela. *Oficinas de Criação Coletiva: Um Espaço de Possíveis*. In: **Revista de Saúde Mental Coletiva**. Bagé: EDIURCAMP, Ano II, nº 2, Março de 1995.
- OLIVEIRA, Delvo. *Da Instituição à Sociedade*. In: **Saúde Mental Coletiva**. Bagé: EDIURCAMP. Ano I, n.1, 1992. P.32-3.
- OLIVEIRA, Delvo & SALDANHA, Olinda. In: *Saúde Mental Coletiva: sua construção no Rio Grande do Sul- 1987-1990*. **Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Saúde Mental Coletiva**. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS: 1991, Mimeo.
- PESSOA Jr. Osvaldo. *A Física Quântica seria necessária para explicar a Consciência?* **Coleção Documentos** Série Ciência Cognitiva. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da USP, n.20, 1994.pp. 184-9.
- SIMONDON, Gilbert. A Gênese do Indivíduo. In: **O Reencantamento do Concreto. Cadernos de Subjetividade**. Núcleo de Estudos da Subjetividade, NES. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP. Vol.1, no 1. São Paulo, 1993.
- ROSSI, Jones. *Vidas Paralelas*. SUPERINTERESSANTE. São Paulo: Editora Abril, Ano 20, n.10. PP 96-100. Ed.232, nov 2006. Tiragem 404020 exemplares.
- STUART; TAKAHASHI & UMEZAWA. **Mixed-System Brain Dynamics: Neural Memory as a Macroscopic Ordered State**. EUA, Foundations of Physics, 1979. N.9, Pp. 301-327.

MONOGRAFIAS, DISSERTAÇÕES, TESES, AULAS, ANAIS

- ADAM, Lisandra. *Transpessoalidade, Envelhecimento e Arte-terapia: a Iluminação dos "Trastes"*. **Monografia**. Curso de Especialização em Arte-terapia. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2006.

- BORELA, Cláudia. *Rede de Relações entre Arte e Educação Especial*. **Monografia**. Curso de Especialização em Arte –Educação para Crianças “Por uma Escola mais Humanizada”. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2005.
- DORNELES, Malvina. “Idéias Germinais: Movimento e Ordem”. Lo Público y Lo Popular en el Ámbito Racionalizador del Pedagógico Orden Moderno. In: **Tese de Doutorado**. Córdoba, Argentina: 1996.
- GALLI, Vicente. *Salud Mental. Definiciones y Problemas*. **Aula. V Curso Nacional de Administración de Servicios de Salud Mental**. Córdoba, Argentina: 1986.
- _____. *Construcción Participativa de la Salud Mental*. **Aula. I Curso de Administração em Saúde Mental Coletiva**. Porto Alegre, 1990.
- FERRO, Ruben. **Aulas**. Curso de Especialização em Saúde Mental Coletiva. Bagé: URCAMP, 1993.
- LAHORGUE, Carlos Théo. *Vivências em Arte: Processo para uma estética do Sujeito*. **Dissertação de Mestrado**. Porto Alegre, UFRGS, 2003.
- MARKUS, Margareth. *... e ao outro? Amor e respeito...-collage em versos: aberturas em entre-trechos para compreender-*. **Trabalho de Conclusão da Disciplina** de “Oficina de Criação em Saúde Mental”. Curso de Especialização em Arte-terapia. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2005.
- MEIRA, Marly. *Arte-Educação: Subjetividade, Sociedade e Política*. In: VIEIRA DA CUNHA, Susana Rangel (org.) **Arte-Educação e Construção do Conhecimento. Simpósio Estadual de Educação. Anais**. Porto Alegre. Ediurcamp. /FAPERGS, 1995.
- _____. *Educação Estética e as Artes do Fazer*. **Tese de Doutorado**. Porto Alegre, UFRGS, 2002.
- MEIRA, Mirela. *As Possibilidades de uma Instituição Inventada. Ordem, Desordem e Criação na “Oficina de Criação Coletiva” de Bagé*. **Dissertação de Mestrado**. Porto Alegre, UFRGS, 2001.
- MERCHIORI, Marilene Maciel. *Ressignificando a Arte-Educação na Educação Infantil e Ensino Fundamental*. **Monografia**. Curso de Especialização em Arte –Educação para Crianças “Por uma Escola mais Humanizada”. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2005.
- OLIVEIRA, Delvo; SALDANHA, Olinda. In: *Saúde Mental Coletiva: sua construção no Rio Grande do Sul: 1987-1990*. **Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Saúde Mental Coletiva**. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS. 1991.

PESSI, Claudir. *Da Cultura Normal para uma Educação do Sensível Coletivo. Trabalho de Conclusão da Disciplina* de "Oficina de Criação em Saúde Mental". Curso de Especialização em Arte-terapia. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2005.

POTRICH, Cilene. *Saúde Mental: Um Espaço Sagrado. Trabalho de Conclusão da Disciplina* de "Oficina de Criação em Saúde Mental". Curso de Especialização em Arte-terapia. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2005.

RAMOS, Lisandra. *Uma Proposta de Arte-Educação para Jovens e Adultos. Monografia*. Curso de Especialização em Arte -Educação para Crianças "Por uma Escola mais Humanizada". Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2005.

STELLA, Nádia. *A construção do CAPS I "Casa Harmonia". Projeto para o Trabalho de Conclusão do Curso de aperfeiçoamento Especializado em Saúde Mental*. Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Secretaria Municipal de Saúde, Universitat Virgili e Revire. Porto alegre, RS, Brasil/ Tarragona, Espanha, 2004.

DOCUMENTOS

CONSTITUIÇÃO FEDERAL DO BRASIL. Brasília, DF, 1988.

CÓDIGO PENAL BRASILEIRO- Modificado pela Lei nº 7209 de 11.07.1984

LEI FEDERAL nº 10.216. Brasília, DF, 06.04. 2001.

Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental e dá outras providências.

LEI ESTADUAL nº 9716. Porto Alegre, 07.08.1992.

Dispõe sobre a reforma psiquiátrica no Rio Grande do Sul, determina a substituição progressiva dos leitos nos hospitais psiquiátricos por rede de atenção integral em saúde mental, determina regras de proteção aos que padecem de sofrimento psíquico, especialmente quanto às internações psiquiátricas compulsórias, e dá outras providências.

LEI ORGÂNICA DA SAÚDE nº 8080. Brasília/DF, 1990.

Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências.

Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. Departamento de Assistência e Promoção à Saúde. Coordenação de Saúde Mental. *Relatório Final da E Conferência Nacional de Saúde Mental*, Brasília,1992.Brasília, DF, 1994. ISBN n. 85.334.0069-1. Tiragem 20.000 exemplares.

Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. *Relatório Final VIII Conferência Nacional de Saúde.* Brasília, 1986.

Secretaria de Saúde e Meio Ambiente/RS. *Delineamentos para a Elaboração da Política de Saúde Mental para o Rio Grande do Sul.* Porto Alegre: 1987.

URCAMP/ CEIDOC-UFRGS/Prefeitura de Bagé. *Projeto do Curso de Especialização em Saúde Mental e Coletiva-1993-1994.* Bagé, RS, 03/1993.

WEBGRAFIA

<http://abrasco.org.br>

<http://www.datasus.gov.br/cns/REL10>

<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>.

<http://portal.saude.gov>

<http://www.Terra.com.br/planetanaweb/produtos/iching-novo>

OUTROS

Agenda da Tribo. Agenda. 2001.Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

Agenda da Tribo. Agenda. 2003.Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

HOLLANDA, Chico Buarque de. *O Que Será.* **Álbum Musical Meus Caros Amigos.** Rio de Janeiro: 1976.

NASCIMENTO, Elvira. *Latinoamérica. Poema inédito. Concerto Fluxus Suíte-América.* Promoção URCAMP/ Prefeitura Municipal. Clube Comercial, Bagé, Rio Grande do Sul, Brasil,1990.

SABINA, Joaquim. *La Canción más Hermosa Del Mundo.* Álbum **Dimelo em la Calle.** Madrid, Espanha: Sony BMG Latin/ Ariola,2002.